

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DAVID SILVA BET

**PROFESSOR (A) *YOUTUBER*? AS RESENHAS LITERÁRIAS AUDIOVISUAIS
E A REVITALIZAÇÃO DO ESQUEMATISMO DA INDÚSTRIA CULTURAL
NA CIBERCULTURA**

**SÃO CARLOS
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DAVID SILVA BET

**PROFESSOR (A) *YOUTUBER*? AS RESENHAS LITERÁRIAS AUDIOVISUAIS
E A REVITALIZAÇÃO DO ESQUEMATISMO DA INDÚSTRIA CULTURAL
NA CIBERCULTURA**

**Tese apresentada para Exame de Defesa
como requisito para obtenção do título de
Doutor em Educação ao Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade
Federal de São Carlos, área de
concentração em Educação, sob orientação
do Prof. Dr. Antônio Álvaro Soares Zuin.**

**SÃO CARLOS
2019**

Bet, David Silva

Professor (a) youtuber? as resenhas literárias audiovisuais e a revitalização do esquematismo da indústria cultural na cibercultura / David Silva Bet. -- 2019.

261 f. : 30 cm.

Tese (doutorado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Antônio Álvaro Soares Zuin

Banca examinadora: Ari Fernando Maia, Belarmino César Guimarães da Costa, Luiz Roberto Gomes, Maria Cristina da Silveira Galan Fernandes

Bibliografia

1. Indústria cultural e educação. 2. Resenhas literárias audiovisuais. 3. A Revolução dos Bichos. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325



Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado do candidato David Silva Bet, realizada em 12/02/2019:



Prof. Dr. Antonio Alvaro Soares Zuin
UFSCar



Prof. Dr. Ari Fernando Maia
UNESP



Prof. Dr. Belarmino César Guimarães da Costa
UNIMEP



Prof. Dr. Luiz Roberto Gomes
UFSCar



Profa. Dra. Maria Cristina da Silveira Galan Fernandes
UFSCar

DEDICATÓRIA

Para Ana Carolina e Mariana, meus amores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Antônio Álvaro Soares Zuin (Toni) pelas orientações, incentivo e parceria acadêmica durante estes sete anos em que frequentei as dependências da UFSCar; aos professores Ari Fernando Maia, Belarmino César Guimarães da Costa, João Virgílio Tagliavini, Luiz Roberto Gomes, Maria Cristina da Silveira Galan Fernandes e Renato Crioni, pelas preciosas sugestões por meio das bancas de qualificação e defesa; aos amigos e amigas do Grupo de Pesquisa “Teoria Crítica e Educação” da UFSCar¹ pelas fecundas discussões e a todos os docentes e companheiros de sala de aula da UFSCar que de algum modo contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço à secretaria do PPGE/UFSCar pela prontidão em solucionar os diversos contratemplos estudantis.

Agradeço aos amigos Marcelo Haack de Marcos e Tatiane Cristina Bianchini pela generosidade e acolhimento.

Agradeço ao professor Luiz Antônio Calmon Nabuco Lastória pela orientação de estágio de docência/pesquisa na UNESP – Araraquara (FCLAr), como também aos membros do Grupo de Estudos e Pesquisas “Teoria Crítica: Tecnologia, Cultura e Formação”.

Agradeço às famílias Bet/Alcântara e Alexandrino/Mendonça bem como aos amigos/irmãos pela força e principalmente por compreenderem minha ausência nas confraternizações.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001².

¹ Disponível em < <http://www.teoriacriticaeducacao.ufscar.br/>>.

² Citação de acordo com a Portaria da CAPES N° 206 de 4 de setembro de 2018.

RESUMO

Em tempos de *Internet*, as redes sociais abriram espaço para novas formas de produção e acesso ao conhecimento, ao passo que a busca pelas resenhas literárias audiovisuais se converteu em um atalho para formação através de sínteses, resumos e breves introduções. A partir da atualização de algumas categorias críticas de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, o presente estudo propõe investigar os aspectos do conteúdo e da forma de uma resenha literária audiovisual no contexto da Indústria Cultural da *Cibercultura*, disponibilizada no site *YouTube* acerca do livro “*A revolução dos bichos*” de George Orwell. Do objetivo derivou-se a seguinte questão norteadora para a pesquisa social empírica: em que sentido pode-se afirmar que a resenha audiovisual acerca de um conteúdo intelectual está comprometida com o processo de esquematismo da indústria cultural? A partir metodologia da *análise de conteúdo* (*content analysis*) na perspectiva de Adorno, o exame incidiu sobre a presença manifesta e subentendida de clichês na resenha e nos comentários dos usuários que tendem a hipostasiar um determinado modo de conceber o mundo – dividida entre “nós” e “eles”, as sentenças abrigam o autoritário “é assim” e o *outsider* (“o estranho”, “o outro”), respectivamente sob as expressões “texto de leitura fácil” e “socialista de rara lucidez”. Como paralisadores de qualquer discussão, as palavras estereotipadas pasteurizam o conteúdo crítico imanente à produção intelectual. Consumida como uma espécie de material didático, a resenha literária audiovisual produzida pela *youtuber* não parece ter apresentado o comprometimento rigoroso com o tema, visto que não houve o esclarecimento e o confronto aos comentários equivocados dos usuários e aos mal-entendidos conceituais acerca da obra e da vida de Orwell.

Palavras-chave: Esquematismo da Indústria Cultural; Teoria Crítica; Resenhas Literárias Audiovisuais; *YouTube*; *A Revolução dos Bichos*

ABSTRACT

In times of the Internet, social media has opened up space for new forms of production and access to knowledge, to the point where the search for audiovisual literary reviews has become a shortcut to formation through synthesis, summaries and short introductions. From the update of some critical categories of Max Horkheimer and Theodor W. Adorno, the present study aims to investigate aspects of the content and form of an audiovisual literary review in the context of the Cultural Industry of Cyberculture, available on *YouTube* about the book “Animal Farm” written by George Orwell. The objective was derived the following guiding question for empirical social research: in what sense is it possible to affirm that the audiovisual review of an intellectual content is committed to the process of cultural industry schematism? Through Adorno’s content analysis methodology, the examination focused on the presence of manifest and implied clichés in the reviews and in the comments of users that tend to hypostasize a certain way of conceiving the world – divided between “us” and “them”, the sentences harbor the authoritarian “it’s like this” and “the other” (outsider), respectively under the expressions “easy reading text” and “socialist of rare lucidity”. As paralyzers of any discussion, stereotyped words pasteurize the critical content immanent to intellectual production. Consumed as a kind of didactic material, the audiovisual literary review produced by the youtuber does not seem to have presented a strict commitment to the theme, since there was no clarification and no confrontation to mistaken comments from users and to conceptual misunderstandings about the work and life of Orwell.

Key-words: Cultural Industry Schematism; Critical Theory, Audiovisual literary reviews; YouTuber; Animal Farm

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – Teoria Crítica e a pesquisa social empírica.....	11
1.1 – O Instituto de Pesquisa Social e “As escolas” da Escola de Frankfurt.....	11
1.2 – Sobre algumas teses de Horkheimer e Adorno: <i>intelligentsia</i> burguesa e dialética	20
1.3 – Por uma teoria crítica da sociedade: relação entre existência e imanência.....	43
CAPÍTULO II – <i>YouTube</i> e Indústria Cultural: novos dispositivos, velhos interesses	54
2.1 – Internet, <i>Cibercultura</i> e <i>Ciberespaço</i> : uma cultura em rede?	54
2.2 – O <i>YouTube</i> e o mito de comunidade cooperativa de produção de conteúdo	69
2.3 – Indústria Cultural e o esquematismo kantiano: uma antiga reflexão, um novo contexto	78
CAPÍTULO III – Theodor W. Adorno e a <i>Content Analysis</i> : o antitético método de investigação social empírica	101
3.1 – A análise de conteúdo e a metodologia centrada no objeto.....	101
3.2 – A Semiformação e a chave de interpretação do real: o autoritário <i>sentido único</i>	112
CAPÍTULO IV – Metodologia e materiais.....	133
4.1 – Metodologia	133
4.2 – Materiais.....	134
4.3 – Unidade caso	134
4.4 – Categorias de análise, procedimentos de investigação e tratamento preliminar do material empírico	135
CAPÍTULO V – <i>A Revolução dos Bichos</i> , <i>YouTubers</i> e as resenhas literárias audiovisuais	138
5.1 – A apropriação da obra de George Orwell: entre o socialismo democrático e a propaganda anticomunista	138
5.2 – Professor (a) <i>YouTuber</i> ? Resultados da pesquisa social empírica sobre a resenha literária audiovisual de <i>A Revolução dos Bichos</i> , de George Orwell	153
CONCLUSÃO	200
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	205
APÊNDICES.....	211

INTRODUÇÃO

A ironia do título “professor (a) *youtuber*” não tem por premissa qualquer defesa *a priori* de uma concepção tradicional de docência ou a limitação do conhecimento à chancela da atividade professoral. O problema parece incidir sobre a própria perda da potência do sentido pedagógico da atividade devido à sua apropriação por determinados agentes da Indústria Cultural que parecem desejar, em certo sentido, obter o prestígio que envolve a atividade docente, mas sem o compromisso que a profissão exige com a Formação e o Esclarecimento.

O interesse pelo tema bem como sua fundamentação a partir dos pressupostos da Teoria Crítica da Sociedade se relacionam com toda a experiência acadêmica do autor nos últimos dezesseis anos: entre os primeiros estudos sobre os meios de comunicação de massas e as teorias de Herbert Marcuse na Graduação em Filosofia e na Especialização em Filosofia Contemporânea, as análises sobre a televisão educativa e a pesquisa social empírica a partir das categorias de Theodor W. Adorno no Mestrado em Educação e a ampliação da perspectiva de análise sobre os conteúdos intelectuais disponíveis na Internet no Doutorado em Educação. Com efeito, o que determinou a escolha do tema foram as reflexões e diálogos entre orientando e orientador decorrentes do conhecimento de uma tensão ocorrida em uma sala de aula de uma escola do ensino médio da cidade São Carlos-SP, quando uma aula de sociologia acerca do livro *A Revolução dos Bichos* de George Orwell dividiu as opiniões e causou certo tumulto entre os alunos, cujo reflexo pode ser observado nos excessos e contradições que alimentam a polarização política entre direita e esquerda no Brasil pelos diversos seguimentos sociais entre 2014-2019. O que chamou a atenção nessa fatídica aula foram as referências com as quais alguns alunos fundamentaram seus argumentos: através das informações dos “especialistas” da Internet, em especial, dos *youtubers* que disponibilizam em seus canais resenhas audiovisuais sobre obras literárias e os fóruns de comentários.

Nesse sentido e orientado pela Teoria Crítica de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, o presente estudo propõe uma discussão acerca da atualização dos conceitos de Esquematismo da Indústria Cultural e Semiformação, com o objetivo de investigar as características de uma resenha literária audiovisual em tempos de Indústria Cultural da Cibercultura. O exame se desdobrou na compreensão dos aspectos da relação entre uma *youtuber*, os usuários de um canal do *YouTube* e o modo como um

produto intelectual com pretensões educativas foi produzido e utilizado como uma espécie de material didático ou videoaula.

O objeto selecionado para análise consistiu em uma resenha literária audiovisual acerca da obra *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, produzida pela youtuber e jornalista Isabella Lubrano e disponibilizada em seu canal “Ler Antes de Morrer”, hospedado no site *YouTube*. A partir da metodologia da *Content Analysis* (Análise de Conteúdo) na perspectiva de Theodor W. Adorno³, o material empírico revelou a possível presença do uso de expressões estereotipadas ao modo dos clichês produzidos nas agências da Indústria Cultural. Utilizados como chaves de interpretação e entendimento, os esquemas “Texto de Leitura Fácil” e “Socialista de Rara Lucidez” contidos no conteúdo da resenha, parecem obliterar a potência crítica da obra de Orwell em defesa da mera propaganda ideológica anticomunista, ao passo que tendem a reforçar os equívocos conceituais sobre a obra e a posição política do autor, como atestada nos comentários dos usuários. A youtuber, por sua vez, se negou a mediar e desconstruir os comentários que ampliaram o engodo. Uma vez que a resenha audiovisual é consumida como material didático, parece inconcebível a manutenção de uma postura “neutra” a fim de manter a fidelidade da audiência em detrimento das informações de esclarecimento.

Para situar a discussão, os capítulos da pesquisa foram organizados da seguinte forma:

No primeiro capítulo, foi apresentado um breve histórico do referencial teórico escolhido – a teoria crítica da sociedade; seguido de uma concepção de teoria social e de dialética em atenção à categoria *Intelligentsia* burguesa.

No segundo capítulo, foi desenvolvido o contexto no qual surgiu o objeto da pesquisa e sua ideologia técnica: a Internet, o ciberespaço e a cibercultura. Em seguida, passou-se à elucidação dos conceitos de Indústria Cultural, esquematismo e dos seguintes clichês: “culto ao fato”, “o outro” (ou “o estranho” – *outsider*) e o “nós” e “eles”.

O terceiro capítulo envolveu a caracterização da pesquisa social empírica e o

³ Dois esclarecimentos prévios. O primeiro consiste em salientar que o método da *Content Analysis* discutido por Adorno difere da Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (1977). Segundo, a *Content Analysis* não foi um método elaborado por Adorno como uma espécie de receita epistemológica e metodológica rígida para a pesquisa social empírica na perspectiva da Teoria Crítica. Sua proposta perpassa pela apresentação de elementos metodológicos que ele próprio utilizou não para verificar se o objeto se confirma na teoria, mas antes é um modo de tratamento do material empírico mediado pelo esforço teórico em sua imanência no objeto.

método da *content analysis* (análise de conteúdo) na perspectiva de Theodor W. Adorno, seguida da fundamentação do conceito de semiformação e a construção da categoria de *sentido único* (o “É assim”).

O quarto capítulo se ocupou da delimitação metodológica da pesquisa: os critérios de escolha da resenha literária audiovisual, a descrição dos materiais, a unidade caso, as categorias de análise, os procedimentos de investigação e o tratamento preliminar do material empírico.

O capítulo V apresentou os resultados da pesquisa social empírica. Na primeira parte, foi desenvolvido o conceito de resenha seguida da contextualização da vida e da obra de George Orwell. Na segunda parte, houve uma breve explanação dos conceitos de intelectual e de professor como justificativa ao controverso título da tese – professor (a) youtuber? Em seguida, o exame do material empírico permitiu a apreensão dos aspectos formais do canal *Ler Antes de Morrer* bem como as nuances do uso dos esquemas de entendimento “Texto de Leitura Fácil”, como desdobramento da categoria *sentido único* e a semiformação; e “Socialista de Rara Lucidez”, ao qual se pode atribuir o clichê de *outsider* (“o estranho”, “o outro”), como também os estereótipos que estimulam a ideológica polarização política: “nós” e “eles”, “bons” e “maus”, “direita” e “esquerda”.

A análise demonstrou a forma pela qual o esquematismo da Indústria Cultural parece revitalizado através da apropriação indevida de conteúdos intelectuais, bem como pela manutenção irrefletida de absurdos conceituais sobre a vida e a obra de Orwell. Contudo, a mais flagrante adesão conformista ao vigente parece incidir sobre a falta de “mediação pedagógica” entre o conteúdo adulterado e o conhecimento verificável, não realizada pela youtuber Isabella Lubrano, que a despeito do brilhantismo de suas resenhas, optou em não confrontar os comentários deliberadamente fraudulentos de alguns usuários.

CAPÍTULO I – Teoria Crítica e a pesquisa social empírica

1.1 – O Instituto de Pesquisa Social e “As escolas” da Escola de Frankfurt

A denominada “Escola de Frankfurt” caracteriza, ao mesmo tempo, uma referência a um grupo de intelectuais bem como uma elaborada teoria social. (FREITAG, 1990; WIGGERSHAUS, 2006; JAY, 2008). Com efeito, para abordar o tema desta pesquisa – os produtos intelectuais disponíveis no *YouTube* e seu consumo como uma espécie de material didático ou videoaula – parece preciso situar a origem e os desdobramentos do projeto teórico/metodológico de pesquisadores como Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Walter Benjamin. Sem a pretensão de esgotar o que diferencia cada um desses autores em sua autonomia acadêmica, este trabalho procurou expor brevemente alguns elementos conceituais que contribuíram para a compreensão de determinados fenômenos próprios da *Cibercultura*, sob a orientação da atualização das categorias críticas desenvolvidas por aqueles autores. Como se trata de uma pesquisa de recepção, ou seja, do exame de material empírico expresso pelos usuários de uma resenha literária audiovisual acerca da obra *A Revolução dos Bichos* de George Orwell (2015), na forma de comentários escritos, parece pertinente uma breve abordagem sobre o contexto da pesquisa social empírica pela Escola de Frankfurt, mas especialmente o trabalho de Adorno, que dedicou estudos sobre a *content analysis* (análise de conteúdo) e o tratamento de material empírico oriundo dos meios de comunicação.

Com o termo “Escola de Frankfurt” procura-se designar a institucionalização dos trabalhos de um grupo de intelectuais marxistas, não ortodoxos, que na década dos anos 20 permaneceram à margem de um marxismo-leninismo “clássico”, seja em sua versão teórico-ideológica, seja em sua linha militante e partidária (FREITAG, 1990, p. 10)

Para fins didáticos, pode-se dividir em quatro grandes fases de trabalho o percurso histórico do desenvolvimento da Escola de Frankfurt, como também o surgimento de três gerações de pesquisadores. A primeira fase de trabalho se destaca pela criação do *Institut für Sozialforschung* (Instituto de Pesquisa Social), que decorreu do interesse de um grupo de pesquisadores – como Felix Weil, Karl Korsch, Georg Lukács, Friedrich Pollock, Karl A. Wittfogel, entre outros – de institucionalizar um grupo de trabalho voltado à elaboração teórica e documental dos movimentos operários

da Europa. O evento onde foram delimitadas as primeiras ideias consistiu na Semana de Estudos Marxistas (*Marxistische Arbeitswoche*), em 1922 na Turíngia. Contudo, o Instituto foi oficialmente fundado em 3 de fevereiro de 1923, vinculado à Universidade de Frankfurt. Possuía prédio próprio e independência/autonomia financeira e acadêmica. Seu projeto voltava-se à pesquisa e à reflexão. Jay (2008) destacou alguns aspectos acerca do financiador do *Institut*:

Desde seus primórdios, a independência foi entendida como um pré-requisito necessário à tarefa de inovação teórica e de pesquisa social irrestrita. Felizmente, os meios para garantir essas condições estavam disponíveis. A ideia de uma estrutura institucional em que esses objetivos pudessem ser perseguidos foi concebida por Felix J. Weil em 1922. Weil era filho único de um comerciante de cereais nascido na Alemanha, Hermann Weil, que tinha trocado o país pela Argentina, por volta de 1890, e acumulara considerável fortuna exportando cereais para a Europa. Nascido em 1898 em Buenos Aires, Felix foi mandado para Frankfurt aos nove anos, a fim de frequentar o Goethe Gymnasium e, mais tarde, a recém-criada universidade daquela cidade. Exceto por um ano importante passado em Tübingen, em 1918-1919, onde se envolveu pela primeira vez em causas esquerdistas na universidade, Weil permaneceu em Frankfurt até obter um doutorado *magna cum laude* em ciência política. Sua tese, sobre os problemas práticos da implementação do socialismo, foi publicada numa série de monografias editadas por Karl Korsch, um dos primeiros a interessá-lo no marxismo. Usando recursos próprios, consideráveis, herdados da mãe, e também a fortuna do pai, Weil começou a apoiar diversas aventuras radicais na Alemanha (JAY, 2008, p. 41)

O primeiro diretor do Instituto foi Carl Grünberg, cuja gestão permitiu a edição da revista *Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung* (O arquivo da história do socialismo e do movimento operário). Em 1930, Max Horkheimer assumiu a cátedra de filosofia social bem como a direção do Instituto. Com Horkheimer, “o Instituto passou a assumir as feições de um verdadeiro centro de pesquisa, preocupado com uma análise crítica dos problemas do capitalismo moderno que privilegiava claramente a superestrutura” (FREITAG, 1990, p. 11). Em 1932 é lançado o primeiro número de uma nova revista, a *Zeitschrift für Sozialforschung* (Revista de Pesquisa Social), encerrando suas publicações em 1941. Horkheimer exerceu a função de diretor da revista, garantindo, dessa forma, a sua publicação durante o período em que o Instituto de Frankfurt emigrou para outros países em decorrência da perseguição nazista.

Horkheimer reuniu no Instituto pesquisadores como Pollock, Wittfogel, Fromm, Gumperz, Adorno, Marcuse e Benjamin. Este grupo compõe a primeira geração de pesquisadores da Escola de Frankfurt.

Preocupado com o antissemitismo crescente na Alemanha e o progresso implacável do movimento nazista encabeçado por Hitler, Horkheimer teve a previsão de criar, a partir de 1931, filiais do Instituto em Genebra, Londres e Paris, transferindo a redação da *Revista* de Leipzig para Paris, onde permaneceria até a invasão alemã, depois que seus principais redatores já haviam emigrado há muito para os Estados Unidos. Em 1933 o governo nazista decreta o fechamento do Instituto em Frankfurt por suas “atividades hostis ao Estado”, confiscando seu prédio juntamente com os 60000 volumes de livros que então constituíam o acervo de sua biblioteca (FREITAG, 1990, p. 13)

A preocupação acadêmica dos intelectuais ligados ao Instituto não se limitou à rigorosa elaboração de uma crítica teórica: a pesquisa social empírica teve como um dos primeiros trabalhos o *Studien zu Autorität und Familie* (Estudos sobre Autoridade e Família, Paris, 1936), sob a coordenação de Horkheimer e Fromm em diversos países da Europa, cuja orientação metodológica procurou relacionar teoria marxista e freudismo. Destarte, o interesse teórico e político de Horkheimer envolveu o objetivo de elaborar uma teoria social, de cunho materialista, capaz de abarcar os problemas acerca das disposições sócio/psicológicas dos indivíduos, cuja dinâmica demanda a reflexão de seus processos históricos situados no tempo e por determinadas condições materiais de produção. Em suma, é uma proposta de pesquisa que inter-relaciona reflexões teóricas e contribuições empíricas e históricas da Sociologia e da Historiografia moderna. O ponto de partida dos estudos dessa natureza seria pela teorização freudo-marxista flexível (Reich e Fromm), orientada pela metodologia dialética (Hegel e Marx). “Dessa forma, Horkheimer imaginava reorientar a reflexão filosófica da época, partindo de um patamar abstrato para um nível mais concreto que não se confundisse, no entanto, com o puro ativismo da luta partidária” (FREITAG, 1990, p. 15).

A segunda fase de trabalho da Escola de Frankfurt se desenvolveu no período de emigração/exílio. Segundo Wiggershaus (2006), com as eleições para o Parlamento Federal do *Reichstag* em setembro de 1930, o partido nazista conseguiu eleger cento e sete deputados, se transformando no segundo partido mais numeroso. Em decorrência da violência que precedeu as eleições (atentados com explosivos, centenas de feridos e duas dezenas de mortes), Horkheimer e demais administradores começaram a preparar os tramites para a transferência do Instituto para outros países, mediante a instalação de sucursais em Genebra, Londres e Paris.

A partir de 1931, os administradores do Instituto fizeram sair da Alemanha o capital da fundação e depositaram-no nos Países Baixos [...]. Os direitos de

propriedade sobre a biblioteca do Instituto foram, primeiro, transferidos para a Genossenschaft für sozialwissenschaftlich Studien (Sociedade para os Estudos Sociológicos) de Zurique – uma filial do Instituto – e, depois, para a London School of Economics, no final de 1932 ou começo de 1933 (WIGGERSHAUS, 2006, p. 140)

Com o advento do nazismo, em 1933 Horkheimer transferiu definitivamente o Instituto para Genebra, que passou a se denominar *Société Internationale de Recherches Sociales*. O prédio do Instituto em Frankfurt foi confiscado pela Gestapo e colocado à disposição da Liga Estudantil Nacional-Socialista. A *Revista*, por sua vez, começou a ser editada em Paris. Em 1934, o Instituto é transferido para Nova Iorque, vinculado à Universidade de Columbia, sob o nome de *International Institute of Social Research*. Contudo, graças aos fundos financeiros de Weil, o Instituto, como em sua origem, permaneceu com autonomia econômica e, sobretudo, acadêmica. Em 1940, Horkheimer e Adorno se transferem para a Califórnia.

Em 1941, a *Revista* publica um número em inglês, que seria o seu último. Na Europa, Benjamin se suicida na fronteira franco-espanhola ao perceber que seu trem havia sido barrado por agentes policiais do nazismo (1943) e Halbwachs morre nas câmaras de gás do campo de concentração nazista em Buchenwald (1945). Após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1946 Horkheimer e os membros do Instituto são convidados pelos representantes municipais de Frankfurt para retornarem à cidade. Em 1950, o Instituto reinicia seus trabalhos em Frankfurt.

Segundo Freitag (1990, p. 17-18), a “Teoria Crítica” foi estruturada durante o período de exílio nos Estados Unidos:

A produção do Instituto nessa época da emigração para os Estados Unidos se reflete, por um lado, em uma série de artigos fundamentais publicados na *Revista*, e que deram origem à criação da “teoria crítica” e, por outro, em duas obras que se transformariam em um marco para a pesquisa e teorização sociológicas. Trata-se da obra coletiva de um grande número de cientistas americanos e alemães, entre os quais Frenkel-Brunswik, Levinson, Sanford e Morrow que, juntamente com Adorno, elaboraram a pesquisa empírica publicada sob o título de *The Authoritarian Personality* (1950), e da coletânea de ensaios escritos em colaboração por Horkheimer e Adorno: *A Dialética do Esclarecimento* (1947) [...] Horkheimer procura salvar a reflexão filosófica dialética face a uma crescente tendência positivista e empirista nas ciências sociais. Com seu ensaio “A teoria crítica e teoria tradicional” (1937) lança os fundamentos da teoria crítica da Escola de Frankfurt

Estas pesquisas ganharam expressiva repercussão devido à sua envergadura teórica bem como pela reflexão sobre a relação entre teoria e prática (pesquisa

empírica). O objetivo do estudo de *A Personalidade Autoritária* consistiu no exame acerca da interação entre a dinâmica psíquica do sujeito e as condições sociais e políticas que estruturam e organizam sua vida social. Com efeito, “a riqueza desse trabalho se encontra na capacidade de Adorno de teorizar, de forma original, sobre um material exclusivamente empírico, no contexto americano” (FREITAG, 1990, p. 18). Ao ampliar a tipologia caracteriológica de Reich e Fromm, Adorno elabora uma nova tipologia de estruturas de personalidade, amparadas pelos dados empíricos de diferentes escalas: o liberal genuíno, o conservador, o lunático e o manipulador. Cada tipo é diferenciado em uma espécie de pontuação que varia do “alto” ao “baixo” índice (*score*, em inglês), que considera a existência de diferentes graus de intensidade em cada um dos tipos de personalidade⁴. O desenvolvimento das “escalas”, por sua vez, constituiu o maior legado do projeto sobre *A Personalidade Autoritária*, convertendo-se em um clássico das ciências sócias.

A conquista metodológica mais valiosa do projeto foi a condensação das três escalas originais, referentes à atitude, em um só conjunto de perguntas, capaz de medir o potencial autoritário no nível psicológico latente. O novo dispositivo de mensuração foi a célebre “escala F”. a análise de conteúdo dos recursos dos debatedores, a experiência prévia com o trabalho empírico nos *Studien über Autorität und Familie* e os estudos feitos em Nova York sobre o anti-semitismo na classe trabalhadora, tudo isso contribuiu para a construção da escala (JAY, 2008, p. 306-307)

Na *Dialética do Esclarecimento*, publicada em 1947 na Califórnia, Adorno e Horkheimer (2006) voltam suas reflexões aos produtos da “Cultura” e seus desdobramentos na sociedade de massa americana: estudos sobre a música, o rádio, a televisão e o cinema. Em manifesta crítica à concepção kantiana de razão libertadora, a obra articula a seguinte denúncia:

A onipotência do sistema capitalista, reificado no mito da modernidade, estaria, segundo essa nova análise, deturpando as consciências individuais, narcotizando a sua racionalidade e assimilando os indivíduos ao sistema estabelecido. Esses se incorporam hoje na totalidade do sistema, sem condições de uma autodeterminação, sem participação na elaboração do futuro da humanidade, sem possibilidade de uma resistência crítica. Dessa

⁴ Essa exigência decorre do aparente paradoxo encontrado na pesquisa: “a baixa correlação entre os níveis altos da escala PEC (temas econômicos e sociais) e a escala F (fascismo). Mostra que os dados colhidos na primeira escala somente atingem camadas superficiais da personalidade, enquanto os dados da escala F detectam a dinâmica profunda da vida pulsional dos indivíduos” (FREITAG, 1990, p. 19). Com efeito, o estudo aprofunda a reflexão e tensiona a aparente contradição ao propor que opiniões liberais e democráticas podem ter caráter superficial, de modo que, ao examinar os interesses mais elementares (as pulsões), esses indivíduos apresentam indícios de que possuem personalidade rígida, ou seja, autoritária.

forma, a *Dialética do Esclarecimento* tematiza, em última instância, a morte da razão kantiana, asfixiada pelas relações de produção capitalista (FREITAG, 1990. p. 20-21)

Na maturidade de suas carreiras, Horkheimer e Adorno abandonaram o paradigma do materialismo histórico, conservando deste a crítica ao positivismo e ao neopositivismo presentes nas ciências naturais e humanas. Horkheimer reaproxima-se da teologia e adverte sobre as diversas facetas totalitárias, de direita (nazi-fascismo na Europa Ocidental) e de esquerda (stalinismo no leste europeu). Adorno, por sua vez, elaborou um novo conjunto teórico/metodológico que culminou em suas obras *Dialética Negativa e Teoria Estética*.

Em 1950 o Instituto retorna para a sua primeira sede em Frankfurt, o que configura a terceira fase de trabalho da Escola de Frankfurt. “O talento de diplomata e organizador de Horkheimer revelou-se mais uma vez. Horkheimer e Adorno dedicaram, novamente, boa parte de suas energias ao Instituto, que era preciso, sempre, manter vivo como penhor de uma seriedade oficialmente reconhecida” (WIGGERSHAUS, 2006, p. 468). Durante o processo de reconstrução do Instituto, Horkheimer e Adorno assumiram cátedras do departamento de filosofia da Universidade Johann Wolfgang Goethe, onde lecionam e pesquisam até 1969. O acervo da biblioteca, que sofreu perdas com o nazismo, foi restaurado e organizado. Em 1955 Adorno é nomeado por Horkheimer codiretor do Instituto (JAY, 2008, p. 352), e assume a direção integral em 1967 após a aposentadoria de Horkheimer. Contudo, nem todos os pesquisadores que partiram para o exílio voltaram à Frankfurt, como Marcuse, Wittfogel, Neumann, entre outros.

A partir de 1960 novos nomes surgiram, como Alfred Schmidt, Jürgen Habermas e Rolf Tiedemann, formando a segunda geração dos pesquisadores de Frankfurt. No final da década de 50, um grupo de novos pesquisadores elaboraram um exame com o objetivo de detectar o potencial autoritário ou democrático da geração de estudantes que vieram após o nazismo. Habermas, Friedeburg, Öehler e Weltz publicam, em 1961, o *Student und Politik*, um estudo semelhante às obras *Estudos sobre Autoridade e Família*, de Horkheimer e Fromm, e *A Personalidade Autoritária*, de Adorno et al. Segundo Freitag (1990, p. 23):

No contexto da reconstrução democrática da Alemanha Ocidental eles procuraram estudar – recorrendo às escalas A e F (autoritarismo e fascismo), elaboradas nos Estados Unidos e adaptadas às condições alemãs – o potencial autoritário e/ou democrático da nova geração estudantil pós-Segunda Guerra. Essa geração, educada por pais autoritários, em sua maioria nazistas ou

simpatizantes do regime de Hitler, e criada durante a Guerra, é agora confrontada com um regime liberal-democrático, quase que imposto pelos aliados. Interessava aos pesquisadores saber como se configurava nessa geração a questão do autoritarismo e do anti-semitismo. A pesquisa, realizada em Frankfurt no final da década de 50, é publicada em 1961 e revela uma síndrome autoritária latente na maioria dos entrevistados. O estudo de Berlin, coordenado por von Friedeburg no início da década de 60, é surpreendido, antes de sua publicação, pelo movimento estudantil que eclode em todas as cidades alemãs e europeias em grandes universidades, revelando o novo potencial político de uma geração estudantil não conformista.

O estudo de Berlin demonstrou o que ocorreria a partir de 1966: protestos estudantis por toda a Europa. Muitos líderes entre os estudantes viram na Teoria Crítica um arcabouço teórico que poderia articular a transformação radical e efetiva da sociedade. No entanto, os pesquisadores da Escola de Frankfurt perceberam tendências fascistas no conjunto do movimento estudantil⁵, como a radicalidade de ações violentas contra as universidades⁶, a imaturidade de boa parte dos estudantes que seguiam os líderes do movimento e a adesão à causa estudantil não por critérios reflexivos, mas pela sedução das lideranças carismáticas. Para Adorno, “não havia diferença entre os nazistas radicalizados que vieram incinerar os livros “judeus”, a partir do incêndio do *Reichstag* em Berlin, e o estudantado *enragé* do final da década de 60” (FREITAG, 1990, p. 25). Marcuse e Friedeburg se envolveram diretamente nos debates com os membros do movimento estudantil de suas universidades, mas com o objetivo de orientar os estudantes a situar o engajamento político por meio do argumento e do debate, rejeitando qualquer medida de intervenção violenta, tais como propostas revolucionárias ou de guerrilha urbana. Estavam rompidas, de certo modo, as relações entre a Teoria Crítica e o movimento estudantil.

Em 1967 Horkheimer se estabelece na Suíça, em 1969 Adorno falece e, nos Estados Unidos, Marcuse elabora críticas à denominada *New Left*. Quanto aos alunos que até então seguiam os frankfurtianos, alguns se dedicaram à tradicional carreira universitária ou reelaboraram discussões envolvendo os pressupostos do Instituto, enquanto que uma minoria aderiu a partidos, seitas ou a grupos da esquerda militante de luta armada.

⁵ Habermas cunhou a expressão “fascismo de esquerda”, em referência a determinadas organizações oriundas do movimento estudantil (FREITAG, 1990, p. 25).

⁶ Segundo Freitag (1990, p. 25), “A forma de manifestação do protesto estudantil era aparentemente a mesma: invasão violenta dos prédios, saques de livros, irreverência com os intelectuais e sua produção acadêmica. Havia, é certo, uma variante *pop* do movimento estudantil: o teatro, a pantomima, reproduzindo a hierarquia empoeirada da universidade; a *Besetzung* (ocupação de prédios) para festas e danças e provocação da polícia; as passeatas pelas ruas em protesto à política agressiva dos Estados Unidos no Vietnã e em favor de uma sociedade mais democrática”.

A Teoria Crítica subsiste às adversidades e pesquisadores como Tiedemann, Habermas, Schmidt, A. Wellmer, entre outros, prosseguem com o trabalho de publicação cujos temas abordam as obras inéditas dos teóricos da primeira geração, por meio da reedição da *Zeitschrift*, bem como do *Passagenwerk*, de Benjamin, até então sem publicação. Assim, a quarta fase de trabalho da Escola de Frankfurt envolve as pesquisas sobre o próprio Instituto, que se dividem em duas linhas: na primeira, com o objetivo de preservar o pensamento/obra de Adorno, Horkheimer, Benjamin e Marcuse. Schmidt e Tiedemann levam adiante esse trabalho de reedição, revisão e publicação. A segunda linha de pesquisa, dirigida por Habermas, Wellmer, Buerger, entre outros, buscam em certo sentido atualizar e quiçá superar as questões então ancoradas nos pressupostos dos pesquisadores da primeira geração, cujos conceitos geradores de impasses teóricos são objetos de críticas. Neste mesmo período, a *Suhrkamp Verlag*, de Frankfurt, editou e publicou diversas correspondências (cartas) entre os pesquisadores da Escola de Frankfurt. “Esse movimento editorial lança uma nova luz sobre a rica produção dos frankfurtianos durante quase meio século de atividades intensas” (FREITAG, 1990, p. 28).

Nesse contexto, na década de 1980 Friedeburg assume a direção do Instituto e surge a terceira geração de pesquisadores de Frankfurt, com trabalhos de A. Wellmer, W. Bonss, A. Honneth, C. Dahlhaus, P. Buerger, R. Bubner, U. Oevermann, entre outros. Estes são responsáveis pela elaboração de novas reflexões e apropriações, bem como por críticas e superação de determinadas teses anteriormente elaboradas. Muitos outros autores, pesquisadores e docentes fizeram dos pressupostos epistemológicos e metodológicos da Teoria Crítica as bases sob as quais desenvolveram amplos estudos sociais na década de 1990 em diante. Não somente na Alemanha, mas em diversos países, a Teoria Crítica engendrou esforços para a compreensão dos fenômenos pós-guerras mundiais, como o desenvolvimento ampliado do consumo, a cultura de massas e a tecnologia digital bem como a influência destes aspectos nos processos formativos e educacionais.

No Brasil, a Teoria Crítica foi introduzida nos anos 1960 por José Guilherme Melquior e Robert Schwarz (PUCCI; SILVA, 2015). Na década de 1970, Flávio Kothe realizou estudos sobre Walter Benjamin, mas não desenvolveu a Teoria Crítica enquanto campo teórico autônomo. Na década de 1980 Sérgio Paulo Rouanet e Bárbara Freitag elaboraram estudos hermenêuticos acerca da Teoria Crítica, apresentando principalmente seus autores e obras. Com efeito, a partir dos anos 1980 com as

traduções dos autores frankfurtianos e dos comentadores, seguida da continuidade das publicações acadêmicas bem como dos primeiros congressos na década de 1990, a Teoria Crítica se desenvolveu nas áreas da Filosofia, Teoria Literária e da Educação, o que permitiu a surgimento dos Grupos de Pesquisa (GPs) vinculados aos CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico):

Os Diretórios dos Grupos de Pesquisa no Brasil existem desde 1992 e se constituem em base de dados que armazenam informações sobre os grupos de pesquisa em atividade no país. As informações contidas nessas bases dizem respeito, entre outros, aos seguintes tópicos: recursos humanos (pesquisadores, estudantes e técnicos); linhas de pesquisa em andamento; especialidades do conhecimento (áreas); produção científica e tecnológica; situação dos grupos de pesquisa na região, na unidade federativa, na Instituição e no tempo. Ao se efetuar a busca junto ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, Censo de 2010, sobre quantos e quais grupos de pesquisa trazem em seu nome, ou no título da linha de pesquisa, ou nas palavras-chave da linha, o sintagma Teoria Crítica, o resultado é surpreendente: 345 grupos de pesquisa: 328 em Humanidades; 13 em Ciências da Natureza; 4 em Ciências da Vida [...] Por sua vez, como afirma Adorno, “o todo é o não verdadeiro”, a expressão “Teoria Crítica”, nas referências epistemológicas, não é, como já se viu, designativo apenas dos que dialogam com os pensadores da Escola de Frankfurt; há inúmeros GPs que se fundamentam especificamente no Materialismo Histórico ou mesmo em outras teorias que se denominam críticas e que tomam parte no total dos 345 grupos consultados. Além de que o instrumento de busca, em muitos casos, destaca teoria e crítica não formando um sintagma, como, por exemplo: teoria e crítica da literatura. Por sua vez, caminhando do geral para o particular, o segundo acesso ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, censo 2010, foi feito através da expressão “Teoria Crítica e Educação” e também, nessa busca, o propósito era saber em quantos e em quais GPs aparece a referida expressão em seu nome, ou no título da linha de pesquisa, ou nas palavras-chave da linha. Os resultados foram estes: 100 GPs, dos quais 94 se localizam na grande área das Humanidades: Educação: 30 GPs; Filosofia: 18; Artes: 11; Letras: 8; e as áreas restantes, 33 GPs. As Humanidades, pois, detêm a quase totalidade dos GPs que investigam problemas educacionais tendo como referência a Teoria Crítica (PUCCI; SILVA, 2015, p. 12)

Em síntese, a Teoria Crítica pode ser caracterizada em três grandes momentos: no primeiro, com o Instituto sob a direção de Horkheimer, abarca o período antes e depois da Segunda Guerra Mundial até a volta de Horkheimer e Adorno à Frankfurt na década de 50. No segundo, destaca-se a reconstrução do Instituto, sob a direção de Adorno, e a introdução do tema da Cultura como objeto de investigação. No terceiro, a partir da década de 70 e sob a liderança de Habermas, as pesquisas se voltam à solução

ou superação dos impasses teóricos desenvolvidos pelos autores da primeira geração, como também pelo trabalho de preservação do legado acadêmico do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Contudo, é preciso salientar que houve um crescimento exponencial de novos pesquisadores e docentes pelo mundo, a partir da década de 1990, empenhados em atualizar as categorias críticas dos frankfurtianos às emergentes demandas sociais do século XXI em seus países, fornecendo aporte teórico e prático para a consolidação da Teoria Crítica como campo de investigação autônomo e de grande envergadura interdisciplinar.

1.2 – Sobre algumas teses de Horkheimer e Adorno: *intelligentsia* burguesa e dialética

O exame do material empírico que é objeto da presente tese – A resenha literária audiovisual de *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell – conduziu a necessidade de conhecer o contexto histórico no qual a obra foi elaborada, como também, a própria vida do autor e sua relação com seus pares: a *intelligentsia* inglesa. Orwell parece que foi um tipo de intelectual e jornalista político à margem dos círculos intelectuais. Segundo ele, os intelectuais de esquerda, vinculados a partidos trabalhistas, gastavam extrema energia com publicações sobre a situação precária do proletariado inglês sob o capitalismo e com revisionismos teóricos de toda espécie, mas silenciavam-se diante do horror do “Mito Soviético”. Os intelectuais de direita, ligados ao Partido *Tory* (conservador britânico) ou à Igreja, bradavam aos quatro ventos contra a falta de liberdade na Rússia soviética, ao passo que se esforçavam em manter a opinião pública a favor da exploração imperialista da Índia e de países africanos pelo governo e empresas inglesas (BONALUME NETO, 1984; HITCHENS, 2010; MENAND, 2002).

Em ambos os espectros ideológicos havia um conjunto de posições mal fundadas e contraditórias que impeliu Orwell a se tornar um defensor tenaz da honestidade intelectual: por um lado, socialista declarado e sensível à causa dos trabalhadores, por outro, crítico contundente do stalinismo, que para ele, corrompera os fundamentos do socialismo democrático; crítico do comunismo soviético, porém essa posição não fez dele um defensor do pretenso “liberalismo” inglês, que relegava à fome e à miséria uma parcela da população britânica decorrente da exploração do proletariado pelos capitalistas. Pode-se inferir que Orwell retirou fecundas reflexões da tensão em entender o modo como a *intelligentsia* (de esquerda e de direita) conduzia suas posições

ideológicas e políticas, que mais tarde se revelaram em suas obras. Nesse sentido, parece pertinente a retomada do conceito de *intelligentsia*, na perspectiva da crítica aos “valores” burgueses que de certo modo se cristalizaram, como absolutos, na própria ciência. Visto que a Teoria Crítica não busca *verificar* se suas teses se confirmam nos objetos de investigação, mas antes, se orienta neles para enriquecer e reinterpretar as próprias hipóteses teóricas, uma pesquisa social empírica não deve abrir mão do diálogo entre *teoria* e *prática* numa perspectiva dialética. Assim, algumas categorias de Horkheimer e de Adorno contribuíram para a composição do estudo que se segue.

Max Horkheimer (1980) inicia suas considerações levantando a questão acerca do conceito de *teoria* para a ciência, no contexto contemporâneo ao autor. “No sentido usual da pesquisa, teoria equivale a uma sinopse de proposições de um campo especializado, ligadas de tal modo entre si que se poderiam deduzir de algumas dessas teorias todas as demais” (HORKHEIMER, 1980, p.117). A perfeição da teoria depende da quantidade de princípios utilizados para fundamentar as conclusões, de modo que, quanto menos princípios, mais robusta é a teoria. As proposições deduzidas devem corresponder aos fatos empíricos, uma vez que as contradições, nesta perspectiva, demonstram a presença de erro. Este, por sua vez, está associado ou a falhas no processo experimental de observação do objeto investigado, ou na elaboração dos princípios teóricos que objetivam dar sentido ao fato examinado. Destarte, no que se refere aos fatos, uma teoria é sempre uma ou um conjunto de hipóteses que devem ser reformuladas sempre que ocorram inconsistências em relação ao objeto. “Teoria é o saber acumulado de tal forma que permita ser este utilizado na caracterização dos fatos tão minuciosamente quanto possível” (HORKHEIMER, 1980, p.117). A ciência se desenvolve na medida em que o material é trazido, como aquisição, ao bojo do saber acumulado (como na física experimental), ao passo que o que foi adquirido recebe um tratamento de catalogação (a física matemática), ao modo dos bibliotecários.

Por mais que uma biblioteca esteja repleta de livros, sem o catálogo não é possível utilizá-la. Assim é formulado o objetivo da ciência moderna: dirigir o entendimento pelos caminhos da generalização e da eficácia. Ao se sustentar como sistema universal, a ciência se posta como espelho no qual devem ser refletidos a teoria em geral, seja qual for o campo de conhecimento, visto que seu interesse não se limita a uma área particular, mais é abrangente a todos os objetos. “Ao fundar as proposições referentes a ramos diversos nas mesmas pressuposições, elimina-se a separação das ciências” (HORKHEIMER, 1980, p.117). Com efeito, a natureza inerte e a natureza

viva podem ser determinadas pelos mesmos conceitos, desde que as pessoas sejam treinadas nos seguintes procedimentos: manejo do método dedutivo, na seleção do material significativo e no uso do método comparativo (proposições deduzidas e comprovadas por fatos). Para Horkheimer, este é o escopo da representação vigente acerca da “essência da teoria”.

Tal representação da teoria teve início com Descartes e os princípios da filosofia moderna. No *Discurso do Método*, Descartes (1973) apresenta o modo de condução da razão rumo ao conhecimento claro e distinto a partir de quatro preceitos, que segundo ele, são de natureza lógica.

O primeiro era o de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente com tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação⁷ e a prevenção⁸, e de nada incluir em meus juízos que não se apresente tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida. O segundo, o de dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las⁹. O terceiro, o de conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros. E o último, o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir (DESCARTES, 1973, p.53-54).

De acordo com Descartes, todas as ciências deveriam orientar seus métodos à unidade da dedução matemática, como pressuposto meio para todo tipo de dedução intelectual interessada em compreender a ordem sistemática racional subjacente ao mundo e seus fenômenos.

Esta valorização do método como garantia de que a teoria permaneça nos trilhos retos da ordem, operou o processo de racionalização de todos os objetos passíveis de investigação sob a égide da calculabilidade, da mensuração e da medida. Importantes escolas do pensamento lógico dos séculos XIX e XX admitem em seus postulados os critérios de racionalização da filosofia moderna, adaptando-os aos novos contextos dos avanços técnico-científicos e sociais após o apogeu da industrialização, cuja marca essencial consiste no estabelecimento de um novo tipo de divisão social do trabalho,

⁷ Para Gérard Lebrun, tradutor do texto de Descartes para língua portuguesa, *precipitação* consiste em julgamento apressado, via de regra feito antes de se conceber a evidência.

⁸ De acordo Lebrun, *prevenção* é a persistência dos “prejuízos da infância”: imaturidade do pensamento pré-conceitual e pré-formal.

⁹ Para Lebrun, os termos “dificuldade” e “resolver” devem ser compreendidos no contexto de seu uso na geometria: resolução de dificuldades (problemas) por meio de equações matemáticas.

seja manual ou intelectual, caracterizado pela instrumentalização da razão. Desse modo, as proposições mais gerais que ressoam na atividade científica e na organização social da vida individual e coletiva, são as que desenvolvem a própria teoria da racionalização das relações, pois encontra eco nos moldes de percepção e interpretação de mundo enquanto sistema fechado de proposições que dependem do rigor matemático do método para ordenar, organizar e hierarquizar as áreas do conhecimento possível.

As proposições mais gerais de onde partem as deduções são vistas conforme a respectiva posição filosófica do lógico. Para John Stuart Mill, por exemplo, elas são ainda juízos empíricos (*Erfahrungsurteile*), induções; nas correntes racionalistas e fenomenológicas são consideradas intelecções evidentes (*evidente Einsichten*), enquanto a moderna axiomática as toma como estipulações arbitrárias. Para a lógica mais avançada da atualidade, que se expressa representativamente nas *Investigações Lógicas* de Husserl, a teoria é considerada “como um sistema fechado de proposições de uma ciência”. Teoria, em sentido preciso, é “um encadeamento sistemático de proposições de uma dedução sistematicamente unitária”. Ciência significa “um certo universo de proposições (...) tal como sempre surge do trabalho teórico, cuja ordem sistemática permite a determinação (*Bestimmung*) de um certo universo de objetos”. Uma exigência fundamental, que todo sistema teórico tem que satisfazer, consiste em estarem todas as partes conectadas ininterruptamente e livres de contradições. H. Weyl considera como condição imprescindível a harmonia que exclui toda a possibilidade de contradição, assim como a ausência de componentes supérfluos, puramente dogmáticos, e independentes das aparências observáveis (HORKHEIMER, 1980, p.118).

Neste conceito tradicional de teoria, as palavras são substituídas por um sistema de sinais matemáticos ao dedicar algum esforço intelectual que lance luz sobre o objeto. No interior das proposições e conclusões, os nomes que designavam os objetos não oferecem mais qualquer sentido, uma vez que não são símbolos matemáticos. “Também as próprias operações lógicas já estão racionalizadas a tal ponto que, pelo menos em grande parte da ciência natural, a formação de teorias tornou-se construção matemática” (HORKHEIMER, 1980, p.118-119).

A racionalização matemática do conceito tradicional de teoria não é admitida apenas entre os cientistas da natureza. Segundo Horkheimer (1980), as ciências humanas e sociais tendem aos mesmos procedimentos de “coleccionador” e de compilação da maior quantidade de detalhes sobre qualquer problema que os instrumentos metodológicos puderem mensurar. Não há diferença estrutural de pensamento entre a pesquisa empírica e a sociologia alemã (anglo-saxônica). A primeira apresenta os dados de suas pesquisas como o observador que “de fora”, examina um objeto do universo exterior, sem ser marcado ou nele deixando suas marcas. A segunda, descreve o mundo e suas complexas relações por meio da construção de fundamentos

conceituais e princípios abstratos no interior de um gabinete, ou seja, separado dos problemas efetivos que julga abordar. “Não é o significado da teoria em geral que é questionado aqui, mas a teoria esboçada “de cima para baixo” por outros, elaborada sem o contato direto com os problemas de uma ciência empírica particular” (HORKHEIMER, 1980, p.119).

Horkheimer prossegue destacando outros aspectos da Teoria Tradicional nas ciências humanas. Os empiristas assumem como válidas ou corretas apenas as induções concluídas, sendo estas as que compõem a base proposicional da teoria, oriundas do conhecimento catalográfico e dependente do acúmulo de material coletado. Uma espécie de inventário científico. Durkheim¹⁰ aponta para o processo de “classificação essencial”, que evita o esforço desnecessário do observador em sua onerosa tarefa de enumerar todos os aspectos individuais do objeto, que o guia em direção a um referencial seguro que permitirá a comparação com inúmeras outras circunstâncias: a lei essencial é a mediadora entre a percepção (constatação concreta) e a ordem conceitual do saber. Em outros termos esta lei é uma hipótese assumida de antemão que articula as proposições gerais escolhidas pelo observador para compreender um dado fenômeno. Outro exemplo do uso tradicional de teoria se volta ao exame dos acontecimentos históricos que desencadearam guerras. Para Max Weber, o trabalho do historiador não envolve a “catalogação” completa de todas as circunstâncias de um evento, “mais em destacar a conexão entre certos componentes do acontecimento, importantes para a continuação do processo histórico, e, por outro lado, os processos individuais determinantes” (HORKHEIMER, 1980, p.121). Esta concepção é denominada de teoria da possibilidade objetiva.

Como exemplo desta conexão, os efeitos da decisão de um governante de entrar em guerra seriam alterados se esta fosse evitada? Segundo as “regras da experiência” obtidas pelo exame das condições vigentes e pela referência ao saber humano já acumulado sobre o tema (as guerras), os efeitos seriam outros e possivelmente previstos. Esta previsão, contudo, ainda é hipotética, uma vez que tais “regras da experiência” constituem as formulações do saber acerca dos aspectos econômicos, sociais, psicológicos e políticos de determinada época. Dessa forma, podem ser arbitrariamente inseridos ou omitidos quaisquer dados ou teses que contribuam para a elaboração do “percurso provável” de acordo com as relações de causa e efeito: as

¹⁰ As noções de neutralidade e objetividade científicas para determinação do Fato Social.

proposições condicionais. Se ocorrerem A, B e C, logo ocorrerá D. Se ocorrer A e B, e não C, ocorrerá E. Para Horkheimer, essa estrutura lógica presente na citada concepção de história é baseada nos termos da teoria tradicional.

Com efeito, esses processos (catalogação, acúmulo de material coletado, a classificação essencial e a teoria da possibilidade objetiva), característicos das ciências humanas modernas, estruturam um mecanismo de “enformação” (*Formung*) do saber, que necessariamente é organizado pelo sistema de hierarquização das hipóteses como em Descartes:

Os processos técnicos da idade burguesa são inseparáveis deste tipo de funcionamento da ciência. Por outro lado, os fatos tornam-se fecundos para o saber por meio deste funcionamento, o que tem utilização dentro das relações dadas. Por outro lado, o saber vigente é aplicado a fatos. Não há dúvidas de que tal elaboração representa um momento de revolução e desenvolvimento constantes da base material desta sociedade. Na medida em que o conceito da teoria é independentizado, como que saindo da essência interna da gnose (*Erkenntnis*), ou possuindo uma fundamentação a-histórica, ele se transforma em uma categoria coisificada (*Verdinglichte*) e, por isso, ideológica (HORKHEIMER, 1980, p.121).

Assim, Horkheimer (1980) salienta que o conhecimento existente, seus elementos de modificação teóricos bem como a aplicabilidade aos fatos, não tem origem exclusiva nas formulações essencialmente lógicas ou metodológicas (matemáticas), mas na relação destas com os nexos históricos materiais situados e objetivamente conectados com os amplos processos sociais reais. Em outros termos, a dinâmica social e suas implicações nos indivíduos, não podem ser explicadas apenas pela perspectiva da racionalização lógico/matemática, mas pelo esforço em compreender, como imanescentes às próprias relações, as contradições presentes no interior das determinações vigentes (dominantes). “Tanto quanto a influência do material sobre a teoria, a aplicação da teoria ao material não é apenas um processo intracientífico, mas também um processo social. Afinal a relação entre hipóteses e fatos não se realiza na cabeça dos cientistas, mas na indústria” (HORKHEIMER, 1980, p.122).

Os positivistas e os pragmáticos estão entre as mais recentes filosofias que buscam de algum modo associar os fundamentos teóricos aos processos sociais de existência. Com efeito, partem do pressuposto de que a ciência tem o dever, bem como todas as condições operacionais, de previsão e utilização dos resultados no que diz respeito à investigação da atividade humana nos moldes das ciências naturais: a criação da *física social* na perspectiva da *filosofia positiva*:

Sem dúvida, ao tomar o conjunto completo de toda a sorte dos trabalhos da espécie humana, deve-se conceber o estudo da natureza, destinando-se a fornecer a verdadeira base racional da ação homem sobre ela. O conhecimento das leis dos fenômenos, cujo o resultado constante é fazer com que sejam previstos por nós, evidentemente pode nos conduzir, de modo exclusivo, na vida ativa, a modificar um fenômeno por outro, tudo isso em nosso proveito. Nossos meios naturais e diretos para agir sobre os corpos que nos rodeiam são extremamente fracos e inteiramente desproporcionados às nossas necessidades. Todas as vezes que chegamos a exercer uma grande ação, é somente porque o conhecimento das leis naturais nos permitem introduzir, entre as circunstâncias determinadas sob a influência das quais se realizam os diversos fenômenos, alguns elementos modificadores que, em que pese a sua própria fraqueza, bastam, em certos casos, para fazer reverter, em nosso proveito, os resultados definitivos do conjunto das causas exteriores. Em resumo, ciência, *daí previdência; previdência, daí ação*: tal é a fórmula muito simples que exprime, duma maneira exata, a relação geral da *ciência* e da *arte*, tomando essas duas expressões em sua acepção total (COMTE, 1983, p.23).

O elemento paradoxal da atividade científica do positivismo em seu objetivo de desvelar a complexidade da vida humana, segundo Horkheimer (1980), reside na divisão social do trabalho que separa ou dissocia a atividade científica das pretensões sociais do cientista acerca da sua própria profissão. “O cientista e sua ciência estão atrelados ao aparelho social, suas realizações constituem um momento da autopreservação e da reprodução continua do existente, independentemente daquilo que imaginam a respeito disso” (HORKHEIMER, 1980, p.123). A teoria, nesse sentido, é o *enquadramento dos fatos* aos conceitos que são previamente organizados para “conceber e classificar”.

No contexto da resenha literária audiovisual, houve um flagrante esforço, pode-se dizer até fraudulento, em operacionalizar uma espécie de *enquadramento dos fatos* em relação à vida e posição política de Orwell. O atual recorte publicitário de *A Revolução dos Bichos* – cuja origem remonta às agências anticomunistas estadunidenses e inglesas durante a Guerra Fria – ainda insiste na seleção cirurgicamente determinada de o que “deve ser dito” e o que “deve ser silenciado” sobre a obra. O que se diz, ou seja, o “fato”: obra absolutamente contrária a todas as formas de socialismo, esquerdismo, comunismo e anarquismo em favor da liberdade somente possível no “liberalismo econômico do capitalismo”. O que se omite deliberadamente: que Orwell se declarava socialista e, nesta condição, criticou tanto o conservadorismo econômico britânico, quanto o regime totalitário stalinista que, segundo ele, deturpou o socialismo. A propaganda que apostou na separação forçada entre o que Orwell escreveu e seu ativismo político parece compartilhar da ideia do cientista que diferencia suas

pretensões sociais das profissionais. Segundo esta concepção, os “experimentos” soviético, cubano, norte-coreano e venezuelano “comprovaram” a propaganda: o socialismo malogrou por onde passou e *A Revolução dos Bichos* é um mero apêndice intelectual que a confirma. Segundo Nobre (2013):

O modelo tradicional de teoria separa o cientista social do agente social que ele também é, ou seja, separa o observador de relações sociais do membro de uma sociedade concreta. Separa rigidamente, portanto, a *observação* da sociedade de uma *avaliação* da observação feita, ou seja, separa, de um lado, a descrição de como funciona a sociedade e, de outro, os valores próprios a cada cientista como agente social (NOBRE, 2013, p. 43)

Assim disposto, os fatos são adequados à situação teórica por meio do experimento, que permite a qualquer pessoa familiarizada com a metodologia racionalista (que se aplica ao positivismo), manejar os objetos ao seu proveito e interesse científico. “O material em fatos, a matéria, é fornecida de fora” (HORKHEIMER, 1980, p.123).

Dessa forma, ao positivismo não é incomum a dualidade entre pensar e ser, entre entendimento e percepção, ao passo que sua atividade teórica se articula em três procedimentos: o registro, a modificação da forma e a racionalização total do saber acerca dos fatos. A crítica de Horkheimer ao positivismo alude o aspecto heterônomo da atividade científica do pensamento e doutrina positiva em relação ao objeto social investigado. A divisão social do trabalho do cientista, para o positivismo, estabelece que a atividade do cientista caminha paralela e separadamente das demais atividades sociais. Não fica claro a conexão entre a “física social” e o conjunto das demais atividades que compõem o social. Isso evidencia o caráter fragmentário e de isolamento sob as quais são realizadas as pesquisas na perspectiva positivista ao passo que anuncia a submissão à ordem vigente, ou seja, ao imediato como resultado das “particularizações da maneira como a sociedade se defronta com a natureza e se mantêm nas formas dadas” (HORKHEIMER, 1980, p.123). Ciência e teoria, nesses termos, têm algum significado apenas em seu isolamento que falsamente se desenvolvem com autonomia e liberdade. Ao contrário, ao pressupor em seu trabalho de observação a neutralidade e a objetividade quase absolutas, confirmam a irreconciliação entre conceito e objeto, entre indivíduo e sociedade, entre a teoria e a prática. Consequentemente, reafirmam o estado atual das condições sociais como mecanismo de reprodução sob a ordem da “marcha do progresso” entendida como rumo natural incondicional da humanidade, a despeito das

idiosincrasias dos indivíduos e das condições materiais objetivas de articulação política de sua existência comum. Sem se interessar pelas contradições do próprio processo de divisão do trabalho científico e sua importância para a determinação das relações sociais, no positivismo “a aparente autonomia nos processos de trabalho, cujo decorrer se pensa provir de uma essência interior ao seu objeto, corresponde a ilusão de liberdade dos sujeitos econômicos na sociedade burguesa” (HORKHEIMER, 1980, p.123). A teoria tradicional, com efeito, impõe em seus termos uma concepção de mundo que existe e que deve ser aceita: a ciência como forma acabada do pensamento racionalista a serviço da dominação da natureza e do homem.

Embora essa tendência seja, via de regra, o pressuposto geral que orienta os rumos de boa parte das ciências naturais e sociais, Horkheimer (1980) afirma que há um modo de compreender a sociedade que procura fazer emergir suas contradições e problemas por estes não serem meros “acidentes temporais” frutos da insuficiência do pensamento, seja elaborando teoria ou aplicando-a a fatos, mas pela admissão honesta do sentido imanente que subjaz ao mundo: os inconvenientes presentes na sociedade são elementos característicos de sua lógica interna e sua possível superação somente poderá ser vislumbrada ao ser colocado em evidência suas raízes mais profundas, pelo exame minucioso de seus próprios termos e se há um desdobramento concreto, ou seja, objetivo das pressuposições no mundo, ou ao contrário, se existe um abismo entre ambas. O que está em jogo é a relação dialética entre indivíduo e sociedade.

Em regra geral o indivíduo aceita naturalmente como preestabelecidas as determinações básicas de sua existência, e se esforça para preenche-las. Ademais, ele encontra sua satisfação e sua honra ao empregar todas as suas forças na realização das tarefas, apesar de toda a crítica enérgica que talvez fosse parcialmente apropriada, cumprindo com afã a sua parte. Ao contrário, o pensamento crítico não confia de forma alguma nesta diretriz, tal como é posta à mão de cada um pela vida social. A separação entre indivíduo e sociedade, em virtude da qual os indivíduos aceitam como naturais as barreiras que são impostas a sua atividade, é eliminada na teoria crítica, na medida em que ela considera ser o contexto condicionado pela cega atuação conjunta das atividades isoladas, isto é, pela divisão dada do trabalho e pelas diferenças de classe, como uma função que advém da ação humana e que poderia estar possivelmente subordinada a decisão planejada e a objetivos racionais (HORKHEIMER, 1980, p.130)

Entre outros temas, a Teoria Crítica se ocupou da questão paradoxal que envolveu o século XX: mesmo com todo o desenvolvimento técnico científico, racional, estético, político e moral orientados pelas teses iluministas, como o horror, a guerra, a barbárie e a destruição humana sistematicamente planejada foram possíveis? Como

podem caminhar, lado a lado, as condições materiais e espirituais para o pleno desenvolvimento da atividade humana e o empenho em criar amplas e terríveis formas de aniquilação da vida? Não se buscam teses fixas ou conceitos demasiadamente inflexíveis com o pensamento crítico, mas a constatação acerca do modo como estão separadas as atividades dos indivíduos de suas concepções particulares de mundo e como isso pode revelar a alienação a que estão submetidos por tratarem o mundo como um conjunto de objetos e fatos exteriores. A profissão do cientista, por exemplo, no contexto do capitalismo que de antemão estabelece os critérios das atividades úteis e inúteis, tem algum valor quando não se esforça para elucidar as contradições do modo de organização social burguês, mais sim em reafirmar e reproduzir o que já está estabelecido como dado.

A alienação que se expressa na terminologia filosófica ao separar valor de ciência, saber de agir, como também outras oposições, preservam o cientista das contradições mencionadas e empresta ao seu trabalho limites bem demarcados. Um pensamento que não reconheça esses limites parece perder suas bases. [...] Para os representantes deste comportamento (crítico), os fatos, tais como surgem na sociedade, frutos do trabalho, não são exteriores no mesmo sentido em que os são para o pesquisador ou profissional de outros ramos, que se imagina a si mesmo como pequeno cientista (HORKHEIMER, 1980, p.130).

Os fatos são construções decorrentes do universo do trabalho, logo não são exteriores à profissão do cientista ou de qualquer outro indivíduo e seu ramo profissional. O isolamento dos fatos em relação à atividade do indivíduo subsume a compreensão do dado à fragmentação do “pensamento especializado” o que desconecta a percepção das relações que compõe a totalidade social. Esta condição limita as possibilidades de transformação ampla, uma vez que obscurece os nexos históricos e materiais, portanto modificáveis, do *status quo*, ou, em outros termos, da *práxis* social.

A tese cartesiana em separar em partes o quanto possível um problema para melhor compreender suas relações ao todo, resultou na formação de um conglomerado de nichos autossuficientes e incomunicáveis de saberes especializados de si mesmos, mas ignorantes no interior da totalidade social. O descompasso entre o todo e as partes pode ser percebido pelo modo como são compreendidos a natureza das mazelas: a causa é local, ou seja, o peso do mundo repousa sobre os ombros dos indivíduos, e não parece decorrer do modo sistemático e racionalizado em que se sustenta a economia do capital.

O especialista “enquanto” cientista vê a realidade social e seus produtos

como algo exterior e “enquanto” cidadão mostra o seu interesse por essa realidade através de escritos políticos, de filiação a organizações partidárias ou beneficentes e participação em eleições, sem unir ambas as coisas e algumas outras formas suas de comportamento, a não ser por meio da interpretação ideológica. Ao contrário, o pensamento crítico é motivado pela tentativa de superar realmente a tensão, de eliminar a oposição entre consciência dos objetos, espontaneidade e racionalidade, inerentes ao indivíduo, de um lado, e as relações do processo de trabalho, básicas para a sociedade, de outro. O pensamento crítico contém um conceito de homem que contraria a si enquanto não ocorrer esta identidade. Se é próprio do homem que seu agir seja determinado pela razão, a *práxis* social dada, que dá forma ao modo de ser (*Dasein*), é desumana, e essa desumanidade repercute sobre tudo o que ocorre na sociedade (HORKHEIMER, 1980, p.132)

A razão enquanto *práxis* social dada remete ao clássico conceito grego de razão: a capacidade de ordenar e organizar a realidade através da harmonia matemática do *Logos* (argumentos e lógica)¹¹, engendrada por meio dos mecanismos de mensuração, calculabilidade e medição. Esta racionalidade ordenadora da vida não admite em seus termos as contradições, sejam lógicas ou existenciais (as mazelas e a barbárie, por exemplo), como variante interna. Pode-se concluir, então, que ainda permanecem irreconciliados o indivíduo e sua sociedade. O pensamento que se agarra ao modelo de saber enquanto sinopse de fatos ainda não dominados é insuficiente para articular as contradições que lhe são inerentes e, conseqüentemente, tende a associar estas contradições a objetos exteriores aos próprios fatos. Contudo, no interior dos próprios “fatos ainda não dominados” existem intercâmbios elaborados pelos homens que servem de lastro no qual o comportamento crítico se instala e torna evidente a fratura do sistema: as relações de trabalho e seus desdobramentos na história compreendidos como um prolongamento da natureza, cuja promessa de satisfação e felicidade não se realizaram. “Essa exterioridade não é contudo uma categoria supra-histórica ou eterna – isso também não seria a natureza no sentido assinalado aqui –, mas sim o sinal de uma impotência lamentável, e aceitá-la seria anti-humano e anti-racional” (HORKHEIMER, 1980, p. 132).

O caráter anti-humano do pensamento burguês se desenvolve em dois sentidos opostos. Por um lado, assume a essência abstrata de um ego autônomo que se assume *princípio do mundo*, e como tal, regula todas as ações para as quais, em última instância, a ele convergem. Individualidade e mundo são uma única e mesma extensão, cuja lei racional do cálculo estabelece tudo no seu devido lugar. Por outro lado, e ao

¹¹ No capítulo III desta tese a questão da oposição entre razão e opinião – a experiência primeira – encontra-se sinteticamente discutida a partir do conceito de *Obstáculo Epistemológico* de Gaston Bachelard (2016).

contrário da individualidade reguladora, o pensamento burguês se coaduna em uma espécie de coletividade restritiva: a ideologia da raça, do partido político, da religião, entre outros exemplos. O engodo não refletido em ambas as posições harmoniza a tensão e aponta para uma coesão social na qual o discurso de “nós”, do “povo”, da “nação”, atenua o asco em conviver com o *outro*, o diferente – aquele escolhido para ser o que está “fora do grupo” – o *outsider*. Estas hipóteses, que serão ampliadas nos capítulos seguintes, fundamentaram decisivamente a especulação que permitiu a construção das categorias de análise “texto de leitura fácil” e “socialista de rara lucidez”, utilizadas para tensionar o conteúdo da resenha audiovisual e, sobretudo, os comentários dos usuários.

A saturação desses modos de comportamento no caldo cultural produz as condições objetivas reais que permitem reunir os elementos que consagram uma única maneira de conceber o mundo: um modelo absoluto, mesmo que seja à custa do extermínio em massa de pessoas, como pôde ser testemunhado nos campos de concentração nazistas. O pensamento crítico, por sua vez, nega ambas as perspectivas descritas acima:

Ele não tem a função de um indivíduo isolado nem a de uma generalidade de indivíduos. Ao contrário, ele considera conscientemente como sujeito a um indivíduo determinado em seus relacionamentos efetivos com outros indivíduos e grupos, em seu confronto com uma classe determinada, e, por último, mediando por este entrelaçamento, em vinculação com o todo social e a natureza (HORKHEIMER, 1980, p. 132)

O “eu burguês” ignora o sujeito como construção do presente histórico ao passo que sustenta, como saber absoluto, o *sujeito do conhecimento* (cartesiano) enquanto nodo fundamental onde se formam o sujeito e o objeto. Para Horkheimer (1980), pensar o sujeito nesses termos é ideologia. Supor liberdade e autonomia em um indivíduo que mantém uma relação de exterioridade com o mundo e com o outro demonstra um contrassenso, ou seja, revela a faceta irracional da racionalidade moderna: a negação do processo histórico concreto imanente ao desenvolvimento humano. “A suposição da invariabilidade social da relação sujeito, teoria e objeto distingue a concepção cartesiana de qualquer tipo de lógica dialética” (HORKHEIMER, 1980, p. 133).

Sobre a lógica dialética, na obra *Introducción a la Dialéctica* Adorno (2013) elaborou vinte lições que contextualizam a gênese do pensamento dialético, a partir de Platão e da filosofia clássica grega, até a sua crítica ao modelo hegeliano. Esse trabalho

o conduziu, de certa forma, para a consolidação de sua grande obra, a *Dialética Negativa* (ADORNO, 2009).

Segundo Adorno (2013), a dialética é o exercício de crítica imanente ao objeto pensado. Para situar esse conceito, inicia-se um paralelo histórico dos rumos metodológicos de algumas escolas de pensamento filosófico. Para Platão, a dialética é uma *disciplina do pensar* com a qual o sujeito não sucumbe vítima das manipulações retóricas dos sofistas. O saber contemplativo, logo, separado das coisas, pressupõe, com efeito, a exigência de saber sobre algum tema como condição para elaboração de considerações razoáveis acerca de um objeto ou assunto. Nessa medida, o conceito de dialética era correlato ao conceito de método filosófico, ou seja, é um método *de* pensar. Enquanto doutrina, procura ordenar corretamente os conceitos de modo a ascender de concreto (material/sensível/mutável), aos conceitos universais (Ideia/Forma/pensamento imutável). A dialética adorniana se opõe a esse modo de elaboração metodológico-conceitual, por perceber na concepção clássica um processo que solapa o concreto em função de uma elaboração abstrata de verdade, pensada separada e superior em relação ao mundo da existência (dos entes).

A mediação através da *dialética negativa* manifesta, no trabalho do teórico crítico, uma preocupação fundamentalmente ética diante do objeto: o filósofo e o cientista devem fazer justiça ao *ente* observado – o conceito não deve enformar o objeto. Dito de outro modo, o pensamento não pode violentar a coisa pensada. A relação entre lógica e justiça, para Adorno (2013), somente pode ser levada a cabo mediante a concepção de imanência do objeto, que recusa a oferta de uma explicação a reboque, externa, transcendente no sentido de uma conceituação contemplativa que separa teoria e prática, conceito e objeto.

A subdivisão dos conceitos universais, na perspectiva clássica de dialética, envolve a formulação de dois problemas epistemológicos. No primeiro, a lógica de criação de conceitos está associada à aprendizagem dos meios para ordenar e organizar as categorias como é feito pelas ciências biológicas – um sistema de classificação tal como o de Aristóteles. Para Adorno (2013), ao contrário, na dialética a lógica conceitual deve obedecer à “necessidade” do objeto, ou seja, o conceito se adequa à coisa e não a força a se ajustar arbitrariamente a um esquema. O segundo problema epistemológico consiste em *verificar* se os dados empíricos coincidem ou não com a formulação teórica dos conceitos. Segundo Jay (2008), “a Escola de Frankfurt ansiava por usar métodos empíricos para enriquecer, modificar e respaldar (embora nunca propriamente verificar)

suas hipóteses especulativas” (JAY, 2008, p. 284).

Para a filosofia clássica, há antagonismo entre a Natureza (material/mutável/mundo dos entes) e o Universal (pensamento/mundo das essências eternas/ideias ou formas imutáveis). A “ontologia dialética”, nos termos de Adorno (2013), tende à potencialidade crítica concreta: caracteriza-se como um pensar que não se conforma com a ordem conceitual, mas sim leva a cabo o esforço de corrigir esta mesma ordem conceitual (vigente) através do *Ser* dos objetos:

Aquí está el nervio vital del pensar dialéctico, el momento de la contraposición. La dialéctica es lo opuesto de eso que uno se imagina como tal: no es un mero arte de la operación, sino la tentativa de superar la manipulación meramente conceptual, de lidiar en cada nivel con la tensión entre el pensamiento y eso que le es subyacente. La dialéctica es el método del pensar que no es tan solo método, sino la tentativa de superar la mera arbitrariedad del método y la de hacer ingresar también en el concepto eso que no es concepto (ADORNO, 2013, p. 35)

Ao fazer “ingressar no conceito o que não é conceitual”, ou seja, manter em jogo a antítese, a dialética negativa tende a colocar as contradições envolvidas na construção de um conceito em movimento, tensionando-o no seu elemento de não-identidade. O objetivo latente é atravessar a “fachada” do mundo, as aparências. Com efeito, a filosofia consiste no esforço para superar as representações inculcadas (hábitos, crenças, costumes), opondo-se, nessa medida, ao que se apresenta como saber estático. Ao colocar as contradições em movimento, o pensamento dialético negativo faz explodir o sistema de pensamento estruturado pela lógica formal (fechado), para fazer surgir a constelação de conceitos (aberto) – a coisa movimenta o conceito e, por ser desconhecido até onde vai a profundidade do pensamento, a dialética necessariamente deve ser exagerada, radical. A mediação entre lógica, ética e estética não é mais sistemática, mas temática.

Em concordância com a argumentação de Horkheimer (1980), Adorno (2013) afirma que a dialética procura superar o pensamento moderno que de algum modo se sustenta por categorias universais ou métodos lógico-formais, como é o positivismo. Embora este defenda que a ciência, como pensamento positivo, superou a metafísica e suas abstrações, a sua estrutura permanece sistêmica, ao condicionar à ideia de progresso natural e incondicional, o modo como as condições objetivas de existência se dão no mundo real, como se as ações singulares dos indivíduos nada pudessem fazer diante da história dos acontecimentos. “El positivismo es un elemento de la dialéctica y

no una visión de mundo” (ADORNO, 2013, p. 36). Enquanto para o positivismo o objeto deve ser controlado mediante uma relação autoritária entre sujeito e objeto, para Adorno (2013) o objeto deve ser a medida do pensamento. O conceito se adequa ao objeto examinado. O pensamento que se absolve de continuar a pensar a si mesmo se converte em “refém do método”. A verdade para a dialética possui um núcleo temporal cujo *Ser*, que é a concretização do objeto, deve ser interpretado como “sendo”, ou seja, à existência que condiz ao movimento – sua historicidade.

Uma das grandes lições que se pode aprender com Hegel é que a verdade não é estática. Ao romper com o paradigma da inércia do universal, a filosofia não parece se interessar pela busca dos princípios das coisas. Pensar o objeto através da mediação é tentar, mesmo que de modo precário e insuficiente, abarcar a sua totalidade: pensar em um conceito envolve conhecer seus contraditórios, ou seja, o conceitual e o não-conceitual. Adorno (2013) afirma que Hegel reconheceu que toda determinação é uma redução do universal no singular – condição necessária para a construção conceitual que nada mais é do que a limitação do objeto, bem como do sujeito que o pensa (necessidade imanente). O conceito trai a realidade imanente do objeto por não ter condições de mediá-lo em sua ampla determinação. Contudo, é o modo pelo qual o pensamento interpreta o real. Assim, pode-se perceber a totalidade das coisas, e esta totalidade, enquanto mediada por conceitos, deve ser o lastro a partir do qual a crítica dialética movimentada as contradições sociais, para evitar a tentação dos argumentos que tendem ao relativismo absoluto. Uma vez que a realidade não é completamente cognoscível, tão pouco estática, a dialética a toma como referência, o que não significa que ela será realizável¹².

Nesse contexto, e após a breve contextualização da dialética, como poderia ser a relação entre o pensamento e a experiência concreta? Horkheimer (1980) salienta que a teoria crítica é acusada de manter viva a ilusão das teorias utópicas, sob a desconfiança de que o rigor das construções do pensamento não é, em última instância, passível de aplicabilidade no mundo concreto, como pretendem ser as ciências particulares. Este é o típico pensamento que compreende o mundo de forma fragmentada e, por isso, exige a

¹² Segundo Horkheimer, “através do movimento oposto de épocas e forças progressistas e retrógradas tende o processo de trabalho a preservar, elevar e desenvolver a vida humana. Nas formas históricas do modo de ser da sociedade, o excedente de bens produzidos na etapa alcançada beneficiou diretamente apenas um pequeno grupo de seres humanos, e essas condições de vida manifestaram-se também no pensamento e deixaram a sua marca na filosofia e na religião. No fundo sempre existiu o anseio de estender o desfrute à maioria; apesar de toda a conveniência material da organização de classe, todas as suas formas no fim se mostraram inadequadas” (HORKHEIMER, 1980, p. 133).

máxima especialização para dar conta de todas as partes isoladas, tal como ocorre na divisão social do trabalho.

A economia burguesa estruturou-se de tal forma que os indivíduos, ao perseguirem a sua própria felicidade, mantenham a vida da sociedade. Contudo essa estrutura possui uma dinâmica em virtude da qual se acumula, numa proporção que lembra as antigas dinastias asiáticas, um poder fabuloso, de um lado, e, do outro, uma impotência material e intelectual. A fecundidade original dessa organização do processo vital se transforma em esterilidade e inibição. Os homens renovam com seu próprio trabalho uma realidade que os escraviza em medida crescente e os ameaça com todo tipo de miséria. A consciência dessa oposição não provém da fantasia, mas da experiência. [...] O desemprego, as crises econômicas, a militarização, os governos terroristas e o estado em que se encontram as massas, tal como os produtores vivenciam a todo instante, não se baseiam de forma alguma na limitação do potencial técnico, como poderia ter ocorrido em épocas anteriores, mas sim nas condições inadequadas da produção atual (HORKHEIMER, 1980, p. 134)

A experiência orientada pela perspectiva crítica, mostra que o progresso, ou melhor, o mito em torno deste, não dirigiu a produção dos meios para a manutenção da vida a favor da coletividade, mais sim para um pequeno grupo de indivíduos e seus interesses particulares. Essa forma de propriedade dominante oriunda da economia burguesa ampliou em escala jamais vista a miséria que é submetida a coletividade. Sua premissa elementar tende a persuadir os indivíduos a defenderem a tese progressista de que repousa exclusivamente sobre cada ser isolado o cuidado de si, bastando-se como sujeito autossuficiente a despeito das forças mantenedoras do capital que os exploram em sua atividade proletária. “Devido a sua situação na sociedade moderna, o proletariado vivencia o nexa entre o trabalho que dá aos homens, em sua luta com a natureza, ferramentas cada vez mais poderosas, por um lado, e a renovação constante de uma organização obsoleta, que o faz cada vez mais miserável e impotente, por outro” (HORKHEIMER, 1980, p. 134).

Ao inquirir sobre a presente condição em que se encontram os indivíduos, o intelectual crítico não deve pressupor que a autoconsciência da exploração motive o proletariado à busca pela liberdade e pela emancipação como classe isolada, pois do contrário, a teoria crítica se converteria em psicologia social e não se diferenciaria das ciências especializadas. No bojo da crítica das mazelas está o horizonte de um futuro que envolva a transformação qualitativa da sociedade, cujo objetivo deveria ser a garantia de uma vida digna para todos. A teoria e a atividade específica do teórico convergem diante do exercício de elucidação das contradições não somente como aporte que situa uma realidade histórica concreta, como também estimula uma série de novas

associações que permitam a elaboração de um futuro melhor. A teoria crítica se opõe às premissas elementares da teoria tradicional, não por estas se empenharem em quantificar o mundo, mas por fazer dessa escolha a única possível e a que basta para manter o pleno funcionamento da sociedade, a despeito de toda a intransparência acerca da satisfação das necessidades coletivas. A crítica é dirigida à falsa harmonização social que a ciência atribui a si mesma, ao tratar dos temas sensíveis às relações humanas por meio das vozes dos especialistas como os antigos oráculos que salvaguardam a lógica operacional do sistema. Não basta ao crítico mostrar as contradições e as causas da barbárie, seu projeto de transformação social possui outros obstáculos no interior da própria “classe letrada instruída”. Há um “aparelho intelectual” a ser questionado: “os sistemas conceituais do entendimento ordenador, as categorias, nos quais são registrados o inerte e o vivo, assim como processos sociais, psicológicos e físicos, a classificação dos objetos e juízos nas diversas disciplinas dos ramos particulares do conhecimento” (HORKHEIMER, 1980, p. 137). Este é o contexto da consciência geral que é objeto de exame do teórico crítico e que orienta sua atenção na perspectiva de retirar do próprio objeto social os sentidos para a transformação da realidade em oposição ao que é apresentado como dado. Com efeito, a violência contra qualquer possibilidade de mudança posiciona os interesses sociais em jogo, e estes acusam a teoria crítica de ser um pensamento deliberadamente especulativo e, por isso, irrealizável:

A teoria que impulsiona a transformação do todo social tem como consequência a intensificação da luta com a qual está vinculada. Também quando alguns melhoramentos materiais eclodem da elevada força de resistência de determinados grupos, que surgem indiretamente da teoria, não se trata de setores da sociedade, de cuja expansão contínua resultaria a nova sociedade. Todas as representações sobre esse tipo de crescimento paulatino desconhecem a diversidade fundamental de um todo social dividido, no qual o poder material e ideológico tem a função de manter os privilégios contra a associação de homens livres, na qual cada um tem as mesmas possibilidades de desenvolvimento. Esta ideia se diferencia da utopia pela prova de sua possibilidade real fundada nas forças produtivas humanas desenvolvidas (HORKHEIMER, 1980, p. 138)

A especulação filosófica empreendida pelo teórico crítico tem origem na tentativa de compreensão do presente, ao questionar o sentido histórico que permitiu o desenvolvimento do pensar utópico. O futuro desejado é o outro lado de um presente arruinado, pensado dialeticamente. Desse modo, não seria exatamente a crença cega ou ingênua de sua efetivação concreta, mas um processo que ilumina aos olhos críticos os

entraves que impedem sua realização. “Cabe ao teórico introduzir essa tenacidade nos grupos mais avançados das camadas dominadas, pois é justamente dentro dessas camadas que esses grupos se encontram ativos” (HORKHEIMER, 1980, p. 139).

Ao se opor aos teóricos da classe dominante, o teórico crítico se depara com os mais diversos mecanismos que procuram paralisar o seu trabalho: considerado inimigo e criminoso pela “sociedade”, alienado do “mundo real” e “utopista” irresponsável. Nem mesmo após a morte seu pensamento será alocado pela função classificadora da teoria tradicional, sem a prévia censura do clichê de fantasia utópica. A resistência a este preconceito cabe aos outros críticos em sua tarefa de registrar e manter vivo o significado histórico do trabalho especulativo do pensamento da teoria crítica. Afinal, “sempre que transformações sociais estavam prestes a ocorrer, as pessoas que pensavam “demais” foram consideradas perigosas. Isso nos leva ao problema da *intelligentsia*, na sua relação com a sociedade como um todo” (HORKHEIMER, 1980, p. 140).

A inclinação para prover os meios que possam garantir a preservação imediata da vida humana não basta a si mesma se em sua lógica interna o teórico tradicional buscar, pela descrição dos efeitos a partir dos experimentos empíricos, as causas prévias e arbitrariamente estabelecidas no julgo da existência. Sob o prisma das mais avançadas ferramentas experimentais da ciência tradicional, a capacidade de pensar as fissuras do corpo social se converte em perda de esforço intelectual, uma vez que as circunstâncias e métodos estão previstos no horizonte teórico enquanto sistema. As experiências boas e más, ora classificadas, delimitam o ambiente de investigação possível e adequado para manter as coisas como estão, pois o “progresso natural” em curso, assimilará todas as adversidades problemáticas (as mazelas). O teórico crítico admite que a gnose da teoria tradicional bem como seus processos experimentais compõem a teoria e a *práxis* crítica, contudo, “no que se refere a transformação essencial, inexiste a percepção concreta correspondente enquanto essas transformações não ocorram de fato. Se o teste do pudim é comê-lo, então está claro que ainda está por vir” (HORKHEIMER, 1980, p. 139).

Para Horkheimer, o interesse elementar de todo teórico tende ao desenvolvimento de uma sociedade sem exploração. O conflito, no entanto, independe da classe a que o teórico pertence, ou seja, não se restringe aos menos afortunados economicamente. Em outros termos, é o elemento formal da educação e não o conteúdo dos fatos da teoria ou a origem da renda que determinam a posição do teórico no âmbito das contradições sociais e o modo como ele as percebe: a *intelligentsia* burguesa.

A possibilidade de uma visão maior, não como a dos magnatas industriais que conhecem o mercado mundial e dirigem países inteiros por trás dos bastidores, mas a visão de professores universitários, funcionários públicos, médicos, advogados, etc., deve constituir uma *intelligentsia*, ou seja, uma camada social especial ou mesmo uma camada supra-social. O caráter essencial desse conceito sociológico será o pairar sobre as classes, uma espécie de qualidade excepcional da *intelligentsia*, da qual ela se orgulha; enquanto que a tarefa do teórico crítico é superar a tensão entre a sua compreensão e a humanidade oprimida, para a qual ele pensa. [...] Não existe teoria da sociedade nem mesmo a teoria do sociólogo generalizador, que não inclua interesses políticos, e por cuja verdade, ao invés de manter-se numa reflexão aparentemente neutra, não tenha que se decidir ao agir e pensar, ou seja, na própria atividade histórica concreta. É inconcebível que o intelectual pretenda previamente realizar, ele próprio, um trabalho intelectual difícil, para só depois poder decidir metas e caminhos revolucionários, liberais ou fascistas. [...] O conceito abstrato, fixado como categoria sociológica, de uma *intelligentsia* que, além de tudo, deve preencher funções missionárias, faz parte, segundo a sua estrutura, da *hypóstasis* da ciência particular. A teoria crítica não está nem “enraizada” como a propaganda totalitária nem é “livre-flutuante” como a *intelligentsia* liberal (HORKHEIMER, 1980, p. 140-141)

Ao pensar sobre a formulação das proposições que fundamentam os conceitos universais da teoria tradicional, Horkheimer (1980) afirma que ocorre uma pretensão em englobar na teoria, todos os fatos de um determinado campo. Categorias generalizantes, como “ser humano”, pressupõem, como nos conceitos da física e da biologia, uma hierarquia de gêneros e espécies que subsume os fatos (espécie ou exemplares) à categoria correspondente (gênero) como casos isolados que não detêm qualquer poder de transformação essencial do núcleo imutável da categoria. Os fatos são realizações concretas da teoria e estão absolutamente a ela subordinados. Uma vez administradas, tais categorias universais funcionam como “mapas sociais”, e, os fatos, subprodutos ou efeitos que demandam atualização, ou seja, passam pelo tratamento de assimilação social que os situa na ordem sistêmica do mapeamento original (teoria). O mundo em si não muda, apenas ocorrem situações ainda não administradas, mas previsíveis e passíveis de calculabilidade. Sob a influência do método analítico de Descartes, cada parte isolada do sistema tende a ser utilizada para explicá-lo enquanto especialidade, logo, cada ciência particular se responsabiliza em propor os fragmentos de conhecimento de seu próprio campo. Os teóricos tradicionais conduzem esses procedimentos crenes de sua autonomia e independência das influências políticas, econômicas e culturais.

O positivismo, sobretudo, faz dos fatos que compõem uma categoria um conjunto cristalizado e rígido de definições singulares sob o pressuposto de progresso, como sucessão ininterrupta e natural de eventos. Desse modo, toda referência às construções teóricas refletidas sobre as bases concretas da vida é ignorada, pois uma

categoria universal não sofre alterações em virtude das vicissitudes temporais imanentes às relações objetivas entre os sujeitos. “Esta lógica não está em condições de compreender que o homem se transforma e apesar disso permanece idêntico a si mesmo” (HORKHEIMER, 1980, p. 142). A história, para o positivismo, seria uma grande caixa dividida em compartimentos nos quais são colocados cronologicamente os conhecimentos humanos em escala ascendente de desenvolvimento. Por exemplo, a geometria de Descartes seria superior, mais adequada e avançada em relação à geometria euclidiana, uma vez que a primeira soluciona um vasto número de problemas impossíveis para a segunda. Não permanece nada de idêntico entre estas “geometrias” – de uma teoria salta-se para outra absolutamente diferente e independente. No mesmo sentido, o “ser humano” primeiro existe como “criança” para depois surgir, como se uma circunstância não se desdobrasse da outra, o “adulto”. A primeira etapa do “homem” é precária e limitada, a segunda, plenamente desenvolvida e independente da precedente.

A teoria crítica, ao investigar as bases da organização da sociedade ocidental moderna, necessariamente parte de formulações hipotéticas para iniciar as demonstrações do efeito regulador inerente ao modo de funcionamento do sistema de troca da economia burguesa. Contudo:

Se a realidade social é o resultado da ação humana, esta se dá, por sua vez, no contexto de estruturas históricas determinadas, de uma dada forma de organização social. Desse modo, o primeiro passo é o de investigar essas estruturas, de maneira que se descubram quais são as condições históricas determinadas em que se dá a ação (NOBRE, 2013, p. 44)

A partir do método da crítica da economia política de Karl Marx¹³, Horkheimer (1980) argumenta que o teórico crítico lança mão de categorias gerais básicas que são capazes de assimilar a realidade concreta¹⁴. Com efeito, não se limita ao mecanismo arbitrário de subsunção dos dados empíricos a conceitos previamente criados com o apoio metodológico da dedução ou da indução, tão pouco se apresenta como uma faceta especializada que recorta o real ao relacionar categorias gerais aos exemplares ou espécies. Voltada ao futuro, a teoria crítica relaciona os conhecimentos disponíveis bem

¹³ MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 288p.

¹⁴ Segundo Freitag (1990, p. 39): “Os conceitos marxistas de “mercadoria”, “valor”, “dinheiro”, “acumulação”, etc., podem funcionar como conceitos gerais aos quais uma realidade concreta pode ser assimilada”.

como as experiências humanas empreendidas para trazer à luz os impedimentos de uma existência livre de coerções e que possibilite o pleno desenvolvimento de todas as capacidades do sujeito. Esta proposta interdisciplinar de Horkheimer visa a articulação entre filosofia, sociologia, estética, economia, psicanálise, teoria do conhecimento e tantos outros saberes, com o objetivo de demonstrar que o agravamento das oposições sociais, que resultam em guerras e a toda sorte de barbáries, tem como base o modo de organização do sistema de economia de trocas do capitalismo, que revela em suas próprias contradições ou fissuras, as condições objetivas pelas quais poderá ser superado. Este, por sua vez, não consiste em um conjunto de categorias hipotéticas universais que se constituem atemporalmente. A dedução simples aponta sua origem existencial: da Europa para o restante do mundo.

Para Horkheimer (1980), em suma, a teoria tradicional descreve a realidade social baseada em *juízos categóricos* (hipotéticos), enquanto que a teoria crítica põe em relevo os *juízos existenciais*, ou seja, não procura expor as contradições por meio da “necessidade lógica”, mas sim pela “necessidade das próprias coisas”, que se evidenciam pelo exame dos próprios fatos, ou objetos, em movimento. Ao contrário, para os cientistas especializados, os “desvios” são exteriores e não essenciais à teoria, como é a doença para o médico (que pode curá-la), por exemplo. A questão é que, segundo a perspectiva crítica, o modo de organização do capitalismo – entendido como “natural” ou como uma “necessidade lógica” –, faz crer que seu desenvolvimento é fruto de um processo de acontecimentos determinados independentemente da ação dos indivíduos isolados.

Retomando o objeto de estudo, a análise dos comentários dos usuários da resenha audiovisual permite afirmar que a hipótese acima espanta por sua atualidade. Alguns usuários defendem religiosamente a competição e a livre iniciativa entre sujeitos completamente desiguais, como se estas condições não fossem obra da ação dos próprios homens sobre os outros. Toda e qualquer crítica a essa “ortodoxia” é desqualificada de antemão como “coisa de esquerdista”, paralisando o debate.

Esta sequência de acontecimentos somente poderia ser explicada pelas ciências especializadas que assumem cada fragmento social para enquadrá-los nas categorias gerais previamente estabelecidas. Esta lógica separa inevitavelmente sujeito e objeto.

A própria teoria do cientista especializado não toca de forma alguma o assunto com o qual tem a ver, a sujeito e o objeto são rigorosamente separados, mesmo que se mostre que o acontecimento objetivo venha a ser

influenciado posteriormente pela ação humana direta, o que é considerado também na ciência como um fato. O acontecimento objetivo é transcendente à teoria, e a necessidade do conhecimento consiste na independência deste face à teoria: o observador como tal não pode modificar nada no acontecimento. O comportamento crítico consciente faz parte do desenvolvimento da sociedade. A construção do desenrolar histórico, como produto necessário de um mecanismo econômico, contém o protesto contra esta ordem inerente ao próprio mecanismo, e, ao mesmo tempo, a ideia de autodeterminação do gênero humano, isto é a ideia de um estado onde as ações dos homens não partem mais de um mecanismo, mas de suas próprias decisões. O juízo sobre a necessidade da história passada e presente implica na luta para a transformação da necessidade cega em uma necessidade que tenha sentido. O fato de se aceitar um objeto separado da teoria significa falsificar a imagem, e conduz ao quietismo e ao conformismo. Todas as suas partes pressupõem a existência da crítica e da luta contra o estabelecido, dentro da linha traçada por ela mesma (HORKHEIMER, 1980, p. 145)

A crítica, com efeito, envolve a relação recíproca entre a necessidade da coisa e a vontade dos homens, que se movem rumo à necessidade de um acontecimento racionalmente dirigido. Assim, sua aplicação está diretamente condicionada ao esforço da atividade da experiência da vontade consciente do indivíduo. “O conceito de necessidade na teoria crítica é, ele mesmo, crítico; ele pressupõe o conceito de liberdade ainda que seja uma não existente” (HORKHEIMER, 1980, p. 146).

A teoria tradicional, ao estabelecer a necessidade lógica, pressupõe e “necessidade absoluta”, de modo que pensar na liberdade no contexto das condições históricas e materiais dadas de existência, se converte em resignação na *práxis*. Para Horkheimer (1980), a separação entre sujeito e objeto, indivíduo e sociedade, a impossibilidade de relação entre teoria e *práxis* como visão ampla de um todo orgânico e o fatalismo implícito ao conceito de necessidade, decorrem, do ponto de vista metodológico e gnosiológico, da permanência da concepção dualista cartesiana de mundo: a *hypóstasis* entre pensar e ser. “Esse dualismo é adequado à natureza e à sociedade burguesa, na medida em que ele próprio se iguala a um mecanismo natural” (HORKHEIMER, 1980, p. 147). A teoria crítica preocupa-se em superar a mentalidade desse dualismo, rompendo o nexo de uma sociedade pensada como natural e fechada em si mesma enquanto sistema lógico estruturado pelas relações de causa e efeito, cujos processos negam a participação efetiva do indivíduo singular: ser racional, neste sistema, é estar isolado e impotente, pois a forma social dada é concebida como imutável.

Na sua reflexão os homens se consideram meros espectadores, participantes passivos de um enorme acontecimento que talvez possa ser previsto, mas de forma alguma dominado. Não conhecem necessidades no sentido de

ocorrências que são impostas por alguém, mas apenas aquelas que são pré-calculadas com probabilidade. [...] É necessário relacionar todas as teorias existentes às tomadas práticas de posição e às camadas sociais correspondentes. O sujeito se safá, pois não tem outro interesse senão a ciência (HORKHEIMER, 1980, p. 147)

A opinião pública suspeita da “atividade modificadora” conduzida pelo teórico crítico. A negação das categorias cujas bases sustentam a *práxis* social – seja por questionar os recursos metodológicos de registro e de classificação, ou ao propor transformação das condições de existências impostas como dadas – encontra adversários não apenas entre os dominadores, como também, entre os dominados. Estes, pelo temor em constatar a superfluidade de sua acomodação ao real; aqueles, pela desconfiança de toda autonomia intelectual. “A tendência de se conceber a teoria como oposto à positividade é de tal força que inclusive a inofensiva teoria tradicional é às vezes atingida por isso” (HORKHEIMER, 1980, p. 147). A consequência de tudo isso, amiúde, é que devido à ocupação da teoria crítica com as questões humanas e em decorrência de todo o esforço intelectual que esta demanda exige, a teoria geral não está livre de censura, e recebe preconceituosamente a alcunha de atividade ociosa contrária e na contramão do progresso e do trabalho. A ciência é “usada”, pela classe dominante, como critério de verdade indiscutível para a afirmação do *status quo*, ou seja, um uso ideológico que tende a fazer da ciência, em sua especificidade, um ambiente hermético e restrito a uma elite letrada e culta, por um lado, e um instrumento de propaganda a serviço do convencimento e da conformação, por outro. Uma resignação de natureza religiosa.

Também qualquer outro enunciado científico que não faça referência a fatos nas categorias usuais e mesmo nas formas mais neutras possíveis, nas formas da matemática, são acusadas de ser “teóricas demais”. Essa atitude positivista não precisa ser necessariamente hostil ao progresso. Se, diante do agravamento dos conflitos de classe nas últimas décadas, a classe dominante tem que confiar cada vez mais no aparato real de poder, a ideologia constitui um elemento unificador da enorme estrutura social que não pode ser subestimado (HORKHEIMER, 1980, p. 148)

Com efeito, é justamente a ideologia da neutralidade e da objetividade científicas a que se apega a propaganda geral em defesa da imutabilidade da economia burguesa, considerada o “fim último” do desenvolvimento dos meios de subsistência humana. A questão que se apresenta, nesse sentido, é como a teoria tradicional articulará suas proposições gerais para dar conta das transformações da própria estrutura

reguladora da economia, ou seja, do capitalismo, e, principalmente, da degradação dele resultante? Ao se retirar os elementos especificamente delimitados para o exame – tal como procede no pensamento orientado pela necessidade lógica com o objetivo de realizar a comparação entre os efeitos práticos dos processos na história –, inevitavelmente surgirão as indesejadas contradições, que somente poderão ser compreendidas por uma tomada de decisão epistemológica e metodológica de orientação dialética.

É plenamente possível que uma horda de bandidos desenvolva traços de coletividade humana, mas essa possibilidade aponta sempre as falhas da sociedade maior, na qual esse bando existe. Em uma sociedade injusta, os criminosos não são obrigatoriamente seres humanos inferiores. Na sociedade totalmente justa eles seriam ao mesmo tempo desumanos. O sentido correto de juízos isolados sobre coisas humanas só é obtido na sua relação com o todo (HORKHEIMER, 1980, p. 154)

Na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (2006) afirmam que nem a técnica desorientada ou as condições materiais de satisfação são, por si mesmas, as responsáveis pelo estado de cegueira que mantém atualizadas e aprimoradas as relações de dominação da natureza e do homem, mas a própria obscuridade envolvida no “mítico respeito científico dos povos pelo dado” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 45). A teoria crítica, dessa forma, questiona, radicalmente, o que é imposto como dado, fato, neutro, inerte, acabado e natural no que compete à existência. Um desafio ao comportamento acomodado que aceita o previamente pensado sob o clichê “é assim”, independente da ação e interesses humanos. A categoria de análise “Texto de Leitura Fácil” foi construída através da mediação entre o material empírico da resenha audiovisual e esse aspecto próprio ao pensamento semiformado, que admite o mundo nos termos do “é assim”: o pensamento tomado pelo *sentido único* que tende a absolutizar a cultura em um valor. A discussão acerca desse contexto teórico foi desenvolvida no Capítulo III deste estudo.

A investigação empírica dos entraves que se entropõem ao homem e sua existência emancipada, e que é objeto de estudo pelos teóricos críticos com os métodos da pesquisa social, orienta-se por uma robusta teoria da sociedade, a qual será brevemente discutida a seguir.

1.3 – Por uma teoria crítica da sociedade: relação entre existência e imanência

Todo conhecimento empírico é precedido por e convergido a uma teoria. A problemática mediação entre especulação filosófica e a pesquisa empírica parece ser um dos mais fecundos materiais de investigação, quando se trata da abordagem dos estudos realizados pelos frankfurtianos. Segundo Duarte (2001), a “sociedade como sujeito” (ADORNO, 1980) é a categoria que conduz o teórico à tensão entre a reificação e o sujeito no seio das condições dadas de existência. O ponto de vista “valorativo” da Teoria Crítica, que é sua principal fonte contra a ilusão da neutralidade e objetividade científicas, se manifesta pelo desejo de uma sociedade diferente ao lado do exame objetivo do presente.

A pesquisa social empírica parte de um procedimento “indutivo” – do singular, ou seja, dos pequenos contextos particulares busca-se no objeto algo de geral, de universal, mas não como subordinação ou hierarquia, tal como nas ciências naturais, mas pelo que é imanente ao objeto, ou seja, aquilo que lhe é intrínseco e que, desse modo, determina sua natureza profunda. Assim, segue a indagação: como a sociedade atual segue tal como é? Para Duarte (2001), escondendo os reais interesses e processos que a mantém. Para compreendê-la é preciso mergulhar em sua determinação.

Nessa medida, quando a análise de um material empírico mediado por categorias críticas resulta na percepção de todo um esforço em atribuir predicados heterônomos ao objeto, com a finalidade de adulterar aquilo que lhe é próprio, revelam-se os indícios de uma sociedade que depõe contra o esclarecimento e a Formação Cultural Integral. Ao que parece, este processo de “administração do real” percorreu o conteúdo intelectual da resenha audiovisual assim como os comentários dos usuários, que parecem confirmar e ampliar a propaganda oficial acerca da obra de Orwell.

No ensaio *Sociedad*, reunido à obra *Epistemología y ciencias sociales*, Adorno (2001) argumenta que a sociedade é um processo e, como tal, para apreendê-la é necessário inquirir sobre as leis (passadas e presentes) que estruturam sua “evolução” – o percurso histórico. A concepção abstrata de sociedade, característica do pensamento moderno, a define como conjunto de grupos singulares ou, em sua forma elementar, na totalidade dos homens em relação mútua e situados em determinada época. Esta é a aparência formal do conceito, que predefiniu a sociedade como unidade existencial dos homens organizados em grupo ao passo que compartilham os mesmos interesses e necessidades. A sociedade, nesses termos, é *humana* e idêntica aos sujeitos. Esse conceito moderno de sociedade decorre, em certa medida, da nova concepção de Estado que se desenvolveu com a advento da Revolução Francesa, por um lado, e dos

desdobramentos da industrialização dos processos de produção do trabalho, por outro¹⁵. A perspectiva crítica acerca do conceito de sociedade, em contrapartida, não busca exteriormente e *a priori*, alguma definição categórica que abarque a totalidade das situações singulares como fragmentos dependentes de uma teoria geral do social: na imanência do objeto, a sociedade consiste senão no conjunto das circunstâncias que definem a vida dos homens e que fazem destes, seus produtos impotentes. Para a sociologia moderna, o conceito de sociedade revela-se como um dos engodos que escondem, sutilmente, os mecanismos de acomodação a que estão submetidos os sujeitos diante do que é dado no existente.

El concepto de sociedad no es en absoluto un concepto clasificatorio, no es la abstracción suprema de la sociología, que incluiría en sí misma todas las demás formaciones sociales. Tal concepción confiandiría el ideal científico corriente del orden continuo y jerárquico de las categorías con el objeto del conocimiento. El objeto al que apunta el concepto de sociedad no es en sí mismo continuo desde el punto de vista racional. Tampoco es el universo de sus elementos; el concepto de sociedad no es simplemente una categoría dinámica, sino funcional. Para una aproximación inicial, aunque todavía demasiado abstracta, piénsese en la dependencia de todos los individuos respecto de la totalidad que forman. En ésta, todos dependen también de todos. El todo se mantiene únicamente gracias a la unidad de las funciones desempeñadas por sus partes. En general, cada uno de los individuos, para prolongar su vida, ha de desempeñar una función, y se le enseña a dar las gracias por tener una (ADORNO, 2001, p. 09-10)

A determinação funcional do conceito de sociedade impede a sua compreensão imediata, como também, recrimina de antemão a negação das pretensas associações entre as leis sociais e as ciências naturais. A sociologia positivista empreende esforços para retirar do campo da ciência a especulação filosófica, uma vez que é fundamental a esta, o questionamento de tais associações e seus desdobramentos. Segundo Adorno (2001), “Pero este realismo es poco realista. Pues si la sociedad no puede obtenerse por abstracción a partir de hechos particulares ni aprehenderse como un *factum*, no hay *factum* social que no esté determinado por la sociedad. Ésta se manifiesta en las situaciones sociales fácticas” (ADORNO, 2001, p. 10). Os conflitos entre superiores e subordinados mascaram os antagonismos fundamentais. Os elementos singulares, enquanto conflitos particulares no interior da sociedade, não podem ser subsumidos

¹⁵ O conceito de “Terceiro Estado”: sendo o primeiro, o clero; o segundo, a nobreza; e o terceiro, somando 96% da população no feudalismo (Europa Ocidental), formada por cortesãos, burgueses e camponeses, cuja função era sustentar a sociedade e o Estado. Com o declínio do feudalismo, a “Sociedade do Terceiro Estado” obedeceu aos critérios de organização e racionalização econômica das relações oriundas da burguesia.

como na relação entre particular e universal. “Tales antagonismos producen conflictos aquí y ahora conforme a un proceso, a una legalidade” (ADORNO, 2001, p. 10).

Somente uma detalhada *Teoria da Sociedade* teria condições de dizer o que ela é: fruto das ações e disposições humanas em todas as suas contradições. A exigência em teorizar a sociedade alia-se ao modo como esta é concebida no contexto das ciências naturais, e que parece ser a forma vigente (hegemônica) pela qual os sujeitos a aceitam sem profundas reflexões. “En ellas, la teoría tendría como objeto el nexo transparente entre conceptos bien definidos y experimentos repetibles” (ADORNO, 2001, p. 11). Para a teoria tradicional (Horkheimer, 1980), o ideal de conhecimento e as “essências” das coisas estão previstas na teoria e a ela estão subordinados. A teoria crítica busca investigar este mesmo “conhecimento” e “essências” por dentro, ou seja, pelo exame dos próprios termos e seus reflexos concretos.

La sociedad, sin embargo, hay que conocerla y no conocerla desde dentro. En ella, producto de los hombres, éstos todavía pueden, pese a todo y, por decirlo así, de lejos, reconocerse a sí mismos, a diferencia de lo que ocurre en la química y en la física. Efectivamente, en la sociedad burguesa la acción, en tanto que racionalidad, es en gran medida una acción “comprensible” y motivada objetivamente (ADORNO, 2001, p. 11)

A sociedade é contrária à sua identificação aos sujeitos do conhecimento. A proposta crítica, através da dialética, descortina essa aparência de harmonização absoluta. Em referência à Durkheim, Adorno (2001) desenvolve um diálogo acerca da concepção de sociedade como mecanismo coletivo de coerção. De acordo com conceitos sociológicos positivistas, os agentes desempenham determinados “papéis sociais”, que para o crítico, são máscaras ou fachadas sociais que não tocam os problemas em sua radicalidade, na raiz: “Los roles son propios de una estructura social que adiestra a los hombres para que persigan unicamente su autoconservación y, al mismo tiempo, les niega la conservación de su yo” (ADORNO, 2001, p. 12). A categoria de “papel social” é formulada previamente e se pretende geral, ao passo que arbitrariamente aplica “de cima para baixo” o princípio de identidade entre teoria e prática. A acomodação emanada da doutrina do papel social preestabelecido acarreta na extinção da identidade entre os homens por duas vias: primeiro, o onipotente princípio de identidade recusa a contradição; segundo, a abstrata comparabilidade do seu trabalho social ofusca as bases objetivas da exploração, que somente teriam uma chance de entendimento no reconhecimento de seu oposto, o não-idêntico.

O cientista positivista é como um ator: o que ele pensa sobre si mesmo não deve interferir em seu “personagem” profissional. Essa postura intimamente apolítica tende a manter a atividade científica na neutralidade em relação aos processos decisórios da sociedade, como se a economia e a cultura, em sentido amplo, não exercessem qualquer influência sobre o andamento do desenvolvimento científico. Deste antagonismo social acomete a seguinte questão: porque os homens seguem desempenhando papéis nesta sociedade? Estariam eles mais comprometidos com suas personagens, ou seja, com a performance, do que com si mesmos? “Si la ciencia social se sirve de este tipo de conceptos pero rehúye la teoría, de la que éstos son parte esencial, se pone al servicio de la ideología. El concepto de rol, incorporado sin previo análisis desde la fachada social, coadyuva a perpetuar el abuso del rol” (ADORNO, 2001, p. 13). Esse “caldo cultural” pode ter sua origem no modo de pensar da teoria tradicional que separa sujeito e objeto, indivíduo e sociedade, teoria e prática.

A concepção crítica de sociedade questiona os papéis socialmente determinados pela teoria tradicional através da *teoria do não conformismo social*. A abstração em torno da ideia de que “o todo está relacionado com o todo” indica uma espécie de falsa harmonia lógica que regula essencialmente a sociedade tal como as leis que ordenam e organizam a natureza. Na sociedade moderna, o sistema econômico burguês – o capitalismo – é o elo que a todos une em um entrelaçamento irreduzível, quase absoluto.

Es en su realización universal, y no sólo en la reflexión científica, donde se practica objetivamente la abstracción; se hace abstracción de la naturaleza cualitativa de productores y consumidores, del modo de producción, incluso de las necesidades, que el mecanismo social sólo satisface de forma secundaria. Lo primero es el beneficio. La misma humanidad determinada como clientela, el sujeto de las necesidades, está, más allá de toda representación ingenua, preformada socialmente, y no sólo por el nivel técnico alcanzado por las fuerzas productivas, sino también por las relaciones económicas, por más difícil que sea verificar esto empíricamente. Previamente a cualquier estratificación social concreta, la abstracción del valor de cambio va de la mano del dominio de lo universal sobre lo particular, del dominio de la sociedad sobre quienes son sus miembros forzosos (ADORNO, 2001, p. 13)

A abstração do valor de troca (cambio) não é socialmente neutra. A atual divisão social do trabalho é uma fachada, uma aparente condição lógica que obscurece a redução da atividade elementar do trabalho (transformação da natureza para a satisfação das necessidades humanas bem como o desfrute de uma existência menos penosa), em unidades calculadas de tempo médio do trabalho produtivo fragmentado. “En la

reducción de los hombres a agentes y portadores del intercambio de mercancías se oculta la dominación de los hombres sobre los hombres” (ADORNO, 2001, p. 13). Em outros termos, é a consolidação objetiva do ideal generalizador da teoria tradicional no social: a *sociedade total*.

Em relação ao objeto de pesquisa da presente tese, qual seria o pano de fundo que permite a identificação ligeira da crítica de Orwell (2015) ao regime stalinista através da parábola política de *A Revolução dos Bichos* em favor de uma presumida defesa dos “princípios fundamentais do capitalismo”? Por um lado, ainda persiste a propaganda fraudulenta que adulterou a obra de Orwell para atender aos interesses políticos e ideológicos que caracterizaram a Guerra Fria, por outro, e associada a estes mesmos interesses propagandísticos, a crença corrente (a *Intelligentsia* burguesa) de que o capitalismo é a expressão econômica acabada do conceito de liberdade. Contudo, ignoram-se suas contradições internas – a monstruosa circulação de mercadorias (produção, distribuição, circulação e consumo) oculta o engodo.

O velho estilo da teoria imperialista permanece operante: a abolição do colonialismo despertou, no pensamento burguês, a imediata substituição da atroz e retrógrada condição do escravismo explícito em uma nova carapaça cujo objeto de interesse político parece mais “humanamente” aceitável – do escravo ao proletariado. Existe uma relação funcional de operação de troca mesmo entre os países em fase de capitalismo intenso e os “espaços não capitalistas”. Não há processo de civilização para além ou aquém dos antagonismos e conflitos sociais. O paradoxo consiste na percepção de que estão presentes na “sociedade” tanto os agentes de construção quanto os de destruição. “Es la misma relación social de cambio la que introduce y reproduce el antagonismo que en todo momento amenaza a la organización social con la catástrofe total” (ADORNO, 2001, p. 14). Toda sociedade, seja capitalista avançada ou a socialista do leste europeu, caracterizou-se pela divisão de classes. A sociedade burguesa baseada no princípio de troca é irracional na medida que é racionalmente organizada em seus meios, mas não em sua finalidade. A consciência dos indivíduos socializados contrasta com a objetividade social.

Aunque el pronóstico de la pauperización a largo plazo no se cumplió, la desaparición de las clases es tan sólo un epifenómeno. Es posible que en los países de capitalismo intenso se haya debilitado la conciencia de clase que en América siempre faltó. Pero esta conciencia jamás estuvo dada sin más en la sociedad, sino que, conforme a la teoría, era ella misma la que debía producirla. Lo que resulta tanto más difícil cuanto la sociedad más integra las

formas de conciencia. Incluso la tan invocada nivelación de los hábitos de consumo y de las oportunidades de formación es parte de la conciencia de los individuos socializados, no de la objetividad social, cuyas relaciones de producción conservan precariamente el viejo antagonismo (ADORNO, 2001, p. 14)

A classe dominante empenha esforços para suprimir, do ponto de vista subjetivo, a relação de classes na sociedade. Contudo, segundo Adorno (2001), as pesquisas sociais de seu tempo apontaram, por um lado, as discrepâncias entre as expectativas da classe dominante e as “toscas estatísticas” com o intuito de expor, ao seu modo, o estado de coisas atual em geral, e as disposições que estabelecem a classe alta e a baixa, por outro. Os “poucos felizes” recusam o materialismo dialético ao passo que, em sentido inverso, nas classes baixas e entre aqueles que não se deixam levar por ilusões, o idealismo ingênuo parece não desempenhar grandes feitos, de modo que a classe trabalhadora parece constatar, sem muitas dificuldades, a presença esmagadora da hierarquia socialmente aceita: uns acima e outros abaixo – o proletariado é a base sobre a qual um pequeno grupo de indivíduos está alojado. “Así, por ejemplo, es sabido que la igualdad formal de oportunidades de formación no se corresponde en absoluto con la proporción de los hijos de trabajadores en la población estudiantil” (ADORNO, 2001, p. 15).

A hierarquia social é defendida pelo pensamento burguês como natural, ou seja, obediente aos critérios de objetividade e mediados por leis formais universais. Esta concepção tradicional, tal como já apontada por Horkheimer (1980), tende a obscurecer subjetivamente a percepção dos elementos intrínsecos que determinam as diferenças de classe, ao passo que, objetivamente, a concentração de renda segue vertiginosamente e afeta a existência concreta de modo decisivo. Parte deste obscurantismo subjetivo decorre da planificação dos hábitos de consumo, que promovem uma ilusória sensação de fartura e de igualdade de condições. Paralelamente, a diferença entre o poder real e a impotência social ganharam uma dimensão jamais observada.

Hoy cualquiera puede comprobar que es prácticamente imposible determinar por propia iniciativa su existencia social, debiendo más bien buscar huecos, plazas vacantes, “jobs” que le garanticen el sustento, sin tener en cuenta aquello que considera como su propia determinación humana, si es que todavía tiene alguna idea al respecto (ADORNO, 2001, p. 15)

Assim, este é o contexto da introjeção, ou melhor, da identificação ideológica do conceito de adaptação oriundo da biologia de Darwin e que encontrou eco nas ciências

humanas como modelo normativo a ser seguido. O controle sobre o jogo de forças sociais imposta por todos os países às populações, demonstra o precário equilíbrio entre o progressivo desenvolvimento tecnológico e as mazelas que estes avanços exponencialmente ampliam. O controle social atual está intimamente administrado em três vias: as tendências totalitárias da ordem social, a adaptação política (a ideologia darwinista contida no conceito de adaptação que correlaciona fenômenos biológicos às relações sociais) e a socialização total. No mesmo sentido, caminhou a ameaça dos controles e das intervenções realizadas pelos soviéticos e chineses. Adorno (2001) salienta que não se deve imputar à técnica em si mesma a desgraça ampliada da sociedade. Do ponto de vista dialético, ela é apenas um momento da tensão entre as forças produtivas e as relações de produção, ou seja, é uma extensão da vontade, interesses e ações humanas, que necessariamente demandam investigação.

En la situación actual opera de forma centralizadora; en sí misma podría hacerlo de otro modo. Allí donde los hombres creen estar más cerca los unos de los otros, como en la televisión, que se les lleva hasta sus hogares, en realidad esa cercanía está mediada por la distancia social, por la concentración del poder. Nada simboliza mejor que la televisión el hecho de que, en gran medida, y atendiendo a su contenido concreto, a los hombres se les dicta desde arriba su vida, la misma que ellos creen poseer y tener que ganarse y a la que toman por lo más próximo y lo más real. La existencia humana individual es, más allá de todo lo imaginable, mera reprivatización; lo más real, aquello a lo que se agarran los hombres, es al mismo tiempo lo más irreal. «La vida no vive.» Tampoco una sociedad transparente desde el punto de vista racional, una sociedad verdaderamente libre, podría zafarse en absoluto a la administración y a la división del trabajo. Pero las administraciones de todos los países de la tierra tienden compulsivamente a autonomizarse respecto de los administrados y a reducirlos a meros objetos de procedimientos regulados abstractamente (ADORNO, 2001, p. 16)

A regulação abstrata dos homens como objetos (reificação), remete ao conceito de racionalidade econômica dos meios e fins de Max Weber. Os sujeitos adaptados se rendem a uma racionalidade estruturada por meio da especialização dos processos técnicos. A faceta ideológica dessa tendência se cristaliza no próprio mecanismo de atomização da divisão social do trabalho, cujos segmentos, cada vez menores e separados entre si, encontram-se desprovidos de qualificação (no sentido de articulação enquanto elementos da cadeia produtiva e sua importância no desenvolvimento da própria determinação humana). A *autonomização do poder* é uma aparência socialmente aceita e difundida com o objetivo de ocultar sua gênese: todos os processos e instituições sociais são decorrentes do produto objetivo do trabalho humano. O preço a ser pago pelo sujeito, nesta vida aparente, é sua submissão ao dado bem como pela

não participação em nenhum processo decisório da sociedade. A adaptação o aliena de sua autodeterminação através do trabalho. “Tanto espontânea como planificadamente, los sujetos se ven impedidos de reconocerse a sí mismos como sujetos” (ADORNO, 2001, p. 17). O oceano de mercadorias produzidas pela Indústria Cultural, entre outras formas de manipulação diretas e indiretas, se converte em controle intelectual:

La industria cultural nació de la tendencia del capital a la explotación. Inicialmente se desarrolló bajo la ley del mercado, bajo el imperativo de adaptarse a sus consumidores, pero después se ha convertido en la instancia que fija y refuerza las formas de conciencia existentes, en el *status quo* del pensamiento (ADORNO, 2001, p. 17)

A exaltação do sempre igual, ou seja, a incansável reprodução do que “é assim”, se transforma no imperativo de uma sociedade que não vislumbra qualquer mudança. Ao contrário, procura integrar e adaptar os indivíduos ao “real”, sedimentando subjetivamente a esperança de um gozo irrealizável objetivamente. No dilema da atrofia do pensamento e na acomodação ao que é dado, os homens se identificam e os sutis artifícios da integração ficam obtusos, à primeira vista. A fachada da reconciliação entre sujeito e objeto nesta sociedade integrada e adaptada depende da intensidade da presença de uma série de fatores intercambiáveis: a técnica em todos os âmbitos do existente, a simpatia das massas pelo esporte, o fetiche dos bens de consumo – estes são os sintomas da socialização total. O conceito de homem, portanto, rechaça as possibilidades objetivas de sua autodeterminação, pois este é uma peça da engrenagem e, enquanto tal, é facilmente substituível.

Si el concepto de lo humano, lo que en definitiva importa, se ha convertido en la ideología que encubre el hecho de que los hombres son sólo apéndices de la maquinaria social, podría decirse sin miedo a exagerar que, en la situación actual, son literalmente los hombres mismos, en su ser así y no de otro modo, la ideología que, pese a su manifiesta absurdez, se dispone a eternizar la vida falsa. El círculo se cierra (ADORNO, 2001, p. 17)

Enquanto “peça” da máquina social, o homem não se move a si mesmo, tampouco dita o ritmo e o tempo da produção da qual é mera partícula. Para Adorno (2001), este argumento reforça a tese dos apologistas do existente de que a sociedade não está madura, logo, deve ser conduzida. Compreender a importância dessa tese e dirigir o pensamento com todo vigor para desmascarar sua pretensão, por sua vez, é o fermento teórico com o qual trabalha o pesquisador crítico: identificar as bases da irrealização da liberdade nesta sociedade total. “El solo hecho de denunciar este círculo

supone atender contra un tabú de la sociedad integral” (ADORNO, 2001, p. 18).

Todo pensamento crítico é submetido a uma sutil censura: deve dizer o que há de positivo na crítica. Se não puder fazê-lo, não é pelo fato de inexistir alguma positividade inscrita na imanência da coisa, mas sim pela deficiência do próprio pensamento crítico, chamado de resignado e cansado. Contudo, é a própria concepção de sociedade, como bloqueio universal criado pelos homens entre si e em seu interior, que é objeto de crítica. Conhecer as entranhas do social demanda um conflito de forças que somente pode atingir sua expressão se o teórico “perseverar negativamente” e expor o risco da possibilidade da crítica ser impedida – isso confere legitimidade a um conceito e a uma teoria da sociedade. A primeira condição para se “desfazer do feitiço” que mantém a sociedade cativa consiste no esforço do pensamento em revelar os interesses que sustentam o engano, sem que para isso lhe seja exigido a proposição de qualquer antecipação que supere este estado de coisas, uma vez que seria um contrassenso propor transformação social mediante o uso dos mesmos termos de uma sociedade administrada. A superação desta, a princípio, é pelo caminho de sua negação.

Como não seria possível um exame detalhado do amplo tecido social, o interesse investigativo obrigatoriamente curva-se, humildemente, diante de arbitrários recortes metodológicos com o objetivo de lançar alguma luz sobre questões pontuais que, observadas de perto, em seu íntimo, revelam a pulsação, com todas as forças, do modo de organização e de concepção da sociedade total. Um dos aparatos criados nessa sociedade desempenha um decisivo papel na conjuntura dos processos de administração, organização e produção do imaginário cultural que potencialmente ultrapassou, no espaço e no tempo, as fronteiras comunicacionais entre os povos: a Internet. Potencial, pois ainda existem milhares e milhares de indivíduos excluídos do ambiente de compartilhamento interativo de informações digitais. Mas, parece inegável a recente dependência, em todos os âmbitos, das sociedades avançadas tecnologicamente e das emergentes às inovações permitidas pela Internet. O segundo dilúvio – o das informações, caracterizada por Lévy (2014), abriu espaço para que qualquer indivíduo portador de um computador e com acesso à *Internet* pudesse receber, transmitir, produzir, reproduzir, compartilhar e, em suma, ver, ouvir e ser visto e ouvido por uma multidão de anônimos que até então somente poderiam ganhar voz através das grandes empresas de comunicação, o que raramente acontece.

Mas como uma mensagem poderia ser destacada como relevante e sua pertinência confirmada pelos internautas? Pode-se pensar, em hipótese, que o sucesso

das redes sociais não repousa no grau de qualidade ou de importância dos conteúdos disponibilizados, mas em uma receita que nasceu dos interesses mercadológicos das agências de comunicação de rádio e televisão: a audiência clama pela reprodução audiovisual da vida cotidiana. A compulsão em ser percebido (TÜRCKE, 2010), o espetáculo, o “ferrão” que estimula as sensações tal como uma picada de abelha, volta a atenção àquilo que merece ser percebido por ser “sensacional”. Nesse contexto, a produção e o compartilhamento de conhecimentos através da Internet obedecem a qual lógica – se é que existe alguma – propriamente dita?

Mediante um recorte metodológico mais específico, o *YouTube*, para além de sua finalidade original, aglutina conteúdos intelectuais com pretensões educativas de certo modo distintos da mera busca por entretenimento. Nesse contexto, quem são os principais fornecedores de conteúdo para o *YouTube*? Os conteúdos intelectuais produzidos passam por alguma espécie de “avaliação por pares”, ou seja, pelo crivo da qualificação científica, filosófica ou estética exigidas enquanto repertório histórico acumulado do qual são criados os produtos do espírito (*Geist*)? Estas questões, discutidas no próximo capítulo, contribuíram decisivamente na escolha do objeto desse estudo: o conteúdo intelectual de uma resenha literária audiovisual produzida por uma *youtuber*.

CAPÍTULO II – *YouTube* e Indústria Cultural: novos dispositivos, velhos interesses

2.1 – Internet, *Cibercultura* e *Ciberespaço*: uma cultura em rede?

Para situar o contexto “público” do material empírico tratado nesse estudo – a resenha audiovisual de *A Revolução dos Bichos* disponibilizada no site *YouTube* – pareceu pertinente investigar as condições históricas pelas quais surgiu a *Internet* e o seu desdobramento como “livre” ferramenta de compartilhamento universal de dados em redes digitais.

Manuel Castells (2003), em sua obra *A Galáxia da Internet*, atualizou o conceito de rede: é a forma organizacional da Era da Informação, cuja base tecnológica consiste na *Internet* e em seu conjunto de “nós” interconectados. “As redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação” (CASTELLS, 2003, p. 07). Com esta espécie de darwinismo biotecnológico evolutivo, as redes tendem a substituir e superar as corporações verticalmente organizadas como também as burocracias centralizadas. Do ponto de vista histórico, as redes antes da *Internet* existiam no âmbito do domínio privado, como estruturas hierarquizadas e centralizadoras que regulavam o poder e a produção. A partir da emergência da *Internet*, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), cujo principal componente é o computador, contribuíram para que as redes adquirissem novas qualidades que, para Castells (2003), foram revolucionárias: flexibilização e adaptabilidade.

Essas tecnologias permitem a coordenação de tarefas e a administração da complexidade. Isso resulta numa combinação sem precedentes de flexibilidade e desempenho de tarefa, de tomada de decisão coordenada e execução descentralizada, de expressão individualizada e comunicação global, horizontal, que fornece uma forma organizacional superior para a ação humana (CASTELLS, 2003, p. 08)

Três processos foram articulados, no final do século XX, tendo em vista o horizonte de uma nova estrutura social em redes: o primeiro, a demanda de uma economia caracterizada pela flexibilidade administrativa e globalização do capital, da produção e do comércio; o segundo, com viés social, decorreu da supervalorização da liberdade individual e da necessidade de comunicação aberta; o terceiro, a revolução

microeletrônica e os avanços da computação e das telecomunicações. Reunidos, tais processos definem a *sociedade em rede*.

A Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global. Assim como a difusão da máquina impressora no Ocidente criou o que MacLuhan chamou de a “Galáxia de Gutenberg”, ingressamos agora num novo mundo de comunicação: a Galáxia da Internet. O uso da Internet como sistema de comunicação e forma de organização explodiu nos últimos anos do segundo milênio. No final de 1995, o primeiro ano de uso disseminado da *word wide web*, havia cerca de 16 milhões de usuários de redes de comunicação por computador no mundo. No início de 2001, eles eram mais de 400 milhões; previsões confiáveis apontam que haverá cerca de um bilhão em 2005, e é possível que estejamos nos aproximando da marca dos dois bilhões por volta de 2010, mesmo levando em conta uma desaceleração da difusão da Internet quando ela penetrar no mundo da pobreza e do atraso tecnológico. A influência das redes baseadas na Internet vai além do número de seus usuários: diz respeito também à qualidade do uso. Atividades econômicas, sociais, políticas, e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela, como por outras redes de computadores. De fato, ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura (CASTELLS, 2003, p. 08)

Devido à intensa transformação tecnológica da Internet, há uma série de dificuldades que limitam o desenvolvimento de pesquisas empíricas que consigam situar os objetivos e interesses da atual economia e da sociedade¹⁶. A ambivalência de interpretações acerca dos rumos da Internet oscila entre a ideologia e os boatos: por um lado, existem aqueles que sonham com um futuro maravilhoso garantido pela tecnologia, e, por outro, aqueles que condenam a Internet como instrumento de alienação. Segundo Castells (2003), esta ambivalência se deve à volatilização do mercado de capitais, que “são mais influenciados pela psicologia das massas e por turbulências da informação do que por uma avaliação judiciosa das condições relativamente novas sob as quais as empresas operam atualmente” (CASTELLS, 2003, p. 09). Compreender a natureza da dependência bem como da desconfiança acerca dos usos da Internet demanda uma volta à história de sua criação.

Em 1958, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos criou a *Advanced Research Projects Agency* (ARPA) – Agência de Projetos de Pesquisa Avançada – com

¹⁶ A Internet seria uma tecnologia libertadora nascida no seio de uma nova economia e sociedade frutos da engenhosidade tecnológica e da criatividade cultural: a sociedade em rede. O autor segue com a seguinte afirmação acerca de sua pesquisa: “Meu objetivo aqui é estritamente analítico, já que acredito que o conhecimento deve preceder a ação e a ação é sempre específica a um dado contexto e a um dado objetivo. Espero porém que, enraizando minha reflexão em observações referentes a vários domínios da prática da Internet, serei capaz de lançar alguma luz sobre a interação entre Internet, os negócios e a sociedade” (CASTELLS, 2003, p. 09).

o objetivo de recrutar pesquisadores das universidades comprometidos em superar os avanços tecnológicos militares da União Soviética. Em 1962, é fundado o *Information Processing Techniques Office* (IPTO) – Escritório de Técnicas de Processamento de Informação – sendo um dos departamentos da ARPA e o responsável pelas pesquisas em computação interativa. Neste, os cientistas da comunicação desenvolveram, em 1969, uma rede de computadores que permitiu aos grupos de pesquisa e a vários centros de computadores vinculados à agência o compartilhamento *on-line* de informações. Este seria o protótipo da Internet: a *Arpanet*.

Para montar uma rede interativa de computadores, o IPTO valeu-se de uma tecnologia revolucionária de transmissão de telecomunicações, a comutação por pacote, desenvolvida independentemente por Paul Baran na *Rand Corporation* (um centro de pesquisas californiano que frequentemente trabalhava para o Pentágono) e por Donald Davies no *British National Physical Laboratory*. O projeto de Baran de uma rede de comunicação descentralizada, flexível, foi uma proposta que a *Rand Corporation* fez ao Departamento de Defesa para a construção de um sistema militar de comunicações capaz de sobreviver a um ataque nuclear, embora esse nunca tenha sido o objetivo por trás do desenvolvimento da Arpanet. O IPTO usou essa tecnologia de comunicação por pacote no projeto da Arpanet (CASTELLS, 2003, p. 14)

Assim, em 1969 os primeiros “nós” da rede começavam a se espalhar: no *Stanford Research Institute* (SRI) – Instituto de Pesquisa de Stanford –, nas Universidades da Califórnia em Los Angeles e Santa Bárbara como também na Universidade de Utah. Em 1971, somavam 15 “nós” da rede localizados em centros universitários de pesquisa. Em 1972, uma conferência internacional em Washington foi palco da primeira demonstração pública, em certo sentido, do funcionamento da Arpanet. Em seguida, o desafio consistiu em fazer que a Arpanet fosse conectada a outras redes de computadores – a criação da rede de redes. Em 1973, um grupo de pesquisadores (Vint Cerf, Steve Crocker e Jon Postel), defenderam a tese de que, para se comunicarem, as redes precisariam de protocolos de comunicação padronizados: projeto do protocolo de controle de transmissão (TCP). Estes mesmos pesquisadores, em 1973, acrescentaram à Arpanet um protocolo intrarrede (IP), desenvolvendo o protocolo TCP/IP, que até hoje funciona como padrão de acesso à Internet. A *Defense Communication Agency* (DCA) – Agência de Comunicação da Defesa – assumiu o controle da Arpanet, em 1975, para que as forças armadas dispusessem de comunicação por computador. Em 1983 duas vias de interesses distintos se estruturam: com fins militares específicos, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos cria a MILNET

para solucionar possíveis falhas no sistema; e, com o objetivo de pesquisa, a Arpanet é renomeada: ARPA-INTERNET, sinalizando sua abertura à iniciativa privada. A *National Science Foundation* (NSF) – Fundação Nacional de Ciências – criou, em 1984, a NSFNET como rede própria de comunicação entre computadores. Em 1988, a NSF passou a utilizar como infraestrutura física de sua rede (*backbone*) a ARPA-INTERNET.

Em fevereiro de 1990, a Arpanet, já tecnologicamente obsoleta, foi retirada de circulação. Dali em diante, tendo libertado a Internet de seu ambiente militar, o governo dos EUA confiou sua administração à National Science Foundation. Mas o controle da NSF sobre a NET durou pouco. Com a tecnologia de redes de computadores no domínio público, e as telecomunicações plenamente desreguladas, a NSF tratou logo de encaminhar a privatização da Internet. O Departamento de Defesa decidira anteriormente comercializar a tecnologia da Internet, financiando fabricantes de computadores dos EUA para incluir o TCP/IP em seus protocolos na década de 1980. Na altura da década de 1990, a maioria dos computadores nos EUA tinha capacidade de entrar em rede, o que lançou os alicerces para a difusão da interconexão de redes. Em 1995 a NSFNET foi extinta, abrindo caminho para a operação privada da Internet (CASTELLS, 2003, p. 15)

Com efeito, a partir de 1990 surgem os provedores de serviços de Internet comerciais com suas próprias redes e portas de comunicação, o que deu início ao espantoso crescimento da Internet enquanto rede global de computadores interconectados. “O que tornou isso possível foi o projeto inicial da Arpanet, baseado numa arquitetura em múltiplas camadas, descentralizada, e protocolos de comunicação abertos” (CASTELLS, 2003, p. 15).

Contudo, a Internet não se estruturou apenas com a Arpanet. Muitos aprimoramentos foram desenvolvidos a partir de redes de interconexão de computadores pessoais, sem vínculos diretos com governos ou com grandes corporações privadas, e isso desde a década de 1970, configurando uma “tradição de base de formação de redes de computadores” (CASTELLS, 2003, p. 15). Na década de 1980 surge o Movimento da Fonte Aberta – o *Copyleft* – que consistiu na difusão da ideia de que aqueles que utilizassem algum *software* gratuito, poderiam aperfeiçoá-lo e redistribuí-lo pela Internet gratuitamente. Um dos grandes exemplos dessa iniciativa foi o sistema operacional Linux, criado em 1991. Mas, “o que permitiu à Internet abarcar o mundo todo foi o desenvolvimento da *www*” (CASTELLS, 2003, p. 17), criada em 1990 por Tim Berners-Lee. Em 1995, a Microsoft lançou o *software* Windows 95 e seu navegador Internet Explorer.

Assim, em meados da década de 1990, a Internet estava privatizada e dotada de uma arquitetura técnica aberta, que permitia a interconexão de todas as redes de computadores em qualquer lugar do mundo; a www podia então funcionar com software adequado, e vários navegadores de uso fácil estavam à disposição do público. Embora a Internet tivesse começado na mente dos cientistas da computação no início da década de 1960, uma rede de comunicações por computador tivesse sido formada em 1969, e comunidades dispersas de computação reunindo cientistas e hackers tivessem brotado desde o final da década de 1970, para a maioria das pessoas, para os empresários e para a sociedade em geral, foi em 1995 que ela nasceu (CASTELLS, 2003, p. 19)

Vale reforçar que a Internet tem sua origem nos centros de pesquisa, universidades e agências governamentais dos EUA, e não no mundo dos negócios. Por isso, parece haver uma associação conceitual entre a natureza aberta da Internet e a cultura da liberdade individual amplamente disseminada nas universidades dos EUA nas décadas de 1960-70. A relação entre as universidades e os movimentos de base contribuíram para a criação de redes comunitárias onde diversos avanços tecnológicos para a computação foram possíveis. “Sem a contribuição cultural e tecnológica dessas redes pioneiras, de bases comunitárias, a Internet teria tido uma aparência muito diferente, e provavelmente não teria abarcado o mundo inteiro. Pelo menos, não tão depressa” (CASTELLS, 2003, p. 25). Desse modo, a característica elementar da Internet seja em sua arquitetura técnica ou em sua organização institucional, é a abertura. Com a difusão da estrutura tecnológica da Arpanet, foi possível à Internet, que ainda estava por vir, se estabelecer como padrão internacional comum. Os usuários foram os principais produtores tecnológicos da rede, consolidada pela autonomia científica e cooperação entre os envolvidos.

Mas há algo de especial no caso da Internet. Novos usos da tecnologia, bem como as modificações reais nela introduzidas, são transmitidos de volta ao mundo inteiro, em tempo real. Assim, o intervalo entre o processo de aprendizagem pelo uso, e de produção pelo uso, é extraordinariamente abreviado, e o resultado é que nos envolvemos num processo de aprendizagem através da produção, num feedback intenso entre a difusão e o aperfeiçoamento da tecnologia. Foi por isso que a Internet cresceu, e continua crescendo, numa velocidade sem precedentes, não só no número de redes, mas no âmbito de aplicações. Para que essa sequência ocorra, três condições são necessárias: primeiro, a arquitetura de interconexão deve ser ilimitada, descentralizada, distribuída e multidirecional em sua interatividade; segundo, todos os protocolos de comunicação e suas implementações devem ser abertos, distribuídos e suscetíveis de modificação (embora os criadores de protocolos e implementações para redes conservem a propriedade de parte de seu software); terceiro, as instituições de governo da rede devem ser montadas em conformidade com os princípios, enraizados na Internet, de abertura e cooperação (CASTELLS, 2003, p. 28-29)

A Internet, enquanto sistema tecnológico, foi produzida socialmente, ou seja, está diretamente associada a uma cultura¹⁷. Com efeito, esta cultura permeia o ideário dos primeiros usuários da Internet, visto que eles foram os próprios criadores desta. Em decorrência do alcance global em que se encontra o avanço das redes de computadores, parece pertinente diferenciar os produtores/usuários dos consumidores/usuários. Estes são os que não contribuem diretamente para o desenvolvimento tecnológico da Internet, mas devido ao uso que dela fazem, auxiliam no processo contínuo de aperfeiçoamento. Aqueles, por sua vez, atuam diretamente na evolução do sistema. Dessa forma, investigar os produtores/usuários permite conhecer a cultura que subjaz os meandros do sistema tecnológico da Internet:

Por cultura entendo um conjunto de valores e crenças que formam o comportamento; padrões repetitivos de comportamento geram costumes que são repetidos por instituições, bem como por organizações sociais informais. Cultura é diferente de ideologia, psicologia ou representações individuais. Embora explícita, a cultura é uma construção coletiva que transcende preferências individuais, ao mesmo tempo em que influencia as práticas das pessoas no seu âmbito, neste caso os produtores/usuários da Internet (CASTELLS, 2003, p. 34)

Castells (2003) dividiu em quatro categorias ou “camadas” que correspondem ao que denominou de Cultura da Internet: cultura tecnomeritocrática (ou tecnoelites), cultura hacker, cultura comunitária virtual e cultura empresarial¹⁸. O elemento em comum que as entrelaça é a ideologia de liberdade característica do senso-comum acerca da criação da Internet. “Essa ideologia, no entanto, não é a cultura fundadora, porque não interage diretamente com o desenvolvimento do sistema tecnológico: há muitos usos para a liberdade” (CASTELLS, 2003, p. 34).

A estrutura de camadas culturais da Internet é hierarquizada. A cultura tecnomeritocrática incorpora ao projeto tecnológico o arcabouço de normas e costumes que determinam a posição destes na cultura geral. Desse modo, se convertem em cultura hacker por inserirem nas redes de cooperação um modelo cultural a ser difundido

¹⁷ A concepção de Cultura, em sua formulação crítica, será abordada no final deste capítulo com as considerações acerca dos conceitos de *Indústria Cultural* de Adorno e Horkheimer (2006), e no Capítulo III com a fundamentação do conceito de *Formação Cultural* de Adorno (2010b).

¹⁸ Para Castells (2003, p. 35), “a cultura hacker (no sentido sociológico da expressão) é uma caracterização demasiado restritiva da cultura da Internet. A Internet não só depende da atividade empresarial para se difundir na sociedade em geral, como é tributária de suas origens na comunidade acadêmica e científica, em que os critérios da excelência, do exame pelos pares, e a comunicação aberta do trabalho de pesquisa tiveram origem”.

paralelamente às inovações tecnológicas. A cultura comunitária virtual faz da Internet um ambiente de produção e integração simbólica, ou seja, um espaço de convivência social. A cultura empresarial, interessada na ampliação dos lucros, espalha as práticas e inovações tecnológicas por todos os âmbitos da sociedade. As quatro camadas culturais estão interconectadas, embora gozem de certa independência de atuação. O elo comum, como afirmado anteriormente, é a concepção de cultura que as permeia e que é disseminada pela rede de computadores.

A cultura da Internet é uma cultura feita de uma crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia, levado a cabo por comunidades de hackers que prosperam na criatividade tecnológica livre e aberta, incrustada em redes virtuais que pretendem reinventar a sociedade, e materializada por empresários movidos a dinheiro nas engrenagens da nova economia (CASTELLS, 2003, p. 53)

A cultura da Internet, em outra designação, refere-se aos processos de produção e aquisição de conhecimentos, modos de comportamento, costumes e prática específicas do espaço virtual no interior das redes de computadores interconectados pelo mundo. Pierre Lévy (2014) fundamenta os conceitos de “ciberespaço¹⁹” e “cibercultura” em sua obra de mesmo nome, *Cibercultura*. As questões discutidas nesta obra decorreram de um relatório elaborado para o Conselho Europeu em atenção ao projeto *Novas Tecnologias: cooperação cultural e comunicação*. O objetivo consistiu em delinear a postura geral dos indivíduos, instituições e governos diante dos progressos das novas tecnologias digitais de informação e comunicação. Parte dessa demanda envolveu a virtualização da informação, que segue em larga escala, bem como pelas mudanças globais da sociedade influenciadas por estas inovações.

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os

¹⁹ Segundo Lévy (2014, p. 94), o termo “ciberespaço” foi criado e popularizado em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromancer*: “No livro, esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Em *Neuromancer*, a exploração do ciberespaço coloca em cena as fortalezas de informações secretas protegidas pelos programas ICE, ilhas banhadas pelos oceanos de dados que se metamorfoseiam e são trocados em grande velocidade ao redor do planeta. Alguns heróis são capazes de entrar “fisicamente” nesse espaço de dados para lá viver todos os tipos de aventuras. O ciberespaço de Gibson torna sensível a geografia móvel da informação, normalmente invisível. O termo foi imediatamente retomado pelos usuários e criadores de redes digitais. Existe hoje no mundo uma profusão de correntes literárias, musicais, artísticas e talvez até políticas que se dizem parte da “cibercultura””.

seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 2014, p. 17)

A primeira questão em defesa da tecnologia elaborada por Lévy (2014, p. 23) alude a determinadas posturas críticas que atribuem à técnica apenas um meio de escravização e instrumentalização da natureza, da sociedade e do homem. São destacados os teóricos de matiz heideggeriana, como também os que são originários da Escola de Frankfurt. A defesa da técnica demanda um exame de seu caráter dúbio, ou seja, da tese de que não há absolutamente “a técnica” separada e aquém dos interesses políticos e econômicos das grandes corporações e governos (enquanto instituições centralizadoras da produção e do exercício de poder), ao passo que, como parece ser o caso da Internet, a técnica pode ser veículo de expressão de múltiplas vozes, uma vez que está localizada em ambientes tecnoeconômicos menores.

“A ambivalência ou a multiplicidade das significações e dos projetos que envolvem as técnicas são particularmente evidentes no caso do digital. O desenvolvimento das cibertecnologias é encorajado por Estados que perseguem a potência, em geral, e a supremacia militar em particular” (LÉVY, 2014, p. 24)

A técnica, em sentido estrito, não pode ser reduzida em um único jogo de significação simbólica ou de sentido, como por exemplo, seria inadequado afirmar que se trata de um mesmo contexto a energia nuclear e seus protocolos de segurança e controle, e a eletrônica voltada à construção da engenharia da computação que permitiu o surgimento da Internet e sua proposta de abertura, descentralização e cooperação mútua entre os usuários/criadores com vistas a novas formas de *inteligência coletiva*.

Interpretada pelo seu viés ideológico, a inteligência coletiva parece um aspecto atualizado da *Intelligentsia* burguesa (HORKHEIMER, 1980) às redes digitais, por articular determinados termos como “inteligência” e “coletivo” em uma espécie de generalização forçada. Ainda persiste a tese de separação entre sujeito e objeto, indivíduo e sociedade, uma vez que parece haver a convicção de que a Internet, outrora criada em uma “ilha” de especialistas, agora está descentralizada de qualquer poder político ou econômico específico, ou seja, apartada dos interesses particulares e aberta para todo o mundo. Com relação à resenha audiovisual, o apelo da youtuber por “apadrinhamento” de seu canal ao site de financiamento coletivo *O Padrim*, envolveu a

mobilização dos usuários inscritos no canal, que além do aporte financeiro, foram convidados a sugerirem projetos de ampliação da proposta original de resenhar livros clássicos da literatura nacional e internacionais: “Conto ou Poesia da Semana” e o “Clube do Livro”, ambos atrelados ao cumprimento de “metas” de apadrinhamento financeiro²⁰. Como recompensa pelo apoio (intelectual e financeiro), os usuários teriam acesso a conteúdos e fóruns exclusivos em redes sociais como o Facebook, o que faz supor que o vetor de informação pública largamente defendida como *inteligência coletiva* depende, nesse caso, do quanto os usuários estão dispostos a contribuir com seus canais preferidos.

O recente desenvolvimento do ambiente digital dificulta a análise acerca das suas implicações socioculturais. A tendência observada é que as mídias tradicionais estão sendo absorvidas pelo novo meio, e os produtos culturais típicos daquelas mídias adquiriram uma roupagem adaptada à nova forma. Com efeito, seria prematuro afirmar que tais produtos culturais sofreram alguma alteração em seus respectivos conteúdos em função da nova especificidade técnica a qual agora estão sujeitos.

Dados a amplitude e o ritmo das transformações ocorridas, ainda nos é impossível prever as mutações que afetarão o universo digital após o ano 2000. Quando as capacidades de memória e de transmissão aumentam, quando são inventadas novas interfaces com o corpo e o sistema cognitivo humano (a “realidade virtual”, por exemplo), quando se traduz o conteúdo das antigas mídias para o ciberespaço (o telefone, a televisão, os jornais, os livros etc.), quando o digital comunica e coloca em um ciclo de retroalimentação processos físicos, econômicos os industriais anteriormente estanques, suas implicações culturais e sociais devem ser reavaliadas sempre (LÉVY, 2014, p. 25)

A sociedade, nesta perspectiva, está condicionada, e não determinada, pelas técnicas, ao passo que estas somente podem ser constituídas no seio de uma cultura. Nesse contexto, “dizer que a técnica condiciona significa dizer que abre algumas possibilidades, que algumas opções culturais ou sociais não poderiam ser pensadas a sério sem sua presença” (LÉVY, 2014, p. 25-26). Como exemplo, a prensa de Gutenberg não determinou os seguintes eventos, mas os condicionou: a Reforma Protestante, a ampliação da difusão do conhecimento da ciência europeia, o fortalecimento das teses iluministas e as condições objetivas que permitiram a circulação do ideal de liberdade de expressão da opinião pública a partir do século XVIII.

²⁰ Estes dados podem ser conferidos no Capítulo V desse estudo.

Segundo esta concepção de condicionamento, a evolução das técnicas não parece obedecer à lógica determinista de alguma filosofia mecanicista, visto a multiplicidade de condicionantes envolvidos no processo de aperfeiçoamento técnico. Portanto, “todos os fatores “objetivos” nunca são nada além de condições a serem interpretadas, vindas de pessoas e de coletivos capazes de uma invenção radical” (LÉVY, 2014, p. 26). Por si mesma a técnica não se estabelece enquanto julgamento de valor, ou seja, ela não é boa, má ou neutra. O contexto dos usos conduz à percepção do jogo de irreversibilidades nas quais as possibilidades estão situadas, cuja orientação delimita os objetivos e interesses que motivam as decisões no campo tecnológico. Logo, “acreditar em uma disponibilidade total das técnicas e de seu potencial para indivíduos ou coletivos supostamente livres, esclarecidos e racionais seria nutrir-se de ilusões” (LÉVY, 2014, p. 26).

A cibercultura, grosso modo, tem como característica elementar a velocidade de transformação, à qual estão integrados o “digital”, o “fluido”, e a constante “mutação”. Essas alterações técnicas refletem um conjunto de novos modos de percepção de tempo e de espaço sociais, bem como os efeitos que se desdobram no mundo do trabalho, no que tange à adaptação ou extinção de profissões e ocupações de ordem econômica. O imperativo técnico que se impõe é o da inexistência de qualquer “essência estável”, o que remete à metáfora do “impacto” sentido pelos sujeitos quanto às novas tecnologias digitais: parecem ser uma “causa” exterior ao processo produtivo imediato, um “outro” que altera de modo decisivo e irrevogável as relações de existência (econômicas, políticas e sociais). A cibercultura envolve aspectos mutáveis de relações sociotécnicas em âmbito global, numa espécie de *devir coletivo* cujas mudanças escapam das mãos dos indivíduos, pois não é possível acompanhar todas as interconexões²¹ que afetam, produzem e transformam constantemente o ciberespaço. Assim,

Quanto mais os processos de inteligência coletiva se desenvolvem – o que pressupõe, obviamente, o questionamento de diversos poderes –, melhor é a apropriação, por indivíduos e grupos, das alterações técnicas, e menores são os efeitos de exclusão ou de destruição humana resultantes da aceleração do movimento tecnossocial. O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva. É assim, por exemplo, que os organismos de formação profissional ou de ensino a distância desenvolvem

²¹ O “imperativo categórico” da cibercultura é a comunicação universal: “cada computador do planeta, cada aparelho, cada máquina, do automóvel à torradeira, deve possuir um endereço na Internet” (LÉVY, 2014, p. 129). A interconexão, pensada enquanto universal através do contato, constitui-se como um bem em si mesmo que procura, de certo modo, banir o isolamento da existência humana.

sistemas de aprendizagem cooperativa em rede. Grandes empresas instalam dispositivos informatizados de auxílio à colaboração e à coordenação descentralizada (os “groupwares”). Os pesquisadores e estudantes do mundo inteiro trocam ideias, artigos, imagens, experiências ou observações em conferências eletrônicas organizadas de acordo com os interesses específicos. Informatas de todas as partes do planeta ajudam-se mutuamente para resolver problemas de programação. O especialista de uma tecnologia ajuda um novato enquanto um outro especialista o inicia, por sua vez, em um campo no qual ele tem menos conhecimentos... (LÉVY, 2014, p. 29)

A inteligência coletiva depende do ciberespaço para o aperfeiçoamento e manutenção das redes digitais. Não é expressamente necessário que a emergência do ciberespaço “determine” a existência de uma inteligência coletiva, visto que existem, na contramão dos ideais de liberdade e de cooperação, a revitalização de rançosos comportamentos sociais nas redes digitais interativas: isolamento e sobrecarga cognitiva²², dependência (vício em produtos virtuais – games, sites, etc.), dominação (a centralização de decisões e de controle que está em curso pelas grandes empresas de software e governos), de exploração (teletrabalho vigiado ou deslocalização de atividades) e a *bobagem coletiva*: “rumores, conformismo em rede ou em comunidades virtuais, acúmulo de dados sem qualquer informação, “televisão interativa”” (LÉVY, 2014, p. 30).

A participação ativa na cibercultura parece ser o único meio de evitar a exclusão total ou parcial dos novos formatos de ações decisórias do poder político. Os indivíduos precisam ser formados para se apropriarem dessa tecnologia, e assim, favorecer as condições de contraposição aos poderes centralizadores (governos e grandes empresas) que convergem para si as decisões acerca dos rumos civilizatórios.

Devido a seu espaço participativo, socializante, descompartmentalizante, emancipador, a inteligência coletiva proposta pela cibercultura constitui um dos melhores remédios para o ritmo desestabilizante, e por vezes excludente, da mutação técnica. Mas, neste mesmo movimento, a inteligência coletiva trabalha ativamente para a aceleração dessa mutação. Em grego arcaico, a palavra “pharmakon” (que originou “pharmacie”, em francês) significa ao mesmo tempo veneno e remédio. Novo *pharmakon*, a inteligência coletiva que favorece a cibercultura é ao mesmo tempo um *veneno* para aqueles que dela não participam (e ninguém pode participar completamente dela, de tão vasta e multiforme que é) e um *remédio* para aqueles que mergulham em seus turbilhões e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes (LÉVY, 2014, p. 30)

²² O rompimento da dimensão entre o público e o privado no mundo do trabalho: ao organizar o tempo de trabalho sem a necessidade de uma localização centralizada, o trabalho “em casa”, embora pareça mais cômodo, tende a ocupar mais o tempo de atividade profissional ao passo que isola os indivíduos de um convívio “físico” direto com os outros, ao passo que os interconecta virtualmente por meio das redes de computadores.

Algumas considerações teóricas sobre o virtual e o digital são necessárias para avançar o entendimento acerca da capacidade de expansão da cibercultura. O termo virtual se desdobra em três sentidos: o técnico, o corrente e o filosófico. O sentido filosófico resgata o conceito aristotélico de potência: “é virtual *aquilo que existe apenas em potência e não em ato*, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma *atualização*” (LÉVY, 2014, p. 49). O virtual, portanto, é uma instância de possibilidade de realidade anterior à existência formal ou concreta (um bebê é potencialmente – *virtualmente* – um adulto). Assim, a realidade pode ser concebida em dois momentos, no primeiro, como *virtual* – o que pode *vir-a-ser* enquanto manifestação da natureza ou essência da coisa ainda não realizada; no segundo, como *atual* – a coisa que se manifestou plenamente e existe tal como sua natureza. Em suma, são dois modos de *Ser*. O sentido do uso corrente do termo virtual tende a significar o que parece uma *irrealidade*, ou seja, aquilo que não possui existência material ou presença tangível. O sentido técnico caracteriza o virtual como *entidade desterritorializada*, capaz de produzir manifestações concretas em locais e momentos diferentes (tempo/espaço) sem, contudo, estar presa a um local, tempo ou momento particular. Com efeito, “o virtual existe sem estar presente (...); é uma fonte indefinida de atualizações” (LÉVY, 2014, p. 50).

A digitalização de informações é um exemplo da relação direta entre o virtual e a cibercultura. Não é possível ao ser humano “ler” uma informação digital em sua linguagem computacional básica – traduzidas em “0” (zero) e “1” (um). Ele depende de programas de exibição para ter acesso a textos, sons e imagens no ambiente virtual. A máquina realiza uma série de cálculos, em tempo real, para decodificar pedidos e funções, quando feitos corretamente. No mesmo sentido a informação pelas redes digitais pode “correr pelo mundo” quase instantaneamente através dos computadores interconectados, pois “no centro das redes digitais, a informação certamente se encontra *fisicamente situada* em algum lugar, em determinado suporte, mas ela também está *virtualmente presente em cada ponto da rede onde seja pedida*” (LÉVY, 2014, p. 50).

Como exemplo de relação indireta entre o virtual e a cibercultura, destaca-se a emergente digitalização de outras formas de comunicação, anteriores às redes de computadores, mas que de certa forma são mais dependentes e limitadas às distribuições geográficas do espaço bem como às diferenças em relação ao tempo (os fusos horários). Esta demanda se orienta pela tendência irreversível à virtualização das *organizações*, com o objetivo de torná-las menos dependentes de lugares, horários e planejamentos

demasiadamente fixos. Do ponto de vista econômico, o ciberespaço é utilizado como veículo de intercâmbio monetário virtual: inúmeras transações bancárias são realizadas todos os dias, seja pelo movimento quase incalculável de dados das bolsas de valores, seja pela modesta movimentação de uma conta-salário na qual o trabalhador recebe sua remuneração através de operação financeira/administrativa entre banco e empresa, em redes digitais.

A extensão do ciberespaço acompanha e acelera uma virtualização geral da economia e da sociedade. Das substâncias e dos objetos, voltamos aos processos que os produzem. Dos territórios, pulamos para a nascente, em direção às redes móveis que os valorizam e os desenham. Dos processos e das redes, passamos às competências e aos cenários que as determinam mais virtuais ainda. Os suportes de inteligência coletiva do ciberespaço multiplicam e colocam em sinergia as competências. Do design à estratégia, os cenários são alimentados pelas simulações e pelos dados colocados à disposição pelo universo digital. Ubiquidade da informação, documentos interativos interconectados, telecomunicação recíproca e assíncrona em grupo e entre grupos: as características virtualizante e desterritorializante do ciberespaço fazem dele o vetor de um universo aberto. Simetricamente, a extensão de um novo espaço universal dilata o campo de ação dos processos de virtualização (LÉVY, 2014, p. 51-52)

O contexto das mudanças sociais consequentes do advento das tecnologias digitais abre espaço para determinadas inquietações acerca da influência destas no âmbito da educação. Quais seriam as novas relações com o saber a partir da interconexão das redes de comunicação interativas virtuais? Os aparatos tecnológicos digitais ampliaram vertiginosamente as capacidades cognitivas, como a percepção, a memória, a imaginação e o raciocínio calculista, como também prolongaram e expandiram o alcance das possibilidades de comunicação pelo globo por meio da aprendizagem cooperativa e colaboração em rede, sendo estas as marcas características do processo de criação coletiva do ciberespaço. Com efeito, as instituições de ensino tradicionais teriam condições de permanecerem alheias a estas substanciais transformações paradigmáticas? Há de se pensar em diferentes meios de construção e difusão do conhecimento bem como no papel da escola, seus agentes e práticas pedagógicas.

A grande questão da cibercultura, tanto no plano de redução dos custos como no do acesso de todos à educação, não é tanto a passagem do “presencial” à “distância”, nem do escrito e do oral tradicionais à “multimídia”. É a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, de reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências. Nesse quadro, o papel

dos poderes públicos deveria ser:

- garantir a todos uma formação elementar de qualidade;
- permitir a todos um acesso aberto e gratuito a mídiotecas, a centros de orientação, de documentação e de autoformação, a pontos de entrada no ciberespaço, sem negligenciar a indispensável *mediação humana* do acesso ao conhecimento;
- regular e animar uma nova *economia do conhecimento* na qual cada indivíduo, cada grupo, cada organização seriam considerados como recursos de aprendizagem potenciais ao serviço de percursos de formação contínuos e personalizados (LÉVY, 2014, p. 174-175)

Uma educação em rede aponta para um futuro próximo no qual ocorrerá a virtualização da relação com o conhecimento, a autonomização ou personalização do tempo de estudos e a flexibilização do processo formal de ensino. As atuais práticas pedagógicas e a formação geral, se não desejarem a alcunha de obsoletas, deverão se posicionar para atender esta demanda social, econômica e política, para construir, dessa forma, um novo elo entre a *formação* e o *reconhecimento*. Presume-se que o reconhecimento reorganizará a divisão social do trabalho que já não comporta o paradigma da “profissão ou ofício único”. A fluidez do universo virtual exige uma multiplicidade de saberes pelos quais o indivíduo poderá, através de trajetos personalizados e descentralizados institucionalmente, orientar-se de acordo com suas metas pessoais ou das comunidades às quais pertence.

O horizonte descrito acima atenua o certo exagero do título dessa tese – “professor (a) youtuber?”. A resenha audiovisual consumida como material didático ou videoaula corrobora com a expectativa de “personalização do tempo de estudos”, uma vez que o usuário/aluno pode assisti-la quando quiser e de onde estiver, desde que tenha acesso à Internet. Por outro lado, o que se quer dizer com “flexibilização do processo formal de ensino”? Uma resenha audiovisual, por exemplo, substituiria a leitura do livro bem como a contextualização rigorosa da obra e de seu autor? O processo que engendra as formas de conhecimento abreviado disfarçadas de “flexibilização”, “autonomização” e “personalização” parece atender a uma demanda política imediata de (de) formação acadêmica específica: solapar o potencial de emancipação.

Mas como será a produção de conhecimento não diretamente relacionado ao desenvolvimento interno da rede? Como ficam os demais saberes de natureza científica, filosófica, política e estética, por exemplo? E as práticas pedagógicas? E a formação cultural ampla? Como será esse indivíduo formado na e pela rede de computadores?

O tempo, ou melhor, a percepção que os homens têm do tempo no ciberespaço parece envolver a vida cotidiana a ponto de condicioná-la à velocidade de tradução da

comunicação em números (digitalização universal). Neste novo mundo onde todos são “virtualmente” produtores e consumidores de informações, a educação institucional (escola e universidade) adquire suas novas versões digitais: a Educação a Distância (EaD), a Universidade Aberta (UAB), os repositórios digitais de teses e dissertações, os periódicos científicos *on-line*. Estas seriam, de certo modo, as produções qualificadas feitas por profissionais da educação escolar (professores e pesquisadores) de diversas áreas do conhecimento.

Mas em que termos seria possível uma autogestão do conhecimento científico para um graduando que cursa o primeiro ano universitário? E no ensino secundário (Ensino Médio), que recentemente no Brasil (2018) o MEC (Ministério da Educação) abriu a alternativa de escolha ao estudante em optar por estudar uma área específica do conhecimento (Linguagens e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciência da Natureza e suas tecnologias; Ciências Humanas e Sociais aplicadas; e Formação Técnica e Profissional²³), sendo possível complementação via Internet no interior do projeto de Escola de Educação Integral? Com que repertório este aluno conduzirá por si mesmo uma “economia do conhecimento” em rede? E o tempo de formação? Em outro sentido, percebe-se que a formação profissional a cada dia é encurtada. Cursos de graduação em instituições particulares de ensino oferecem certificação em 24 meses. Mestrados “profissionais” exigem 12 meses no qual o aluno deve cursar disciplinas e apresentar uma dissertação como conclusão de curso. A pergunta que se impõe: de que modo serão conduzidos os rigorosos processos de fundamentação teórica e, em relação à pesquisa empírica, o desenvolvimento pormenorizado dos procedimentos metodológicos, sendo ambos responsáveis em oferecer alguma segurança diante da investigação acerca de um objeto? A escassez de tempo dedicado à formação pode comprometer uma importante instância geradora de sentido: a experiência.

A Internet, com efeito, abriu espaço para a produção de toda espécie de conteúdo para os mais diversos públicos e interesses. O recorte metodológico desta tese procurou situar um site em meio a inúmeros disponíveis: o *YouTube* e a produção de material com conteúdo intelectual e pretensão educativa – a discussão acerca de obras literárias de notória relevância política e estética. Ao avançar no recorte, o exame incidiu sobre um modelo consagrado de síntese de obras científicas, filosóficas e literárias oriundas dos textos escritos: as resenhas. Em formato de vídeos, denominam-se resenhas

²³ Lei n. 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Art. 36.

literárias audiovisuais. Ainda de acordo com o recorte, o exame remete à apresentação audiovisual de uma resenha literária realizada por um tipo novo de “especialista” nascido no meio virtual em questão: o *Youtuber*, que será apresentado adiante.

O objetivo, até aqui, consistiu em abordar a Internet como fruto da ideologia que a garante como terreno criado à parte de interesses econômicos e políticos precisamente determinados, sob o mito da cooperação mútua e coletiva de visionários que desejavam ampliar os meios de comunicação humanos de modo aberto, livre e colaborativo.

A seguir, destacam-se os elementos constitutivos de uma crítica determinada a esta nova forma de concepção de *sociedade em rede*, pelo recorte metodológico da análise sobre os conteúdos intelectuais disponíveis no *YouTube*, que parece determinar a criação de materiais digitais como mercadorias culturais industrialmente produzidas – a relação entre o Indústria Cultural e a atualização de uma das principais categorias responsáveis pela mediação crítica do presente estudo: a usurpação do esquematismo kantiano.

2.2 – O *YouTube* e o mito de comunidade cooperativa de produção de conteúdo

Segundo Burgess e Green (2009) na obra *YouTube e a Revolução Digital*, o YouTube foi lançado em 2005 e, seus criadores, foram Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim. O site passou por expressiva mudança em seu formato original: de *Your Digital Video Repository* (Seu Repositório de Vídeos Digitais), para *Broadcast Yourself* (Transmitir-se), ou seja, “de um recurso de armazenamento pessoal de conteúdos em vídeo para plataforma destinada à expressão pessoal” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 21).

Com esse novo formato, o YouTube pode ser definido como site de compartilhamento de vídeos na Internet. Enquanto empresa, não é uma geradora de conteúdos por si mesma, mas absorve a produção de vídeos amadores bem como, em sua versão mais recente, as sofisticadas produções da publicidade empresarial até então veiculadas pelas grandes mídias (TV, rádio, cinema, jornal impresso, gravadoras). A plataforma oferece uma interface de acesso simples que não exige muitos conhecimentos técnicos em informática ou de produção e edição de conteúdos audiovisuais. Ela permite a disponibilização de *links* para acesso a outros vídeos, imagens, textos, sites, enfim, qualquer conteúdo público disponível na Internet, assim como os endereços eletrônicos dos vídeos (URL ou HTTPS) podem ser copiados e

colados em sites de busca, hipertextos e em diversas plataformas de exibição compatíveis. Para fazer o *login* no site, o futuro usuário deve informar um e-mail cadastrado no Google, mas não é preciso fazer *login* para assistir à maioria dos vídeos publicados, tão pouco é condição de acesso a criação e *upload* de vídeos na rede. O usuário pode “avaliar” o conteúdo do vídeo publicado ao clicar sobre o ícone “gostei” ou “não gostei”, como também compartilhar o vídeo em outras redes sociais ao clicar sobre os logotipos destas, pode se inscrever como “seguidor” do canal que disponibilizou o vídeo e manifestar sua opinião por escrito na caixa de comentários (para esse último, é preciso fazer *login* no sistema). Hoje, a mobilidade dos meios técnicos digitais (telefonia móvel) permite que com apenas um aparelho celular seja possível produzir um vídeo, editá-lo, fazer o *upload*²⁴ no site e publicá-lo em rede, gratuitamente (em caso de cadastro de pessoa física).

A história de criação do YouTube remonta o mito atribuído às origens humildes de jovens pesquisadores de tecnologia de telecomunicação e informática do Vale do Silício, nos Estados Unidos da América: de um escritório locado em cima de uma pizzeria ao seletto grupo de empresas bilionárias.

O momento de sucesso chegou em outubro de 2006, quando o Google pagou 1,65 bilhão de dólares pelo YouTube. Em novembro de 2007, ele já era o site de entretenimento mais popular do Reino Unido, com o site da BBC ficando em segundo. No começo de 2008, de acordo com vários serviços de medição de tráfego na web, já figurava de maneira consistente entre os dez sites mais visitados do mundo. Em abril de 2008, o YouTube já hospedava algo em torno de 85 milhões de vídeos, um número que representa um aumento dez vezes maior em comparação ao ano anterior e que continua a crescer exponencialmente. A comScore, empresa de pesquisa de mercado da internet, divulgou que o serviço respondia por 37% de todos os vídeos assistidos nos Estados Unidos, com o segundo maior serviço do tipo, a Fox Interactive Media, ficando com apenas 4,2%. Como uma comunidade de conteúdo gerado por usuários, seu tamanho gigantesco e sua popularidade entre as massas eram sem precedentes (BURGESS; GREEN, 2009, p. 18)

A expressão “mito” necessita de esclarecimentos. Este remonta o conceito de narrativa acerca da origem de todas as coisas, tal como desenvolvido pelos estudos das cosmogonias e teogonias gregas no período anterior ao século VI a. C., quando o pensamento racional ainda não havia se desenvolvido enquanto tentativa de explicar a realidade (CHAUI, 2003, p. 34-37). Um dos principais elementos desse tipo de narrativa consiste em acreditar na autoridade religiosa do narrador – o poeta-rapsodo. Enquanto escolhido pelos deuses para relatar a genealogia, ou seja, a origem divina de

²⁴ Ao realizar o *upload*, deve-se atribuir palavras-chave ao vídeo para permitir a sua busca na *web*.

todas as coisas, o poeta dita as normas morais e políticas que determinam a vida: “sua palavra – o mito – é sagrada porque vem de uma revelação divina. O mito é, pois, incontestável e inquestionável” (CHAUI, 2003, p. 35). O mito narra a origem das coisas por três vias: estabelece o pai e a mãe primordiais, cujas relações sexuais geram a existência (deuses, titãs, heróis, humanos, animais, metais e qualidades como quente e frio, bem e mal, belo e feio, justo e injusto); determina a rivalidade e a alianças entre os deuses (para que os humanos justifiquem suas derrotas e vitórias nas guerras); e pelo encontro das recompensas e castigos por obedecerem ou não os desígnios dos deuses. Em outros termos, no contexto histórico das condições objetivas Grécia Antiga os mitos foram criados pelas elites aristocráticas detentoras de grandes propriedades de terras para justificarem e manterem seu poder sobre os demais indivíduos. O surgimento da filosofia, com efeito, altera o modo como a origem de toda as coisas é explicada, de modo que a autoridade do narrador de certo modo abre espaço para a autoridade da razão, e não do filósofo, uma vez que, segundo a filosofia nascente, todos os seres humanos são igualmente capazes de lançar mão da própria razão para compreender o mundo e suas relações, não dependendo da tutela de outrem.

Nesse sentido e para além de suas origens, o YouTube é um fiel disseminador do mito (ou de certo modo, da retórica) que envolve a *WEB 2.0*: a revolução técnica de natureza libertária, descentralizada e colaborativa própria à Internet, liderada pelos próprios usuários. Contudo, o sucesso do site derivou da combinação de dois processos aparentemente distintos. Por um lado, a popularidade em termos de números de acesso, comentários e inscrições em canais²⁵ específicos criados por usuários e, por outro, pelo uso do YouTube como empresa de distribuição de conteúdo, tendo em vista o lucro, que atendesse ao gosto do público consumidor. No núcleo desta relação desencadeiam grandes conflitos: “essa combinação que posicionou o YouTube como o foco central em que disputas por direitos autorais, cultura participativa e estruturas comerciais para distribuição de vídeos *on-line* estão acontecendo” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 21).

Do ponto de vista comercial, o YouTube é um “metanegócio” – ele aumenta o valor da informação criada por um usuário, já que o site não produz conteúdo. Em tese, todos se beneficiam, empresa e usuário. Assim, o site chama a atenção de possíveis anunciantes que revertem dinheiro aos produtores de vídeos de acordo com a

²⁵ Canais são páginas de perfil de colaboradores que criam conteúdos audiovisuais para o YouTube, por exemplo, o canal “Ler Antes de Morrer” de Isabella Lubrano, que publicou a resenha literária audiovisual do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (2015), que é objeto de estudo desta tese.

audiência²⁶. Portanto, o “negócio” do YouTube não consiste exatamente em vídeos, “mais precisamente, a disponibilização de uma plataforma conveniente e funcional para o compartilhamento de vídeos *on-line*” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 21). Estes vídeos podem ser de alta qualidade como também produção amadora de conteúdo “caseiro”. A esse respeito, surgiram desconfianças entre os usuários sobre a presença de conteúdos oriundos dos grandes estúdios das mídias tradicionais, as quais dispõem de sofisticadas infraestruturas técnicas de produção, incompatíveis com as origens técnicas dos vídeos “caseiros” produzidos pela comunidade do YouTube.

As práticas comerciais do YouTube têm se mostrado particularmente controversas, tanto em relação aos velhos meios de comunicação como junto a alguns dos membros mais ativos de sua rede social. Embora alguns dos mais importantes nomes da Produção de Conteúdo – grandes produtores de mídia e detentores de direitos como os grupos Warner e Universal Music – tenham assinado acordos de participação em venda de publicidade com o YouTube, outros gigantes como o conglomerado estadunidense Viacom rejeitaram esses acordos, argumentando que o serviço induz à violação de direitos autorais e lucra com essa atitude (Helf, 2008). Muitas dessas empresas parecem desconfortáveis com seus papéis de meros participantes em um espaço no qual não exercem controle absoluto sobre a distribuição e a circulação de seus produtos culturais. Ao mesmo tempo, alguns dos membros mais ativos da rede social do YouTube expressaram desconforto com a intromissão de personagens corporativos em um espaço que consideram gerido pela comunidade (BURGESS; GREEN, 2009, p. 22)

A incompatibilidade entre os interesses corporativos e a comunidade de usuários teve como sustentáculo a falta de clareza acerca dos usos, significados e objetivos do YouTube. Suas múltiplas funções podem ser condensadas em quatro categorias gerais intercambiáveis: site de grande tráfego; plataforma de veiculação em rede; arquivo de mídia digital; rede social. Dessa forma, a produção “em massa” de conteúdos não se limitaria a um único corpo de interesses, o que permite interpretá-lo como uma rede de publicação de diversos “valores culturais, sociais e econômicos” produzidos coletivamente e, mensurados pelo crivo comercial, pelo modo como esses valores se desdobram nas atividades de consumo, nas avaliações dos vídeos (*feedbacks*) e na perspicácia de certos usuários em ganhar dinheiro com seus conteúdos audiovisuais (empreendedorismo). Com efeito, é inseparável o sucesso do YouTube da co-criação do consumidor:

²⁶ No Capítulo V consta uma lista com os dez mais bem pagos youtubers de 2018, com os dados sobre seus canais, número de inscritos e visualizações. O canal *Ler Antes de Morrer*, objeto de análise desta tese, foi abordado a seguir desta lista.

[...] é fundamental para avaliar o valor do YouTube, assim como sua influência contestadora sobre os modelos de negócio vigentes dos meios de comunicação. Avaliado sob essa ótica, podemos começar a refletir sobre a importância do YouTube em termos culturais. Para o YouTube, a cultura participativa não é somente um artifício ou adereço secundário; é, sem dúvida, seu principal negócio (BURGESS; GREEN, 2009, p. 23)

Mas o que seria a Cultura Participativa? De certo modo, caracteriza a aparente associação entre três elementos da rede: as tecnologias digitais mais acessíveis (computadores, celulares, Internet, etc.), a produção de conteúdo por usuários e as transformações da relação entre a grande mídia e os consumidores, demarcando possíveis rupturas dos centros de poder até então dominantes na comunicação. O campo em que se debatem os termos desse controverso conceito abrange a política da cultura popular, por um lado, e o poder da grande mídia, por outro. Destarte, “o YouTube prova que, na prática, as novas configurações econômicas e culturais que a “cultura participativa” representa são tão contestadoras e incômodas quanto potencialmente libertárias” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 28). O que está em jogo, para os autores, é o valor e a legitimidade da cultura popular através dos vídeos do YouTube, que se traduzem em arena de disputa de significados culturais e políticos amplos, e não apenas em questões de tecnologia.

Esta discussão, no entanto, não é recente. Nos Estados Unidos os pesquisadores do movimento “Estudos Culturais” se debruçaram sobre esses temas desde a década de 1950. O contexto do estabelecimento do valor da cultura popular segue pelos trilhos da “modernidade”: as mudanças políticas e econômicas da composição das classes sociais, a produção da cultura de massa na esteira da indústria e o acesso de pessoas “comuns” à educação. Tal valorização “têm importância somente à medida que são compreendidas como parte de um projeto político de emancipação e democracia, vinculados à política de classe, raça e sexo” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 29). Logo, pode-se constatar no campo das disputas pela hegemonia do marco do termo “cultura participativa” definições divergentes e antagonismos nos quais o senso comum associa à cultura popular uma espécie de comércio de massa em contraposição à alta cultura.

A cultura popular se distingue da alta cultura por meio de suas condições de produção e consumo dentro do capitalismo, assim como por sua estética e identidades correspondentes. Um outro modo de ver a “cultura das pessoas” é como uma cultura autenticamente doméstica, parte das duradouras tradições da cultura folclórica, distintas *tanto* da alta cultura (a Ópera de Paris) *como* da cultura de massa comercial (Paris Hilton) e outras. O desejo residual por uma cultura folclórica contemporânea, que serviu de base para a contracultura da Costa Oeste, posteriormente se vinculou à tecnocultura e ao

individualismo norte-americano para produzir a “utopia digital” (F. Turner, 2006), que emerge repetidamente como parte da ideologia DIY (*Do It Yourself* ou “Faça Você Mesmo”) da cultura participativa, da valorização da mídia amadora e comunitária e das ideias otimistas sobre a democratização da produção cultural (veja Benkler, 2006, p. 274-8; e Jenkins, 2006a, p. 135-7). Ambas as definições de popularidade e das políticas que as acompanham afloram nos discursos sobre o YouTube (BURGESS; GREEN, 2009, p. 30)

O YouTube conseguiu, com sua política de disponibilização de vídeos (nem sempre) amadores, colocar no centro da atual conjuntura dos mercados de produção midiática bem como na reflexão acerca dos rumos da produção dos conteúdos da cultura digital, a “criatividade cotidiana”. O consumo não pode ser mais compreendido enquanto fim da cadeia de produção, mas como complexidade dinâmica. A diversidade, o alcance e a popularidade dos vídeos do YouTube estão intimamente ligados pelo atual sentido concedido à cultura popular, que conjuga a produção amadora e o consumo criativo. No entanto, é preciso examinar com cuidado a relação entre as tecnologias digitais, a Internet e os interesses da participação direta dos usuários na criação de conteúdo, para assim evitar mistificações ou generalizações demasiado apaixonadas acerca do potencial libertário da tecnologia. “O YouTube não representa uma colisão e sim uma co-evolução aliada a uma coexistência desconfortável entre “antigas” e “novas” aplicações, formas e práticas de mídia” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 33).

Dessa forma, os usuários se envolvem com novas formas de publicação que exploram, através do discurso direto, quase íntimo, suas próprias experiências culturais que alimentam a criatividade e a produção de conteúdos: entretenimento (trivialidades cômicas), vídeos de animais de estimação, tutoriais sobre os mais diversos assuntos, palestras, entrevistas, clipes musicais, furos de reportagem, publicidade, propaganda política, esportes, documentários, videoaulas, resenhas audiovisuais de livros acadêmicos (objeto deste estudo), enfim, pode-se encontrar uma infinidade de temas produzidos em diversos formatos e gêneros de comunicação, como os *Vlogs*.

Este formato “geral” subsume outros, como conteúdos informativos e vídeos de música. O usuário pode interagir com esses conteúdos comentando-os, publicando-os em blogs pessoais, curtindo-os, se inscrevendo nos canais onde os vídeos estão hospedados. Essa mudança no mercado cultural (pois as mídias tradicionais não abriam muito espaço para manifestação da audiência) culminou na reflexão acerca da transição da relação entre “autores”, “produtores” e texto para “cidadão do mundo” em uma “sociedade redacional” (*redaction*): “o consumo de mídia, de acordo com esse modelo, se distanciou da atividade de “somente leitura” para se tornar um modelo “leia e

escreva”” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 72).

Parece muito problemático fixar, no YouTube, as categorias “usuários” e “amador”, visto que a criatividade cotidiana, aliada ao consumo de produtos audiovisuais, se tornou uma espécie de valiosa moeda de troca para a produção de conteúdo. O gênero de comunicação *Vlog*, que por sua vez é o “formato coloquial tão emblemático do conteúdo criado por usuários do YouTube” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 67), orienta o modo de produção dos vídeos mais populares, sejam eles criados em um quarto com um celular ou em um estúdio com tecnologia de última geração de alguma mídia tradicional. Menos relevante para os consumidores/usuários, de acordo com as pesquisas de popularidade (IBOPE) de Burgess e Green (2009), é a origem da produção, desde que os traços cotidianos – temáticos e linguísticos – próprios ao YouTube, permaneçam.

Vale destacar esse aspecto quanto à resenha audiovisual examinada. A youtuber e jornalista Isabella Lubrano articulou em sua apresentação uma pesquisa bem feita (a despeito dos clichês utilizados), carisma, bom humor e desenvoltura linguística que certamente contribuíram para o sucesso de visualizações de seu canal, visto que se trata de um material intelectual com pretensões educativas, logo, voltado para um público específico não homogêneo (alunos, professores, amantes de literatura). Com efeito, o número de inscritos e a quantidade de visualizações não se aproximam exponencialmente dos vídeos sobre videogames, comentários de brinquedos, diários virtuais de celebridades, esportes e aventuras radicais, dicas de maquiagem e de humor sobre a vida cotidiana. Desse modo, os usos dos conteúdos são mais importantes na rede social do que propriamente sua criação. O formato *Vlog* é o porta-voz do cotidiano:

A forma tem seus antecedentes na cultura da webcam, blogs pessoais e na mais difundida “cultura confessional (Matthews, 2007), que caracteriza programas de entrevista na TV e reality shows que se concentram na observação da vida cotidiana (...). Confiava-se no emocional para a criação de algo inesquecível e espetacular. O ato de vlogar compartilha dessa ênfase na vivacidade, imediatismo e comunicação direta, e também é importante para o entendimento da especificidade do YouTube (...). O vlog nos faz lembrar da característica residual da comunicação interpessoal cara a cara e fornece um importante ponto de diferenciação entre o vídeo on-line e a televisão (...), o conteúdo da mídia tradicional não convida explicitamente ao diálogo ou à participação intercriativa (...). O vlog como gênero de comunicação convida à crítica, ao debate e à discussão. A resposta direta, por meio de comentários ou de vídeos, é o ponto central desse modo de envolvimento. Vlogs frequentemente são respostas a outros vlogs, conduzindo discussões ao longo do YouTube e respondendo diretamente a comentários deixados em postagens anteriores do vlog. Patrícia Lange (2007a) nota que usuários particularmente engajados do YouTube lançam

comentários negativos e “ódio” (*hate*) diretamente por meio de seus vlogs, muitos por encararem essa prática como uma parte natural do formato em si (BURGESS; GREEN, 2009, p. 79)

O formato *Vlog* implica na intimidade do discurso direto que tende a conduzir a audiência mediante o apelo ao cotidiano, estratégia amplamente utilizada pela televisão (BET, 2015; BET; ZUIN, 2017). A venda imagética do cotidiano não é um negócio próprio do YouTube, pois as novelas impressas (folhetins), as radionovelas e as telenovelas moldaram seus produtos, formal e conceitualmente, a partir da caricatura estereotipada da vida real, que se converteu em mercadoria altamente rentável da indústria do entretenimento.

Para uma pequena fração de usuários, o YouTube é um site de relacionamento pessoal. A diferença decisiva para os demais sites de relacionamento (como o Facebook) consiste no objeto que indica tanto o interesse capaz de agrupar pessoas quanto o que determina a rede social enquanto veículo de comunicação: o conteúdo dos vídeos. Dessa forma, é imperativo compreender quem são os usuários que dedicam seu tempo à produção de conteúdos para o YouTube. Os *YouTubers*, cujos vídeos estão entre os mais populares são denominados de “usuários líderes” da comunidade: criam referências, compõem o “núcleo social” do site, elaboram, criticam e contribuem mutuamente com vídeos capazes de determinar, coletivamente, o modo de funcionamento da rede pelo exercício da própria prática, bem como “são importantes condutores do mercado de atenção do YouTube e essenciais na cocriação de uma versão distinta da cultura emergente do YouTube” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 86).

Pensar sobre a cultura participativa entre os *YouTubers* demanda não perder de vista as relações que a permitem, pois, por um lado, o sistema tecnológico depende do interesse corporativo mercadológico, e por outro, os mecanismos de interferência e troca devem sua influência a aspectos da vida cotidiana, como fonte reguladora de tendências na rede. Os valores estéticos e as técnicas “adequadas” organizam a arquitetura de produção de conteúdo, de modo que os usuários façam da plataforma uma rede de práticas criativas. No entanto, este universo livre, criativo e cooperativo não parece ser fruto de uma tendência explícita nascida dos objetivos da empresa. Não existe um chamado formal para a participação coletiva e colaborativa entre os usuários do YouTube.

Três aspectos corroboram a proposição. Primeiro, o site apresenta no design de sua interface miniaturas de vídeos (*thumbnails*), e não perfis de usuários ou

comunidades; segundo, os grupos não são facilmente encontrados pelas ferramentas de busca disponíveis; terceiro, os vídeos não podem ser baixados (*download*) diretamente do YouTube e os usuários não detêm qualquer controle sobre os licenciamentos (direitos sobre propriedade de autoria, hospedagem e circulação na rede). Nessa medida, são limitadas as iniciativas corporativas de produção colaborativa.

A inovação do YouTube decorreu dos usos feitos pelos usuários e adquiriram notoriedade pelos *YouTubers*, e não por meio de patrocínio ou estímulo da YouTube Inc. (corporação ligada à Google). Esta, ao contrário, favorece a participação individual a despeito do repetido slogan de “site comunitário”.

As inovações geradas por usuários do YouTube também vão além dos “golpes” da tecnologia para incluir inovações de *conteúdo* – adaptações criativas de convenções existentes do vídeo on-line. Em particular, as próprias regras básicas formais das entradas de vlogs – um rosto em close, uma câmera e um pouco de edição – são usadas como base para a criatividade e inovações coletivas (BURGESS; GREEN, 2009, p. 95)

Contudo, o YouTube parece que nunca foi um site fechado em si mesmo. A plataforma sempre ofereceu ferramentas de portabilidade para a incorporação de conteúdos de outros sites. Mas esse trabalho, com efeito, fica à cargo dos usuários, que em sua maioria esmagadora, não recebe nenhuma gratificação (financeira ou social) por essa atividade fundamental para o sucesso massivo do site, a não ser que a audiência transforme o consumidor/usuário comum em *YouTuber* com os milhares de inscritos em seus canais e as milhões de visualizações de seus vídeos.

A suspeita que tange todo esse esforço de afirmação da existência de uma emergente cultura libertária através da Internet, inclina à formulação crítica desses pressupostos por meio da tensão de sua antítese: fachada de liberdade e cimento social – facetas da aparência de conformidade. O YouTube é uma empresa, e como tal, está organizada ideológica e formalmente como sistema no interior da concepção burguesa de produção, no sentido abordado por Horkheimer (1980). Descentralização de decisões e adaptabilidade por si mesmas não podem confirmar, sem reflexão rigorosa, a existência revolucionária de uma nova *cultura em rede*, cuja determinação consiste no exercício absoluto de liberdade de criação, flexibilidade e cooperação. Estas qualidades inerentes ao comportamento dos usuários nas redes digitais não estão previstas e administradas pela corporação? Antes, o que é cultura? Em que sentido essa concepção tecnocultural atende os interesses das corporações? Que espécie de mediação regula o

nexo entre tecnologia e práticas cotidianas da cultura participativa? Pode-se afirmar que a “criação de conteúdo” nos termos da cibercultura seja produção de conhecimento, tendo em vista a difusão de informações de esclarecimento? Essas indagações orientaram as reflexões que se seguem.

2.3 – Indústria Cultural e o esquematismo kantiano: uma antiga reflexão, um novo contexto

Os avanços da microeletrônica tornarão possível o surgimento de uma democracia verdadeira com uma ampla descentralização do poder e das decisões políticas, com a descentralização da produção e um incremento da responsabilidade e da liberdade individuais no interior do contexto social. Mas ao mesmo tempo podem representar os instrumentos do poder e da sua conservação, conduzindo a ditaduras fortemente centralizadas e totalitárias do tipo “Big Brother” de Orwell (SCHAFF, 2001, p. 11)

O trecho acima foi escrito em 1985 por Alexander King, Presidente do clube de Roma, como prefácio à obra *A Sociedade Informática*, do filósofo marxista Adam Schaff (2001). Schaff destacou os desdobramentos de três revoluções técnico-científicas decisivas que conduziram as profundas alterações no modo de divisão social do trabalho, nas manifestações culturais e nos meios de ampliação do domínio da natureza e do homem a partir do século XX: a microeletrônica, a microbiológica e a energético-nuclear. Ambas são efeitos dos progressos técnicos da Segunda Revolução Industrial. Enquanto a Primeira Revolução Industrial permitiu um importante incremento ao trabalho humano, através do aperfeiçoamento tecnológico da produção e a consequente substituição da força física pelas máquinas, a Segunda Revolução, que por sua vez é geradora de preocupações acerca da possibilidade de desemprego estrutural e da consumação de uma burocracia tecnologicamente racionalizada e eficaz, substituiu a força intelectual do homem nos processos de produção. A hipótese de Schaff (2001) consiste na reflexão acerca das possíveis mudanças nas relações sociais decorrentes das alterações sofridas no interior dos mecanismos de produção e serviços, como efeitos das “transformações revolucionárias” da ciência e da técnica.

A revolução microeletrônica talvez seja das três a mais evidentemente percebida na vida cotidiana, porém isso não desperta imediatamente qualquer suspeita quanto às suas aplicações. Alguns objetos eletrônicos da vida comum, como relógios, geladeiras, televisão, pequenas calculadoras, telefone, compõem os utensílios domésticos. Outros aparelhos mais sofisticados como os computadores, são instrumentos para o

desenvolvimento da indústria de diversos seguimentos, da pesquisa científica de ponta, das redes de comunicação e transportes. Fábricas inteiras substituíram o serviço de homens por autômatos (robôs) controlados remotamente por computadores. A revolução eletrônica e a revolução informática compartilham o mesmo campo de atuação.

E finalmente, em um nível superior, devemos colocar a mais perigosa e por isso a mais importante esfera de aplicações: a moderna técnica de guerra. Tudo isso é consequência dos efeitos combinados da revolução microeletrônica e da energia termonuclear (SCHAFF, 2001, p. 22)

A criação da engenharia genética pode ser considerada a grande resultante da revolução microbiológica. A expectativa se volta ao conjunto de técnicas que permitirá ao homem o domínio completo da natureza orgânica geral bem como os meios para desvendar os segredos em torno da composição biológica do “Eu” pela decifração do código genético. Este é um aprofundamento do conhecimento, sem precedentes, das leis orgânicas que determinam a organização molecular da vida. Com isso, presume-se que será possível a criação de animais (como também de homens) e plantas mais resistentes a doenças e às adversidades climáticas, novas e eficazes curas para graves doenças serão desenvolvidas, e finalmente haverá a solução técnica para a erradicação da fome e da desnutrição. Mas grandes riscos acompanham esses avanços:

Ingerência na personalidade humana, produção artificial de seres humanos com diversas características "encomendadas" com antecedência (imaginemos, por exemplo, a “encomenda” de seres “obedientes” a este ou àquele regime totalitário), ou também a produção de um certo número de indivíduos idênticos no que se refere às características físicas e mentais (através da utilização técnica do clone) (SCHAFF, 2001, p. 23-24)

A revolução energética está associada ao avanço das pesquisas com a energia e fusão nucleares. Não seria possível aspirar um futuro de progresso e realizações para a satisfação humana se não houvessem novas reservas e fontes de energia para movimentar a engrenagem das revoluções técnico-científicas. O petróleo é uma fonte com data prevista para esgotamento. Assim, a busca não é apenas por novas reservas, mas pelo desenvolvimento de tecnologias capazes de explorar fontes quase inesgotáveis de energia até então sem um aproveitamento adequado, como as energias solar, geotérmica, eólica, das marés dos mares e oceanos, os impactos das ondas e os fluxos dos rios. Contudo, o grande avanço consiste nos procedimentos de fissão e fusão

controladas dos átomos: a energia nuclear. “A respeito da fissão sabe-se já praticamente tudo, e disso surge a ameaça de sua utilização para fins militares. A fusão proporcionaria ao homem recursos energéticos praticamente ilimitados para diversos fins” (SCHAFF, 2001, p. 25). Ainda pouco se sabe sobre os mecanismos da fusão, porém, as pesquisas indicam que em breve este problema será revolvido.

Dessa forma, as três revoluções que compõem a grande revolução técnico-científica demarcam os rumos do conhecimento que determinarão as mudanças expressivas na forma de conceber o mundo e de organização da sociedade. Seria um novo horizonte para a cultura?

A mudança cultural será certamente a consequência social mais importante da segunda revolução industrial. Em minha opinião, a sociedade informática escreverá uma nova página na história da humanidade, pois dará um grande passo no sentido da materialização do velho ideal dos grandes humanistas, a saber, o do *homem universal*, e universal em dois sentidos: no de sua formação global, que lhe permitirá fugir do estreito caminho da especialização unilateral, que é hoje a norma, e no de se libertar do enclausuramento numa cultura nacional, para converter-se em cidadão do mundo no melhor sentido do termo (SCHAFF, 2001, p. 71)

Mas afinal, o que é cultura? A revolução técnico-científica desencadeou nela alguma modificação de sentido? A cibercultura, enquanto derivada da revolução microeletrônica, seria fruto de uma nova “cultura industrial” ou produto de uma “indústria cultural” em âmbito global por meio da rede de computadores interconectados? Que tipo de formação o homem deverá lançar mão para não ficar aquém dessas transformações massivas? Ou então, tributária à massificação do que quer que seja hoje a cultura, quais são os meandros desses processos e seus impactos na administração da vida? Questões dessa natureza tendem a pressupor que somente motivado pela convicção irrefletida de uma perspectiva regressiva, o indivíduo pode admitir a ideia de que o estado de coisas atual é sinônimo de progresso.

Sobre os aspectos da regressão a que estão submetidos os homens, as especulações filosóficas entre teoria e prática de Adorno e Horkheimer (2006) sobre a Indústria Cultural, constituem um rigoroso e amplo conjunto de proposições críticas apropriadas para lançar luz sobre problemas que de certo modo foram pensados pelos autores, mas envolvendo objetos de pesquisa próprios ao seu tempo. Ao tecerem críticas sobre o conteúdo e a forma dos veículos de comunicação em massa (rádio, tv e cinema) em meados da década de 1940, os frankfurtianos deixaram para os críticos posteriores uma série de categorias e procedimentos metodológicos que, mediante atualização,

poderão contribuir para a construção de inferências bem como na interpretação de novos fenômenos enquanto objetos de investigação social, tal como os materiais intelectuais disponíveis no *YouTube*.

Uma vez que do ponto de vista da dialética negativa é o objeto que determina e estabelece as categorias críticas e o método pelo o qual suas características poderão ser apreendidas em sua imanência, recorrer ao esforço teórico dos textos aparentemente “fora do tempo histórico do objeto” tem por objetivo não a sua imediata correlação, mas justamente compreender os caminhos percorridos pela humanidade desde a crítica outrora realizada. A decisão de elaboração crítica acerca de um objeto somente tem sentido quando é investigado o seu percurso histórico. No aforismo *Escavando e Recordando*, Benjamin argumenta sobre a importância da memória para o homem que deseja se aproximar de seu passado soterrado:

A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente (BENJAMIN, 2011, p. 227)

Dessa forma, como poderia ser ignorada a gênese da ampliação técnico-industrial da comunicação de massas, como a televisão e o filme, da qual muitos sites da Internet estruturaram sua forma e conteúdo? Para fundamentar o exame acerca de um produto intelectual disponibilizado na Internet – a resenha literária audiovisual da obra *A Revolução dos Bichos*, publicada no *YouTube* –, parece necessário situar o conceito de Indústria Cultural.

Segundo Duarte (2010) em seu livro *Indústria Cultural: uma introdução*, a cultura de massa foi uma demanda que surgiu com o advento das transformações da divisão social do trabalho após o início da industrialização no século XIX. Os trabalhadores foram submetidos a um modo de organização da produção que exigiu o deslocamento de sua atividade familiar de trabalho para a concentração em fábricas. O tempo de trabalho e o de lazer não eram rigorosamente diferenciados no período feudal. Com a indústria e as longas jornadas de trabalho ininterruptas, a exigência por alguma forma de entretenimento se converteu no único meio no qual o trabalhador poderia amenizar a tensão de sua rotina mecanizada e racionalmente conduzida pelas novas técnicas de produção. Contudo, a indústria passou a racionalizar o campo do entretenimento, que se mostrou um negócio altamente rentável.

A cultura de massas surgiu como um modo de suprir a crescente demanda de amplas camadas populares por entretenimento, valendo-se de meios tecnológicos recém-inventados, tais como o cinema, o rádio e as gravadoras sonoras de disco. Realmente, é inegável que o que justificou imediatamente todo o investimento feito pelos empresários do entretenimento para moderniza-lo e ingressar definitivamente na indústria cultural foi a enorme procura por esse tipo de serviço (DUARTE, 2010, p. 47)

É a estruturação em massa do que Adorno e Horkheimer (2006) designaram de *manipulação e necessidade retroativa*. O aspecto decisivo da Indústria Cultural não consiste na quantidade de produtos produzidos em massa, mas no baixo nível qualitativo formal e de conteúdo destes. Os produtores, interessados apenas em lucratividade, absolvem a si mesmos de qualquer responsabilidade ao defenderem que apenas dão ao público aquilo que desejam, nem mais nem menos. A obra de arte é arrefecida na esteira da produção. “A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 100).

As teses de Adorno e Horkheimer (2006) se dirigem, em especial, aos produtos cinematográficos Hollywoodianos da década de 1940 – observar o filme enquanto mercadoria de consumo. Desde a sua concepção, o filme é padronizado, massificado, uma mercadoria produzida em série e que deve ser finalizada pela venda – um produto completamente mediatizado para esse fim e que se reveste de uma coesão sistêmica entre o desenvolvimento tecnológico e a racionalização da atividade humana, traduzida e transmitida como vida real e cotidiana.

Os automóveis, as bombas, e o cinema mantêm coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força na própria injustiça à qual servia. Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social. Isso, porém, não deve ser atribuído a uma lei evolutiva da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia atual. A necessidade que talvez pudesse escapar ao controle central já é recalcada pelo controle da consciência individual (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 100)

A forma e o conteúdo desses produtos são bens produzidos compulsivamente e em série: desde a estrutura de produção, a divisão do trabalho (atores, produtores, publicidade), a temática do herói e o roteiro – nos últimos cinco minutos finais todas as tensões são atenuadas com o “final feliz”. Nesse sentido, os gestos são previamente elaborados e aceitos socialmente para estimular a adesão/identificação a modos de

comportamento estereotipados, segundo a lógica do *clichê*: modo binário, “ou isso, ou aquilo”, o “bom e o mau”, o “mocinho e o bandido”, o “certo e o errado”, “nós” e “eles” – todos definidos previamente de modo que sejam reconhecidos imediatamente, pois o filme “pensa” pela audiência.

Os produtos da Indústria Cultural são comercializados para atender às necessidades dos indivíduos como uma espécie de refúgio do “imediatizado”, dos desejos elementares. Com efeito, esse processo se desdobra em um poderoso mecanismo de difusão da ideologia da produção de produtos culturais personalizados – “exclusivos”, “autênticos” e “únicos”, mas que são massificados até a raiz (por meio do processo de divisão do trabalho, da padronização e da produção em série) e identificados como Cultura: são os aspectos da *mentira descarada* sem que o indivíduo se incomode com ela. Essa dinâmica da produção fílmica foi examinada por Adorno e Horkheimer (2006) a partir de uma livre interpretação do conceito de *esquematismo kantiano* e a elaboração do seu correlato mercadológico, o *esquematismo da indústria cultural*. Para elucidar o modo de funcionamento do esquematismo serão destacados alguns aspectos da filosofia de Kant.

O filósofo Immanuel Kant (1724-1804) foi um dos grandes expoentes da filosofia moderna e referência na construção do pensamento alemão durante o Século das Luzes (meados do século XVIII e início do século XIX) ou Iluminismo. Sensível às teses do racionalismo de Leibniz e Wolf e profundamente instigado pelo empirismo cético de Hume e Bacon, Kant elaborou sua filosofia com o objetivo de superar as dicotomias entre as escolas do pensamento ocidental moderno: o racionalismo crítico. Para ele, a filosofia é a ciência cujo processo se realiza na relação entre *todo o conhecimento* e o *uso da razão* orientado pelo *fim último* da razão humana. Segundo Marcondes (2015), quatro questões elementares gravitam a teoria do conhecimento na filosofia kantiana:

1. O que posso saber? Questão que diz respeito à metafísica, no sentido kantiano de investigação sobre a possibilidade e legitimidade do conhecimento.
 2. O que devo fazer? Cujas respostas são dadas pela moral.
 3. O que posso esperar? O problema da esperança, de que trata a religião.
 4. O que é o homem? Objeto da antropologia, à qual em última análise se reduzem as outras três e que é na verdade a mais importante das quatro.
- Tendo em vista estas questões, o filósofo deve determinar:
1. As fontes do saber humano;
 2. A extensão do uso possível e útil de todo saber;
 3. Os limites da razão.
- Sendo este último item o mais difícil, porém o mais necessário, na

perspectiva da filosofia crítica (MARCONDES, 2015, p. 212-213)

Na *Crítica da Razão Pura*, Kant (1987) estabeleceu os fundamentos e o sentido de sua “crítica” a partir da constatação da existência de inúmeras perspectivas concorrentes entre doutrinas e correntes filosóficas que lhe eram contemporâneas. Ao se debruçar sobre os aspectos do uso da razão sobre o conhecimento do mundo real, ou seja, a razão teórica, Kant procurou “estabelecer critérios de demarcação entre o que podemos legitimamente conhecer e as falsas pretensões ao conhecimento, que nunca se realizam” (MARCONDES, 2015, p. 213). Em contraposição ao que denominou de postura dogmática da razão, Kant argumentou que a *crítica* pressupõe um precedente e rigoroso exame de seus limites teóricos bem como a fundamentação dos critérios que subjazem o conhecimento. Esta formulação consiste na *Filosofia Transcendental*²⁷: é crítica na medida em que não se ocupa dos objetos, mas com o modo pelo qual aqueles podem ser conhecidos. Em outros termos, envolve a investigação sobre os limites dos poderes da razão, ou seja, sua composição interna e as condições de seu funcionamento.

Todo conhecimento começa *com* a experiência, contudo, nem todo conhecimento tem origem *da* experiência. Isso posto, segue-se que existem conhecimentos puros (transcendentais) e empíricos.

Portanto, é pelo menos uma questão que requer uma investigação mais pormenorizada e que não pode ser logo despachada devido aos ares que ostenta, a saber se há um tal conhecimento independentemente da experiência e mesmo de todas as impressões dos sentidos. Tais *conhecimentos* denominam-se *a priori* e distinguem-se dos *empíricos*, que possuem suas fontes a posteriori, ou seja, na experiência (KANT, 1987, p. 25)

O princípio da discussão acerca das condições de possibilidade do conhecimento decorre da distinção entre *juízos analíticos* e *juízos sintéticos*, que são pensados na relação de um sujeito com o predicado. Os *juízos analíticos* são *a priori*, ou seja, são

²⁷ Sobre o conceito de transcendental, Kant argumenta: “E aqui faço uma observação que estende a sua influência a todas as considerações subsequentes e que se precisa ter bem diante dos olhos, a saber, que não cada conhecimento a priori, mas somente aquele pelo qual conhecemos que é como certas representações (intuições ou conceitos) são ampliados ou possíveis unicamente a priori (isto é, a possibilidade do conhecimento ou o uso do mesmo a priori) tem de chamar-se transcendental. Consequentemente, nem o espaço nem qualquer determinação geométrica a priori do mesmo é uma representação transcendental; mas apenas o conhecimento de que estas representações de modo nenhum são de origem empírica, e a possibilidade pela qual podem não obstante se referir a priori a objetos da experiência pode chamar-se transcendental. Da mesma maneira, o uso do espaço com respeito a objetos em geral seria transcendental; se, entretanto, limitar-se unicamente aos objetos dos sentidos, denominar-se-á empírico. A diferença do transcendental e do empírico pertence, portanto, apenas à crítica dos conhecimentos e não concerne à relação destes com o seu objeto” (KANT, 1987, p. 57-58).

universais e independem da experiência. Enquanto conceitos lógicos puros, não produzem conhecimento tão pouco são cognitivos, mas elucidam a definição do sujeito do juízo, o predicado contido e determinante do sujeito: “o predicado B pertence ao sujeito A como algo contido (ocultamente) nesse conceito A” (KANT, 1987, p. 29). Os *juízos sintéticos* decorrem da experiência e ampliam a capacidade do conhecimento humano, contudo, são generalizações empíricas não universais, ou seja, uma produção de conhecimento a *posteriori*: “o predicado B jaz completamente fora do conceito A, embora esteja em conexão com o mesmo” (KANT, 1987, p. 29).

Os juízos analíticos podem ser denominados de *juízos de elucidação*, enquanto que os juízos sintéticos, de *juízos de ampliação*. Contudo, Kant afirma que existe uma terceira instância, como que mediadora, caracterizada por sua identidade com certos juízos lógicos universais (analítico/a priori) capazes de ampliarem o conhecimento e a experiência (sintético/a posteriori): os *juízos sintéticos a priori*.

Este último tipo de juízo é caracterizado por Kant como independente da experiência, porém relacionado a ela, já que diz respeito às suas condições de possibilidade. Os princípios mais gerais da ciência, os fundamentos da física e da matemática e os juízos filosóficos da teoria do conhecimento que Kant pretende estabelecer, pertenceriam a esta nova classe de juízo (MARCONDES, 2015, p. 213-214)

O que está em jogo, amiúde, é uma inversão da tradicional concepção da relação entre *sujeito e objeto*. A revolução copernicana na filosofia, como descrita no prefácio da segunda edição da *Crítica da Razão Pura*, estabelece que “não é o sujeito que se orienta pelo objeto (real), como quis a tradição, mas o objeto que é determinado pelo sujeito” (MARCONDES, 2015, p. 214). O sentido profundo dessa determinação envolve o exame das condições das possibilidades do conhecimento, ou seja, como sujeito e objeto se relacionam e em que medida este processo é legítimo na experiência do conhecimento. Desse modo, para Kant sujeito e objeto constituem partes da relação de conhecimento, são interdependentes e apreendidos no seio do contexto da própria relação, embora sejam mantidas suas intrínsecas diferenças. Isolá-los significa perder o horizonte de qualquer chance de conhecimento.

A relação acima descrita demanda explicações. A compreensão do objeto depende da articulação entre duas distintas faculdades da razão (neste caso, da mente do sujeito), a *sensibilidade* e o *entendimento*. Na primeira, busca-se o conhecimento a partir das formas puras da sensibilidade: as *intuições* de espaço e tempo. Na segunda,

busca-se o conhecimento a partir dos conceitos puros do entendimento: as *categorias*. A experiência cognitiva, ou seja, a ampliação do conhecimento, depende do modo como a sensibilidade (intuições) e o entendimento (categorias) se relacionam. Em suma, Kant propõe um modelo do uso da razão que pretende legitimar o conhecimento bem como superar as dicotomias de seu tempo (racionalismo e empirismo). Este modelo consiste na *doutrina do esquematismo transcendental*.

Para Kant, nossa sensibilidade – nossa faculdade de intuições – é inteiramente separada de nosso entendimento, ou seja, nossa faculdade de conceitos e, uma vez que, para a obtenção do conhecimento válido sobre o mundo exterior, necessitamos de uma confluência de ambas as faculdades, surge um intrincado problema que seria o de determinar como elas podem trabalhar concertadamente sem se descaracterizarem como âmbitos de nossa psique totalmente independentes entre si (DUARTE, 2010, p. 50)

A Lógica Geral está estruturada de acordo com a divisão das faculdades superiores do conhecimento, sendo elas o entendimento, a capacidade de julgar e a razão. A *Analítica dos Princípios*, em conformidade com estas capacidades, tem por objeto os conceitos, os juízos e as inferências que, reunidos, são concebidos como *entendimento geral*. A Lógica Geral, dada sua natureza analítica, trata da forma do pensamento (do conhecimento discursivo), enquanto que a Lógica Transcendental trata dos conhecimentos puros a priori (conteúdos). O entendimento e a capacidade de julgar são analíticos, uma vez que possuem um cânone objetivamente válido. A razão é dialética – envolve contradições, aporias – não se conforma a um cânone como a analítica contém.

O entendimento em geral consiste na faculdade das regras (universais) e a capacidade de julgar na faculdade de subsumir sob regras, ou seja, de distinguir entre aquilo que se estabelece ou não por regras. *Subsumir* quer dizer considerar como compreendido (por exemplo, um indivíduo em uma espécie), ou aquilo que se inclui em algo, se insere, admite-se como dependente de, ou então, o que é passível de ser interpretado (um fato) como aplicação de algo (uma lei). Com efeito, é preciso estabelecer os critérios da *condição sensível* pela qual os conceitos puros do entendimento são utilizados para se referirem a objetos exteriores (por meio das intuições sensíveis) – *o esquematismo do entendimento puro*. Para Duarte (2003, p. 87), o esquematismo kantiano é “nossa capacidade de subsumir casos específicos sob regras gerais”. No processo de subsunção de um objeto a um conceito, as representações de ambos devem ser homogêneas. O conceito empírico de prato está contido

homogeneamente no conceito geométrico puro de círculo. A rotundidade (característica do que é redondo) no conceito empírico é pensada e, no conceito geométrico puro, intuída. No entanto, os conceitos puros do entendimento são heterogêneos em relação às intuições empíricas (jamais encontraremos o círculo puro – a *coisa em si* – no mundo fenomênico), de modo que não se pode subsumir intuições empíricas sob as categorias. O objeto de uma doutrina transcendental da capacidade de julgar consiste em apresentar *como* conceitos puros do entendimento (categorias) podem ser *aplicados* a fenômenos (empíricos) em geral. Segundo Kant (1987), há um terceiro elemento entre a categoria e o fenômeno que se comporta como representação mediadora pura (não empírica), possuidora de um lado intelectual e outro sensível: o *esquema transcendental*.

Tal “esquema”, para Kant, possui uma natureza especialmente temporal, sendo a condição formal para a apreensão da multiplicidade por aquilo que o autor chama de “sentido interno”²⁸ e, ao mesmo tempo, da mesma natureza que a mencionada categoria (conceito puro do entendimento), já que é universal e repousa sobre uma regra *a priori* (DUARTE, 2010, p. 51)

A regra universal que orienta o modo de funcionamento do esquematismo é a *determinação transcendental do tempo*: esta é homogênea à *categoria* na medida em que é universal e ancorada em uma regra *a priori* (a unidade da determinação); é também homogênea ao *fenômeno*, pois o tempo está contido em todas as representações empíricas do múltiplo. Assim, a mediação da subsunção dos fenômenos à categoria pela regra *a priori* do tempo articula-se enquanto *esquema*: o conceito do entendimento puro contém a unidade sintética pura (a categoria) do múltiplo em geral (os objetos sensíveis ou fenômenos empíricos). Com efeito, é possível “pensar” acerca do conceito de “múltiplo geral” sem que isso obrigue a imediata experiência de “toda a multiplicidade de objetos existentes”. Isso porque o tempo contém na intuição pura – a sensibilidade que permite a experiência dos fenômenos empíricos – um múltiplo *a priori*. É uma espécie de atributo universal da intuição pura “sentir” o múltiplo em geral, é sua condição formal (lógica).

Essa relação do esquematismo ao tempo é de enorme importância, pois,

²⁸ O “sentido interno” compõe as condições formais da sensibilidade. Segundo Duarte (2003, p. 86): “as formas do sentido externo (espaço) e interno (tempo) não apenas faziam parte das condições de receptividade *a priori* do sujeito, mas continham também um múltiplo da intuição pura *a priori* e, no plano do entendimento, as categorias seriam aplicáveis, mediante aquelas formas do sentido, a intuições empíricas – único modo, segundo Kant, de se obter um conhecimento propriamente objetivo, no sentido transcendental do termo”.

como se sabe, ele é, enquanto forma do sentido interno, uma condição geral da receptividade das impressões sensíveis e, ao mesmo tempo – na medida em que é a intuição do estado interno do sujeito – uma essencial pré-condição da síntese originária da apercepção, realizada pelo entendimento (DUARTE, 2003, p. 89)

Ora, se por um lado o entendimento elabora conceitos para representar os objetos, subsumindo-os, a sensibilidade, por outro, articula as intuições responsáveis pela experiência empírica do múltiplo. Dessa forma, o esquema transcendental que opera pela determinação transcendental do tempo, faz a mediação entre categoria e fenômeno, preservando suas identidades. Sobre a dedução das categorias puras do entendimento aos fenômenos Kant argumenta:

Em tal dedução vimos que os conceitos são inteiramente impossíveis e não podem ter nenhuma significação onde não for dado um objeto a eles mesmos ou pelo menos aos elementos dos quais consistem, não podendo portanto dizer respeito a coisas em si (sem considerar se e como possam nos ser dadas); que além disso a modificação de nossa sensibilidade é o único modo pelo qual objetos nos são dados; que por fim os conceitos puros a priori, além da função do entendimento na categoria, ainda precisam conter a priori condições formais da sensibilidade (nomeadamente do sentido interno) que contêm a condição universal unicamente sob a qual a categoria pode ser aplicada a um objeto qualquer. Queremos denominar esta condição formal e pura da sensibilidade, à qual o conceito do entendimento está restringido em seu uso, o *esquema* desse conceito do entendimento, e o procedimento do entendimento com estes esquemas, *esquematismo* do entendimento puro (KANT, 1987, p. 100-101)

Os conceitos representam e significam objetos dados a eles mesmos. *A coisa em si* não é um objeto, visto não ser “representada” ou “sentida”. Esta constatação delinea os limites do entendimento e sensibilidade humanos: pensamos através de categorias (representações de objetos) e sentimos através de intuições (mediação do objeto no sentido interno, ou seja, de acordo com as condições formais da sensibilidade). A coisa nunca se apresenta sem alguma mediação, por isso, o conhecimento é sobre as *representações* da coisa, que nada mais é do que nossa capacidade de subsumir casos específicos às regras gerais (o esquematismo enquanto dialética entre particular e universal).

O esquema por si consiste em um produto da *capacidade de imaginação*, mas o que o distingue da mera imagem é que a síntese dirigida pelo esquema não objetiva a intuição particular, mas a unidade na determinação da sensibilidade (o conceito). Um número pensado é a representação de um método de *representar uma quantidade* numa imagem. Pode-se pensar no número mil (1000), mas dificilmente poderia ser

imediatamente reconhecida a quantidade de “mil” se este fosse apresentado à faculdade sensível pela imagem de mil pontos seguidos (“.....”, até completar mil pontos). “Ora, denomino tal representação de um procedimento universal da capacidade de imaginação, o de proporcionar a um conceito sua imagem, o esquema deste conceito” (KANT, 1987, p. 101). Os *conceitos puros sensíveis* somente remetem a objetos através dos esquemas, jamais por imagens, uma vez que estas são produtos da faculdade empírica da capacidade produtiva da imaginação e, por isso, não alcançam a universalidade do conceito. Em outros termos, a imagem de um triângulo jamais poderá ser idêntica ao conceito geométrico puro da figura com três ângulos iguais, mas, pela mediação do esquema, a *representação* da imagem de um triângulo (dada pela intuição na sensibilidade segundo o múltiplo a priori que contém o fenômeno empírico – espaço e tempo), vincula-se à *representação* do conceito de triângulo (dada pela unidade da apercepção no entendimento segundo a categoria pura)²⁹. Desse modo, o fenômeno (imagem empírica de um triângulo mediada pelo esquema da imaginação na sensibilidade) pode ser subsumido à categoria (conceito puro mediado pelo esquema da imaginação no entendimento).

Desse modo, segundo Kant, o esquema pode ser entendido como um método de tornar comensurável uma imagem a um conceito puro do entendimento, quer dizer, a uma categoria, o que é possível porque para cada esquema há uma categoria correspondente (DUARTE, 2010, p. 52)

Uma imagem somente é possível porque existe, a *priori*, a capacidade pura de imaginação, que pelo uso do esquematismo, a conecta ao conceito (empírico). Assim, a imagem não pode ser subsumida diretamente ao esquema de um conceito puro do entendimento, mas somente sua representação enquanto que mediada pelo próprio esquematismo (categoria/esquema/fenômeno), visto que o conceito puro obedece aos seguintes critérios de universalidade: é síntese pura de acordo com a regra da unidade (conceito puro é idêntico a si mesmo); é conceito geral, logo, está ligado a uma categoria; é produto transcendental da capacidade de imaginação em concordância com as condições formais da sensibilidade (sentido interno em geral); envolve todas as representações, segundo as condições de sua forma (determinação transcendental do

²⁹ Segundo Kant (1987, p. 101), “O esquema do triângulo não pode existir em nenhum outro lugar a não ser no pensamento, e significa uma regra de síntese da capacidade de imaginação com vistas a figuras puras no espaço. Muito menos ainda um objeto da experiência ou a imagem dele chega a alcançar o conceito empírico, mas este sempre se refere imediatamente ao esquema da capacidade de imaginação como uma regra da determinação de nossa intuição, conforme um certo conceito universal”.

tempo), que a priori devem estar interconectadas num conceito de acordo com a unidade da apercepção.

Para a discussão não permanecer demasiada abstrata, Kant elucida como o esquema funciona no processo de subsunção de um fenômeno particular à categoria geral. Como afirmado anteriormente, a regra universal à qual o esquematismo está vinculado consiste na *determinação transcendental do tempo*. “O esquema de cada categoria contém e faz representar uma determinação do tempo” (KANT, 1987, p. 103). Com efeito, devem ser examinadas as relações entre o esquematismo e a forma do sentido interior (o tempo enquanto componente das condições formais da sensibilidade).

Nas categorias da *quantidade*, o esquema é o *número* – que opera segundo a síntese da produção do tempo pela adição sucessiva de grandezas ou objetos homogêneos (um a um), tal como a “passagem” do tempo.

Nas categorias da *qualidade*, o esquema é a *realidade* – que contém e representa a intuição pura do tempo enquanto síntese da sensação (percepção) ao representar e preencher o próprio tempo e determinar a privação de *ser ao ser* (DUARTE, 2003, p. 90).

Nas categorias da *relação*, o esquema é a *substância* – contém e representa as relações das percepções entre si em todo o tempo (sucessão e simultaneidade) de acordo com a regra de determinação do tempo³⁰.

Nas categorias da *modalidade*, o esquema é a *necessidade* – contém e representa a determinação do que existe como válido em qualquer instante e a contingência, ou seja, *se e como* um objeto pertence ao tempo. Assim, os esquemas são determinações a priori do tempo segundo as regras da *série*, do *conteúdo* e da *ordem* do tempo, ou seja, do *conjunto* do tempo na determinação dos objetos.

Portanto, os esquemas dos conceitos puros do entendimento são as verdadeiras e únicas condições para proporcionar a estes uma referência a objetos, por conseguinte uma *significação*. Por isso, as categorias não possuem, ao fim, nenhum outro uso a não ser um empírico possível na medida em que servem meramente para, mediante fundamentos de uma unidade necessária a priori (devido à reunião necessária de toda a consciência numa apercepção originária), submeter os fenômenos a regras universais da síntese, tornando-os assim apropriados para a conexão completa numa experiência (KANT, 1987, p. 103)

³⁰ Segundo Kant (1987, p. 102), “Não é o tempo que passa, mas nele passa a existência do mutável. Ao tempo, portanto, que é ele mesmo imutável e permanente, corresponde no fenômeno o imutável na existência, isto é, a substância, e somente nesta a sucessão e simultaneidade dos fenômenos podem ser determinados segundo o tempo”.

O esquematismo kantiano, então, é o processo pelo qual o homem interpreta os dados fornecidos pelos sentidos (intuições empíricas), sob critérios de mediação subjetiva (imaginação), respaldado por elementos lógico/cognoscentes (os conceitos oriundos dos juízos sintéticos a priori), para dessa forma, construir um conhecimento válido da experiência. “A sensibilidade nos fornece os dados da experiência (o múltiplo), a imaginação completa estes dados e os unifica, e o entendimento lhes dá unidade conceitual, permitindo-nos pensá-los. O conhecimento resulta da contribuição desses três elementos” (MARCONDES, 2015, p. 216). Mas para além da faculdade cognitiva (científica), a proposta kantiana oferece uma possibilidade de teorização acerca do modo de percepção geral.

O ponto de vista de Adorno e Horkheimer (2006) sobre o modo como o capitalismo tardio lança mão do esquematismo não objetiva fechar definitivamente o campo de investigação acerca do tema da Indústria Cultural, mas permite uma livre interpretação que atualiza um sofisticado conceito que, em Kant, possibilitou uma explicação do modo de funcionamento do aparelho perceptivo humano, sua mediação interna e produção de significado cognoscente, ou seja, de conhecimento sobre a experiência empírica *da e na* existência.

No artigo da *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, Horkheimer (1980) elaborou uma crítica ao aspecto idealista do conceito kantiano de sujeito transcendental. Contudo, destaca a perspicácia de Kant ao tratar da ambivalência em torno da relação entre a sensibilidade e o entendimento, promovida pelo esquematismo. No texto da *Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*, Adorno e Horkheimer (2006), atentos a esta ambivalência, afirmam que a Indústria Cultural realiza o procedimento de “esquematismo externo”, ou seja, de antemão as imagens são construídas, planejadas e padronizadas para a oferta do *mondo dado* – o “fato”. Ao sujeito, as mercadorias de consumo redundam no imperativo de que lhe é entregue “tudo o que necessita” perceber, e, com efeito, conhecer, subtraindo-lhe a mediação interna de suas faculdades.

Desse modo, o fato é produzido nas agências de entretenimento sob o prisma de “obra de arte”: no rádio, no filme, nas revistas e na TV – a propaganda vende a “vida cotidiana” carregada de estereótipos e clichês que sugerem (ou ditam) não só o modo de produção, mas a própria conduta como uma espécie de manipulação tendo em vista o conformismo e a integração.

Ao serem reproduzidas, as situações desesperadas que estão sempre a

desgastar os espectadores em seu dia a dia, não se sabe como, a promessa de que é possível continuar a viver. Basta se dar conta de sua própria nulidade, subscrever a derrota – e já estamos integrados [...] A vida no capitalismo tardio é um contínuo rito de iniciação. Todos têm de mostrar que se identificam integralmente com o poder de quem não cessam de receber pancadas [...] Mas o milagre da integração, o permanente ato de graça da autoridade em acolher o desamparado, forçado a engolir sua renitência, tudo isso significa o fascismo (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 126-127)

Os tipos “fílmicos” padronizam e estabelecem uma falsa harmonia entre o todo e as partes, confeccionam e vendem tabus e jargões, determinam o bem e o mal, o “nós” e “eles” (*outsiders* – marginais, estrangeiros, estranhos, outros). A categoria de análise “socialista de rara lucidez” desenvolvida mediante o tratamento do material empírico que é objeto dessa tese, deve sua potência crítica e interpretativa à forma como foi concebida a problematização em torno do clichê de *outsider* (“o estranho”, “o outro”) e sua relação com o esquematismo³¹. O menor elemento da produção – seja o sorriso da protagonista, o figurante anônimo que abre a porta do carro de luxo, o recorte enfático de uma música clássica ou o uso de uma expressão jocosa – apenas confirmam um conjunto de hierarquias socialmente aceitas que “colocam cada um em seu devido lugar”, como um sistema que harmoniza palavra, imagem e música: “porque os elementos sensíveis – que registram sem protestos, todos eles, a superfície da realidade social – são em princípio produzidos pelo mesmo processo técnico e exprimem sua unidade como seu verdadeiro conteúdo” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 102).

A tensão é aliviada, pelo milagre das artes, quando os agentes escolhem um afortunado para receber as premiações e ter seus “5 minutos de glória”, pois “*a marca do sabão em pó da senhora recatada e do lar se preocupa com o bem estar da família, por isso, seu cupom de consumo lhe permitirá uma viagem com acompanhante e com todas as despesas pagas!*”. Para a multidão que permanecerá em suas casas, o prêmio de consolação: toda a viagem, as festas, os jantares e os traslados serão televisionados, como garantia de que “o que passa na TV é real”. Assim, entusiasticamente, e como não, com desprezo e ironia, um apresentador de *Talk show* conquista sua audiência.

Os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. Assim como os dominados sempre levaram mais a sério que os dominadores a moral que deles recebiam, hoje as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos (ADORNO;

³¹ No Capítulo V pode-se encontrar de modo mais direto a mediação entre a categoria *outsider* e o objeto de pesquisa.

HORKHEIMER, 2006, p. 110)

Duarte (2003) argumenta que a concepção de esquematismo presente na *Dialética do Esclarecimento* é sensível à tese de que o ambiente histórico é determinante para a modificação das condições subjetivas da percepção. “Segundo Horkheimer, percebemos não apenas objetos diferentes, mas também os mesmos objetos de *modo* diferente, a partir, por exemplo, do advento de veículos rápidos de locomoção” (DUARTE, 2003, p. 96). A usurpação do esquematismo pela indústria fílmica envolve a pré-elaboração das imagens e palavras que serão assumidas *a priori* pelo sistema: ao fornecerem o material sensível, conduzem a inteligibilidade do entendimento de modo padronizado, ao passo que altera o aparelho perceptivo em decorrência do aprimoramento técnico. O *sentido único* admitido pela *palavra petrificada* está limitado por predicados autoritários: ele designa, registra e exhibe a coisa e sua respectiva função. Sua significação se converte em um sinal (clichês, logotipos, nomes artísticos). No que diz respeito ao exame da resenha audiovisual, a categoria de análise “texto de leitura fácil” decorreu do clichê de “sentido único”, cuja discussão mais ampla será apresentada no próximo capítulo através da abordagem do conceito de semiformação e o imperativo “é assim”.

Ao invés de trazer o objeto à experiência, a palavra purificada serve para exibi-lo como instância de um aspecto abstrato, e tudo o mais, desligado da expressão (que não existe mais) pela busca compulsiva de uma impiedosa clareza, se atrofia também na realidade. O ponta-esquerda no futebol, o camisa-negra, o membro da Juventude Hitlerista etc., nada mais são do que o nome que os designa. Se, antes de sua racionalização, a palavra permitira não só a nostalgia mas também a mentira, a palavra racionalizada transformou-se em uma camisa de força para a nostalgia, muito mais do que para mentira. A cegueira e o mutismo dos fatos a que o positivismo reduziu o mundo estendem-se à própria linguagem, que se limita ao registro desses dados. Assim, as próprias designações se tornam impenetráveis, elas adquirem uma contundência, uma força de adesão e repulsão que as assimila a seu extremo oposto, as fórmulas de encantamento mágico (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 136)

A percepção é direcionada por padrões de entendimento que não foram subsumidos às regras gerais das categorias, mas sim pelo processo técnico da forma e do conteúdo oriundos das agências da Indústria Cultural. É a pré-censura da imagem adequada não apenas a um fim mercadológico, mas ontológico: o que é transmitido como real é *ser*, o que não é eleito, relevante ou digno de “ ser notícia, é *não-ser* (TÜRCKE, 2010, p. 14). A indústria da diversão atua sob uma fachada que oculta seu

interesse ideológico ao pasteurizar o estilo da obra de arte, minando o poder reflexivo do trágico ao passo que torna espesso o invólucro das mercadorias culturais – o fetiche.

Observa-se que é a partir da “relação a objetos”, mencionada por Kant, que Horkheimer e Adorno se apropriam do conceito de esquematismo, no sentido de mostrar em que medida uma instância exterior ao sujeito, industrialmente organizada no sentido de proporcionar rentabilidade ao capital investido e de garantir ideologicamente a manutenção do *status quo*, usurpa dele a capacidade de interpretar dados fornecidos pelos sentidos segundo padrões que originalmente lhe eram interiores (DUARTE, 2003, p. 96-97)

A previsibilidade total contida nos produtos da Indústria Cultural atende à lógica da padronização do comportamento orientado ao consumo compulsivo. As mercadorias culturais não são construídas mediante os quais se pode emitir um juízo de gosto, “mas são, antes, artefatos através dos quais o modo de perceber o mundo empírico é “sugerido” – quando não imposto – aos sujeitos pelo sistema econômico” (DUARTE, 2003, p. 98). Ao “sugerir” o que é o mundo empírico, as mercadorias culturais se inserem no contexto do processo de racionalização da própria vida. A ciência contemporânea, que notoriamente sofre da influência do positivismo, é tributária dessa tendência. O “*culto ao fato*” não é um produto da usurpação do esquematismo, mas sua meta: renega o tempo, pois tudo deve ser imediato e instantâneo em um eterno “agora” a-histórico, uma vez que “a “expropriação” do esquematismo pela indústria cultural tem como contraparte uma despotencialização da temporalidade” (DUARTE, 2003, p. 98).

A nova ideologia tem por objeto o mundo enquanto tal. Ela recorre ao culto do fato, limitando-se a elevar – graças a uma representação tão precisa quanto possível – a existência ruim ao reino dos fatos. Essa transferência converte a própria existência num sucedâneo do sentido e do direito. Belo é tudo que a câmera reproduza. [...] Apesar de todo o progresso da técnica de representação, das regras e das especialidades, apesar de toda a atividade trepidante, o pão com que a indústria cultural alimenta os homens continua a ser a pedra da estereotipia. Ela se nutre do ciclo, do assombro – sem dúvida justificado – de que as mães apesar de tudo continuem a parir filhos, de que as rodas ainda não tenham parado. É isso que fortalece a imutabilidade das situações (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 123)

Mas porque a Indústria Cultural quer eliminar o tempo? Para suprimir inclusive os intervalos de consumo entre as seções de produtos em repetição perpétua, e assim, não deixar qualquer brecha para o livre pensamento. O entorpecimento permanentemente planejado mantém obtusos os mecanismos de continuidade da vida mutilada que se prolongam no “tempo livre”. “Pois é exatamente o estar cômico de sua própria subjetividade, associada à consciência do tempo, que funciona como antídoto

eficaz às investidas do sistema de dominação, do qual a indústria cultural é parte integrante” (DUARTE, 2003, p. 99). O contato do indivíduo com a realidade deve obedecer aos imperativos socialmente aceitos enquanto bens de consumo. A faculdade kantiana de “síntese originária da apercepção” (mediação engendrada pelo entendimento, após os processos da imaginação, que subsume os dados empíricos aos conceitos, para assim, produzir conhecimento) – é solapada. “O inimigo que se combate é o inimigo que já está derrotado, o sujeito pensante” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 123). O sujeito é enfraquecido em duas vias: tanto sua percepção quanto cognitivamente.

Sua ideologia é o negócio. A verdade em tudo isso é que o poder da indústria cultural provém de sua identificação com a necessidade produzida, não da simples oposição a ela, mesmo que se tratasse de uma oposição entre a onipotência e impotência. A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo [...] o pretensão conteúdo não passa de uma fachada desbotada; o que fica gravado é a sequência automatizada de operações padronizadas [...] O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 113)

Em outra via de investigação, Duarte (2003) argumenta que a crítica à Indústria Cultural não se distingue da crítica ao antissemitismo. O conceito de *falsa projeção* pode ser interpretado como associado à personalidade que se organiza por estereótipos: consiste na tendência de tornar o meio ambiente de acordo com o sujeito, ao contrário da *mimese*, onde o sujeito procura se tornar semelhante ao meio. A falsa projeção é a faceta bárbara da violenta recusa que o sujeito faz de seus próprios impulsos destrutivos, negando-os como seus, de modo que os atribui ao objeto escolhido como vítima potencial: o estranho, o estrangeiro, o outro. “A falsa projeção explica o fundamento subjetivo da enorme agressividade do antissemita, uma vez que o seu caráter patológico se encontra na incapacidade de discernir no material projetado entre o que provém dele e o que é alheio” (DUARTE, 2003, p. 101). Assim, o conceito de falsa projeção é uma espécie de distúrbio da capacidade de perceber o *exterior de si*. O esquematismo, na teoria do antissemitismo, decorre do distúrbio patológico da capacidade de reflexão sobre a natureza dos impulsos destrutivos de um ego enfraquecido. A falsa projeção é o “fundamento subjetivo da adesão à paranoia antissemita, que, na verdade, é uma compulsão à perseguição das minorias em geral” (DUARTE, 2003, p. 102). Nos produtos da Indústria Cultural, o clichê do estrangeiro/estranho/outro (*outsider*) é

matéria-prima fundamental para a construção de personagens caricatos, cuja atribuição em grande medida é associada aos vilões de toda espécie.

No contexto da análise da resenha audiovisual, ao fazer referência a Orwell como “socialista de rara lucidez”, a youtuber Isabella Lubrano parece ativar, mesmo que indiretamente, o esforço em desqualificar a potência crítica do autor devido a sua posição ideológica e política, além de sugerir que ser “socialista” ou ser de “esquerda” insinua uma postura de completa insensatez. Como se não bastasse a ideológica polarização política entre “direita” e “esquerda”, a expressão tende a paralisar qualquer possibilidade de um debate respeitoso, visto o modo agressivo e rancoroso pelo qual os usuários da resenha se manifestaram no fórum de comentários. E Isabella, por sua vez, se omitiu em relação a estas publicações. Longe de parecer uma postura de “neutralidade”, pode-se pensar, mesmo que em hipótese, que o que preocupa a youtuber enquanto produtora de material intelectual para o YouTube, é a audiência e não um discurso de natureza crítica. Sua relação com os clichês oriundos do processo de esquematismo – “o texto de leitura fácil” e o “socialista de rara lucidez” – não parece meramente protocolar, ou seja, não foram articulados ingenuamente, mas são chaves de interpretação que sugerem como deve ser assistida a resenha em concordância com determinados interesses, talvez, dos apoiadores do canal. Nos comentários, cujo recorte está citado nas análises apresentadas no Capítulo V, Isabella se manifestou, timidamente, contrária às afirmações infundadas sobre a obra e a vida de Orwell. Contudo, ela optou em não confrontar mais enfaticamente os comentários equivocados.

Em sentido inverso, mas igualmente funesto, o clichê do sofrimento implica no comodismo de que “a vida é dura mesmo”, à qual o herói é submetido. Em sua abnegação e altruísmo absurdamente messiânicos, o clichê da bondade implícita ao herói confirma a promessa de salvação e de uma vida futura livre da dor, da fome e do medo. Desse modo, “o trágico é reduzido à ameaça da destruição de quem não coopera” (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 125). Sobre este aspecto, na Grécia antiga o trágico permitia ao espectador refletir sobre a condição humana, na Indústria Cultural, ele reforça a hipocrisia e o moralismo por meio dos clichês.

Dessa forma, enquanto para Kant o esquematismo contribui para explicar as condições sob as quais o sujeito transcendental tem acesso ao objeto do conhecimento, Horkheimer e Adorno manifestam suas preocupações com o modo pelo qual a percepção é formada, ou seja, “a partir do que é sensivelmente percebido, instrui quanto à postura diante do mundo e das coisas em geral” (DUARTE, 2003, p. 103). O que está

em jogo é a produção em série de pseudoindividualidades e pseudorealidades: a dupla face da construção de falsas universalidades sob a alcunha de “obras de arte”, que reduz, pela técnica, o universal no particular e o particular no universal.

[...] a pseudoindividualidade é um pressuposto para compreender e tirar da tragédia sua virulência: é só porque os indivíduos não são mais indivíduos, mas sim meras encruzilhadas das tendências do universal, que é possível reintegrá-los totalmente na universalidade. A cultura de massas revela assim o caráter fictício que a forma do indivíduo sempre exibiu na era burguesa, e seu único erro é vangloriar-se por essa duvidosa harmonia do universal e do particular (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 128)

Em outros termos, no *esquematismo da Indústria Cultural* a faculdade de compreender e intervir no mundo é sabotada, pois os produtos já “dizem” aos sujeitos como estes devem se comportar. Antes de ver um filme, do ponto de vista psicológico/subjetivo, o sujeito já está pré-preparado para identificar a “moral da história”; do ponto de vista do corpo físico, está adaptado às condições (música de efeito que antecede o “susto” em um filme de terror). De antemão os clichês (herói, vilão, bom, mau, etc.) do filme, enfaticamente repetidos em todas as pontas da produção, “pensam” pelos espectadores, ou seja, lhes fornecem as *chaves de interpretação* que tendem a condicionar os comportamentos socialmente aceitos, e geram, por assim dizer, os ares de naturalidade e de familiaridade com o que é dado, pois o *fato* é uma ordem inexorável a ser obedecida como um sucedâneo universal do material sensível, como também, substituto corrosivo das condições da faculdade de julgar.

A repetição universal dos termos designando decisões tomadas torna-se por assim dizer familiares, do mesmo modo que, na época do mercado livre, a divulgação do nome de uma mercadoria fazia aumentar sua venda. A repetição cega e rapidamente difundida de palavras designadas liga a publicidade à palavra de ordem autoritária (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 137)

O filme, enquanto entretenimento ou diversão, é um prolongamento do trabalho no capitalismo tardio. Os produtos culturais disponíveis “sugerem” que as pessoas devam se “re-ligar”, fora do trabalho, com as condições próprias da produção do trabalho – contexto que revela a aparência de liberdade e o limite da fronteira que determinava o “tempo livre”: afeição à lógica do trabalho fora dele. Em outros termos, é a internalização, pelo sujeito, dos mecanismos de operação da lógica da padronização e

da repetição³². A repetição do produto cultural é similar à repetição do *slogan* propagandístico e político, pois o caráter publicitário da cultura tende a falar a “linguagem do cliente”. A técnica se desdobra em “psicotécnica”, ou seja, o imperativo da eficácia como procedimento de manipulação de pessoas. “Tanto técnica quanto economicamente, a publicidade e a indústria cultural se confundem” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 135).

O consumo dos produtos da Indústria Cultural tende a preencher o vazio, o tédio – uma espécie de anestesia do sofrimento tal como no vício de drogas. De acordo com Türcke (2012), em seu artigo *Vício e Fundamentalismo*:

O vício é a busca de um apoio vital num objeto falso, e aqueles que o procuram não precisam ser informados de que se trata de algo falso. Eles sentem, eles sabem que a substância na qual se aferram não fornecem nenhum apoio, mas eles não têm outra e, por isso, cada vez mais se jogam a ela, a mesma substância que os priva daquilo que lhes deveria proporcionar (TÜRCKE, 2012, p. 02)

Ao atender à demanda das massas, a Indústria Cultural tende a impingir padrões de comportamento moral e político (padronizados e reificados) para influenciar, mesmo que indiretamente, o campo de atividade social dos indivíduos. Como um simulacro de extensão da vida, o conteúdo e a forma dos produtos estão carregados de comandos rígidos. O indivíduo, seduzido pelo consumo, deseja simplesmente alguma satisfação imediata: a Indústria Cultural promete ao sujeito o fim de todo sofrimento, pois a satisfação pode ser “aqui e agora”, desde que os produtos sejam consumidos e sua lógica de produção defendida, difundida e aprimorada tecnicamente. “A liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 119). Com efeito, é uma aparente liberação completa do desejo (conceito de *dessublimação repressiva*) que nunca se realiza completamente, pois isso seria o fim da cadeia de produção dependente da atual divisão social do trabalho, que absorve a energia pulsional reprimida deslocando-a a um fim socialmente “útil”.

Horkheimer e Adorno asseveram que, nessa satisfação mínima de demandas

³² Do ponto de vista temático, a crítica de Adorno e Horkheimer revela sua contundência: “Com uma referência explícita ao tema do esquematismo kantiano, o texto “Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas” pretende apontar para o processo de revogação da autonomia da arte através das estratégias da cultura de massa, totalmente tecnicizada, portanto igualmente submetida à esfera da racionalidade técnico-científica” (DUARTE, 2003, p. 104).

do público, encontram-se embutidos atos de violência, oriundos do comprometimento tanto econômico quanto ideológico da indústria cultural com o *status quo*: ela precisa, por um lado, lucrar, justificando sua posição de próspero ramo de negócios; por outro, ela tem de ajudar a garantir a adesão (ou, pelo menos, a apatia) das massas diante da situação precária em que elas se encontram no capitalismo tardio (DUARTE, 2010, p. 49)

No entanto, essas são as tendências gerais e, desse modo, não são absolutas. Existem momentos de resistência que, ao contrário, fazem da arte um elemento de *sublimação estética*: o deslocamento do desejo de seu fim primário para a criação culturalmente aceita, por exemplo, os impulsos sexuais reprimidos para garantir o convívio social expressos por meio de esculturas humanas nuas, como as estátuas do escultor barroco italiano Gian Lorenzo Bernini (1598 - 1680) sobre o mito de Apolo e Dafne:

Figura 1 – Apolo e Dafne – escultura de Gian Lorenzo Bernini (1598 - 1680)



Fonte: Google³³.

Segundo Adorno e Horkheimer (2006), Kant afirmou na *Crítica da Razão Pura* que o sujeito teria dentro de si as estruturas de pensamento próprias que lhe permitiria compreender e intervir no mundo (esquematismo transcendental). Cada indivíduo deve “ousar saber”, ou seja, sair de seu estado de menoridade por meio do esclarecimento

³³ Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=apolo+e+dafne&biw=1366&bih=655&source=lnms&tbm=isch&a=X&ved=0CAcQ_AUoAWoVChMI89eYm6X8xgIVgUc-Ch36nA51#imgrc=sEU9j-D1bgwCMM%3A>. Acesso em 05/03/2018.

(*Aufklärung*): fazer uso público e privado da razão para se emancipar. Esse processo, denominado de Formação Cultural (*Bildung*), seria também o critério para a cidadania – o sujeito como interventor e construtor dos contratos sociais a partir do raciocínio crítico e da universalização da Formação Cultural para todos pelo acesso à instrução.

O desenvolvimento de um sentido amplo da Formação Cultural e de seu oposto, a Semiformação, depende do aporte crítico de categorias oriundas da filosofia, sociologia, psicanálise, história, epistemologia, teorias educacionais, economia e da ciência política, não com o objetivo de estabelecer critérios de investigação demasiadamente rígidos, engessados, mas, com efeito, de afirmar a intencionalidade em vislumbrar uma *constelação de conceitos* flexíveis e passíveis de mediação autocrítica, capaz de alterar, reconstruir ou atualizar estes conceitos se assim o objeto determinar. Desse modo, uma metodologia é crítica na medida em que se centra no objeto, em sua imanência. Esta proposta será apresentada a seguir.

CAPÍTULO III – Theodor W. Adorno e a *Content Analysis*: o antitético método de investigação social empírica

3.1 – A análise de conteúdo e a metodologia centrada no objeto

O objeto de análise desta tese, em muitos momentos, pareceu furtivo. A sutileza das expressões “texto de leitura fácil” e “socialista de rara lucidez” não despertaram, em um primeiro momento, a inquietação que culminou no desenvolvimento desse estudo. Mas, ao tensionar o objeto ao seu não-idêntico, ou seja, àquilo que se “silencia” sobre ele, e negando criticamente o discurso oficialista, tais expressões confrontadas em seu revés permitiram deslocar o que havia de heterônimo no objeto, aquilo que lhe era alheio. Ao se aprofundar sobre a vida de Orwell e o contexto de criação de *A Revolução dos Bichos*, parece evidente que muitos mal-entendidos conceituais povoam os discursos inflamados carregados de ódio contra o pensamento divergente. Nesse sentido, a metodologia da *content analysis* (análise de conteúdo) de Adorno, pareceu adequada a uma perspectiva dialética de investigação.

No artigo *Investigación social empírica*, contido à obra *Epistemología y ciencias sociales*, Adorno (2001) argumentou que a investigação social empírica se ocupa do conhecimento do *todo* social, ou seja, diferente da especulação filosófica, sua fundamentação decorre da experiência dos “fatos dados”. Com efeito, devem ser observados os critérios da prática científica: quantificabilidade e repetibilidade, verificabilidade e falseabilidade, exatidão e objetividade. Sob a premissa de que um pesquisador jamais se debruça sobre um objeto de forma neutra ou isenta e, sob orientação de categorias críticas, a investigação social empírica ultrapassa a restrição conceitual da prática científica. “No obstante, cuando lo creamos necesario, nos referiremos también a procedimientos, especialmente a los cualitativos, que no encajan en este concepto restringido” (ADORNO, 2001, p. 101).

A investigação social empírica surgiu durante o Absolutismo (séculos XVII e XVIII), a partir do uso da estatística como método de auxílio à execução de tarefas administrativas bem como modelo de delineamento, ou seja, capaz de gerar um quadro de possibilidades para a direção da sociedade. A “sociologia” do século XVIII se ocupou das “coisas próprias do estado”, ou, como afirmou Comte (1983), constituiu as bases da “política científica”, incorporando os métodos das ciências naturais como também as influenciando em contrapartida. Outros temas foram de interesse da jovem

Sociologia Empírica e Estatística, como os de intenção filantrópica: comparação entre prisões e hospitais e a descrição da situação dos pobres. Com efeito, no século XVIII a sociologia pode ser considerada uma espécie de “inventário estatístico”, quando não, de “aritmética política”, que culminou no desenvolvimento inicial dos métodos de investigação da opinião pública.

No século XIX surge a *Estatística Social*, cujo interesse de investigação teve por objeto a situação dos trabalhadores. Neste caso, as pesquisas foram empreendidas pela iniciativa privada e por órgãos oficiais do Estado. Na Inglaterra, entre 1864-1867, pode-se observar os primeiros textos sobre o trabalho infantil bem como as exigências de organizações por uma “legislação em temas sociais” – os estudos da Associação de Política Social. Na França e na Inglaterra, sob orientação reformista, desenvolveu-se a geografia social e a demografia, ou morfologia social. Nos Estados Unidos, investigações sobre os bairros marginalizados foram conduzidas pelo movimento “*social settlement*”³⁴, como por repórteres que publicavam em periódicos “radicais” de classe média com o objetivo de mobilizar a opinião pública para o contexto social e político.

Mas o desenvolvimento da pesquisa social empírica deve-se, em última instância, ao positivismo. “La utilización de métodos “científico-naturales” en la etnología y en la criminología lleva a la investigación de correlaciones estadísticas y a la tipificación, que había de facilitar la comparabilidad de los resultados” (ADORNO, 2001, p. 102). O “socialismo teórico”, vinculado à recente escola de economia política, também erigiu suas bases metodológicas com a contribuição do positivismo.

No século XX, surge a *Social Survey* – “pesquisa social” dos estudos comunitários. Em 1912, a *Russell Sage Foundation* é criada, em Nova Iorque, com o objetivo de difundir os métodos da *social survey*.

El interés se focaliza en los efectos de la industrialización y de la urbanización en las comunidades (urbanas y rurales) y en las regiones. Se observan, describen, analizan y coordinan distintos aspectos (económicos, políticos, sociales, religiosos, etc.) de un mismo fenómeno, una vez extraído de su contexto y delimitado geográficamente (ADORNO, 2001, p. 103)

Em 1913, na Alemanha, a pesquisa social empírica recebe o nome de *Sociografia*, que investigava os “fatos objetivos” no interior das culturas elevadas. O método comum utilizado consistia na etnografia – o estudo de campo. Nos Estados

³⁴ “Assentamento Social”.

Unidos, este método foi denominado *Ecologia Social*: “el estudio directo (*field study*) de las relaciones de dependencia de individuos y grupos respecto de su entorno (social), a través del cual se influye en la estructura y el comportamiento de éstos” (ADORNO, 2001, p. 103). Em 1929, as investigações sobre a Sociologia Urbana (EUA/Europa) procuravam descrever pormenorizadamente as “fases da vida” de uma unidade social, que poderia ser limitada a um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma cidade. O objetivo era relacioná-la a outras unidades sociais bem como com a cultura. O uso de métodos empíricos na pesquisa social contou com as contribuições da psicologia behaviorista e da antropologia cultural.

Las actitudes y los comportamientos sociales y colectivos se convierten en el objeto de la psicología social, que a su vez se funde con la sociología behaviorista. El *social survey* de hechos objetivos se convierte en la *social research* de actitudes y comportamientos, que puede facilitar tanto la intervención de la administración como servir para examinar hipótesis científicas (ADORNO, 2001, p. 104)

Em 1930, os estudos de mercado e as sondagens de opinião ampliaram o campo de atuação da investigação social empírica, que passou a se ocupar com os aspectos da planificação comercial em curso pelas grandes empresas. Estes métodos foram utilizados pelas agências de inteligência (de muitos países) durante a Segunda Guerra Mundial. Os meios e comunicação de massa (imprensa, cinema, rádio e televisão) também compõem esse campo de investigação. A psicanálise contribuiu com os exames acerca da dinâmica interna das ideologias e seus prejuízos na relação entre indivíduo e grupos sociais. “De acuerdo con la exigencia de rigurosa exactitud, se intenta medir las actitudes y comportamientos: experimento, verificación y comparación ocupan el lugar de la “comprensión”” (ADORNO, 2001, p. 104).

Segundo Adorno (2001), os métodos de investigação social empírica mais sofisticados lançam mão de recursos de todos os setores da vida social e política. Contudo, é preciso distinguir as áreas de atuação da investigação. Destacam-se dois grandes grupos: primeiro, o que corresponde à investigação de *datos objetivos*; segundo, o que investiga as características subjetivas de um determinado coletivo. Neste grupo, a pesquisa pode se desdobrar em três aspectos:

- 1) sus *opiniones conscientes* y manifiestas, pudiendo también tomar en consideración las motivaciones de estas opiniones y su relación con las estructuras psicológicas y sociales subyacentes;
- 2) las *actitudes*, esto es, las valoraciones, reacciones, posiciones e ideologías

ya sedimentadas y hasta cierto punto generalizadas (por ejemplo, la actitud hacia el grupo propio o hacia grupos ajenos, o las valoraciones morales); 3) los *comportamientos reales*, que pueden distinguirse de 1) y de 2). Así, por ejemplo, el que una persona se muestre hostil a otros grupos en el sentido de 2) no significa necesariamente que esté dispuesta a cometer actos xenófobos (ADORNO, 2001, p. 105)

Com efeito, as questões acerca da orientação subjetiva deverão situar, por um lado, as *potencialidades* (predisposições de certas propagandas, por exemplo) e, por outro, as *atualidades* (a postura política assumida por um entrevistado). A tensão que propriamente fundamenta o progresso científico da pesquisa social empírica consiste no antagonismo entre a relevância do material examinado, a riqueza e a sutileza dos resultados e a exigência de mensurabilidade, repetibilidade e controlabilidade.

Adorno (2001) sintetiza onze (11) métodos de investigação social empírica, de acordo com o objeto examinado:

- 1- Observação.
- 2- Enquete.
- 3- Discussões em grupo.
- 4- Experimento controlado.
- 5- Estudos de tendências e estudos longitudinais.
- 6- Técnicas de investigação estatísticas.
- 7- Pressupostos e possibilidades de avaliação quantitativa.
- 8- Construção de escalas.
- 9- Testes de projeção.
- 10- Estudos de grupos.
- 11- Análises empírico-sociológicas de produtos intelectuais (*content analysis*).

O objeto da presente tese demandou o uso do método 11 – a *content analysis* (análise de conteúdo)³⁵. O método de investigação social empírica sobre os estudos dos produtos intelectuais foi difundido, nos Estados Unidos, por Harold D. Lasswell. O objeto desta perspectiva consistiu em observar as relações entre os produtos culturais e as pesquisas de comunicação: “los considera desde el punto de vista de la transmisión de determinados contenidos a los grupos sociales” (ADORNO, 2001, p. 124).

A *content analysis* é dotada de uma problemática pretensão: para entender

³⁵ A *Content Analysis* de Adorno difere da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977).

objetivamente as reações sociais em decorrência de ou sob influência dos produtos intelectuais, é preciso previamente examinar *o que comunica essa forma de comunicação*. Dessa forma, não se observa, em um primeiro momento, o verdadeiro *Conteúdo* de um produto intelectual, mas realiza-se uma dedução, a partir dos dados empíricos, sobre a *Forma* da consciência daqueles para os quais a comunicação é dirigida. Para Adorno (2001), tal comunicação está previamente adaptada pelas características dos grupos (empresas, governos, indivíduos isolados) responsáveis pela sua elaboração, como também, irremediavelmente carrega a ideologia e os objetivos reais ou imaginários daqueles. A *content analysis*, então, permite ao pesquisador examinar as formas de propaganda bem como seus suportes midiáticos: revistas e jornais impressos, filmes, programas de televisão, músicas radiofônicas (e atualmente, a Internet). O método é *quase* sempre “sistemático”, “objetivo” e “quantitativo”, pois uma das partes de sua aplicação consiste em calcular a frequência com que determinadas ideias surgem em um texto ou imagem, assim como a presença de determinados elementos semânticos e sintáticos.

El método se muestra sumamente apropiado cuando su objeto pertenece al ámbito de la producción masiva de la industria cultural – programas de radio, discursos de demagogos –, es decir, cuando él mismo está ya construido en gran medida de forma mecánica, cuando se piensa fundamentalmente en sus efectos y carece de toda estructura y sentido propios. Pero cuanto más diferenciado y altamente organizado esté un producto intelectual, tanto más problemático se vuelve este método y su concepción de la “objetividad”: el *content analysis* de una obra de arte conforme a métodos estandarizados sería algo absurdo (ADORNO, 2001, p. 125)

A menção ao método de Lasswell pode ser observada em outros textos de Adorno (2008b), como na obra *Introdução à Sociologia*, na qual constam dezessete (17) aulas cujos objetos se desdobraram na discussão da história, conteúdos, métodos e teorias acerca da Sociologia. Na décima (10^a) aula, que aborda especificamente questões metodológicas, podem-se encontrar considerações sobre uma teoria dialética da sociedade associada à análise de produtos intelectuais na perspectiva da *content analysis* (análise de conteúdo). A argumentação iniciou com a discussão do tema da influência das escolas positivistas francesas e alemãs no seio do próprio desenvolvimento das pesquisas sociais.

Eu diria que o pecado do positivismo consiste em eliminar essa consequência do pensamento, esse progresso na formação teórica a partir da sua própria necessidade, em prol de uma ingenuidade obtusa da imediatez, tal como esta

é inteiramente alheia às ciências naturais muito mais desenvolvidas, que permanentemente tem necessidade de formações teóricas do tipo das que os positivistas querem justamente proibir aos sociólogos dialéticos (ADORNO, 2008b, p. 210)

O método não consiste em uma escolha acidental ou arbitrária, mas orienta-se pelo próprio assunto tematizado que decorre, em grande medida, de elaborações teóricas. Adorno (2008b) apresenta um modelo “concreto” de relação entre método e assunto tematizado: a teoria das ideologias ou crítica das ideologias. Uma das técnicas metodológicas das pesquisas a respeito da ideologia corresponde ao exame dos “produtos do espírito” e a elaboração de inferências acerca dos seus impactos sociais. Em um primeiro momento, a crítica da ideologia poderia ocupar-se tão somente dos homens, visto que são esses os portadores das ideologias. Contudo, a origem social daquelas ideologias não provém imediatamente dos homens singulares, mas de uma instância coletiva: pela tradição a que estão culturalmente submetidos, ou, na época atual, pela Indústria Cultural, onde as ideologias “são geradas através da configuração altamente concentrada e organizada da formação de opinião” (ADORNO, 2008b, p. 214). Desse modo, não se pode compreender os aspectos dinâmicos da ideologia através de simples técnica de aplicação de questionários, pois ela estrutura um conjunto de “funções dos efeitos” decorrentes de formações espirituais. O estudo social sobre as pretensas e reais condições destas formações espirituais parece um fecundo campo de esclarecimento. Em síntese, esta diferença demarca a sociologia que opera pela via de uma estrutura objetiva daquela apenas metodológica.

O grande tabu da sociologia positivista consiste na resistência em supor a existência de um *sentido* que possa ser observado e interpretado como um possível influenciador das ações individuais. Ao se deter apenas nas reações, ignora-se que estas são mediações, e enquanto tais, demandam a abordagem da relação entre conteúdo dos estímulos sociais e as reações sociais, proposta comum aos pesquisadores do Instituto de Pesquisas Sociais, ou, “Escola de Frankfurt”³⁶. A sociologia interessada na relação

³⁶ No ensaio *Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã*, Adorno (1980) desenvolve o seguinte raciocínio acerca da relação entre conteúdo e reações sociais a partir do método da *content analysis*: “o pretendido por uma tese como a do sujeito do jazz como portador latente de uma espécie de música ligeira é inteligível mesmo quando não verificado ou falseado pelas reações de ouvintes do jazz; reações subjetivas de maneira alguma precisam coincidir com o conteúdo determinável dos fenômenos espirituais a que se reage. Há que citar os momentos que motivam a construção ideal de um sujeito do jazz; e isso se tentou embora de modo deficiente, no antigo texto sobre o jazz. Como critério evidente de sentido destaca-se e até que ponto um teorema revela conexões que sem ele permaneceriam ocultas; se por seu intermédio se esclarecem alternadamente aspectos díspares do mesmo fenômeno. A construção pode recorrer a experiências sociais muito abrangentes, como a da integração da

conteúdo-reações não pode prescindir da análise dos textos, imagens³⁷ e da música³⁸ enquanto produtos intelectuais, pois enquanto linguagens, compõem os meios de comunicação. Na década de 1930, nos Estados Unidos, o “pesquisador das ideologias” – Harold D. Lasswell – desenvolveu um método quantitativo de análise:

Content analysis, ou seja, análise de conteúdo – um termo que designa algo mais do que a palavra indica, isto é, a análise de quaisquer textos e outras formações espirituais, hoje em dia, por exemplo, análises de revistas ilustradas, de determinados filmes e de todo tipo de coisas assim. Ou seja, ele em primeiro lugar identificava um certo número de fatores ou temas – ou como quiserem chamar isso – nos textos de que se ocupava, para tentar enumerar os temas individuais de que um tal texto se constituía, sob medida para averiguar qual o peso relativo correspondente aos temas individuais ou, quando se tratava de propaganda, correspondente aos diversos espetáculos ou truques de propaganda em relação a diferentes ingressos ou palcos em que tais formações se encontravam (ADORNO, 2008b, p. 217-218)

Para Adorno (2008b), o método quantitativo da *content analysis* de Lasswell pressupõe inevitavelmente momentos qualitativos, uma vez que em tais textos pode-se observar a enumeração de categorias pelas quais o sentido interno do conteúdo é

sociedade em sua fase monopolista às expensas e através dos indivíduos virtualmente impotentes. Num estudo posterior sobre as “óperas de sabonete” – uma transmissão seriada para donas de casa, então muito popular no rádio norte-americano – Herta Herzog aplicou a fórmula, muito similar à teoria do jazz, *getting into trouble and out of it* a uma *content analysis* empírica conforme critérios usuais, e obteve resultados análogos” (ADORNO, 1980, p. 244-245).

³⁷ No que diz respeito aos programadas educativos transmitidos pela televisão, Adorno (2010a) no texto *Televisão e Formação*, contido à obra *Educação e Emancipação*, argumenta sobre o modo de análise desses produtos: “o método mais plausível efetivamente é a *content analysis* (análise de conteúdo), ou seja, a análise dos próprios fenômenos, em que seria possível inferir mais ou menos o significado das consequências dos fenômenos para as pessoas, mesmo que esse efeito não possa ser registrado. Nessa medida, gostaria de chamar a atenção para que não se veja isoladamente a televisão, que constitui somente um momento no sistema conjunto da cultura de massa dirigista contemporânea orientada numa perspectiva industrial, a que as pessoas são permanentemente submetidas em qualquer revista, em qualquer banca de jornal, em incontáveis situações da vida, de modo que a modelagem conjunta da consciência e do inconsciente só pode ocorrer por intermédio da totalidade desses veículos de comunicação de massas. Sugiro efetivamente começar detendo-se na configuração do material e na sua integração, para exercer a crítica a partir deste ponto, sem confiar em que, com os métodos positivistas usuais seja possível registrar essas coisas, sem confiar em que isto atue sobre as pessoas efetivamente *hic et nunc* (aqui e agora) diretamente como se poderia supor a partir da análise deste material [...] Mas um ponto é fundamental: o fato de não podermos demonstrar com precisão como essas coisas funcionam naturalmente não significa uma contraprova desse efeito, mas apenas que ele funciona de modo imperceptível, muito mais sutil e refinado, sendo por isso provavelmente muito mais danoso” (ADORNO, 2010a, p. 88).

³⁸ No texto *Experiências científicas nos Estados Unidos*, reunido à obra *Palavras e Sinais: modelos críticos 2*, Adorno (1995) faz menção ao modo como conteúdos musicais deveriam ser examinados em relação à compreensão destes pelos ouvintes: “em todo caso, considere que era necessário empreender, em vasta escala, o que poderíamos chamar uma ‘*content analysis*’ (análise de conteúdo) musical – que não falseasse a música, tomando-a como música de programa – antes de entrar, como se costuma dizer, no estudo de campo” (ADORNO, 1995, p. 144).

apreendido³⁹. “Não é possível quantificar nada que não tenhamos antes determinado também qualitativamente” (ADORNO, 2008b, p. 219). Ao se tratar de um método de investigação social empírica, a *content analysis* se detem na escolha de um material individual específico cujo exame pretende possibilitar a apreensão da configuração do seu sentido – o conteúdo social imanente bem como seus possíveis efeitos sociais, que se conectam com o *todo* social. Não é pensar isoladamente o objeto, como um fragmento alienado do mundo, mas sim compreendê-lo como um momento de um contexto mais amplo. Assim, um conteúdo deve ser examinado pelo seu sentido e não pela adesão imediata deste a um efeito, pois o efeito pode não ter qualquer relação com o conteúdo⁴⁰.

Um exemplo de análise de conteúdo aplicada a textos pode ser encontrada na obra *As estrelas descem à Terra*, de Adorno (2008a):

O presente estudo consiste em uma análise de conteúdo. Cerca de três meses da coluna diária “Previsões Astrológicas”, escrita por Caroll Righter no *Los Angeles Times*, de novembro de 1952 até fevereiro de 1953, foram submetidos a interpretação. Como corolário, são feitas algumas observações a respeito de certas revistas astrológicas. A intenção é apresentar um quadro dos estímulos específicos que operam em seguidores da astrologia que hipoteticamente percebemos como representações do grupo completo das pessoas envolvidas com o “ocultismo secundário”, bem como dos efeitos supostos de tais estímulos. Assumimos que tais publicações, em alguma medida, modelam o pensamento de seus leitores; entretanto, elas também pretendem ajustar-se às suas necessidades, vontades, desejos e exigências de modo a “vender”. Tomamos essa análise de conteúdo como um passo no sentido de estudar a mentalidade de grupos maiores de natureza semelhante (ADORNO, 2008a, p. 39)

Adorno ainda destaca outros elementos metodológicos que justificam a escolha do material: 1 – por se tratar de uma coluna diária de vasto alcance, o trabalho de campo (pesquisa de recepção e as reações primárias) não foi possível, e que determinou o exame sobre o material impresso e o sentido de seu conteúdo e possíveis efeitos sobre os leitores; 2 – o material astrológico é abundante e de fácil acesso; 3 – a astrologia parece ser a “escola ocultista” que possui o maior número de seguidores nos Estados Unidos (onde a pesquisa foi realizada); 4 – a astrologia apresenta fachadas de pseudo-

³⁹ Por isso a análise de conteúdo é um método antitético: mantém em movimento, no decorrer do exame do objeto, a tensão “quantitativo/qualitativo”.

⁴⁰ “Aqui se encontra o que precisa ser elaborado e que é sociologicamente relevante: o conteúdo. Este só é apreendido por uma análise imanente, a qual, entretanto, deve-se acrescentar também a análise dos efeitos, ou seja, a descoberta dos efeitos de tais formações. Porém a conversão dos conhecimentos concretos específicos obtidos a partir das próprias formações em questões sociológico-empíricas traz consigo de imediato um rol muito invasivo de dificuldades, difícil de imaginar por quem não elaborou suas próprias maneiras de passar por elas no trabalho empírico-sociológico” (ADORNO, 2008b, p. 222).

racionalidade de fácil aceitação popular; 5 – as previsões são pretensamente oriundas de “fatos astronômicos”. Assim posto, o estudo “representa uma tentativa de entender o que as publicações astrológicas significam em termos da reação dos leitores, tanto em um nível aparente e evidente como um nível mais profundo⁴¹” (ADORNO, 2008a, p. 40).

Apoiada em conceitos psicanalíticos, a análise demonstrou que não se pode afirmar plenamente que certas tendências de comportamento, enquanto influenciadas pelos estímulos das mensagens, sejam absolutamente absorvidas pelos consumidores da coluna. Contudo, uma tendência rigorosamente delineada lança luz sobre o que pode *vir a ser* um quadro de referência para o consumo – a construção de padrões norteadores do comportamento. No contexto da resenha, as expressões “texto de leitura fácil” e “socialista de rara lucidez” *sugerem*, de modo semelhante ao que pode *vir a ser*, uma forma determinada de interpretação de material audiovisual, sedimentando no interior do conteúdo da resenha, os tipos de comportamento tomados pelos esquemas de entendimento, ou seja, os clichês que “pensam” pelo sujeito.

Para o indivíduo, a crença astrológica não é uma expressão espontânea de sua vida mental, não é “algo seu” da mesma forma que o conteúdo do sonho, mas sim algo que ele encontra pronto, uma irracionalidade cuidadosamente preparada e pré-digerida. Nessa medida, o termo “fábrica de sonhos” aplicado aos filmes aplica-se também à astrologia [...] De forma muito semelhante à indústria cultural, a astrologia tende a eliminar a distinção entre fato e ficção: seu conteúdo é muitas vezes exageradamente realista, ao mesmo tempo que sugere atitudes baseadas em fontes inteiramente irracionais, como o conselho de se evitar fechar negócios em determinado dia (ADORNO, 2008a, p. 59)

Adorno selecionou algumas mensagens da coluna para realizar seu exame. A maior parte delas é composta por “conselhos” genéricos e em certa medida absurdos, cuja articulação está associada a critérios de personalização: o oráculo estelar dirige-se especialmente “para você”. Em poucas mensagens surgem advertências sobre um futuro hostil (ADORNO, 2008a, p. 67):

Livre-se de um conhecido mal-intencionado e novos recursos ficarão disponíveis para você.
(19 de novembro de 1952, Escorpião)

⁴¹ Sobre o exame de peças televisivas e os possíveis efeitos sociais dos programas nos expectadores, destacam-se os ensaios *Televisão, consciência e indústria cultural* (ADORNO, 1971) e *A televisão e os padrões da cultura de massa* (ADORNO, 1973). Os conceitos desenvolvidos para o exame foram de natureza psicodinâmica: estereotipia, pressuposições e as estruturas de camadas múltiplas de significação (mensagem aberta, ou manifesta, e mensagem oculta, ou subentendida).

Adorno tece os seguintes comentários:

Em momentos como esse, estala o chicote autoritário, mas isso é feito apenas como uma lembrança aos leitores de que eles devem se manter submissos. Essa prática nunca é levada tão longe que distraia seriamente o leitor das gratificações que ele pode obter da coluna, ou faça que ele se sinta desconfortável por muito tempo. Afinal, livrar-se de um conhecido não é um grande sacrifício nem uma tarefa muito pesada. Além do potencial de gratificações profundas de ânsias destrutivas, proporcionado pela ameaça em si, os ganhos que o leitor pode obter nessa área em particular incluem a promessa de ajuda e mitigação a serem concedidas por uma instância sobre-humana. Enquanto se exige do sujeito que siga de perto as recomendações dessa instância, ele não tem realmente de agir em seu próprio benefício como ser humano autônomo, mas pode se contentar em confiar no destino. No lugar de fazer algo, o que importa é evitar uma série de coisas. O leitor é, de certa forma, aliviado de sua responsabilidade (ADORNO, 2008a, p. 67-68)

O padrão pressuposto da mensagem, no caso acima, é o da *dependência* do consumidor aos “conselhos” obtidos⁴² pela aceitação fiel e inquestionável do conteúdo da coluna. Mesmo que efetivamente o indivíduo não venha a se “livrar de um conhecido”, seu inconsciente se satisfaz com as migalhas fantasiosas da palavra de comando, como uma espécie de proteção do sono, realizada pela função do sonho, mas em estado de vigília. “O discurso doutrinário da revista procura uma espécie de meio-caminho entre o realismo e a fantasia paranoica” (ADORNO, 2008a, p. 52).

Em outro trecho, percebe-se o estabelecimento de um clichê amplamente difundido pelos produtos da Indústria Cultural, o padrão do *final feliz*:

Um tom confortador permeia toda a coluna: ela parece assegurar o leitor incessantemente de que “tudo ficará bem”, superando suas apreensões pelo estabelecimento de uma confiança mágica em que as coisas vão mudar para melhor.

... mantenha seus objetivos lá no alto e tenha clareza do que você deseja.
Assim, tudo sairá bem.
(21 de novembro, Peixes)

O resto do dia será esplêndido em todos os sentidos.
(6 de dezembro, Leão)

... mas você tem de se dar conta de que, na parte da tarde, toda a tensão será dissolvida em uma sensação de felicidade.
(31 de dezembro, Áries)

Dentro desse padrão geral do final feliz, entretanto, há uma diferença específica de função entre a coluna e outros produtos de comunicação de massa. As novelas e os programas de auditório e, sobretudo, os filmes são

⁴² Tal como as chaves de interpretação da resenha: “texto de leitura fácil” e “socialista de rara lucidez”.

caracterizados por heróis, pessoas capazes de resolver seus problemas, seja de forma positiva ou negativa, e que funcionam como substitutas do espectador. Identificando-se com o herói, ele acredita participar no poder que lhe é negado, enquanto se concebe como alguém fraco e dependente. A coluna, por sua vez, também trabalha com identificações, mas sua organização é diferente. Não há figuras heroicas, apenas sugestões gerais de indivíduos carismáticos – por exemplo, as misteriosas pessoas poderosas e criativas que ocasionalmente aparecem do nada e prestam ao leitor uma ajuda inestimável. Em geral, todos são tomados por aquilo que são (ADORNO, 2008a, p. 70-71)

Mais adiante, a coluna afirma seu padrão autoritário por excelência: o *amigo desinteressado*. Este tem a resposta certa para todas as questões, o conselho sem o qual sequer seria seguro “escovar os dentes” ou “levantar da cama”. Como representante egoísta do próprio leitor, o “amigo” funciona como uma projeção do leitor ao ter contato com o conteúdo da coluna: um aconselhar a si mesmo heteronomamente, ou seja, totalmente dependente e confiante no que lhe vem como “mensagens das estrelas”:

A imagem do amigo evoca uma autoridade coletiva que consiste em todos aqueles que se parecem com o leitor, mas que conseguem se virar melhor do que ele, porque não estão acossados pelas mesmas preocupações. Algo semelhante à ideia do “Grande Irmão” como autoridade máxima dos Estados totalitários, conforme desenvolvido em *1984*, de Orwell, está presente no conceito de “amigos” na coluna astrológica.

... um homem influente mostra a forma certa de proceder na vida cotidiana.
(23 de novembro de 1952, Áries) (ADORNO, 2008a, p. 160-161)

Assim, pode-se dizer que o referencial teórico da Teoria Crítica se relaciona com o método da *content analysis* sob a seguinte condição: a liberdade de complementar o método com estudos qualitativos, pelos quais apenas uma teoria robusta e abrangente poderia ensejar a compreensão do *real* pela elucidação de suas contradições. No contexto da comunicação de massas, revelar o que está oculto, subentendido. Segundo Adorno (2001), muitos pesquisadores interessados pela pesquisa social empírica elaboram com relutância teorias abrangentes, ao contrário, optam por fixar as categorias a dados singulares e limitados ao seu campo de atuação profissional. Por sua vez, o teórico crítico potencializa, na teoria, a “formação de hipóteses” sobre o objeto tendo em vista a totalidade de fatores (econômicos, sociais, políticos, culturais) que o determinam, mas com o cuidado de não o deslocar de sua base material e histórica. Dizer o que é a sociedade é menos relevante do que dizer o porque ela não é de outra forma. Visto que o exame de um produto intelectual pressupõe situá-lo ao contexto da Cultura da qual ele emerge, é preciso clareza sobre o sentido do processo que o

determina: a Formação Cultural (*Bildung*) ou sua danificação, a Semiformação (*Halbbildung*). Estes conceitos serão discutidos a seguir.

3.2 – A Semiformação e a chave de interpretação do real: o autoritário *sentido único*

O homem de espírito, expressão hoje tão desacreditada, é um caráter social em extinção (ADORNO, 2010b, p. 22)

A atualização da categoria de semiformação, sob o aspecto do pensamento tomado pela valorização absoluta da cultura em um *sentido único*, permitiu concatenar a hipótese da revitalização do esquematismo da Indústria Cultural através dos clichês presentes no conteúdo da resenha audiovisual e que parecem ampliados nos comentários dos usuários. O pensamento semiformado tende a conceber o mundo por meio do imperativo “é assim”, como se obedecesse a uma ordem inexorável e heterônoma, que por sua natureza, não admite aquilo que lhe parece oposto. A aparente inofensiva expressão “texto de leitura fácil” carrega consigo o peso ideológico do “fácil, logo é”: um esquema de entendimento que visa direcionar o modo como a resenha deve ser assistida. Por trás do “fácil”, pode residir um apelo ao *sentido único*. Nesse contexto, a discussão que se segue procurará situar os modos pelos quais o *sentido único* se articula enquanto obstáculo ao pensamento emancipatório.

No ensaio *Teoria da Semiformação*, Adorno (2010b) inicia sua argumentação indicando os aspectos parciais pelos quais a “crise da formação cultural” têm sido abordada. O próprio modo fragmentado característico dos diversos ramos que se interessam pelo tema (pedagogia, sociologia, economia, política) parece o sintoma de um processo de decomposição social a caminho da barbárie. “A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede” (ADORNO, 2010b, p. 09). O *espírito alienado* – cuja origem filológica remonta o “outro”, o “estranho”, o “estrangeiro” –, reflete a relação entre o indivíduo e a sociedade: a irreconciliação. Aqueles, em sua ânsia em “pertencer” ao grupo, renegam a autodeterminação em favor da adaptação, da integração e do ajustamento à cultura aprovada, pois “a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual” (ADORNO, 2010b, p. 09). O indivíduo não é exatamente um participante ativo da cultura. Com o surgimento das massas e o advento dos mecanismos de controle social

aliados aos sofisticados aparatos de comunicação, parece que as forças dominantes no interior do extrato social tendem a reduzir o indivíduo a um súdito obediente ao que é dado como real. O “culturalmente aprovado” é a máscara necessária do conformismo que atesta o temor do isolamento, mas não o evita.

Se a semiformação tem como aliado o pensamento fragmentário, a teoria que dela se ocupa – enquanto objeto de investigação – deve ser ampla e de natureza dialética: um esforço conceitual que procura tensionar seus elementos antagônicos inerentes. O primeiro aspecto dessa teoria consiste em examinar a cultura sob seu contexto histórico, ou seja, situado no tempo e dependente das condições materiais e objetivas de determinadas civilizações. A crítica de Adorno (1994) se refere à sociedade de seu tempo, caracterizada de sociedade industrial ou capitalismo tardio.

Com efeito, nessa perspectiva a cultura não deve ser pensada como *sagrada*, visto que isso tende a engessá-la em categorias eternas e imutáveis, “pois a formação nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva” (ADORNO, 2010b, p. 09). O pensamento dialético coloca em jogo as contradições inerentes ao objeto, o que não seria diferente com a cultura. Segundo Adorno (2010b), esta tem um duplo caráter: por um lado, é intrínseca a uma sociedade e, por outro, é a intermediária entre esta e a semiformação. Assim, a cultura pode ser interpretada como um campo de forças entre *Práxis* (realidade) e *Geist* (Espírito). A *Bildung* (Formação Cultural) é o desdobramento dessa tensão, cujo produto consiste no desenvolvimento das amplas capacidades e faculdades do gênio humano (ciências, artes, organização social, conhecimento geral). A *Halbbildung* (Semiformação) justamente se instala quando a tensão *Práxis/Geist* é dissolvida. Se se reforça a “realidade” como norma ou critério sem a mediação das “coisas do espírito”, o sujeito tende a se conformar com o que suas intuições imediatas lhe trazem da vida empírica “real”, ou seja, uma (de) formação unilateral que cristaliza a adaptação à ordem vigente. A educação, nesses termos, é reprodução sistemática de modos de comportamento administrados previamente. Portanto, ao se absolutizar algum aspecto das capacidades espirituais, a arrogância intelectual institui um *valor* cultural, e assim se organiza uma estrutura social rigidamente hierarquizada e orientada por uma determinada concepção de cultura, característica elementar de estados autoritários.

[...] havia pessoas que se dedicavam, com paixão e compreensão, aos chamados bens culturais, e, no entanto, puderam encarregar-se tranquilamente da práxis assassina do nacional-socialismo. Tal fato não

apenas indica uma consciência progressivamente dissociada, mas sobretudo dá um desmentido objetivo ao conteúdo daqueles bens culturais – a humanidade e tudo o que lhe for inerente – enquanto sejam apenas bens, com sentido isolado, dissociado da implantação das coisas humanas. A formação que se esquece disso, que descansa em si mesma e se absolutiza, acaba por converter-se em semiformação (ADORNO, 2010b, p. 10)

De qualquer modo, a ideia filosófica da formação tem por finalidade uma “ideia protetora da existência” que, por um lado, pretende domesticar o homem através da adaptação dos impulsos (repressão) para garantir o convívio social e conseqüentemente a civilização, e, por outro, procura manter o que lhe é natural. O desejo de acomodação para a composição da vida social está em perpétuo desacordo com os impulsos individuais. Mas, é essa tensão que permite ao indivíduo questionar a validade de uma possível hegemonia unilateral para além dos fatos imediatos: o dado tende ao absoluto – seu *sentido único* delinea o culturalmente aprovado. “A sociedade inteiramente adaptada é o que na história do espírito demonstra esse conceito: mera história natural darwinista, que premia a *survival of the fittest*” (ADORNO, 2010b, p. 11). Uma formação que se articula pelo exercício de categorias fixas e isoladas, revela sua tendência repressiva.

Em complemento a essa discussão, Gaston Bachelard (2016) em sua obra *A formação do espírito científico*, elaborou um conjunto de conceitos tendo em vista a crítica à precariedade e limitações da condição humana que, diante do mundo, soberbamente pretende estabelecer um conhecimento absoluto. O conceito de *obstáculo epistemológico*⁴³ decorre do exame acerca da natureza do conhecimento empírico⁴⁴. O obstáculo para o conhecimento científico, segundo Bachelard (2016), está no próprio ato de conhecer: o conhecimento do real jamais é imediato e pleno, pois “o real nunca é “o que se poderia achar” mas é sempre o que se deveria ter pensado” (BACHELARD, 2016, p. 17). Nesse contexto, o pensamento empírico fica claro somente após o estabelecimento de um conjunto de argumentos que, ao resgatar o passado, passa por um processo de *arrepentimento intelectual*, um desapego de antigas certezas que se contrapõe à formação espiritual (*Geist*), que significa, de certo modo, a herança formativa de uma determinada cultura em todas as suas manifestações, ou seja, o modo pelo qual os indivíduos se reconhecem por e pela cultura onde estão situados.

O movimento pelo qual o *Espírito* se manifesta tem em uma de suas origens mais fecundas o ideal Iluminista – *Aufklärung* (ou Esclarecimento), tal como proposto

⁴³ É um método de estudos a partir da história do pensamento científico e da prática da educação.

⁴⁴ As ciências experimentais: é uma questão de interpretação racional.

pelo filósofo Immanuel Kant (2010), como também a crítica ao conceito de Formação Integral do indivíduo, ou Formação Cultural (*Bildung*), como desenvolvido por Adorno (2010b). Com efeito, o problema manifesto nas teses Bachelard (2016) revela sua profunda preocupação com o modo pelo qual os homens tomam para si hábitos, costumes e crenças como princípios que orientam o entendimento sobre o existente. A alma não pode tornar-se ingênua diante do que aparenta ser o real:

É impossível anular, de um só golpe, todos os conhecimentos habituais. Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber. Quando o espírito se apresenta à cultura científica, nunca é jovem. Aliás, é bem velho, porque tem a idade de seus preconceitos. Aceder à ciência é rejuvenescer espiritualmente, é aceitar uma brusca mutação que contradiz o passado (BACHELARD, 2016, p. 18)

O “espírito velho” rejuvenesce com a atividade científica, pois somente pode haver desenvolvimento científico na medida em que um conhecimento é contraposto ao anterior. Essa discussão, ao menos em filosofia, é de longa data e remonta uma luta entre os antigos pensadores gregos: *Logos* (Razão) *versus* *Doxa* (Opinião), em outros termos, Ciência *versus* Opinião. Os gregos antigos, principalmente após Platão, categorizaram dois modos de apreensão das coisas que nos cercam: a *Doxa* (opinião), que envolve todo o conhecimento oriundo das tradições, hábitos e crenças e que não lança mão dos recursos lógicos para fundamentar o discurso acerca de algum assunto; e o *Logos* (argumentação/razão), que ao contrário, deriva da associação dos princípios lógicos matemáticos do cálculo, da medida e da mensuração ao esforço da capacidade de expressão e comunicação clara e organizada: o argumento. Nesse sentido o *Logos*, ou Razão, é a tentativa de ordenar e organizar a realidade. Em um primeiro momento, parece que de antemão a ciência rejeita toda a opinião. No entanto, Bachelard (2016) argumenta que certas práticas ditas científicas revelam muitas semelhanças ao apego dogmático das opiniões, o que acarretam, com efeito, em obstáculos para o entendimento.

O primeiro obstáculo já enunciado é a *opinião*, em outros termos, a *experiência primeira*. Esta designa os objetos pela *utilidade*, o que limita a compreensão, uma vez que “a opinião *pensa* mal; não *pensa*: *traduz* necessidades em conhecimentos” (BACHELARD, 2016, p. 18). Para transpor este obstáculo e como condição para ciência, é preciso saber formular problemas: o *sentido do problema* decorre de uma construção racional de modo que esta não pode ser formulada espontaneamente. Dessa

forma, “para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído” (BACHELARD, 2016, p. 18). Somente é possível conhecimento científico com o exercício do questionamento.

O conhecimento adquirido pelo esforço científico pode declinar. A pergunta abstrata e franca se desgasta: a resposta concreta fica. A partir daí, a atividade espiritual se inverte e se bloqueia. Um obstáculo epistemológico se incrusta no conhecimento não questionado. Hábitos intelectuais que foram úteis e sadios podem, com o tempo, entrar a pesquisa (BACHELARD, 2016, p. 18-19)

Para Bachelard (2016), a ciência está envolta em opiniões – os *hábitos intelectuais*⁴⁵. O obstáculo epistemológico oferece valor espiritual à história do pensamento científico. A preocupação se volta ao excesso de objetividade, o que impede de medir as variações psicológicas na interpretação dos dados empíricos. Quando as ideias se valorizam independentemente, ou seja, em si mesmas, ocorre o impedimento da circulação de valores. Por sua vez, estes hábitos têm sua origem no que Bachelard nomeia de *instinto formativo* e *instinto conservativo*. O instinto formativo seria a etapa da vida dos cientistas ocupada em construir o conhecimento. O instinto conservativo remete à rejeição da possibilidade de colocar em evidência, em contradição, a própria pesquisa do cientista através do diálogo acerca dos seus pressupostos e fundamentos, o que resulta na imobilização do conhecimento. Uma “frieza” daqueles que esperam que a observação dos “fatos” seja neutra e desinteressada. Nesse contexto, a nova *Doxa* – o fato – é revestido da couraça científica e se converte em racionalização apressada.

O conhecimento empírico envolve o homem sensível na totalidade de sua sensibilidade. “Quando o conhecimento empírico se racionaliza, nunca se pode garantir que valores sensíveis primitivos não interferiram nos argumentos” (BACHELARD, 2016, p. 19). Com o uso desmedido e isolado dos recursos empíricos, há uma perda do vetor de abstração, ou seja, a habilidade de construir conceitos. A relação com o objeto não é um processo passivo, mas se converte em um ato direto: *olhar e interpretar* – essa interpretação está ligada à escolha não consciente, ou seja, diz respeito à construção das sensações. Esta invocação dos instintos, como as bases primordiais de qualquer ação, reforça a ideia de que a ciência, como construção humana, não poderia ser desenvolvida

⁴⁵ Um exemplo de hábito intelectual: a ciência busca unidade (generalizações) – como as Ideias ou Formas eternas e imutáveis de Platão ou a Substância Universal de Aristóteles.

como prática neutra aos interesses afetivos (o que nos afeta).

Bachelard problematiza sobre este aspecto do conhecimento: o saber serve para saber? Cultura não é acúmulo ou extensão. A “cabeça bem feita” é uma cabeça fechada. Isso denota que os indivíduos estão envoltos em uma *crise de crescimento do pensamento*, e isso exige uma reorganização do sistema de saber. Para Bachelard, o *homem* tem necessidade de mudança e estas podem se desdobrar em *Revoluções Espirituais*.

Costuma-se dizer também que a ciência é ávida de unidade, que tende a considerar fenômenos de aspectos diversos como idênticos, que busca simplicidade ou economia nos princípios e nos métodos. Tal unidade seria logo encontrada se a ciência pudesse contentar-se com isso. Ao inverso, o progresso científico efetua suas etapas mais marcantes quando abandona os fatores filosóficos de unificação fácil, tais como a unidade de ação do Criador, a unidade de organização da Natureza, a unidade lógica. De fato, esses fatores de unidade, ainda ativos no pensamento pré-científico do século XVIII não são mais invocados. Seria tachado de pretensioso o pesquisador contemporâneo que quisesse reunir a cosmologia e a teologia (BACHELARD, 2016, p. 20-21)

O segundo obstáculo epistemológico consiste nos substancialismos, ou seja, na tendência tenaz do pensamento em permanecer preso a pré-concepções apressadamente formuladas: as *generalizações*. Se a opinião cristaliza a primazia enfática do fato, as generalizações, correlatamente, chancelam como “verdadeiro” o que se apresenta enquanto passível de ser percebido, compreendido e reproduzido sob o crivo da unicidade universal sistêmica “objetivamente” demonstrável. Na busca pelo *outro*, ou seja, a saída da contemplação do sempre *mesmo*, o pensamento inquieto desconfia das identidades (as unidades), ocasião em que o sujeito poderá construir as condições para *distinguir*. “Precisar, retificar, diversificar são tipos de pensamento dinâmico que fogem da certeza e da unidade, e que encontram nos sistemas homogêneos mais obstáculos do que estímulo” (BACHELARD, 2016, p. 21). Nesse processo, obtêm-se um modo de “dialetrizar” a experiência para não incorrer no risco de fazer da Natureza um acervo de unidades (generalizações) e de utilidades de fenômenos. Na *dialética dos erros*, a superação de uma dificuldade revela seu obstáculo oposto. Parece preciso inventar e considerar o fenômeno a partir de outro ponto de vista – a legitimação da invenção decorre, em certa medida, da compreensão da própria experiência interpretativa de um fenômeno ao compará-lo com o fenômeno dos outros e a eles lançar uma crítica. A natureza do obstáculo epistemológico é confusa e polimorfa.

O pensamento deve abandonar o empirismo imediato – a filosofia fácil –, cujas

premissas tiram sustento diretamente dos *dados imediatos* e das *apressadas racionalizações*, e que, por isso, soberbamente afirmam estar munidas das condições objetivas para delinear o real. O espírito científico é contra a *Natureza*: faz oposição às ideias pré-formadas e corriqueiras sobre o natural. O homem movido pelo espírito científico deve formar-se enquanto se reforma: deseja saber para melhor questionar.

Para que, de fato, se possa falar de *racionalização da experiência*, não basta que se encontre *uma razão para um fato*. A razão é uma atividade psicológica essencialmente politrópica: procura revirar problemas, variá-los, ligar uns aos outros, fazê-los proliferar. Para ser racionalizada, a experiência precisa ser inserida num jogo de *razões múltiplas*. Tal teoria da *racionalização discursiva e complexa* tem, contra si, as convicções primeiras, a necessidade de certeza imediata, a necessidade de *partir* do certo e a doce crença na recíproca, que pretende que o conhecimento do qual se partiu era certo (BACHELARD, 2016, p. 51)

Gérard Fourez (1995) na obra *A construção das ciências*, argumentou a favor do pensamento que se volta às múltiplas leituras de mundo em detrimento de um *sentido único*. Ao que parece, a proposta de Fourez (1995) – o método crítico dialético indicado por ele como opção metodológica para tratar do tema da ciência tal como proposto por Hegel⁴⁶ – rompe com certos paradigmas científicos, principalmente no que tange a tradicional atribuição à ciência como “submissa fiel” da objetividade e da neutralidade quanto à tarefa de observar e descrever a realidade. O autor defende que a observação científica não é passiva, ou seja, não se pode pressupor uma descrição “pura” do real tal como esse se apresenta. O primeiro ponto de divergência com a tradição destaca que a descrição de algum objeto somente se efetiva a partir do desenvolvimento de *modelos teóricos* (os conceitos). Isso significa que não se pode separar a *descrição* do *interesse* daquele que observa, pois uma vez que teorias são formuladas – e estas são múltiplas –, vários observadores podem obter resultados diferentes ao examinarem o mesmo objeto. Com efeito, existem pressupostos que antecedem a observação. Segundo Fourez (1995), são as noções que nos constituem, que nos fundamentam, como língua, cultura, crenças, enfim, condições historicamente determinadas e que influenciam a “visão de mundo”. Nas palavras do autor, “em suma, para observar, é preciso sempre relacionar aquilo que se vê com noções que já se possuía anteriormente. Uma observação é uma

⁴⁶ Estrutura do método dialético: *Tese* – afirmação ou defesa argumentada de alguma ideia, conceito, postura; *Antítese* – a negação da tese a partir do exercício crítico que permite a percepção das contradições imanentes à construção da tese; *Síntese* – Processo racional que permite compreender o mundo e suas contradições sob nova ótica e que, fundamentalmente, este mundo está em constante transformação.

interpretação” (FOUREZ, 1995, p. 40). Em outro sentido, a experiência, para ser descrita, depende de uma série de hipóteses interpretativas, o que revela a necessidade de teorizar o que nos cerca, o que difere da mera observação.

O conjunto das teorias utilizadas para produzir uma relação de observação pode ser mais ou menos importante, ou mais ou menos discutível. Todas as proposições empíricas dependem de uma rede de hipóteses interpretativas da experiência. Porém, elas não se referem às experiências do mesmo modo: não se “observa” do mesmo modo um neutrino, um micróbio, uma cratera sobre a Lua, uma nota de música, um gosto de açúcar ou um pôr-do-sol (FOUREZ, 1995, p. 41)

A observação do “fato” e a “prova” na ciência dependem do modelo teórico escolhido para descrever a experiência. Dessa forma, ela apenas atesta a força da interpretação. Em outros termos, a prova é um *modelo de interpretação* que se reveste de um objetivo específico: atender a um determinado *projeto* que não se diferencia do interesse particular do observador/cientista. Estes, por sua vez, não podem se neutralizar diante da cultura e do universo linguístico do qual fazem parte ao realizarem o trabalho científico. Nesse sentido, uma proposição empírica é, em última instância, uma proposição teórica. Assim, uma definição científica parece ser, de antemão, uma *interpretação científica*, cuja objetividade não pode ser absoluta, mas relativa a uma determinada cultura.

Essa caracterização incide sobre a distinção entre os conceitos de Objetividade e Subjetividade e de Universal e Particular. Parece insensato limitar o objeto a uma única definição ou legá-lo à universalidade ou generalização. No entanto, esse procedimento é o que caracteriza a visão tradicional de ciência, o que pode conduzir à problematização sobre a discussão acerca da natureza do procedimento científico. Se as coisas existem com a presença do observador e estas podem se revelar de múltiplas formas, seria um erro o observador reduzir o “instante” (particular) ao universal⁴⁷. A observação, nesses termos, seria sentir, perceber o mundo ancorado em quadros teóricos conceituais que não se desenvolvem de modo neutro em relação ao objeto. O conhecimento decorre do processo de interpretação a partir de construções subjetivas (que são determinadas pelas condições culturais), dos fenômenos.

Para complementar essa discussão, Fourez (1995) expõe a distinção entre duas atitudes quanto aos procedimentos e objetos que caracterizam a ciência e a ética. De um lado, o *idealismo*, que considera as normas em termos de leis eternas e imutáveis – ou

⁴⁷ Universal no contexto da teoria idealista.

universais – existentes em si mesmas e constituintes da “verdade” absoluta. Por outro lado, a vertente *histórica* que articula o real como uma evolução das configurações da ciência e da ética a partir das construções humanas: situado no tempo, o real é determinado pelas relações entre os homens não existindo, dessa forma, sentido “fora” ou “além” da cultura. Um dos problemas provenientes dessa argumentação perpassa a seguinte indagação: se os conceitos são condicionamentos históricos, não existe nada de absoluto, ou seja, tudo é relativo? O primeiro passo para tensionar essa questão se orienta pela desconstrução da *noção* de “relativo” para em seguida, sua reconstrução *conceitual*. O relativo, a partir da concepção do senso comum, parece se remeter àquilo que pode ser ou existir de diversos modos e que, por isso, depende das idiosincrasias, subjetividades e afetos de cada indivíduo, perdendo, dessa forma, qualquer possibilidade de rigor científico (entendido como busca por normas e leis universais em contraponto ao particular). No entanto, o conceito de relativo se refere ao que seja *relacional*, de modo que envolve as dimensões projetivas (teóricas) que os indivíduos constroem para entenderem o mundo, os outros e a si mesmos. Dessa forma, compreender rigorosamente as relações que os homens tecem entre si permite entender historicamente os sentidos em que cada cultura, grupo ou campo alicerçam seus objetos de inquietação, sendo estes dependentes de seus contextos, logo, passíveis de mudanças no tempo. Assim, “não acreditar nas ideias eternas não significa que não se necessita precisar aquilo de que se fala, ou seja, construir conceitos” (FOUREZ, 1995, p. 232). O desenvolvimento de uma teoria (ou conceito) não é neutro, ou seja, não pode ser descrito em termos de plena objetividade, como um correlato imediato da “coisa”, uma vez que, lembrando Kant, somente pode-se apreender os objetos por sua aparência mediada por nossos sentidos e interpretações carregadas dos pré-conceitos ofertados pela cultura no tempo e pelo tempo histórico.

Tudo isso indica o quanto ainda persistem as influências das perspectivas idealista e histórica sobre as “noções” e os “conceitos” que caracterizam a ciência. Para a perspectiva idealista de ciência, os conceitos não são construções (humanas) que orientam e organizam a visão que o homem tem do mundo. Ao contrário, os conceitos são “descobertos”, pois são entendidos como leis naturais eternas que sempre estiveram na Natureza, constituindo a “*realidade em si*”. O conhecimento “verdadeiro” é um processo (ou projeto) necessariamente humano a fim de estruturar o mundo para que nele os sujeitos possam viver. Nesse contexto, a construção da ciência bem como as teorias sobre a verdade articulam-se no interior de um projeto histórico aberto e estético,

pois os indivíduos se reconhecem em suas próprias obras⁴⁸. Atento aos aspectos de coerência envolvidos nas formulações das representações, Fourez (1995) resgata a discussão kantiana da “coisa-em-si”. Para Kant, o *noumenon* (coisa-em-si) se distingue do *fenômeno* (das coisas tais como aparecem aos indivíduos, como podem ser percebidas e compreendidas). O conhecimento, nesse sentido, se constrói pela percepção do mundo estruturado por nossa sensibilidade, imaginação e entendimento (mediação entre as intuições e os conceitos – o esquematismo). Para Kant, o conhecimento da coisa-em-si escapa à razão, o que caracteriza o agnosticismo kantiano. Os cientistas em suas buscas pelo real em si, se mostram como os antigos cavaleiros da Távola Redonda em busca do Santo Graal. Fourez argumenta que o conceito de coisa-em-si seria mais adequado se considerado como uma *ideia regulativa*, ou seja, as elaborações teóricas necessárias para a prática científica. Como exemplo, o conceito de átomo. Mesmo que não seja possível o desenvolvimento de um microscópio capaz de “vê-lo”, sua abstração é perfeitamente lógico-demonstrável, uma vez que “só conhecemos os conceitos teóricos de átomo que nós construímos” (FOUREZ, 1995, p. 258). Fourez cita o filósofo Maurice Blondel acerca da concepção de real: consiste no conjunto daquilo que vivemos, dessa forma, não se constitui como um real que está oculto, escondido atrás dos fenômenos (aparências):

O real é o conjunto da história da forma como ela se apresenta para nós, de acordo com a maneira pela qual a estruturamos em objetos. Assim, sob uma tal perspectiva, a visão que teria um físico de um fenômeno (como o pôr-do-sol) não atingiria um aspecto mais “profundo” do “real”: seria apenas uma visão diferente daquelas – que tampouco atingem o “real” – que o contemplam sem acrescentar a tecnicidade de uma disciplina científica. Não haveria uma “verdade” que seria mais fundamental do que outras, já que nos encontraríamos sempre diante de uma multiplicidade de interpretações, todas válidas de acordo com um determinado ponto de vista. (FOUREZ, 1995, p. 258-259)

Dessa forma, a ciência, assim como a religião, inspira naqueles que se lançam irrefletidamente no “mito da busca” do real em si, um tipo de crença, de fé, de confiança. Esta “confiança” pode se desdobrar de dois modos. No primeiro, a ciência seria a confiança que se pode ter em uma *tecnologia intelectual* (por exemplo, um médico “acredita” no aparelho de raios X, uma vez que este não faz uma incisão em um

⁴⁸ Capacidade que a Indústria Cultural se esforça em dissolver com a usurpação do esquematismo. Ao vender mercadorias culturais padronizadas, promove a alienação dos indivíduos que tendem a se acomodar diante do que é oferecido como real: obediência à voz de comando do *fato* imagético das telas (tv, computadores).

braço torto devido a uma queda para verificar se o mesmo está ou não quebrado). O problema se instala quando ocorre o que Fourez denominou de *absoluto afetivo na pesquisa científica*. O pesquisador prefere evitar o questionamento crítico (ou engajamento histórico de sua atividade) ao ver a possibilidade da perda de sentido de sua pesquisa, que, para este, é como um ídolo. Com efeito, o segundo modo de confiança na ciência se remete ao *valor absoluto dado às verdades científicas*. A fé absoluta na ciência é equivalente à idolatria.

A perspectiva de Fourez (1995) propõe uma mudança radical acerca da concepção de ciência: da confiança (fé) ao processo histórico relativo. Desenvolve-se, desse modo, um pano de fundo da ciência: ultrapassar o lugar onde se está situado de acordo com a *pulsão de superação* da alteridade do mundo. Assim, a ciência se converte em um trabalho dos limites, da superação dos possíveis, enfim, uma superação que se reveste de interesse ético.

Após estes comentários acerca da crítica às formas sob as quais o pensamento assume a posição de *sentido único* do ponto de vista da epistemologia e história do pensamento científico, parece necessário situar outro conceito que, segundo Adorno (2010b), compõe a constelação envolvida no entendimento da semiformação: a *integração*.

Para a consciência, as barreiras sociais são, subjetivamente, cada vez mais fluidas, como se vê a tanto tempo na América. Por inúmeros canais, fornecem-se às massas bens de formação cultural. Neutralizados e petrificados, no entanto, ajudam a manter no devido lugar aqueles para os quais nada existe de muito elevado ou caro. Isso se consegue ao ajustar-se o conteúdo da formação, pelos mecanismos de mercado, à consciência dos que foram excluídos do privilégio da cultura. [...] A estrutura social e sua dinâmica impedem a esses neófitos os bens culturais que oferecem ao lhes negar o processo real da formação, que necessariamente requer condições para uma apropriação viva desses bens (ADORNO, 2010b, p. 16)

A adaptação ao dado (seja como produto do espírito ou da natureza) se converteu no “esquema da dominação progressiva”. O limite das possibilidades do sujeito repousa na acomodação “natural” ao existente, ou seja, ao que lhe é apresentado como culturalmente aprovado. Esta “acomodação natural” mantém de certo modo coeso o todo social por adaptar as pulsões, domesticando-as. Contudo, parte-se do pressuposto de que tal acomodação foi construída, de modo que cabe indagar quais os interesses que estão na sua base. Compreender essa dinâmica permitirá aos indivíduos a decisão sobre suas vidas: manter, alterar ou transformar a ordem social. A submissão ao existente é a

outra face do desejo de dominação da natureza.

O homem “assemelhou-se” artificialmente à natureza, antes pela magia, agora, pela objetividade científica. “No processo de assim se assemelhar (a eliminação do sujeito por meio de sua autoconservação) instaura-se como o contrário do que ele mesmo se julga, ou seja, como pura e inumana relação natural” (ADORNO, 2010b, p. 12). O caráter inumano da relação entre indivíduo e natureza decorre do modo como está estabelecida a organização dos mecanismos de acomodação: o poder e o princípio de conciliação tendem a subsumir a liberdade em capacidade de adaptação – do ponto de vista formativo, é a geração da *falsa consciência*.

Desse modo, a adaptação reinstala-se e o próprio espírito converte-se em fetiche, em superioridade do meio organizado universal sobre todo fim racional e no brilho da falsa racionalidade vazia. Ergue-se uma redoma de cristal que, por desconhecer-se, se julga liberdade. E essa consciência falsa, amalgama-se por si mesma à igualmente falsa e soberba atividade do espírito (ADORNO, 2010b, p. 12)

O rompimento e a superação econômica da burguesia em relação ao feudalismo propiciaram, na Ilustração, o ideal de emancipação da Formação Cultural. No que diz respeito à ética, Sérgio Paulo Rouanet (1992) em seu artigo *Dilemas da Moral Iluminista*⁴⁹, apresenta os três elementos característicos que permearam as reflexões durante os séculos XVIII e XIX: o cognitivismo, o individualismo e o universalismo. Rouanet (1992) elaborou sua argumentação a partir da síntese de determinadas proposições da *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* e da *Crítica da Razão Prática* de Kant⁵⁰.

O cognitivismo é a base da moralidade: não tem sua origem na *natureza*, pois, enquanto mundo do determinismo, é o reino das relações necessárias de causa e efeito ou das leis naturais universais e imutáveis. A moralidade pressupõe liberdade. Por outro lado, não podem ser as *sensações* (a percepção do mundo pelos sentidos) as causas da moralidade, visto ser a esfera do interesse e da heteronomia, ou seja, o que é externo ao homem. Dessa forma, ela se funda na *razão*, ou melhor, deriva de um procedimento

⁴⁹ No início de sua exposição, Rouanet (1992) destaca a diferença conceitual entre Ilustração e Iluminismo: “Trata-se de uma distinção entre Ilustração, considerada como uma corrente intelectual historicamente situada, correspondendo ao movimento de ideias que se cristalizou no século XVIII em torno de figuras como Voltaire, Rousseau, Diderot etc., e Iluminismo, que seria uma tendência transepocal, não situada, não limitada a uma época específica – algo como uma distilação teórica da Ilustração” (ROUANET, 1992, p. 149).

⁵⁰ Rouanet (1992) também faz menção às teses acerca do jusnaturalismo (direito natural) de Rousseau e do empirismo de D’Alembert, Holbach e Helvétius como fundamentos leigos da Ilustração. Contudo, apenas as observações sobre o *imperativo categórico* de Kant bastam para a problematização proposta.

interno à razão: o *imperativo categórico*. Três etapas podem exemplificar seu funcionamento. Primeira etapa – a máxima das ações do indivíduo deve ser generalizável; segunda etapa – todos devem desejar-la para si; terceira etapa – deve estar livre de contradições internas. Se assim for, a máxima pode se converter em uma lei moral universal, de onde derivam todos os deveres e obrigações.

O individualismo consiste na tese de que o indivíduo é uma mônada, ou seja, um “átomo irreduzível” e único que pode se unir a outros “átomos” por meio de um contrato regulador da vida social racionalmente elaborado. O interesse do indivíduo jamais poderia ser reduzido à vontade comunitária: uma ética *eudemonista* (da felicidade) preocupada com a auto-realização do indivíduo. Com efeito, o indivíduo é soberano e capaz de se opor às regras sociais por meio da crítica (ideia do descentramento do indivíduo em relação às normas comunitárias). Em suma, estas são as duas consequências do individualismo ético da Ilustração: “o eudemonismo, o direito à felicidade e à auto-realização; e o descentramento, o direito à crítica, o direito de assumir uma posição de exterioridade com relação às normas sociais” (ROUANET, 1992, p. 152).

O universalismo envolve três aspectos fundamentais de existência: primeiro, de uma natureza humana universal; segundo, de princípios universais de validação ética; e terceiro, de certo número de normas materiais universais.

Mas o que significa tudo isso? Procurava-se refletir sobre um conjunto de argumentos capazes de tecer as bases elementares nas quais todos os homens são iguais em todos os tempos e lugares, com as mesmas disposições racionais, desejos e interesses. A fonte dessa argumentação não seria mais a religião revelada, mas a própria razão do homem. Segundo Rouanet (1992), em Kant a ética (ou filosofia moral) é o esforço que orienta a identificação das leis morais universais. Com efeito, há um “clima” de otimismo nos pressupostos da Ilustração. Mas seria possível afirmar que tais pressupostos foram realizados?

Vivemos num mundo onde não existe nenhuma fé na possibilidade de fundar objetivamente a escolha moral. Vivemos num mundo que desconfia do eudemonismo da Ilustração e que não admite a possibilidade de descentramento do indivíduo com relação a sua comunidade. E vivemos numa época dominada cada vez mais pelos diversos particularismos, que negam a existência de verdades universais ou de uma moralidade universal (ROUANET, 1992, p. 153)

Para Rouanet muitos entraves impediram a consumação das teses da Ilustração,

mas isso não quer dizer que elas sejam utópicas e, por isso, absolutamente irrealizáveis: “devemos pensar em outro caminho: a tentativa de construir uma ética iluminista moderna, a partir da matriz original da Ilustração” (ROUANET, 1992, p. 157). O autor destaca as teorias de Habermas e Apel para a construção de uma ética discursiva⁵¹.

Adorno (2010b) manifestou a mesma preocupação no ensaio da *Teoria da Semiformação*. A promessa da felicidade não foi cumprida, no entanto, é enfaticamente vendida como mercadoria pela Indústria Cultural. A realização da formação estaria atrelada à emancipação dos homens, de modo que deveria “corresponder a uma sociedade burguesa de seres livres e iguais” (ADORNO, 2010b, p. 13). Ao contrário, a exploração do homem adquiriu uma dimensão jamais vista, como também a disponibilização dos “bens culturais” não limitou o engenho a favor de amplos e eficazes mecanismos de aniquilação da vida. Aquele que não se identifica com os padrões administrados é um herege que precisa ser exorcizado, integrado.

A vida, modelada até suas últimas ramificações pelo princípio da equivalência, esgota-se na reprodução de si mesma, na reiteração do sistema, e suas exigências descarregam-se sobre os indivíduos tão dura e despoticamente que cada um deles não pode manter-se firme contra elas como condutor de sua própria vida, nem incorporá-las como algo específico da condição humana. Daí que a existência desconsolada, a alma, que não atingiu seu direito divino na vida, tenha necessidade de substituir as perdas imagens e formas por meio da semiformação. O disparate de seus elementos, que chegam ao caótico, e a renúncia à plena racionalidade, inclusive de seus *membra disiecta*⁵² isolados, favorecem a mitologização por meio de uma consciência indigente (ADORNO, 2010b, p. 24)

A promessa da libertação da utilidade mesquinha é desmentida pela emergência de uma organização social comprometida até às raízes com o utilitarismo. Em sua íntima adesão ao mercado, “a semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria” (ADORNO, 2010b, p. 25). No que diz respeito às reformas do ensino, a retórica da “educação popular” procura convencer o proletariado que a formação, por si mesma e isoladamente, poderá ser veículo de transformação social e econômica. No mesmo sentido, Adorno comenta acerca da investida da Indústria Cultural no campo: “no lugar da autoridade de Bíblia, instaura-se a do domínio dos esportes, da televisão e das “histórias reais”, que se apoiam na pretensão de literalidade e de facticidade aquém da imaginação produtiva” (ADORNO, 2010b, p. 15). A atual

⁵¹ O aprofundamento dessa perspectiva será abordado em outra oportunidade de pesquisa. O objetivo da breve exposição acima realizada consistiu em mostrar que o tema da Formação Cultural, em sua ampla configuração, perpassa pelos interesses de pesquisa de diversos autores.

⁵² Segundo a tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, “membros isolados, divididos”.

composição da estrutura de produção material não tolera o modo como a experiência se relacionava com os conteúdos formativos tradicionais. O *pequeno burguês* nutre um impiedoso horror ao ócio, zomba dele com a alcunha de “anti-progressista” caracterizada pela inatidade preguiçosa. Em detrimento do esforço de mediação para as “coisas do espírito”, este pequeno burguês exalta sua sobrecarga de atividades e funções econômicas, sentindo-se, por elas, socialmente útil. Os conteúdos objetivos, coisificados, não passam de mercadorias culturais. Com efeito, a formação se converte em um bem que somente certas “elites” podem gozar, surgindo ora da iniciativa de indivíduos isolados, ora de grupos de profissionais qualificados.

O esfacelamento da tradição formativa desemboca no que Max Weber nomeou de *desencantamento do mundo* – um mundo vazio de forma e imagens: ao se identificar com esse “novo mundo”, o indivíduo se auto-anula, renegando sua autonomia. A Indústria Cultural preenche esse vazio ao passo que oferece uma concepção pré-fabricada de mundo. “A semiformação não se confina meramente ao espírito, adultera também a vida sensorial. E coloca a questão psicodinâmica de como pode o sujeito resistir a uma racionalidade que, na verdade, é em si mesma irracional” (ADORNO, 2010b, p. 25). A Formação Cultural é equivalente à diferenciação. A tradicional divisão social do trabalho em “intelectual” e “manual” não possui os mesmos contornos na economia burguesa. O sucedâneo da diferenciação consiste na sociedade do *status*, que faz dos fragmentos isolados e desconexos da formação os elementos que o consagram socialmente.

Só sob a proteção dos muros desses privilégios podiam pôr-se em ação aquelas forças humanas que, voltadas para a prática, inaugurassem uma situação sem privilégios. Mas essa dialética da formação fica imobilizada por sua integração social, por uma administração imediata (ADORNO, 2010b, p. 25)

O sistema econômico/administrativo sorve a energia das ideias da formação. A crença absoluta no desenvolvimento tecnológico como meio de salvação da destruição iminente (paranoia e delírio de perseguição), solapa a complexidade reflexiva de conceitos como liberdade e humanidade. Esta coerção dirigida ao espírito autoritariamente distorce a *práxis* (realidade). Pois “dizer que a técnica e o nível de vida mais alto resultam diretamente no bem da formação, pois assim todos podem chegar ao cultural, é uma ideologia comercial pseudodemocrática” (ADORNO, 2010b, p. 27). A música séria, expropriada pela Indústria Cultural, torna-se música de diversão. Os “bens

culturais” perdem todo o vigor envolvidos em seu processo de construção originário, pois, sob recortes cirúrgicos, os temas congelados em fragmentos sobrepõem a obra de arte como um todo.

Mesmo diante desse contexto desalentador, Adorno argumenta a favor dos momentos de resistência e de inconformismo. As obras de arte que escapam dos laços da Indústria Cultural não admitem aproximações, ou seja, uma obra executada medianamente não seria capaz de provocar uma experiência espiritual completa. O conteúdo formativo não se expressa em termos medianos. “O entendido e experimentado medianamente – semientendido e semiexperimentado – não constitui o grau elementar da formação, e sim seu inimigo mortal” (ADORNO, 2010b, p. 29). A fragmentação do conteúdo espiritual (formativo) é o correlato subjetivo da experiência cultural arruinada. Uma consciência assim “formada” atende aos limites da reificação. O pensamento filosófico, para essa consciência, é inaceitável.

Assim, para um novato que se utiliza da ética de Spinoza sem conhecê-la em conexão com a doutrina cartesiana de substância e com as dificuldades da mediação entre *res extensa* e a *res cogitans*, as definições com que começa essa obra assumem certa opacidade dogmática e um caráter de arbitrariedade confusa, que se desfazem somente quando se entende a concepção e a dinâmica do racionalismo juntamente com o papel que as definições desempenham nele. O iniciante ingênuo não saberá o que intentam tais definições, nem quais títulos legais lhes são inerentes, e as abandonará como um discurso confuso – e com tal juízo, índice de orgulho subalterno, talvez passe a se defender contra toda a classe de filosofia (ADORNO, 2010b, p. 29)

A falta de familiarização com os pressupostos das obras, suas especificidades teóricas e metodológicas, geram confusão e obscurantismo. O clichê do “culto do gênio” potencializa o desprezo pelo esforço de mediação teórica, uma vez que à enganosa concepção de talento inato está ligado o mito de que as obras “surtem” espontaneamente e por si mesmas através do “médium” do gênio. Porém, “nada do que, de fato, se chame formação poderá ser apreendido sem pressupostos” (ADORNO, 2010b, p. 30).

Adorno cita como exemplo de material semiformativo voltado à produção intelectual o livro *Great Symphonies*, de Sigmund Speath (1936). O livro consiste em inserir letra em determinados temas sinfônicos com o objetivo de facilitar ao consumidor “culto” a imediata memorização e reconhecimento de obras sinfônicas consagradas pela crítica cultural. A partir do método da *content analysis* (análise de conteúdo), Adorno (2010b) examina um trecho do livro e em seguida desenvolve sua

crítica.

Trecho do livro (Speath, 1936, *apud* Adorno, 2010b, p.31):

A música agora tem um acento menos patético
 Seu som é mais suave e não tão cheio de dor
 Não mais perturbado, eis que domina a situação:
 Agora, Tchaikovski vai recuperar a calma!

As considerações de Adorno (2010b, p. 31):

Essa explosão de barbárie, que com certeza prejudicou a consciência musical de milhões de pessoas, ensina-nos muito também sobre a semicultura mais discreta e média. As frases idiotas que ali se cantam nada têm a ver com o conteúdo da obra, no entanto, a agarram e chupam de seu êxito como sanguessugas, testemunhas concludentes do fetichismo da semicultura em suas relações com os objetos. A objetividade da obra de arte fica falsificada pela personalização, segundo a qual uma frase turbulenta que se aquietasse em um episódio lírico seria um retrato de Tchaikovski

O conteúdo é pasteurizado pela fragmentação, ou seja, pelo destaque do atômico. O sentido da obra, apenas apreendido em sua totalidade, é diluído. Portanto, a formação que carrega sobre si o peso da integração social perde-se em sua determinação ao passo que enfraquece a potência do conceito, agora obediente aos critérios mercadológicos de troca e de aproveitamentos. Neste contexto conformista, o *sentido único* da semiformação, de acordo com o conceito de usurpação do esquematismo pela Indústria Cultural, danifica a relação entre experiência e conceito.

A experiência – a continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente e em que o exercício e a associação fundamentam uma tradição no indivíduo – fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações (ADORNO, 2010b, p. 33)

Na experiência danificada, a percepção de mundo se reduz ao autoritário “é assim”, sem qualquer mediação ou julgamento. No lugar de conceitos imperam os clichês prontos, como o pensar maniqueísta entre o bem e o mal, o herói e o vilão, direita e esquerda (políticas), os que serão salvos e os que arderão no inferno. Com efeito, as relações objetivas – construídas a partir da atitude mediadora e necessariamente dependentes dos processos históricos/materiais –, são identificadas como “pessoas singulares”, átomos contingentes que transformam o que é mediato em imediato. A semiformação tende à personalização. O indivíduo, nesses termos, “é, ao

mesmo tempo, espiritualmente pretencioso e barbaramente anti-intelectual” (ADORNO, 2010b, 36). Somente uma autorreflexão crítica e dialética da própria semiformação, incrustada nos produtos da Indústria Cultural, poderá abrir as fissuras do sistema e fazê-lo ruir por dentro.

Algumas considerações sobre o conceito de pensamento podem contribuir para a compreensão da dimensão da categoria de *sentido único* e sua estreita relação com a categoria de análise “texto de leitura fácil”. Adorno (1995) argumentou em seu ensaio *Observações sobre o pensamento filosófico* que “o pensar” tem certa independência em relação à coisa, porém, admitir esta independência em termos absolutos é coisificar o pensamento em uma espécie de aparelho formal que separa sujeito e objeto. A nulidade do pensar formalizado aliena o sujeito do seu conteúdo objetivo: “o pensar filosófico só começa quando não se contenta com conhecimentos que se deixam abstrair e dos quais nada mais se retira além daquilo que se colocou neles” (ADORNO, 1995, p. 16). Parece haver uma tensão entre atividade e passividade no comportamento daquele que pensa. A crença comum vê no “pensador” um *sujeito* passivo que se dedica a um *objeto* sem material. Ao contrário, Adorno (1995) defende a tese de que o pensar deve se entregar à coisa. Para isso, é preciso concentração, ou seja, a passividade que incide sobre o pensamento que é determinado pela coisa – *a primazia do objeto*: “compreensível somente na mútua mediação entre sujeito e objeto – que o de que o pensar deve acomodar-se a um objeto até mesmo quando ainda não o possui, até quando meramente pretende produzi-lo” (ADORNO, 1995, p. 18).

O sujeito não pode ser anulado e tampouco o método poderia presumir a coisa “a priori”. O pensamento, nessa medida, envolve a tensão entre a concentração e a avidez. Por um lado, se lança ativamente ao objeto e, por outro, passivamente se deixa conduzir para não se desviar da coisa (distração). A virtude do pensamento concentrado é a paciência, ou seja, o cuidado demorado sobre o objeto que não se identifica com a agitação cansativa ou o mero ficar parado pensando.

A disciplina científica em voga requer do sujeito que se apague a si mesmo em prol da primazia da coisa ingenuamente presumida. O pensar não deve reduzir-se ao método, a verdade não é o resto que permanece após a eliminação do sujeito. Pelo contrário, este deve levar consigo toda sua inervação e experiência na observação da coisa para, segundo o ideal, perder-se nela (ADORNO, 1995, p. 19)

O clichê acerca do pensamento filosófico produziu a caricatura do pensador

como o sujeito que se entrega ao “pensamento de poltrona”, em alusão ao desocupado que nada faz de útil para o desenvolvimento social. São aspectos da flagrante hostilidade ao pensamento filosófico. O rancor contra o pensador é uma das facetas do anti-intelectualismo. O pensamento não é contemplação do “próprio umbigo” – a formalização que redundava no método autocrático de revisão fechado de si mesmo. “Os pensamentos que são verdadeiros devem renovar-se incessantemente pela experiência da coisa, a qual, não obstante, só neles recebe sua determinação” (ADORNO, 1995, p. 21). Em outro sentido, o pensar, embora conduzido por um sujeito, é também objeto somente concebido pelo sujeito: é o momento segundo o qual o objeto mediado encontra a coisa mesma – o *não-idêntico*.

Nessa perspectiva, o conceito de verdade é constelação em devir – o sujeito não pode ser dispensado, pois do contrário, não haveria saber. Isso implica na mediação permanente entre sujeito e objeto. Destarte, o pensamento filosófico parece guiado pelo ideal incessante de renovação a partir da coisa, ou seja, “ser perturbado por aquilo que o pensamento não é” (ADORNO, 1995, p. 21). É preciso coragem para resistir e se lançar no processo de renovação da coisa pelo pensamento. O núcleo da experiência da doutrina da autonomia consiste na resistência contra o previamente pensado, ou seja, o *sentido único*. Sem o risco e o erro não há objetividade verdadeira. A formação das “tolices do pensar” surge quando a coragem de se arriscar e de errar é oprimida. Com efeito, a tolice é a cicatriz da mutilação do pensamento vigoroso e não uma causa ou algo privativo.

O ato filosófico contém algo de posterior – não se identifica com a ideia comum de um pensador que fica sentado e como que “do nada” pensa em algo ou sobre algo jamais pensado. “O pensar filosófico satisfatório é crítico, não só frente ao existente e à sua moldagem coisal na consciência, mas também, na mesma medida, frente a si mesmo” (ADORNO, 1995, p. 23). Filosofar parece ser, sobretudo, o comportamento orientado à formulação de problemas que se distingue do pensar enquanto soma de uma rigorosa adição. A passividade do trabalho filosófico é fornecida pela coisa e suas formulações, o que quer dizer que o pensamento filosófico é “um pensar em algo” e não um “pensar sem rumo”. No mesmo sentido, não parece razoável a defesa de um pensamento inteiramente original. A perspectiva do estabelecimento de um sentido único ou um “é assim” como verdades absolutas ou mônadas puras a serem descobertas, configuram aspectos do semiformado e do pensamento amadorístico: aquele que ignora a divisão do trabalho mental em favor de técnicas formais do pensamento reduzido ao

método.

No ensaio *Sobre sujeito e objeto*, Adorno (1995) afirmou que a primazia do objeto revela seu núcleo no interesse subjetivo da liberdade. O sujeito é objeto, contudo, distingue-se radicalmente do objeto por ser conhecido tão somente pela consciência, que é sujeito. A determinação do objeto envolve o processo de mediação que se refere ao mediado: não se anula o sujeito ao se debruçar sobre o objeto (cientificismo e a tese do objeto puro), tampouco o objeto é reflexo irredutível da racionalização do sujeito (idealismo e a subjetividade abstrata). A primazia do objeto, quando este é o próprio sujeito, consiste em não ignorar suas qualidades subjetivas, que em alguma medida, são objetivas⁵³. A partir da reflexão subjetiva e da mediação do objeto que se torna algo somente no momento de sua determinação, decorre o pensar que se entrega à coisa. Do ponto de vista da experiência do pensar e seu desdobramento histórico e social, Adorno (1995) concluiu:

Pois a sociedade é imanente à experiência e não *allo genos*⁵⁴. Somente a tomada de consciência do social proporciona ao conhecimento a objetividade que ele perde por descuido enquanto obedece às forças sociais que o governam, sem refletir sobre elas. Crítica da sociedade é crítica do conhecimento, e vice-versa (ADORNO, 1995, p. 189)

Destarte, a categoria de *sentido único* (através do imperativo “é assim”) e o clichê *outsider* (“o estranho”, “o outro”), compõem a unidade do núcleo dos esquemas de entendimento “texto de leitura fácil” e “socialista de rara lucidez”. A partir do tratamento do material empírico mediado pelas categorias críticas desenvolvidas nos capítulos desse estudo e segundo o método da *content analysis* (análise de conteúdo) de Adorno, o objetivo desse trabalho consistiu em apreender sobre a relação entre a youtuber, usuários do canal do YouTube e a produção de conteúdo intelectual em redes digitais. Em outro sentido, por se tratar de um canal (*Ler Antes de Morrer*) com certas pretensões educativas cujo conteúdo intelectual – as resenhas literárias audiovisuais – é consumido como material didático ou videoaula (expresso por escrito pelos próprios usuários do canal), pareceu necessário situar o contexto ideológico e político que subjaz

⁵³ Segundo Adorno, “se se quiser, entretanto, alcançar o objeto, suas determinações ou qualidades subjetivas não devem ser eliminadas: isso contradiria, precisamente, a primazia do objeto. Se o sujeito tem um núcleo de objeto, então as qualidades subjetivas do objeto constituem, com ainda maior razão, um momento objetivo. Pois o objeto torna-se algo somente enquanto determinado” (ADORNO, 1995, p. 188).

⁵⁴ Uma coisa de outro gênero; aquilo que pertencente à outra esfera e que indevidamente teve seus elementos misturados a temas e assuntos diferentes.

nas expressões utilizadas no conteúdo da resenha, bem como a problematização em torno do controverso engano acerca da posição política e da obra de George Orwell. Antes de ser entendida como um manifesto crítico contra as diversas formas de barbárie, *A Revolução dos Bichos* parece ser sistematicamente reduzida à mera propaganda partidária anticomunista.

Após estes breves apontamentos teóricos, segue a definição metodológica que orientou a pesquisa social empírica, proposta pelo exame da resenha literária audiovisual de *A Revolução dos Bichos*, criada pela youtuber e jornalista Isabella Lubrano e disponível no site YouTube.

CAPÍTULO IV – Metodologia e materiais

4.1 – Metodologia

Método

A pesquisa social empírica desenvolvida nesta tese, de acordo com as caracterizações metodológicas de Gil (2012), é de natureza descritiva e qualitativa, cuja articulação envolveu um estudo de caso orientado pelo método de investigação social empírica da *Content Analysis* (análise de conteúdo), tal como previsto no referencial teórico de Theodor W. Adorno (1971, 1973, 1980, 1995, 2001, 2008a, 2008b, 2010a, 2010b)⁵⁵. Em outros termos, trata-se de espécie de pesquisa de recepção de material oriundo dos meios de informação e comunicação (TIC) digitais.

O objetivo da pesquisa envolveu a investigação dos aspectos da relação entre uma youtuber, os usuários de um canal do *YouTube* e o modo como um produto intelectual com pretensões educativas foi produzido e utilizado como uma espécie de material didático ou videoaula.

O objeto do exame consistiu em uma resenha literária audiovisual acerca do livro *A Revolução dos Bichos: um conto de fadas*, de George Orwell (2015), disponibilizada no site *YouTube* através do canal *Ler Antes de Morrer*, da youtuber e jornalista Isabella Lubrano.

A partir da mediação entre as categorias críticas desenvolvidas e o tratamento do material empírico do conteúdo da resenha bem como dos comentários dos usuários, o estudo observou a presença de “formas culturais” sedimentadas enquanto núcleo do conjunto de predisposições sugeridas para conduzir o modo como a resenha audiovisual deveria ser assistida: as expressões “texto de leitura fácil” e “socialista de rara lucidez” funcionaram como chaves de interpretação e entendimento – os esquemas – cujo processo de elaboração origina-se no mecanismo de usurpação do esquematismo kantiano pela Indústria Cultural. Ao solapar o pensamento e substituir a argumentação ancorada em conceitos rigorosamente fundamentados, os esquemas, convertidos em clichês e estereótipos, reduziram a potência crítica da obra de Orwell em mera propaganda ideológica anticomunista. Tal posição equivocada e largamente defendida

⁵⁵ É preciso destacar que a *content analysis* de Adorno difere do método de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977).

nos comentários não foi confrontada pela youtuber, de modo que, dado o ambiente hostil e politicamente polarizado do fórum de comentários da resenha audiovisual, pareceu imperativa e majoritária a manifestação de pensamentos semiformados.

4.2 – Materiais

Materiais

- Computador;
- Reprodutor de conteúdo audiovisual para computador: Windows Media Player;
- Acesso à Internet;
- Protocolos de registro e coletas de dados: Planilhas de interface do canal do *YouTube*, de registro de material audiovisual e de registro de comentários.

4.3 – Unidade caso

Os critérios para a escolha da resenha audiovisual foram os seguintes:

- a) Resenha audiovisual disponibilizada no site do YouTube;
- b) Resenha audiovisual sobre o livro e não sobre o filme de *A Revolução dos Bichos*;
- c) Maior número de visualizações ou acessos;
- d) Maior número de comentários à resenha.

Assim, a resenha que cumpriu esses requisitos foi a do canal *Ler Antes de Morrer*⁵⁶, criado pela jornalista e youtuber Isabella Lubrano (formada pela USP e Cásper Líbero) e com inscrição feita no site do *YouTube* em 4 de maio de 2014. No canal são publicadas regularmente resenhas audiovisuais de livros de literatura brasileira e internacional com certa pretensão educativa. As visualizações dos vídeos alcançaram a marca de 10.487.072 e um total de 271.501 inscritos⁵⁷. A meta de Isabella é ler e resenhar 1001 livros e disponibilizá-las em seu canal.

⁵⁶ Disponível em: < <https://www.youtube.com/channel/UCTubbc8ei3JfOBbicSJYPfQ/featured>>.

⁵⁷ Último acesso em 05/01/2019.

A escolha pela resenha que tratasse da obra *A Revolução dos Bichos* decorreu do recente acirramento da polarização política entre os partidários de “direita” e de “esquerda” no Brasil nos últimos 4 anos (2014-2018). Apesar dos eventos que marcaram esses anos, como por exemplo, o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, os desdobramentos da operação da polícia federal intitulada de “Lava-Jato” e com as prisões de notórios políticos e grandes empresários da iniciativa privada, as redes sociais digitais, as escolas e as universidades parecem que retomaram as discussões acerca da obra de Orwell (2015), considerada por muitos leitores um instrumento de luta anticomunista, por um lado, e um clássico que denuncia a miséria e a barbárie para além da filiação político-partidária, por outro. Com efeito, a preocupação se dirige ao modo como a apropriação da obra de Orwell (2015) vem sendo feita, haja vista que os discursos demasiadamente exaltados tendem a incorrer em equívocos conceituais e consequente deturpação de um material immanentemente crítico, como parece ser *A Revolução dos Bichos*.

Amostragem – o canal e a resenha literária audiovisual

- Resenha literária audiovisual do livro *A Revolução dos Bichos* de George Orwell (2015).
- Canal: *Ler Antes de Morrer*, apresentadora Isabella Lubrano.
- Tempo de duração: **09 minutos e 56 segundos**.
- Data da postagem: **13/03/2015**.
- Data do último acesso para coleta de dados: **18/04/2017**.
- Número de inscritos no canal: **94.371** (último acesso).
- Visualizações pelo YouTube: **65.110** (último acesso).
- Quantidade de comentários: **409**.
- Quantidade de cenas do vídeo: **06**.
- Link de acesso: <<https://www.youtube.com/watch?v=kPYGyVz7FnA>>.

4.4 – Categorias de análise, procedimentos de investigação e tratamento preliminar do material empírico

Categorias de Análise

- *Texto de leitura fácil*: decorrente de uma livre interpretação da categoria semiformação, o “texto de leitura fácil” é uma das facetas do pensamento tomado pelo aspecto de absolutização da cultura que se deixa condicionar pelo autoritário “É assim” e, dessa forma, se submete ao previamente pensado como o *sentido único* possível.
- *Socialista de Rara Lucidez*: expressão que tende a desqualificar de antemão os posicionamentos ideológicos e políticos que tenham alguma ligação (efetiva ou presumida) com o que se poderia denominar de “esquerda política”. Intimamente ligado ao clichê de *outsider* (“o estranho”, “o outro”), essa categoria demonstra o modo grosseiro pelo qual se manifesta a polarização política entre “direita” e “esquerda” nos comentários da resenha, sob os moldes dos tipos fílmicos da Indústria Cultural que definem rigidamente os “mocinhos” e os “bandidos”, os “bons” e os “maus” (esquematismo).

Procedimentos de investigação

O Capítulo V contém os resultados da pesquisa social empírica. A primeira parte dedicou-se a fundamentar o conceito de resenha, bem como situar a vida e a obra de George Orwell. A segunda parte envolveu as análises do material empírico precedida de uma breve introdução aos conceitos de intelectual e de professor, para justificar a provocação relativa ao título do presente estudo. Em seguida, foram destacados alguns aspectos formais do canal *Ler Antes de Morrer* e apresentadas as análises mediadas pelas categorias “Texto de Leitura Fácil” e “Socialista de Rara Lucidez”, acerca do conteúdo da resenha literária audiovisual e dos comentários da obra *A Revolução dos Bichos*.

Tratamento preliminar do material empírico

Após a escolha da resenha literária audiovisual que atendeu aos critérios de seleção, todo o conteúdo da resenha literária audiovisual de *A Revolução dos Bichos*, bem como os respectivos comentários dos usuários, foram transcritos em formato textual, sem cortes, incrementos ou correções de qualquer natureza. Sob a forma de

Protocolos de Coleta de Dados, três planilhas foram criadas:

1. Protocolo I – Planilha de Interface de Canal do *YouTube*: onde foram inseridos todos os dados referentes à publicação da resenha no site *YouTube* (Apêndice II-A).
2. Protocolo II – Planilha de Registro de Material Audiovisual: onde foram inseridas as descrições na íntegra e pormenorizada de todas as falas, declarações, textos ou legendas, imagens, cenários, músicas, efeitos e planos de enquadramento contidas na resenha audiovisual (Apêndice II-B).
3. Protocolo III – Planilha de Registro de Comentários: onde foram inseridas todas as declarações escritas na íntegra, sem qualquer alteração pelos usuários da resenha audiovisual, com exceção dos nomes dos usuários que foram modificados (Apêndice II-C).

A definição precisa das categorias envolvidas na construção das planilhas e as instruções acerca de sua operacionalização podem ser consultadas nos Apêndices desta tese.

CAPÍTULO V – A Revolução dos Bichos, YouTubers e as resenhas literárias audiovisuais

5.1 – A apropriação da obra de George Orwell: entre o socialismo democrático e a propaganda anticomunista

A troca de uma ortodoxia por outra não representa necessariamente um avanço. O inimigo é a mentalidade de gramofone, concordemos ou não com o disco que está tocando agora (ORWELL, 2015, p. 137)

Uma resenha, seja literária ou científica⁵⁸, textual ou audiovisual, caracteriza-se por ser um trabalho intelectual que não deve ter a pretensão de esgotar o objeto de seu conteúdo tampouco ser utilizada como única fonte de referência acadêmica ou de outra natureza. O objetivo da resenha, ao que parece, consiste em apresentar determinada obra, estudo, tema ou objeto de investigação por meio de uma síntese dos principais aspectos teóricos, empíricos, estéticos, metodológicos, pedagógicos e de fundamentos que permitem um primeiro contato para situar o leitor ou espectador audiovisual. O esforço, contudo, envolve a preocupação em não deturpar o conteúdo e a forma da obra original, preservando seu sentido integral bem como os conceitos elementares que a compõem.

Com efeito, uma resenha sempre será um recorte que obrigatoriamente destacará certos aspectos em detrimento de outros, visto que as condições subjetivas do sujeito não lhe permite uma “objetividade pura” com vistas à exposição da “verdade da obra” – o engendramento da negação dialética da obra permitiria, de acordo com Adorno (2013), a percepção dos véus que ocultam suas contradições iminentes e implicaria no aprofundamento das bases teóricas, históricas e materiais que a determina. De outro modo, uma resenha teria grandes chances de ser um instrumento dogmático alheio à obra. O comprometimento intelectual com o objeto de estudo incita a transpor os limites de uma apresentação sintética. Uma resenha pode ser o primeiro passo para o conhecimento, mas deter-se exclusivamente a ela é correr o risco de uma apropriação de conteúdos de cultura de modo abreviado e mutilado, ou seja, semiformado.

Em outro sentido, uma resenha *crítica* além de envolver uma síntese do objeto de estudo, situa o contexto histórico de sua produção bem como o autor e suas

⁵⁸ As normas para publicação de resenha científica do periódico “Cadernos de Pesquisa” da Fundação Carlos Chagas (Qualis-Capes A1 – referência: 2018), podem ser encontradas no seguinte endereço eletrônico: < <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/public/journals/1/Normasparaapresentaodosoriginais.pdf> >; acesso em 19/08/2018.

pretensões com o mesmo, sob o devido cuidado de não fomentar um “culto à personalização”, quando são confundidas obra e autor, como também o que se produz sobre a obra por outros autores e o que se especula sobre o autor, como posição política, teórica, estética e metodológica. Apesar das interpretações que uma obra literária pode provocar, parece imperativo conhecer as experiências efetivas do autor que certamente contribuíram, em algum momento, na composição do tema, enredo e contexto da própria obra. O próprio George Orwell foi um intenso produtor de resenhas. No livro *O que é fascismo e outros ensaios* (ORWELL, 2017b), estão reunidas as seguintes resenhas: *A guerra civil na Espanha*, de Frank Jellinek; *Mein Kampf*, de Adolf Hitler (tradução integral); *O negro do Narciso, Tufão, A linha de sombra, Dentro das marés*, de Joseph Conrad; *Nós*, de E. I. Zamyatin⁵⁹; *A alma do homem sob o socialismo*, de Oscar Wilde; e *Notas para uma definição de cultura*, de T. S. Eliot.

O autor e sua obra

George Orwell foi o pseudônimo de Eric Arthur Blair, nascido em 1903 na cidade de Motihari, em Bengala – Índia. Segundo Hitchens (2010, p. 16), o pai de Orwell (Richard Walmesley Blair) foi um executivo do comércio de ópio entre a Índia Britânica e a China. Sua família, paterna e materna, tinha ligações com o império inglês. Uma cronologia detalhada de sua vida pode ser encontrada em *George Orwell: a busca da decência*, do jornalista Ricardo Bonalume Neto (1984):

1907-11 – a família Blair retorna à Inglaterra.

1911-13 – Eric é matriculado na St Cyprian’s, *private school*⁶⁰ em Eastbourne, Sussex.

1917-21 – Em Eton, estuda em uma *public school* aristocrática.

1922-27 – Na Birmânia, serve na Polícia Imperial Indiana.

1928-29 – Vive em Paris em um bairro de trabalhadores; trabalha como *plongeur* (lavador de pratos).

1930-35 – Retorna à Inglaterra; período em que escreve muito e que consegue publicar *Na pior em Paris e Londres* (*Down and Out in Paris and London*), *Dias na*

⁵⁹ Ou Ievguêni Zamiátin.

⁶⁰ Escola preparatória (Ensino Fundamental, no Brasil) para as Escolas de Elite (*public school*) de Ensino Médio. A experiência de Orwell nas escolas aristocráticas inglesas pode ser encontrada no ensaio “*Tamanhas eram as alegrias*”, contido à obra *Como morrem os pobres e outros ensaios* (ORWELL, 2017a).

Birmânia (Burmese Days) e *A Filha do Reverendo (A Clergyman's Daughter)*.

1936 – Publicação de *A flor da Inglaterra (Keep the aspidistra flying)*; devido à recessão viaja para o norte da Inglaterra; casa-se com Eileen; se alista na milícia do POUM⁶¹ na Guerra Civil Espanhola.

1937 – Em janeiro na frente em Alcubierre; publicação de *O Caminho para Wigan Pier (The Road to Wigan Pier)*; em maio é promovido tenente; no mesmo mês é ferido pelos fascistas com um tiro na garganta; em junho o POUM é declarado ilegal, de modo que vive a fugir da polícia em Barcelona e quase é preso. No fim do mesmo mês, viaja às escondidas com a esposa para a França.

1938 – Em março, a tuberculose o impede de viajar à Índia; em abril é publicada *Homenagem à Catalunha (Homage to Catalonia)*; em junho entra no ILP (*Independent Labour Party*) e viaja para o Marrocos.

1939 – Volta à Inglaterra e tem em mãos, pronto para ser publicado, o livro *Um pouco de ar, por favor! (Coming Up for Air)*; o exército o declara fisicamente incapaz; ele deixa o ILP.

1940 – Publicação do livro de ensaios *Dentro da Baleia (Inside the Whale)*; começa a contribuir para o *Tribune*; é condecorado sargento na *Home Guard*.

1941 – Eric Inicia sua contribuição ao *Partisan Review*, dos EUA; publicação de outro livro de ensaios, *O Leão e o Unicórnio: O socialismo e o gênio inglês (The Lion and the Unicorn: Socialism and the English Genius)*; é contratado pela BBC.

1942-43 – Contribui para diversas publicações; sai da *Home Guard* e da BBC; torna-se editor literário do *Tribune*.

1944 – Eileen e Eric adotam um bebê nascido em 14/05, Richard Horatio Blair; o apartamento onde vivem é bombardeado; a publicação de *A Revolução dos Bichos (Animal Farm)* é recusada por vários editores.

1945 – Viagem à França e Alemanha como correspondente do *Observer*; em março, retorna à Inglaterra em decorrência do falecimento da esposa Eileen; em abril retoma os trabalhos para o *Observer* e cobre as eleições em junho e julho; é publicada *A Revolução dos Bichos (Animal Farm)*.

1946 – Publicação de mais dois livros de ensaios, *Critical Essays* e *Por que escrevo (Why I Write)*; vai descansar nas Ilhas Hébridais; *A Revolução dos Bichos* é um sucesso de vendas nos EUA.

⁶¹ POUM – Partido Operário de Unificação Marxista, na Espanha.

1947 – Eric é diagnosticado com tuberculose em um pulmão.

1948 – Publica poucos artigos; escreve o romance *1984 (Nineteen Eighty-Four)* com dificuldades, dado o agravamento da doença.

1949 – em junho é publicado *1984*; em outubro, casa-se com Sonia Brownell.

1950 – em janeiro, morre vítima de tuberculose pulmonar.

Muitos artigos e ensaios foram publicados ao longo da vida de Orwell, como também alguns póstumos. Ensaios famosos tais como *Um dia na vida de um vagabundo (A day in the life of a tramp - 1929)*, *Como morrem os pobres (How the poor die - 1946)*, *A política e a língua inglesa (Politics and the English language - 1945-46)*, *A prevenção contra a literatura (The prevention of literature - 1946)*, *Pacifismo e Progresso (Pacifism and progress - 1946)*, *“Tamanhas eram as alegrias” (“Such, such were the joys” - 1939 ou 1948)*, *Inglaterra, nossa Inglaterra (England your England - 1941)* e *Livros e cigarros (Books v. cigaretts - 1946)* entre outros, foram reunidos e publicados, no Brasil, sob o título de *Como morrem os pobres e outros ensaios (ORWELL, 2017a)*.

Orwell optou em não entrar para a universidade após concluir seus estudos em Eton. Preferiu se alistar na Polícia Imperial e serviu na Birmânia. A relação de Orwell com a política interna e externa da Inglaterra foi marcada por tensões. Desde jovem rejeitou o “imperialismo irrefletido”, ocasião em que escreveu seus primeiros artigos para revistas inglesas e jornais franceses, como também seu livro *Na pior em Paris e Londres (2012)*. O tema dos tipos de “imperialismos modernistas” percorreu as demais publicações de Orwell, como crítico contundente da atividade econômica exploratória e degradante da Inglaterra nas colônias da Índia e do Sul da África, como do fascismo, do nazismo e do stalinismo.

Orwell pode ter ou não sentido culpa pela fonte de renda de sua família – uma imagem recorrente em seu famoso retrato da própria Inglaterra como uma família que mantém uma conspiração de silêncio a respeito de suas finanças –, mas sem dúvida acabou por ver a exploração das colônias como o segredo sujo de todo o esclarecido *establishment* político e cultural britânico. [...] Suas diatribes contra o fascismo não estão entre seus textos melhores ou mais lembrados. Ele parece ter partido do pressuposto de que as “teorias” de Hitler, Mussolini e Franco eram a destilação de tudo o que havia de mais odioso e falso na sociedade que ele já conhecia, uma espécie de síntese satânica da arrogância militar, solipsismo racista⁶², opressão escolar e cobiça

⁶² Uma espécie de egoísmo pragmático que, para além do ser do sujeito, só existem as experiências. Dessa forma, seja pelo empirismo radical ou idealismo extremo, o *Eu* é a instância última de todas as coisas. O arianismo hitlerista pode ter fundado suas premissas nessa concepção. Contudo, qualquer forma

capitalista. Seu descortino especial foi o frequente conluio da Igreja Católica Romana e dos intelectuais católicos com essa orgia de maldade e estupidez; a isso ele faz repetidas alusões (HITCHENS, 2010, p. 16-17)

Em 1927, sem perspectiva de emprego na Inglaterra, decidiu demitir-se da Polícia Imperial na Birmânia. Os próximos quatro anos viveu a experiência dos trabalhadores pobres: entre vagabundos, realizava trabalhos itinerantes e vivia de caridades e pequenas gentilezas. Dormiu ao relento ou em albergues que mais se aproximavam de cadeias. Trabalhou como professor por um breve período e também em uma livraria. No primeiro semestre de 1937 viajou por dois meses pelos distritos industriais do norte da Inglaterra. No segundo semestre, lutou ao lado dos republicanos contra os fascistas na Guerra Civil Espanhola, onde foi ferido no pescoço por um tiro pelos fascistas, como também pôde observar os comunistas perseguirem os próprios aliados republicanos pela hegemonia da influência do stalinismo.

Em “Lutando na Espanha”, de 1938, Orwell narra esses acontecimentos de forma corajosa e iconoclastica – embora essa não fosse a única obra do gênero – e conquista assim a posição de principal escritor antistalinista da esquerda britânica, posição que conservaria até morrer (MENAND, 2003)⁶³

Com efeito, a participação de Orwell na Guerra Civil Espanhola em 1936 ampliou sua perspectiva crítica quanto a organização política da esquerda pelo mundo, mais especificamente, a influência do stalinismo nos movimentos em torno das lutas democráticas na Europa. Segundo Bonalume Neto (1984, p. 12), “Orwell lutou na Catalunha ao lado dos anarquistas, trotskistas e da esquerda antistalinista em geral”. Após a vitória parcial sobre os fascistas na Catalunha, os comunistas ligados à Moscou perseguiram todos aqueles que poderiam ser “prejudiciais à ortodoxia revolucionária”, fazendo de Barcelona uma espécie de reduto de “reeducação”, com prisões ilegais, condenações sem julgamento, fuzilamentos e desaparecimento de militantes contrários ao stalinismo. “E assim compreendi, mais claramente que nunca, a influência negativa do mito soviético sobre o movimento socialista ocidental” (ORWELL, 2015, p. 143). Esta experiência de quase morte, seja pelo ferimento à bala pelos fascistas ou pela perseguição política dos stalinistas, foi determinante para a elaboração de uma de suas principais obras: *A Revolução dos Bichos*. No ensaio *Por que escrevo*, Orwell (2008) de

de exploração convenientemente pode rotular no *outsider* um *não-ser* à disposição da vontade do *Eu*, como nas formas modernas de imperialismo.

⁶³ Por se tratar de um texto disponibilizado no sítio de um jornal na Internet, não há como estabelecer as páginas de referência.

certo modo delineou o que se poderia apreender de sua posição política, ao afirmar que desde 1936 seu trabalho como escritor e ensaísta político foi contra o totalitarismo e a favor do socialismo democrático.

A Revolução dos Bichos

“Idiotas! Idiotas!”, exclamou Benjamim, corcoveando em volta deles e ferindo o chão com os cascos pequeninos. “Imbecis! Não veem o que está escrito ali ao lado?”

Isso fez calar os animais e ouviu-se um pssss. Maricota começou a soletrar as palavras, mas Benjamim empurrou-a para um lado e leu, em meio a grande silêncio:

“ALFRED SIMMONDS, MATADOURO DE CAVALOS, FABRICANTE DE COLA, WILLINGDON. PELES E FARINHA DE OSSOS. FORNECE PARA CANIS. Será que vocês não percebem? Vão levar Sansão para o carnicheiro!” (ORWELL, 2015, p. 97)

A Revolução dos Bichos: um conto de fadas de George Orwell (2015) é um romance publicado em 1945, edição inglesa, no qual são abordados temas como liberdade e barbárie sob o prisma de um contexto político conturbado: o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, sendo esta última expressão cunhada pelo próprio Orwell (ORWELL, 2015, p. 121; MENAND, 2003). Como uma espécie de sátira da Revolução Russa bem como ao regime stalinista da URSS, a obra retrata uma fazenda no interior da Inglaterra cujo proprietário explorava cruelmente seus animais com objetivo de acumular capital. Cansados e revoltosos dessa condição degradante, os animais da Granja do Solar, liderados pelo porco Napoleão e sob os princípios de igualdade do Animalismo, expulsaram o proprietário humano (o capitalista Sr. Jones) e estabeleceram a Granja dos Animais, cujas promessas de liberdade e de uma vida tranquila foram traídas pelos porcos que adulteraram os princípios da revolução em benefício próprio e se converteram em exploradores dos demais animais. O desfecho emblemático foi a derrocada (ou inversão) da “revolução” em um novo acordo econômico entre os porcos e os humanos, cujos comportamentos já não os diferenciava.

Ricardo Bonalume Neto (1984) argumentou em seu livro *George Orwell: a busca da decência*, que todos os personagens bem como os acontecimentos de *A Revolução dos Bichos* reproduziram contextos da vida social interior à URSS. O Sr. Jones, o Czar Nicolau II, como também, o imperialismo; os Porcos eram o correlato da elite burocrática – os bolcheviques; o Porco Velho Major, Lênin ou Karl Marx; o Porco Napoleão, Stalin; o Porco Bola-de-Neve, Trotsky; o Porco Garganta, a agência de

propaganda governamental cuja função consistia em manipular a opinião pública acerca dos “benefícios do regime”, como por exemplo, o processo de convencimento que justificou a coletivização forçada das propriedades rurais; os Cães, a polícia política do regime stalinista (a NKVD – *Narodniy komissariat vnutrennikh diel*; em português – Comissariado do povo para assuntos internos); as Ovelhas, a grande massa manipulável; o Cavalo Sansão (ou Boxer, na versão inglesa), as “formigas azuis” – o proletariado padrão; O corvo doméstico Moisés, a Igreja Católica Ortodoxa; o Burro Benjamin, o mais velho dos animais, pessimista e observador – representa os anciãos russos, os únicos que ainda se lembram das leis e promessas de igualdade da Revolução Russa de 1917 e que foram alteradas pelo stalinismo; o Animalismo, o comunismo; o hino Bichos da Inglaterra, o hino da Internacional Comunista; a Rebelião, a Revolução Russa de 1917; o racionamento da ração, o Plano Quinquenal; o Moinho de vento, a iniciativa de coletivização forçada; a destruição do moinho, a invasão nazista em 1941; o acordo entre porcos e homens, o acordo estabelecido na Conferência de Teerã (1943), entre EUA, URSS e Inglaterra.

A luta de classes passou a ser a luta entre homens exploradores e animais explorados [...] O livro termina com os porcos e os seres humanos reunidos, numa representação da conferência de Teerã (entre Churchill, Roosevelt e Stalin). Segundo Orwell, poucos críticos repararam que a história não termina com os porcos reconciliados com os humanos, apesar da semelhança que foram adquirindo de hábitos. A semelhança fica por conta da degeneração da União Soviética – “uma impostura cobrindo uma nova forma de privilégio de classe” (BONALUME NETO, 1984, p. 73-74)

Em meados do século XX, o mundo parecia dividido, ou pelo menos, setorizado política e ideologicamente. No leste europeu, o stalinismo e a URSS; na Alemanha o nazismo; na Itália o fascismo; e sob o manto do imperialismo econômico, a Inglaterra, os EUA e a França. A crítica contundente de Orwell à dominação do homem pelo homem salta de seus escritos políticos com a mesma força que, convenientemente, os asseclas da propaganda anticomunista pós Segunda Guerra Mundial evitavam afirmar que Orwell se declarava socialista⁶⁴. Mas como ele poderia sê-lo depois da publicação de *A Revolução dos Bichos* e de *1984*?

⁶⁴ Sobre a posição política de Orwell: “Até 1930 eu não me considerava totalmente socialista. Na verdade, nunca tive opiniões políticas claramente definidas. Tornei-me pró-socialista mais por desgosto com a maneira como os setores mais pobres dos trabalhadores industriais eram oprimidos e negligenciados do que devido a qualquer admiração teórica por uma sociedade planificada” (ORWELL, 2015, p. 142).

Robert Kurz (2003)⁶⁵, em seu artigo *Parábolas do Meio-Irmão*, destacou como certas obras literárias têm a habilidade de impingir e condensar em sua forma e conteúdo todo um período histórico. O gênero literário da utopia negativa ultrapassou os aspectos sociológicos da luta de classes como tema em meados do século XIX e início do XX e ampliou a imaginação estética na formulação apocalíptica dos sistemas totalitários homogêneos. Franz Kafka, Ievguêni Zamiátin, Aldous Huxley e George Orwell são alguns dos proeminentes autores que fizeram da arte uma forma de crítica política. Contudo, nem sempre uma única obra consegue deixar a marca inequívoca da postura do autor, de modo que esta pode ser indevidamente apropriada em defesa daquilo que o autor denunciou. Ao que parece, as obras de Orwell corriqueiramente são entoadas por pretensos tecnocratas “democráticos” como a decisiva expressão do que poderia se converter o mundo se os homens fossem emancipados.

Segundo Kurz (2003), três interpretações podem ser extraídas de *A Revolução dos Bichos*. A primeira consiste na visão superficial e que é a mais aceita pelos leitores: as revoluções sociais são vaidades inócuas, uma vez que a “estrutura do poder” não sofre alterações profundas a despeito da orientação político/ideológica dos governantes. Com efeito, ““A Revolução dos Bichos” apresenta naturalmente todos os clichês do pensamento burguês acerca da inutilidade e do caráter criminoso da emancipação humana” (KURZ, 2003). A segunda interpretação, que seria uma espécie de subtexto, argumenta que não é na ideia de emancipação que o problema se cristaliza, mas na “revolução traída”. Como um desdobramento dessa tese, a terceira interpretação pressupõe que não é a traição dos porcos à revolução que arruína a emancipação, mas a obliteração da consciência da própria repressão que não é compreendida como oriunda do modo como é organizada a revolução (suas condições objetivas), mas sim, e equivocadamente, da vontade isolada (ou seja, subjetiva) do Sr. Jones em explorar os bichos bem como a ameaça constante de seu retorno.

Desse modo, as ovelhas sufocam regularmente toda discussão sobre o sentido da ação coletiva, balindo com veemência a cada quarto de hora o slogan "Quadrúpede bom, bípede ruim!", o que no fim é desmentido, visto que os próprios porcos se transformam em "bípedes" (KURZ, 2003)

A dimensão teórica do paralelo entre a fábula de Orwell e a Revolução Russa é

⁶⁵ Por se tratar de um texto disponibilizado no sítio de um jornal na Internet, não há como estabelecer as páginas de referência.

sugerida por Kurz (2003) ao afirmar que o “trabalho abstrato”⁶⁶ não é um princípio ontológico, tampouco um princípio de emancipação. Na *Revolução dos Bichos* ele é um princípio do poder repressivo que foi absorvido pelo mercado mundial anônimo (capitalista) de modo muito mais sutil, eficiente e coercitivo do que o modo enganoso pelo qual os porcos manipularam os demais bichos, convencendo-os a se sacrificarem sem questionamentos. Com efeito, o conceito de trabalho, reificado, é servidão e degradação ocultadas pela máquina da propaganda e endossada pela grande e amorfa massa conformista que repete os *slogans* e as palavras de ordem com expressivo horror à emancipação. “O homem capitalista que se tornou auto-regulador pode se retirar do mercado totalitário tanto quanto pode sair de seu próprio Eu, convertido em “capital humano”” (KURZ, 2003).

Kurz faz menção a Walter Benjamin ao recomendar ao leitor que leia as obras de Orwell “a contrapelo”⁶⁷: o sistema de economia capitalista globalizada no qual vivemos é um retrato sofisticado, ou melhor, amadurecido do totalitarismo que faz de *A Revolução dos Bichos* e de *1984* parábolas inofensivas. Em decorrência de sua morte prematura aos 47 anos em 1950, Orwell não teve condições de “prever” os rumos da democracia liberal dos imperialismos inglês e norte-americano, visto que sua experiência nos anos 1930-1945 se limitou ao nazismo, fascismo e stalinismo. Contudo, ele pôde ter uma demonstração do que estava por vir com as bombas nucleares lançadas em solo japonês em agosto de 1945.

De certo modo, o mundo todo se tornou uma única e gigantesca fazenda de bichos, na qual é indiferente quem comanda, o fazendeiro Jones ou o porco supremo Napoleão, visto que os comandantes subjetivos são de qualquer jeito

⁶⁶ O exame detalhado do conceito de “trabalho abstrato” e a relação com o dismantelamento do “socialismo real” do Leste europeu pode ser encontrado em outra obra de Kurz (2004), *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. Para o autor, “o que se deu não foi uma conciliação assimiladora de mercado e Estado, num processo ontológico de transformação das sociedades industriais marcadas pelas ciências naturais, mas sim um colapso histórico. Se esse colapso não significa simplesmente o triunfo do sistema ocidental da economia de mercado como uma formação extrínseca ao socialismo real, já falecido e enterrado sem cerimônias, e indica de fato a existência de uma base comum danificada que vai se tornando obsoleta, então essa base deve ser procurada para além tanto do paradigma da sociedade industrial como das relações entre mercado e Estado. Mercado e Estado, bem como os agentes da tecnologia e das ciências naturais, uma vez postos em movimento, seguem uma lógica básica social mais profunda; a identificação desta como *sociedade de trabalho* não denomina, de modo algum, um estado ontológico fundamental da humanidade” (KURZ, 2004, p. 17).

⁶⁷ No ensaio *Sobre o conceito da história*, reunido à obra *O anjo da história*, Benjamin (2012) afirmou: “Não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie. E, do mesmo modo que ele não pode libertar-se da barbárie, assim também não o pode o processo histórico em que ele transitou de um para outro. Por isso o materialista histórico se afasta quanto pode desse processo de transmissão da tradição, atribuindo-se a missão de escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 2012, p. 13).

os órgãos executivos de um mecanismo autonomizado, que não descansará enquanto não fizer do mundo, por meio do trabalho, um deserto sem vida (KURZ, 2003)

O curto-circuito dessa aparente contradição entre a postura política de Orwell e sua obra é fruto de um imenso esforço em ofuscar a crítica e a reflexão do modo como as classes dominantes, seja de direita ou de esquerda, procuraram se perpetuar no poder mediante “atos políticos realistas e necessários” que traíram os pressupostos outrora defendidos como balizes fundamentais. Se, por um lado, a barbárie dos expurgos comunistas tinha por premissa elementar a suspeita de sabotagem ao regime operada pelos traidores da ortodoxia revolucionária traduzida simplesmente em censura do *pensamento independente*⁶⁸ (ORWELL, 2015, p. 134), por outro, a exploração econômica da Índia e de países africanos pela Inglaterra revelou a faceta retórica da hipócrita defesa dos interesses liberais e democráticos pelos capitalistas. Orwell (2017b) argumentou sobre essa questão dicotômica da Inglaterra no ensaio *Sem contar os crioulos*⁶⁹, originalmente publicado em 1939:

E como podemos ter uma “postura firme” contra Hitler se ao mesmo tempo estamos nos enfraquecendo em nossa casa? Em outras palavras, como podemos “combater o fascismo” se fortalecemos uma injustiça muito mais ampla? Porque certamente ela é mais ampla. O que sempre esquecemos é que o grosso preponderante do proletariado britânico não vive na Grã-Bretanha, e sim na Ásia e na África. Não está ao alcance do poder de Hitler, por exemplo, fazer com que um *penny* por hora seja o salário normal na indústria; isso é perfeitamente normal na Índia, e fazemos grandes esforços para que continue assim. Pode-se ter alguma ideia do verdadeiro relacionamento entre a Inglaterra e a Índia quando se reflete que a renda anual per capita na Inglaterra é algo como oitenta libras, e na Índia, cerca de sete. É muito comum que a perna de um *coolie* indiano seja mais fina do que um braço de um inglês. E não há nada de racial nisso, pois integrantes bem alimentados dessas mesmas raças tem físicos semelhantes; deve-se simplesmente à fome. Esse é o sistema em que todos vivemos e o qual denunciamos quando parece não haver perigo de que seja mudado. Ultimamente, no entanto, tornou-se o primeiro dever de um “bom antifascista” mentir sobre isso e ajudar a manter tudo como está (ORWELL, 2017, p. 24-25)

Assim Orwell se dirige à *Intelligentsia* britânica, que a despeito do que imaginam os atuais “críticos” anticomunistas, nos anos de 1940 era terminantemente proibido publicar, na Inglaterra, qualquer notícia acerca dos excessos pelos quais o stalinismo conduzia sua forma de “revolução socialista” (ORWELL, 2015, p. 128), uma

⁶⁸ Argumentação contida no prefácio de Orwell intitulado “A liberdade de imprensa” que foi proposto para a primeira publicação de *A Revolução dos Bichos* em 1945 (edição inglesa), mas que não foi publicado junto à obra naquele momento.

⁶⁹ Ensaio reunido à obra: ORWELL, George. *O que é fascismo? E outros ensaios*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017b. p. 20-26.

vez que, por um lado, era de interesse da Coroa Inglesa que os nazistas ficassem ocupados no Leste europeu e, por outro, os intelectuais britânicos de esquerda nutriam a esperança de estimular uma reforma socialista em solo inglês, o que seria dificultada se o “Mito Comunista” fosse desvelado em suas contradições.

Orwell, por sua vez, parece que não transigiu em suas críticas ao stalinismo, tampouco ao capitalismo inglês, embora tenha mudado de opinião acerca de diversos posicionamentos durante sua vida de escritor, como por exemplo, foi terminantemente contra a ampliação da máquina de guerra da Inglaterra na Segunda Guerra Mundial a ponto de planejar sabotagens antibélicas apoiadas por textos pacifistas. Essa posição sofreu uma completa reviravolta com o acordo de não agressão entre a Alemanha e a URSS (1939), rompido com a invasão nazista ao território russo em 1941⁷⁰.

O aspecto decisivo do sucesso das obras de Orwell pode ser interpretado ao

⁷⁰ Na obra *As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético*, Daniel Aarão Reis Filho (2003) delineou o desdobramento histórico da luta entre os nazistas e os comunistas em solo soviético até a ocupação de Berlim pelo Exército Vermelho: “A operação Barba Ruiva, nome de código com que os nazistas chamaram a invasão da União Soviética, teve início em 22 de junho de 1941. Começava então o enfrentamento mais decisivo da Segunda Guerra Mundial que só terminou com a conquista de Berlim e o fim da guerra em maio de 1945, quase quatro anos depois. A guerra entre a Alemanha nazista e a União Soviética pode ser compreendida em três grandes fases. A primeira vai do início da ofensiva, em junho de 1941, a dezembro do mesmo ano, quando, afinal, os russos conseguiram deter os exércitos alemães a poucos quilômetros de Moscou, tão poucos que as vanguardas alemãs já divisavam as torres do Kremlin. Foi o período em que os nazistas mantiveram a iniciativa e registraram grandes vitórias. Pareciam destinados a esmagar definitivamente a URSS, numa vasta *blietzkrieg*, baseada na destruição no solo da aviação de guerra inimiga, no consequente controle do espaço aéreo e no avanço rápido e envolvente das tropas mecanizadas. Uma aplicação, em escala ampliada, da estratégia e das táticas militares já empregadas com sucesso em outras ofensivas na Europa central (Polônia/1939), do norte (Dinamarca e Noruega/1940). Tendo cercado Leningrado, os alemães, entretanto, não lograram tomá-la, e também não conseguiram, no centro do país, conforme previam os planos, submeter Moscou. O rigorosíssimo inverno de 1941-1942 impôs uma pausa nas grandes operações militares. Os alemães aproveitaram-na para organizar as linhas, perigosamente estendidas, e imaginar novos planos ofensivos. Os russos dedicaram-se a controlar as consequências dos desastres provocados pelas grandes derrotas do verão e outono de 1941, reorganizar forças e preparar reservas. A segunda fase começou na primavera de 1942 e se desdobrou até fevereiro do ano seguinte. Os alemães, conservando a iniciativa, escolheriam agora outro eixo para a sua ofensiva principal. Tratava-se de alcançar o Rio Volga e as regiões adjacentes ricas em cereais e o Cáucaso, onde se encontrava Baku, o maior centro petrolífero soviético de então, cortando a *veia jugular* do esforço de guerra soviético. No caminho, fazer saltar o ferrolho que protegia toda a área, a cidade de Stalingrado, com o imenso simbolismo representado pelo fato de a cidade ostentar o nome do grande chefe comunista soviético. Em torno de Stalingrado travou-se a maior batalha da Segunda Guerra Mundial, reunindo quase dois milhões de soldados de ambos os lados. Depois de meses de encarniçados combates, os russos a venceram em fevereiro de 1943. Uma reviravolta decisiva, um impacto mundial. A vitória seria confirmada por uma outra grande batalha, de homens e de tanques, travada em julho de 1943 nos arredores de Kursk, também vencida pelos russos. A partir da primavera de 1943, começaria a terceira e última fase da guerra. A iniciativa agora seria dos russos, e eles não mais a perderiam. Mantendo a pressão ao longo do inverno de 1943-1944, no início deste último ano os exércitos soviéticos da frente Sul já atingiam as fronteiras de 1939. Desde aí, espalharam-se pela Europa central com incrível rapidez, como um *rolô compressor* e, em agosto de 1944, já pisavam territórios alemães da Prússia oriental. Até a tomada de Berlim e a rendição incondicional do Reich nazista, em maio de 1945, ainda houve muita luta, muitas perdas humanas e materiais, mas a guerra estava decidida. O nazismo fora destruído” (REIS FILHO, 2003, p. 103-105).

conhecer o papel dos EUA (e da Inglaterra) no rompimento do acordo estabelecido na Conferência de Teerã (1943) com a URSS em decorrência do término da Segunda Guerra Mundial (1945). De acordo com Louis Menand (2003), em seu artigo *Invenção de George Orwell*, a obra de Orwell foi alvo de manipulação sistemática, fraudes e engodos da propaganda ideológica anticomunista pelo governo dos EUA após sua morte em 1950. A CIA (*Central Intelligence Agency*), por intermédio do agente Howard Hunt, comprou os direitos autorais da viúva Sonia Brownell para a produção fílmica de *A Revolução dos Bichos*. Na Inglaterra ocorreu a produção do desenho animado que em seguida foi distribuído a vários países. O final do desenho foi deliberadamente adulterado: “Nessa versão, omite-se a cena final do romance, na qual já não se podem distinguir os porcos (isto é, os bolcheviques na alegoria de Orwell) dos exploradores de animais que os precederam, os humanos (ou seja, os capitalistas)” (MENAND, 2003). No “novo” final, os bichos atacam a casa da fazenda e se libertam da opressão dos porcos.

Embora a CIA tenha limitado o enredo do desenho animado à URSS, como no livro, um aspecto foi minuciosamente omitido, quando não, completamente excluído: Orwell rejeitou o comunismo stalinista, mas, com efeito, jamais defendeu o capitalismo. O objetivo desse obscurecimento da posição político/econômica de Orwell envolve a tese fraudulenta de que *A Revolução dos Bichos* é uma advertência à mudança política em si mesma, visto que a propaganda conservadora afirma que toda revolta “tende” ao totalitarismo. Em outros termos, a obra foi usada como instrumento de conformismo social ao *status quo* liberal amplamente difundido, o qual Orwell recusou, confrontou e denunciou durante toda sua vida.

Escritores não são inteiramente responsáveis por seus admiradores. Em vida, George Orwell era visto até mesmo pelos amigos como um sujeito do contra. Quanto mais íntimo alguém ficava dele, mais frio e mais crítico o autor se tornava. Como escritor, era mais duro com seus aliados. Intelectual de classe média, Orwell desprezava tanto os intelectuais quanto a classe média. Os ataques desse socialista aos socialistas eram tão maldosos quanto os de qualquer membro do partido "tory" [conservador britânico]. Pregava a solidariedade, mas cultivava hábitos de eremita ou de pária social, e seus livros de ficção mais aclamados, "A Revolução dos Bichos" e "1984", bem como o ensaio "Politics and the English Language" [A Política e a Língua Inglesa], são ataques a pessoas que diziam ter as mesmas ideias políticas que ele. De fato não procurava fazer amigos. Após sua morte, entretanto, ganhou um súbito exército de fãs – todos intelectuais de classe média sempre prontos a insinuar que o escritor tão crítico de tudo os teria aprovado (MENAND, 2003)

Os admiradores de Orwell são dos mais variados credos ideológicos e, a despeito das diferenças e contradições que os separam, todos parecem concordar em uma mesma medida: o anticomunismo stalinista. Mas então o que significou ser anticomunista para George Orwell que ele se declarava socialista? Um socialista honesto, decente e claro (MENAND, 2003; HITCHENS, 2010; BONALUME NETO, 1984), jamais ficaria em silêncio diante das atrocidades pelas quais o stalinismo conduzia sua política de “limpeza” no próprio escalão militar e civil da URSS, com os expurgos, como pela política internacional, cujo exemplo Orwell testemunhou na Guerra Civil Espanhola marcada pela perseguição operada através do PCE (Partido Comunista Espanhol) aos anarquistas e trotskistas que, entre 1936-1937, lutaram juntos contra os nacionalistas liderados pelo general fascista Francisco Franco – vencedor a guerra civil em 1939 e governante da Espanha até a sua morte em 1975.

Outro aspecto do sucesso de *A Revolução dos Bichos* e de *1984* decorreu da clareza dos textos de Orwell e principalmente do modo como construía as personagens – não são figuras heroicas carregadas dos clichês típicos dos “valores burgueses”, mas de possíveis sujeitos existentes: complexos, ora intensos, ora triviais e falíveis. Enquanto escritor da classe média londrina, Orwell se dedicou a desclassificar-se. Para ele o sistema de classes nunca passou de um sistema de opressão. Por outro lado, criticou continuamente os “socialistas profissionais” (líderes do Partido Trabalhista Britânico). A crítica aos hábitos burgueses não se limitou a seus escritos. Fez da própria experiência o objeto de inspiração de suas obras: queria saber como seria viver sem classes, ou seja, na penúria e na miséria⁷¹.

O estilo de Orwell parece ser caracterizado pela narração clara dos fatos – nas palavras do autor, como um “panfletista” –, mas cujos textos não se devem confundir honestidade com objetividade. Embora falasse o que pensava, procurava relatar as coisas tal como aconteceram, o que evidenciam posturas distintas de um homem reconhecido pelo ataque aos dogmatismos, pela modéstia e pela sensatez, em suma, “alguém que torce pelo melhor, embora resignado ao pior” (MENAND, 2003). Com efeito, considerar rigorosamente o antidogmatismo de Orwell no interior de suas obras permite conceber como foram indevidas determinadas apropriações de seus escritos,

⁷¹ Segundo Menand (2003), “A insistência em dispensar toda comodidade material, a recusa em usar chapéu e casaco no inverno (apesar dos pulmões debilitados), o hábito de derramar o chá no pires e sorvê-lo ruidosamente (à maneira da classe trabalhadora) eram atitudes vistas pelos amigos não como excentricidades pitorescas, mas como críticas ao seu vício burguês do conforto e das conveniências. E não estavam enganados”.

principalmente pelo governo dos EUA durante a Guerra Fria e que ainda ressoam pelo século XXI.

Portanto, para falar da "verdade" do que escreve Orwell, é preciso levar em conta suas premissas. Ele não diz: "Objetivamente, assim era ou assim aconteceu, qualquer que seja o ponto de vista". Diz apenas: "Assim parecia ser ou pareceu acontecer na visão de alguém com as mesmas convicções que eu". Desconsiderar isso torna os textos orwellianos desconcertantes pela razão equivocada. Não era repórter nem sociólogo, mas sim advogado. Tinha opiniões políticas muito definidas e escrevia para defendê-las. "Nenhum livro é isento de posicionamento político", alegou em "Why I Write" [Por Que Escrevo]. "Cada linha de texto sério que escrevi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, contra o totalitarismo e em defesa do socialismo democrático tal como o entendo." (MENAND, 2003)

Os EUA são um caso a parte na concepção de mundo de Orwell. A riqueza e o poder militar superiores à Inglaterra nutria a inveja da classe média patriótica britânica (HITCHENS, 2010, p. 110), em seu esforço de desenvolver um sentimento de antiamericanismo – nação de hábitos vulgares, extremamente apegada ao dinheiro e inflexível quando se trata de desenvolvimento técnico. Ao que parece, Orwell nunca visitou a América e suas considerações se sustentaram pelo exame dos materiais filmicos e impressos acerca do “*American way of life*”, o qual nunca o convenceu de ser um modelo de liberdade a ser seguido, uma vez que, segundo ele, se se concretizasse o temor de uma Guerra Nuclear com a URSS, o colapso do capitalismo poderia engendrar um totalitário Império dos Estados Unidos da América. Embora esta guerra não tenha acontecido, a “política de inevitável destruição mútua” (MENAND, 2003) conduziu o aperfeiçoamento bélico característico da Guerra Fria que culminou na transformação dos EUA na “Polícia do Mundo”. Se esta interpretação parece exagerada, Kurz (2003) lançou algumas luzes sobre o mundo pós-escritos orwellianos:

Reconhecer-se-á em Orwell um grande admonitor e um vigilante democrático diante do horror totalitário, como o que se manifestou nas ditaduras de Stálin e Hitler. E todos lhe serão gratos, afirmando que suas famosas parábolas teriam contribuído para conduzir a humanidade a um futuro de liberdade, de democracia e de economia de mercado, hoje já quase alcançado. Por fim se dirá que a obra de Orwell nos incita a estar alerta contra as tentações do totalitarismo, que sempre podem irradiar dos "maus" desse mundo e assolar a humanidade. E haverá então referências ao fundamentalismo islâmico e a Saddam Hussein ou a Slobodan Milosevic. Mas dificilmente algum desses oradores democráticos, dedicados a reverenciar Orwell, chegará a uma certa constatação, a saber: que sua utopia negativa há muito tempo se tornou realidade e que vivemos hoje no mais totalitário de todos os sistemas, cujo centro é formado pelo próprio Ocidente democrático (KURZ, 2003, p. 1-2)

Existe uma linha de interpretação da obra de Orwell entre os escritores, jornalistas, políticos e intelectuais conservadores que insiste em insinuar que *A Revolução dos Bichos* e *1984* foram, necessariamente, um ataque ao Partido Trabalhista Britânico. Contudo, mais uma vez, ignoraram tendenciosamente as próprias manifestações públicas de Orwell a favor deste mesmo partido inglês. Sobre suas obras, além de prefácios e posfácios havia uma demanda que exigia explicações do autor. Para Menand (2003), há uma crítica contundente e pertinente à Orwell quando este afirmou que apenas tentou “extrair as consequências lógicas das ideias totalitárias” difundidas por muitos intelectuais pelo mundo. A base do argumento contra as ideias consiste na admissão daquilo que pode ser chamado de *tendências* ao totalitarismo – funcionam como desabonadores universais.

Adorno e Horkheimer (2010) na *Dialética do Esclarecimento* trataram de alguns aspectos do poder de persuasão e de conformismo ao *status quo* que os clichês exercem na produção dos conteúdos e da forma das mercadorias da Indústria Cultural. A expressão “quadrúpede bom, bípede ruim” entoada pelas ovelhas a cada meia hora em *A Revolução dos Bichos* anuncia o estado como os indivíduos se reconhecem: um maniqueísmo grosseiro que lança mão de um repertório de palavras estereotipadas prontas para dividir o mundo entre “nós” e “eles”, “bom” e “mal”, “libertário” e “totalitário”, “direita” e “esquerda”. Dito de outro modo, uma vez que esses termos foram desconectados de suas bases materiais e históricas, parece haver um esforço ideológico em universalizá-los – transformá-los em hipóstases – e a generalização deles decorrente sustenta em grande medida o clichê do *outsider* (“o estranho”, “o outro”). Para além dos preconceitos que tais termos podem engendrar, como componentes de um discurso as palavras estereotipadas tem a função de paralisar e desqualificar qualquer posição, ou seja, são instrumentos retóricos contra o diálogo e a argumentação.

Assim, a forma seletiva pela qual os liberais e conservadores compreenderam Orwell pode ser sintetizada pelo trabalho de uma vida inteira dedicada a denuncia ao stalinismo. O que parece ser objeto de espanto para alguns comentadores de Orwell (Menand, 2003; Hitchens, 2010; Kurz, 2003) é a naturalidade com a qual se desloca o olhar “crítico” que por um lado entreviu as “tendências” totalitárias financiadas pelo Leste e, por outro, fechou os olhos diante do verniz democrático do Ocidente, visto que o capitalismo explora e condena milhares a uma vida miserável. A falsa fachada de liberdade desarticula a percepção crítica ao *status quo* que Orwell execrava, de modo que ele e sua obra são exaltados por conservadores e liberais em seu empenho em

desabonar toda discussão que revele os aspectos contraditórios da exploração econômica capitalista. Para os conservadores, estas *falsas* contradições são meras “desculpas” para que o “comunismo” e o “socialismo” sejam implantados pela “esquerda” malvada sedenta de sangue burguês. “George Orwell é considerado um modelo, quando era deliberadamente pessimista e desajustado. Se querem alçá-lo ao panteão dos liberais bem-pensantes, deveriam ao menos permitir que suas contradições o acompanhassem” (MENAND, 2003).

Orwell foi um escritor reconhecido pela honestidade, clareza e decência intelectuais, mas que, como qualquer indivíduo, tinha seus preconceitos e contradições que foram inclusive objeto de seus escritos como uma forma de autorreflexão (HITCHENS, 2010). Por isso, é imperativo que as falsas generalizações feitas em seu nome sejam objetos de investigação e de discussão para libertar sua obra do uso propagandístico ideológico deliberadamente orientado por interesses escusos. Crítico contundente do stalinismo como também do imperialismo capitalista britânico, contudo, este último aspecto, assim como sua simpatia (que não emudeceu sua crítica) pelo Partido Trabalhista Britânico, foram minuciosamente ignorados, ou simplesmente, tal como a adulteração dos princípios do Animalismo pelos porcos (em *A Revolução dos Bichos*) ou das alterações da história mundial pelo Ministério da Verdade (em *1984*) – nunca existiram.

A discussão a seguir ocupou-se do tratamento do material empírico da presente tese – a resenha literária audiovisual de *A Revolução dos Bichos* –, produzida pela youtuber e jornalista Isabella Lubrano e disponibilizada no canal *Ler Antes de Morrer*, hospedado do site YouTube.

5.2 – Professor (a) *YouTuber*? Resultados da pesquisa social empírica sobre a resenha literária audiovisual de *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell

A jornalista e youtuber Isabella Lubrano, criadora do canal de conteúdo literário *Ler Antes de Morrer* hospedado no site YouTube, não tinha qualquer formação docente anunciada em seu canal até a data da publicação da resenha literária audiovisual de *A Revolução dos Bichos* (13/03/2015). A provocação sugerida com o título do presente estudo decorreu, sobretudo, da forma como são apropriados determinados conteúdos intelectuais por sujeitos afeitos às tecnologias de informação e comunicação (TIC) digitais, o modo de disponibilização na rede de computadores e a relação entre o

produtor de material audiovisual e os usuários. Em outros termos, que tipo de intelectual é o *youtuber*? A apresentação audiovisual pode ser caracterizada como docência? O material produzido a partir de conteúdos intelectuais, como a obra de Orwell (2015), pode ser considerada uma espécie de material didático ou vídeo-aula? Para lançar alguma luz sobre essas indagações o conceito de *intelectual* foi brevemente revisto na perspectiva de Henry Giroux (1992; 1983), para em seguida dar início ao exame dos protocolos acerca das falas e declarações correspondentes à resenha audiovisual selecionada e os respectivos comentários dos usuários.

O esforço do governo dos EUA em deliberadamente adulterar a potência crítica da obra de Orwell a favor de uma pretensa ideologia anticomunista é semelhante ao empenho que objetiva minar o poder dos professores na educação pública americana (GIROUX, 1992). A dimensão dessa perda de poder perpassa pelas precárias condições de trabalho a que estão submetidos o público escolar, como também pela distorção da imagem do professor enquanto intelectual – sujeito que reflete sobre a escola e sua própria prática docente: a relação ensino-aprendizagem e o elo pedagógico entre professores e alunos. A divisão técnica e social do trabalho é responsável pelo distanciamento do exercício do magistério das esferas de pesquisa sobre a teoria e prática pedagógicas, visto que os “especialistas”, ao que parece, foram desconectados da realidade escolar imediata.

[...] os professores são relegados a tarefas instrumentais que deixam pouco ou nenhum espaço para o discurso e as práticas sociais de oposição. A pedagogia, assim, é reduzida à implementação de taxionomias que subordinam o conhecimento a formas de reificação metodológica, enquanto as teorias de ensino tornam-se cada vez mais técnicas e padronizadas, no interesse da eficiência, do gerenciamento e do controle de formas limitadas de conhecimento (GIROUX, 1992, p. 09)

A formação de professores nos EUA está profundamente vinculada ao behaviorismo e à concepção de racionalidade técnica – psicologias e ideologias industriais produzem “cultura” e o positivismo condiciona o trabalho intelectual nas ciências sociais. O discurso do gerenciamento e da eficiência substitui a análise crítica das condições objetivas de existência: os determinantes sociais, econômicos, políticos e ideológicos extra-institucionais que desembocam na escola e regulam seu funcionamento. Para Giroux (1992), a reestruturação do trabalho docente consiste em considerar o professor como intelectual. Mas, é forçoso salientar que a docência não subsumiu em si a tarefa de compreender os materiais culturais, de modo que outros

profissionais também podem ser intelectuais visto que se dedicam ao saber em alguma medida.

A categoria de “intelectual” envolve a premissa de que toda a atividade humana se estabelece por alguma forma de pensamento, ou seja, mesmo nas atividades cotidianas e rotineiras há alguma atividade inteligente. O trabalho intelectual, por sua vez, consiste na mediação do saber em sua dimensão *teórica* (a elaboração conceitual rigorosa) e *prática* (o conjunto de disposições imediatas da vida), como condição da experiência. Do ponto de vista dialético, o intelectual não reduz ou planifica a teoria à prática ou vice-versa, mas as concebe como instâncias distintas de um mesmo processo: a busca pelo entendimento do real e suas bases objetivas, cujas antinomias movimentam os significados historicamente determinados. Uma das atribuições do trabalho intelectual é investigar as fissuras do real – seus elementos antagônicos, problemáticos e contraditórios que estão em permanente devir. Nesses termos, a busca pela objetividade pura e pela neutralidade científica se revela um contrassenso⁷².

Outra interpretação do trabalho intelectual que parece confluir à argumentação anterior diz respeito à condição de seu exercício: a erudição necessária ao trabalho do cientista social. Na obra *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*, Charles Wright Mills (2009) articula a estreita relação entre a ideia de *construção do conhecimento* e o conceito de *artesanato intelectual*. Segundo Wright Mills (2009), o artesanato intelectual pressupõe uma atividade que demanda tempo, revisão e o entrelaçamento entre a vida do pensador e seu trabalho. “Essa separação, é claro, é a convenção predominante entre os homens em geral, originando-se, suponho, do vazio do trabalho que os homens em geral fazem hoje” (WRIGHT MILLS, 2009, p. 21-22). A erudição é o trabalho próprio do intelectual, cujos conhecimentos construídos são frutos de escolhas que orientam o modo de vida bem como a carreira do pensador⁷³. “*Ter experiência*”, nesse sentido, perpassa o exame da apreensão da experiência bem como saber classifica-la.

O cientista social deveria se ocupar dessas concepções para perceber o modo pelo qual a experiência passada afeta e dirige a capacidade de experiência futura. Para

⁷² Tema amplamente discutido no Capítulo I desta tese.

⁷³ Dessa forma, “o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar” (WRIGHT MILLS, 2009, p. 22).

esta empreita, Wright Mills sugere a organização de um arquivo⁷⁴ e o exercício de hábitos reflexivos⁷⁵, “servindo como um controle ao trabalho repetitivo, seu arquivo lhe permite conservar sua energia” (WRIGHT MILLS, 2009, p. 22). Estes hábitos possibilitam o surgimento de “*pensamentos marginais*” – aqueles derivados de conversas informais da vida cotidiana, recortes de diálogos (ou conversas) pelas ruas, em locais públicos e até mesmo de sonhos. As anotações permitem, por um lado, a sistematização do pensamento acerca desses eventos e, por outro, confere relevância intelectual a estas experiências, de modo que, “manter um arquivo é empenhar-se na experiência controlada” (WRIGHT MILLS, 2009, p. 23).

Contudo, o autor argumenta que os cientistas sociais somente se interessam em descrever seus “planos” quando objetivam conquistar apoio financeiro para suas pesquisas – a construção de um *projeto* que será “apresentado” como uma espécie de *publicidade de vendedor*. Parece imperativo ao trabalho intelectual do cientista social a revisão dos “problemas e planos”, não para fazer deles um compromisso científico inalterável (o que resultaria em idealismo ou em receio de perder o fomento), mas de não se limitar a um único plano. Acerca desta questão – “*o estado de meus problemas*” – Wright Mills (2009) sugere três interlúdios de discussão que deveriam ocorrer entre os intelectuais (ou cientistas sociais ativos): sobre *problemas, métodos e teorias*. A contribuição dessas discussões para o acervo dos projetos permitiria um trânsito epistemológico fecundo que colocaria em jogo as diversas possibilidades de artesanato intelectual. “Finalmente, os arquivos passarão a ser arranjados segundo vários grandes projetos, tendo muitos subprojetos que mudam de ano para ano” (WRIGHT MILLS, 2009, p. 25).

Devido à natureza destes procedimentos, parte fundamental do trabalho intelectual consiste na *tomada de notas*. Em síntese, pode-se lançar mão de dois tipos de anotações: no primeiro, a leitura que procura compreender a estrutura da argumentação de um determinado autor, o que pressupõe a elaboração de notas acerca do livro inteiro; no segundo, com o tempo e a articulação do arquivo pessoal e dos hábitos reflexivos, as leituras se dirigem de modo pontual, ou seja, em muitos casos, são lidos partes de muitos livros – os que interessam ao projeto. “Portanto, tomará notas que não representam propriamente o livro que lê. Estará *usando* tal ideia particular, tal fato

⁷⁴ O autor, já nas primeiras linhas de seu texto, afirma que sua proposta perpassa sua trajetória pessoal, ou seja, é uma espécie de descrição de seu próprio processo como “artesão intelectual”. Este envolve “uma combinação de experiência pessoal e atividades profissionais” (WRIGHT MILLS, 2009, p. 22).

⁷⁵ Assim, “você aprende como manter seu mundo interior desperto” (WRIGHT MILLS, 2009, p. 23).

particular, para realização de seus próprios projetos” (WRIGHT MILLS, 2009, p. 26). Uma resenha enquanto síntese de uma obra parece um trabalho intelectual dessa natureza, assim como a elaboração de uma aula. Mas como o diário pode ser utilizado na produção intelectual? Para o autor:

A manutenção de um arquivo assim é produção intelectual. É um repertório sempre crescente de fatos e ideias, desde os mais vagos aos mais acabados. Por exemplo, a primeira coisa que fiz após decidir iniciar um estudo sobre a elite foi elaborar um esquema tosco baseado numa lista de tipos de pessoas que eu queria compreender. (WRIGHT MILLS, 2009, p. 26)

Com efeito, parece que o sujeito nunca se lança em uma atividade intelectual de forma “pura”, ou seja, despidos de qualquer influência (intrínseca ou extrínseca). A afirmação “eu trabalho em um projeto” precisa ser corrigida: “estou trabalhando em um projeto” – a ideia de construção continuada do pensamento que revisita seus “arquivos” precedentes e deles faz um recurso reflexivo para projetos futuros: a possibilidade do artesanato intelectual mediante a continuidade e relação entre diversos planos⁷⁶.

A compreensão da atividade do trabalho intelectual enquanto produtora de forma e conteúdo culturais – por exemplo, uma aula ou uma resenha literária – demanda a explicitação dos objetivos pedagógicos (manifestos ou subentendidos) e da natureza da relação entre os agentes. Os professores, enquanto intelectuais, deveriam se responsabilizar por três etapas do processo educativo: levantar questões sérias acerca do que ensinam; como devem ensinar; e deixar claros os objetivos amplos do que ensinam. Quando alguém se ocupa de conteúdos intelectuais para fazer deles objeto de divulgação – como a youtuber Isabella Lubrano e suas resenhas literárias audiovisuais – a postura de comprometimento e honestidade intelectual com o tema não parece correlata à seriedade do trabalho docente? A docência, por sua vez, não pode ser reduzida a treino de habilidades práticas. Os intelectuais formam um grupo social que, entre outras prerrogativas, buscam compreender os entraves de sua própria atividade, como fatores econômicos, políticos e ideológicos estabelecidos como verdadeiros e que estão em constante conflito pelo estabelecimento da hegemonia. Uma sociedade democrática se consolida no ambiente de confronto de ideias pelo diálogo tendo em

⁷⁶ Nas palavras de Wright Mills, “O pensamento é uma luta por ordem e ao mesmo tempo por compreensibilidade. Você não deve parar de pensar cedo demais – ou deixará de conhecer tudo o que deveria; não deve deixar que isso prossiga para sempre, ou você mesmo explodirá. É esse dilema, suponho, que faz da reflexão, naquelas raras ocasiões em que é mais ou menos bem-sucedida, o mais apaixonante empreendimento de que o ser humano é capaz” (WRIGHT MILLS, 2009, p. 55).

vista a possibilidade de consenso.

No âmbito da escola, ao se refletir sobre as práticas de gerenciamento e o currículo quando imposto “de cima”, parece evidente a desconexão destes com as dinâmicas e demandas socioculturais da comunidade escolar. Estas configuram algumas das condições externas que influenciam no trabalho intelectual do professor. Nesse sentido, os conteúdos intelectuais do currículo devem ser objeto de constante vigilância bem como a forma como estes são abordados. Seja por meio de uma aula em espaço escolar regular ou através de uma resenha audiovisual, o conteúdo intelectual não transige da imanência de seu sentido interno. O indivíduo parece ter certa propensão a introduzir no objeto algo de alheio, uma impostura que tende a paralisar o não-idêntico do objeto (ADORNO, 2013), forçando-o a se enquadrar em predefinições elaboradas *a priori* que sedimentam no *sentido da coisa* uma essência teleológica irreduzível. O intelectual, pela natureza de sua atividade, cria e desconfia dessas racionalizações. Se, por um lado, o *status quo*, ou seja, os detentores do poder político e econômico têm intelectuais a seu serviço direta e indiretamente, por outro, há também resistência, pois um intelectual inconformista diante do “mundo real” encontra seu objeto nas antinomias do existente.

Em contribuição a este aspecto de resistência, parece pertinente a discussão de Adorno (2000) acerca da profissão docente. A propaganda comercial endossa a ideia da existência de um anacronismo docente quando há alguma crítica que problematize a concepção de “salvação da educação” através da tecnologia em tempos de cultura digital. A audiência de um conteúdo intelectual produzida por algum youtuber poderia concorrer com uma aula “tradicional” elaborada por um professor? Talvez. Mas somente uma pesquisa empírica robusta de médio a longo prazo poderia apresentar algumas inferências sobre essa questão. Contudo, não se pode ignorar a influência que os “materiais culturais” disponibilizados no YouTube (ou no contexto da problematização desse estudo: os produtos da Indústria Cultural), exercem sobre uma vasta quantidade de usuários. Crianças e adolescentes, quando indagados sobre suas pretensões profissionais, já afirmam convictos: “quero ser youtuber!”. Em uma matéria disponibilizada pelo MSN.COM⁷⁷, foram listados os 10 youtubers (ou canais) mais bem pagos por seus vídeos em 2018 (dados atualizados em janeiro de 2019):

⁷⁷ Disponível em: <<http://www.msn.com/pt-br/dinheiro/economia-e-negocios/10-youtubers-mais-bem-pagos-de-2018/ss-BBQrkbw?li=AAggXC1&ocid=SMSDHP&parent-title=10-youtubers-mais-bem-pagos-de-2018&parent-ns=ar&parent-content-id=BBQrmUK&fullscreen=true#image=BBQrkbw|1>>. Acesso em 04/12/2018.

1º - Ryan – ToysReview⁷⁸. Um garoto de sete anos que ganhou 22 milhões de dólares com vídeos contendo comentários e críticas (ou queixas) sobre brinquedos. Canal inscrito no YouTube em 16/03/2015. Inscritos no canal: 17.986.048. Visualizações dos vídeos: 27.018.660.734.

2º - Jake Paul⁷⁹. Um jovem que faturou 21,5 milhões de dólares produzindo vídeos cômicos de situações cotidianas, esportes e aventuras “loucas”. Canal inscrito no YouTube em 19/09/2013. Inscritos no canal: 17.809.251. Visualizações dos vídeos: 5.342.187.081.

3º - Dude Perfect⁸⁰. Um grupo de cinco homens que ganharam 20 milhões de dólares com vídeos esportivos especializados em truques de agilidade e precisão. Canal inscrito no YouTube em 16/03/2009. Inscritos no canal: 38.642.902. Visualizações dos vídeos: 7.098.544.686.

4º - Daniel Middleton – DanTDM⁸¹. Um jovem britânico jogador de Minecraft que recebeu a quantia de 18,5 milhões de dólares com vídeos de comentários sobre videogames. Canal inscrito no YouTube em 14/07/2012. Inscritos no canal: 21.022.814. Visualizações dos vídeos: 14.230.135.135.

5º - Jeffree Star⁸². Um grande maquiador e empresário do ramo de cosméticos que ganhou 18 milhões de dólares com vídeos contendo dicas de maquiagem artística e criação de cosméticos. Canal inscrito no YouTube em 14/02/2006. Inscritos no canal: 12.472.165. Visualizações dos vídeos: 1.346.492.741.

6º - Mark Fischbach – Markiplier⁸³. Um havaiano jogador de PS4 que faturou 17,5 milhões de dólares comentando jogos de videogames. Canal inscrito no YouTube em 26/05/2012. Inscritos no canal: 23.050.468. Visualizações dos vídeos: 10.623.660.909.

7º - Evan Fong – VanossGaming⁸⁴. Canadense famoso pelo desempenho em jogos como “Assassin’s Creed” e “Call of Duty” que recebeu 17 milhões de dólares com seus vídeos, nos quais comenta jogos de videogames. Canal inscrito no YouTube em 15/09/2011. Inscritos no canal: 24.173.618. Visualizações dos vídeos: 10.448.020.924.

⁷⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UChGJGhZ9SOOHvBB0Y4DOO_w/about>. Acesso em 05/01/2019.

⁷⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/JakePaulProductions/about>>. Acesso em 05/01/2019.

⁸⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/corycotton/about>>. Acesso em 05/01/2019.

⁸¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/TheDiamondMinecart/about>>. Acesso em 05/01/2019.

⁸² Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/jeffreestar/about>>. Acesso em 05/01/2019.

⁸³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/markiplierGAME/about>>. Acesso em 05/01/2019.

⁸⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/VanossGaming/about>>. Acesso em 05/01/2019.

8º - Sean McLoughlin – jacksepticeye⁸⁵. Um irlandês que recebeu 16 milhões de dólares por vídeos com comentários (e palavrões!) sobre videogames. Canal inscrito no YouTube em 24/02/2007. Inscritos no canal: 21.324.086. Visualizações dos vídeos: 10.564.039.496.

9º - Felix Kjellberg – PewDiePie⁸⁶. O *gamer* sueco que faturou 15,5 milhões de dólares. Seus vídeos são sátiras e “brincadeiras” acerca de contextos cotidianos. Sofreu certa dissidência de seguidores após um vídeo cômico de teor racista. Canal inscrito no YouTube em 29/04/2010. Inscritos no canal: 82.743.847. Visualizações dos vídeos: 20.199.398.523.

10º - Logan Paul – Logan Paul Vlogs Maverick⁸⁷. O estadunidense que ganhou 14,5 milhões de dólares com vídeos sobre questões cotidianas e entretenimento. Ganhou notoriedade ao reproduzir um vídeo com suposto suicídio por enforcamento no Japão que custou a perda de alguns patrocinadores, porém, aumentou os seguidores de seu canal. Canal inscrito no YouTube em 28/08/2015. Inscritos no canal: 18.815.544. Visualizações dos vídeos: 4.203.059.988.

A pesquisa empírica permitiu a coleta de alguns dados sobre o canal *Ler antes de Morrer*⁸⁸ da jornalista e youtuber Isabella Lubrano, criadora da resenha literária audiovisual que é objeto deste estudo. Não há qualquer publicação sobre os valores de patrocínio financeiro ao canal pelo YouTube ou outras empresas, mas há uma busca por “padrinhos” além da publicidade da compra de livros em livrarias na interface do canal⁸⁹.

*Publicidade: **Quer ajudar a financiar o canal? Compre "A Revolução dos Bichos" na livraria da sua preferência usando os links abaixo***

- Amazon: <http://amzn.to/1VwfbPj>
- Submarino: <http://compre.vc/s/15aeebc0>
- Livraria Cultura: <http://compre.vc/s/3adfd7e9>
- Saraiva: <http://compre.vc/s/e6d55958>
- Travessa: <http://compre.vc/s/bf4dced2>

O site *O Padrim*⁹⁰ organiza o *financiamento coletivo recorrente*, no qual fãs de

⁸⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/jacksepticeye/about>>. Acesso em 05/01/2019.

⁸⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/PewDiePie/about>>. Acesso em 05/01/2019.

⁸⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCG8rbF3g2AMX70yOd8vqIZg/about>>. Acesso em 05/01/2019.

⁸⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCTubbc8ei3JfOBbicSJYPfQ/about>>. Acesso em 05/01/2019.

⁸⁹ Apêndice II-A deste estudo, Protocolo I – Planilha de Interface de Canal do YouTube.

⁹⁰ Disponível em: <<https://www.padrinim.com.br/about>>. Acesso em 04/12/2018.

conteúdos da internet ajudam financeiramente na manutenção de seus canais preferidos com uma contribuição mensal. Cinco metas de patrocínio foram estabelecidas para a continuidade do canal *Ler Antes de Morrer*, seguida da justificativa da youtuber para o pedido. Até janeiro de 2019 as seguintes metas foram alcançadas⁹¹:

1^a – Continuar existindo: R\$ 800,00 por mês (100%) – *“Para não ficar mais sofrendo com os meses em que não rola merchan, ou com as vendas pequenas nas Livrarias associadas ao canal. Com esse valor todos os meses, o canal continua firme e forte por mais muito tempo!”*;

2^a – Grupo Fechado no Facebook: R\$ 1.000,00 (100%) – *“Se chegarmos a este valor, vou criar um Grupo Fechado do Facebook e adicionar Padrinhos e Madrinhas do Ler Antes de Morrer. Lá eu vou publicar conteúdo exclusivo e nós vamos conversar muito sobre livros!”*;

3^a – Contratação de Editor Profissional: R\$ 1.700,00 (100%) – *“Meus sonhos se tornarão realidade... Se chegarmos a este valor, vou poder contratar um editor profissional (atualmente, sou eu mesma que edito absolutamente todos os meus vídeos). A consequência? Vou ganhar muitas horas extras para ler mais e fazer muito mais resenhas!”*;

4^a – Clube do Livro Semanal: R\$ 2.200,00 (100%) – *“Já pensou se, além das resenhas, a gente pudesse se aprofundar na discussão sobre os livros da semana? Se alcançarmos este valor, vou criar um Clube do Livro para todo mundo dar a sua opinião. E sem medo de spoilers!”*;

5^a – Novo Quadro: Conto ou Poesia da Semana: R\$ 2.700,00 (81% - R\$ 2.187,00) – *“Se chegarmos a este valor, VAI TER 3 VÍDEOS SEMPRE, toda semana! Vou criar um novo quadro: **Conto ou Poesia da Semana**, vocês é que vão escolher. Você que sempre me pediu para resenhar poesia ou contos, finalmente vou conseguir atender!”*.

O que não ficou claro é se esses valores de todas as metas são arrecadados todos os meses, com exceção da primeira meta cuja informação é explícita (R\$ 800,00 por mês para a manutenção do canal). Se assim for, somados os valores chegam a quase 10 mil reais por mês. Em janeiro de 2019 haviam 271.501 inscritos no canal e 10.487.072 visualizações de todos os vídeos. São números expressivos por se tratar de conteúdos literários e educacionais. Mas por que tantas pessoas recorrem às resenhas

⁹¹ Disponível em: <<https://www.padrim.com.br/lerantesdemorrer>>. Acesso em 05/01/2019.

audiovisuais? A potência do YouTube para fins educacionais poderia abrir espaço para o que Adorno (2010a) denominou de “programas qualificados” ao se referir à grade de programação de uma televisão educativa. Será que os professores de formação teriam algum espaço de reconhecimento neste ambiente virtual? Quais perspectivas existem para a docência através das vídeoaulas? A virtualização da docência garantirá a continuidade da profissão? Segundo Adorno, a profissão docente não é e nunca foi econômica e socialmente atrativa. Em tempos de cultura digital a docência tradicional pode estar ultrapassada.

Alguns elementos acerca dessas questões podem ser pensados pela atualização de categorias contidas no texto *Tabus a Respeito do Professor*, de Theodor W. Adorno (2000). O autor argumenta acerca da dimensão da aversão contra a profissão do magistério. As hipóteses e inferências elaboradas terão por objetivo articular a identificação do conjunto de representações que caracterizam os *tabus* relacionados ao exercício profissional do magistério, ou seja, representações que de modo geral pairam sobre a escola.

O primeiro problema: segundo o relato de Adorno (2000), entre os melhores alunos parece recorrente a aversão à profissão docente. Os motivos “racionais” dessa aversão envolvem dois aspectos fundamentais. O primeiro, a queixa dirigida às *escolas administradas*; o segundo, a dificuldade material – o magistério é uma *profissão de fome*. Estas representações apontam para uma desproporção entre as dimensões subjetivas e inconscientes em relação às bases histórico/materiais das quais são oriundas, caracterizando-as como *tabus* – como uma espécie de *interdição psíquica*, parece haver o desenvolvimento coletivo de um conjunto de representações (orientadas por estereótipos e clichês) inconscientes ou pré-conscientes acerca daqueles que escolhem a profissão docente.

Portanto, emprego o conceito de tabu num sentido mais rigoroso como a sedimentação coletiva de representações que, de maneira similar às de caráter econômico que mencionei, perderam sua base em grande medida mas que, como preconceitos sociais e psicológicos, persistem teimosamente e, por sua vez, tornam-se forças atuantes na realidade, tornam-se forças reais (ADORNO, 2000, p. 158)

As expressões depreciativas da docência⁹² oferecem uma mostra da persistência dos tabus como também a falta de reconhecimento social correspondente ao professor,

⁹² O “torturador” – que aplica castigos físicos e psicológicos; recalçado ou “castrado”, por isso, amargo; o “servo” que carece de remuneração – a docência era trabalho de escravos e monges.

que assim como um médico e um advogado, fez curso universitário, no entanto, este não goza do mesmo prestígio dos profissionais da medicina e da advocacia. Segundo Adorno (2000, p. 159), em anúncios matrimoniais “os candidatos que são professores ou professoras destacam que não são tipos professorais, não são mestres de escola”. A exceção de todo esse contexto, com efeito, é o professor universitário. Tal contradição acerca do prestígio social, que diferencia os professores do primeiro e segundo graus dos professores universitários, impele à investigação das razões profundas dessa ambivalência.

A posição material do professor ao longo da história ocidental, que articula status e poder social, revela o caráter subalterno da profissão do magistério associado ao baixo salário. O mestre, para todos os efeitos, é um serviçal. Essa interpretação tipicamente aristocrática tem como pressupostos ou subterfúgios o desenvolvimento tardio da burguesia alemã bem como a longa sobrevivência do feudalismo, caracterizado pela notória falta de valorização das “coisas do espírito”. Assim, a origem social feudal do professor é o *escriba*, o escrevente – por “natureza”, situado em uma posição inferior. Na idade média, e em certos momentos da idade antiga, os professores eram escravos. A divisão social do trabalho docente não estava ligada à força física, mas ao intelecto e, em decorrência disso, foi associada à função do governo da sociedade. Esses aspectos geraram uma ambivalência em relação ao professor. Por um lado, sua posição social é a de um servo, por outro, o trabalho intelectual lhe rendia um lugar distante dos campos de batalha. O cavaleiro que sabia ler e escrever nesse período era uma exceção. Nessa medida, Adorno (2000) salienta o desenvolvimento do “ressentimento do guerreiro” – pelo mecanismo de identificação, essa concepção ainda hoje impregna a sociedade, visto que é mais comum uma criança brincar que é um soldado do que um intelectual.

Analfabetos, movidos por rancor, chegam a considerar como inferiores as pessoas instruídas na medida em que estas os enfrentam com alguma autoridade sem que ocupem cargos elevados – como os do alto clero – ou sem exercer algum poder social. O professor é herdeiro do monge. Depois que este perdeu, em grande parte, sua função, o ódio ou a ambivalência que lhe eram dirigidos foram redirecionadas ao professor (ADORNO, 2000, p. 162)

Na modernidade, a ambivalência dos sentimentos de amor e ódio pelo professor envolve o respeito pela autonomia do espírito bem como o desprezo por quem não porta uma arma (ou simplesmente, por aquele que não consegue se defender em uma luta

física). Mas por quais motivos as outras profissões ficaram ilesas? Ao que parece, por não estarem asseguradas pela burocracia hierárquica dos servidores públicos, as profissões liberais gozam de maior estima: se submetem ao mecanismo da concorrência. Dessa forma, podemos observar uma ruptura na camada burguesa, na qual os *liberais* detêm maior renda, mas não garantida, ao passo que os *funcionários de cargos fixos* (ou públicos) ganham salários menores, porém, possuem estabilidade no emprego e aposentadoria. Dessa tensão, Adorno nos convida a repensar a questão do *poder do professor*: este não é levado a sério, como o poder de um juiz, pois sua influência é sobre as crianças, ou seja, sujeitos ainda não dotados de plenos direitos. “O poder dos professores é desprezado porque é apenas uma paródia do poder verdadeiro, que – este sim – merece admiração” (ADORNO, 2000, p. 163). O *professor tirano* é uma caricatura do despotismo.

Em contrapartida, o poder do professor parece mais efetivo quando o magistério está associado à autoridade religiosa. No contexto do magistério em nível universitário, a “atividade professoral” é relegada a segundo plano, visto que o prestígio da atividade nesse âmbito repousa no exercício das investigações produtivas (a pesquisa) em detrimento do campo pedagógico (a docência), o que sustenta o que Adorno (2000) denominou de falsidade imanente da pedagogia:

O problema da falsidade imanente da pedagogia está no fato de que seu objeto de trabalho é feito sob medida dos destinatários e, portanto, seu trabalho acaba por não ser puramente objetivo, por não ser motivado pelo próprio tema. Só por esse motivo, as crianças, de uma maneira inconsciente, já deveriam se sentir enganadas (ADORNO, 2000, p. 164)

Com efeito, a pedagogia orientada por esses termos aposta no ideal de aluno padronizado e do professor como um mero prestador de serviços atendendo seu cliente, um *vendedor de conhecimentos*. Tal *racionalidade estratégica* opera uma redução do espírito (*Geist*) e da cultura submetendo-os ao valor de troca. Com efeito, a hipótese teórica – e ponto central das inferências – cujo núcleo repousa na imagem negativa do professor como o castigador, remonta sua *função disciplinar* na manutenção do *status quo*. “Insisto em que esse conjunto de representações, mesmo depois de abolido o castigo corporal, é decisivo para a determinação dos tabus⁹³ que existem quanto ao magistério” (ADORNO, 2000, p. 165).

⁹³ Em síntese, Adorno (2000) abordou os seguintes tabus acerca do magistério: origem social inferior do professor; escravo, serviçal ou monge; aplicador de castigos; sujeito dotado de um poder aparente ou ilusório (exercido sobre crianças); um mero vendedor de conhecimento.

A autoridade do professor, abolidos os castigos físicos, é pelo uso do seu saber em relação aos alunos: o *poder da cátedra*. Ainda permanece a preferência dos alunos pelas aulas magistrais e dogmáticas (expositivas) em detrimento dos seminários, cuja finalidade envolve a oportunidade do levantamento de questões. A ideia de que o professor “sabe mais” é uma imposição social. Dessa forma, o protótipo negativo da representação no plano inconsciente é a imagem do professor como *carcereiro* ou *oficial sargento*. Para Adorno (2000), a perspectiva de mudança desses tabus vislumbra a possibilidade de desaparecimento de toda espécie de castigo das práticas escolares.

A contradição elementar da sociedade liberal-burguesa consiste desta não revelar sua realidade assentada no poder, ou seja, na dominação. O professor é duplamente rejeitado: é-lhe atribuído o poder de castigar, ao passo que, este poder “não” deve ser usado. Consolida-se o tabu que representa o professor como o *carrasco* – “que esse imaginário reforça a crença de que o professor não é um senhor, mas um fraco que castiga ou um monge sem cargo, fica bem evidente no plano erótico” (ADORNO, 2000, p. 167). Contudo, o professor – envolto em tabus – permanece como um objeto inatingível e essa inacessibilidade reforça outro tabu: o de que ele é um ser excluído das relações eróticas, ou seja, uma representação que constrói a imagem do *professor castrado*. Consequentemente, vincula-se a essa representação a ideia de que sua vida deve ser “imaculada”: como uma espécie de *ascese do erotismo*⁹⁴. Em novelas escritas por volta de 1900, o professor era descrito como um “reprimido” do ponto de vista erótico, um sujeito *sexualmente mutilado*. Em relação à afetividade, o professor é identificado como uma criança, ou melhor, como aquele que deixa de ser adulto cuja imagem, por definição, é a própria “deformação” profissional. Em outro sentido, o mundo escolar, idealizado como um ambiente deslocado da realidade social, reforça o estereótipo do professor como um herói infeliz alienado. Nas palavras de Adorno (2000, p. 169):

No clichê *alienado da realidade* mesclam-se os traços infantis de muitos professores com os traços infantis de muitos alunos. Na medida que os alunos têm um realismo a que se adaptam com maior êxito que o professor, que permanentemente tem de sustentar e encarnar ideais de superego, acreditam compensar o que acreditam que lhes falta, de, na verdade, não serem ainda sujeitos autônomos. É por essa razão que os professores que jogam futebol ou que são beberrões gozam de tanto prestígio entre os alunos. Correspondem a seu ideal de homem no mundo

⁹⁴ Nietzsche e Weber se dedicaram, cada um à sua maneira, ao conceito de *transvaloração das virtudes* “nobres” (virilidade, guerra, o corpo) em virtudes “plebeias” (passividade, ressentimento, vingança, castidade, espírito – “morte” dos desejos do corpo).

As representações ou tabus acerca da imagem do professor se convertem em alvos do rancor dos alunos. A escola, em sentido estrito, procura eliminar a natureza informe dos alunos sob o pretexto de engendrar o processo civilizatório. Com efeito, a repressão envolvida se converte em um processo de nivelamento responsável pelo reaparecimento explosivo da natureza informe dos alunos em suas particularidades. Assim, o *êxito escolar* decorre da articulação do aluno que, ao imitar seu professor, consegue reprimir sua natureza informe – esta é uma faceta do doloroso processo chamado educação.

A crítica de Adorno (2000) ao processo educacional buscou lançar luzes ao que denominou de *dupla hierarquia* no interior da escola: a *hierarquia oficial*, dirigida ao desenvolvimento da capacidade intelectual, ao desempenho e às notas; e a *hierarquia não-oficial ou latente*, que valoriza a força física e a pressão do clichê de “ser homem” ao passo que orienta as disposições intelectuais para as “práticas” não aceitas pela hierarquia oficial. “Essa dupla hierarquia foi bem explorada pelo nacional-socialismo – e de maneira alguma apenas na escola – ao atirar a segunda contra a primeira, como também procedeu na grande política quando atirou o partido contra o Estado” (ADORNO, 2000, p. 170). O professor, enquanto agente do processo de nivelamento, não se converte em objeto de substituição da figura paterna (superação do complexo de Édipo) por parte dos alunos: ele não é o homem perfeito (Ego Ideal) que as crianças esperam se identificar. Dessa forma, a escola se impõe ao indivíduo como um protótipo de alienação social, cujo agente direto é a autoridade do professor – o que sabe mais. Quanto aos alunos, consolida-se a apreensão negativa da *imagem* do professor – carcereiro, carrasco, tirano, fraco, servo, reprimido.

Acerca da profissão docente, parece existir uma dificuldade em separar o trabalho objetivo dos afetos pessoais. A forma do trabalho se dá por meio de uma relação imediata com o aluno que é inseparável da construção objetiva mediata, ou seja, dos aspectos conceituais, teóricos e metodológicos que sustentam a prática pedagógica. Nessa medida, das contradições (ou confusões) entre os aspectos subjetivos e objetivos, segue-se que o magistério é arcaico, de modo que não corresponde à civilização da qual faz parte. Por sua vez, o professor não deveria reprimir seus afetos em defesa de uma racionalidade que tende a administrar a escola.

Se posso contribuir com algo, indicarei que apenas uma mudança de atitude

do professor poderia superar essa situação. Eles não deveriam reprimir seus afetos, racionalizando posteriormente, mas deveriam assumi-los perante si mesmos e perante os demais, desarmando assim os alunos. Provavelmente seja mais convincente um professor que diga “Têm razão. Sou injusto, sou alguém como vocês. Algumas coisas me agradam e outras me desagradam” do que outro que se mantenha ideologicamente na defesa da justiça, mas que logo, sem poder evitar, cometa a injustiça que havia reprimido (ADORNO, 2000, p. 172)

Que perspectiva pode ser inferida para uma possível solução dos problemas associados aos tabus acerca da profissão docente? Segundo Adorno, seria necessária uma consciência psicanalítica do magistério: primeiro passo, o professor não é um monge. Somente por meio de um diálogo amplo sobre os tabus os professores, os pais, os alunos, enfim, toda a comunidade escolar teria condições de superá-los. Um esclarecimento parcial é melhor do que não fazer nada. É imperativa a necessidade de libertação das inibições e limitações que reforçam os tabus contra o magistério, começando pelo levantamento dessas questões durante o processo de formação de professores. A vida privada do professor não pode estar sujeita ao controle além do direito penal. A ideologia do mundo fechado da escola deve ser repensada em sua antinomia: uma escola fechada fica alienada da sociedade que julga representar; uma escola inteiramente “aberta”, perderia seus aspectos fundamentais – acolhedora e formativa. Com efeito, a escola não é um fim em si mesmo. Essa constatação coloca em debate a questão elementar da oposição entre a deformação profissional e a boa formação. Do ponto de vista político da profissão do magistério, os comportamentos autoritários colocam em risco a continuidade da educação. Articulada apenas sob critérios de racionalização, uma administração pode ser um entrave ao trabalho científico do professor. Modificações abrangentes poderiam ser objetos de estudos e de pesquisas sobre o processo de formação bem como o desenvolvimento dos meios para a consolidação de uma escola que estreite laços entre a seriedade conceitual e a democracia. A chave para estas mudanças permeia a relação entre a sociedade e a escola contra a barbárie. O essencial, ou seja, a “missão da escola”, como também dos docentes em particular e dos intelectuais em geral, deveria consistir na *desbarbarização dos indivíduos* – no contexto escolar, na libertação dos tabus. O *phatos* da escola, ou seja, o desejo que a motiva, deveria se orientar pelo trabalho voltado à libertação da humanidade da barbárie, compreendida como facetas que se cristalizam por meio de preconceitos delirantes, repressão, genocídio e tortura. É competência da escola se opor a tudo isso.

Seria também essa competência compartilhada por intelectuais, não necessariamente docentes, ao produzirem conteúdos como as resenhas literárias audiovisuais para plataformas digitais de compartilhamento de vídeos? A youtuber Isabella Lubrano poderia ser considerada uma intelectual interessada nos aspectos formativos orientados à emancipação? A pesquisa empírica dos comentários dos usuários da resenha demonstrou que parece haver uma postura omissa ou até conivente de Isabella ao não confrontar os comentários absurdos acerca da posição política de Orwell e os aspectos profundos da crítica das formas de organização social contidas em sua obra.

Uma conduta orientada ou não à emancipação não desabona um sujeito enquanto intelectual, mas demarca sua posição ideológica e política no mundo. Giroux (1992) argumentou sobre a definição de quatro tipos de intelectuais: os transformadores, os críticos, os adaptados e os hegemônicos. Estas categorias não devem ser apreendidas de modo rígido, pois é admissível certo deslocamento dos intelectuais no interior delas dependendo de determinadas situações do trabalho social, como as crises econômicas – geradoras de tensões e conflitos que permitem ao intelectual mediar sua condição política e transitar por eixos similares ou romper radicalmente com sua antiga posição ideológica.

Os intelectuais transformadores – são os intelectuais que lançam mão da autocrítica como caminho para a construção de uma pedagogia radical comprometida com a emancipação. No contexto mais amplo da sociedade, buscam “tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico” (GIROUX, 1992, p. 32). *O pedagógico mais político*: consiste em inserir a educação no contexto das discussões políticas, uma vez que o estabelecimento de seus fundamentos parece indissociável da luta por significação no âmbito das relações de poder. Estas próprias relações são objetos de interesse reflexivo. *O político mais pedagógico*: envolve o desenvolvimento de pedagogias que, sobretudo, considerem o estudante um agente crítico. Em seu horizonte, estimula-se a perspectiva de um conhecimento significativo através do diálogo e da problematização crítica, cujo desdobramento fecundo orienta-se à emancipação. Em suma, é um enlace entre a linguagem crítica e a linguagem da possibilidade, “quando indica as condições necessárias para novas formas de cultura, para práticas sociais alternativas, para novos modos de comunicação e para uma visão realizável de futuro” (GIROUX, 1992, p. 34).

Os intelectuais críticos – são intelectuais que não se consideram vinculados a

qualquer formação social específica. A crítica assume um papel decisivo em suas atividades profissionais, por isso, sentem-se obrigados a se distanciarem de movimentos de cunho social dirigidos à transformação prática efetiva, sob a premissa de que o engajamento político militante sofre da amarra da ideologia circunstancial que, em última instância, oferece um conhecimento parcial do mundo e suas dificuldades.

Os intelectuais adaptados – aqueles que não são diretamente associados a algum interesse de classe ou militância política e social. No entanto, sua posição ideológica e política reforçam e sustentam as premissas éticas e morais dos interesses dominantes. “Esses intelectuais funcionam principalmente para produzir e mediar, acriticamente, ideias e práticas sociais que servem para reproduzir o *status quo*” (GIROUX, 1992, p. 37). A atividade desses intelectuais incide na denúncia da política ao passo que recusam qualquer risco de engajamento. A aversão à política redundando na admissão de sua condição profissional como um seguro “sistema de valores” respaldado pelo controverso conceito de “objetividade científica”.

Intelectuais hegemônicos – compõem a liderança intelectual e moral a serviço dos grupos e classes dominantes. Sua função é fornecer a fundamentação ética, política e econômica que concede homogeneidade à posição social de diversos segmentos do poder. Assim, “os interesses, que definem as condições e a natureza de seu trabalho, são subordinados à preservação da ordem existente” (GIROUX, 1992, p. 38).

Independentemente à quais categorias pertençam, os intelectuais vendem sua força de trabalho e, por isso, não possuem o poder “absoluto” sobre o aparelho educacional. Em seu trabalho gozam de certa autonomia, quando o professor, por exemplo, decide “o que ensinar”, “como ensinar” e “para que ensinar”. No entanto, o professor não detém qualquer controle sobre as metas e os propósitos educacionais impostos por agências de avaliação externas à escola. Um currículo pode ser imposto pela administração política de situação e seus objetivos podem divergir de uma educação emancipatória.

Para Giroux (1992), uma sociedade somente poderá se afirmar democrática quando houver a possibilidade de uma educação que não seja conformista. Os intelectuais transformadores deveriam seguir a máxima kantiana de “ousar saber”, como uma espécie de vanguarda na educação. Para isso, algumas ferramentas epistemológicas e metodológicas foram propostas. A pedagogia radical e o discurso de análise do texto articulam um tipo de crítica que procura “identificar formas culturais produzidas e usadas em sala de aula” (GIROUX, 1992, p. 90). Assim, esses subsídios teóricos

compõem o conjunto de categorias que auxiliaram nas análises do material empírico que será apresentado a seguir.

A Resenha literária audiovisual de *A Revolução dos Bichos*

O exame do objeto da presente tese, a partir da metodologia da *análise de conteúdo* de Adorno, permitiu a observação das seguintes “formas culturais” sob o prisma das chaves de interpretação e entendimento (esquematismo): o “texto de leitura fácil” e o “socialista de rara lucidez” – não em sala de aula, mas na forma e no conteúdo da resenha literária audiovisual de *A Revolução dos Bichos*, assim como através da análise dos comentários dos usuários onde estes esquemas parecem revigorados e ampliados na forma de clichês.

Uma breve revisão dos procedimentos metodológicos da *análise de conteúdo* – discutidos no Capítulo III e descritos no método – auxiliará na composição da estrutura do exame que se segue. Após o estabelecimento dos critérios de escolha da unidade caso⁹⁵, o objeto selecionado – a resenha literária audiovisual de *A Revolução dos Bichos* – teve seu conteúdo e forma transcritos na íntegra em formato textual, o que gerou os Protocolos de Registro de Material Audiovisual disponíveis para consulta nos Apêndices desta tese.

Sobre a forma da resenha, no Apêndice II-A – Protocolo I – Planilha de Interface de Canal do *YouTube* – foram transcritos os dados da interface da resenha como publicada no site *YouTube*: endereço digital, título, último acesso, inscritos no canal, visualizações, data da publicação no site, publicidade, descrição do tema da resenha, quantidade de comentários e responsável pela publicação. No Apêndice II-B – Protocolo II – Planilha de Registro de Material Audiovisual, os dados foram transcritos mediante o estabelecimento de seis categorias de descrição: *Cena* – as tomadas sequenciais ao qual um determinado assunto se desenvolve e que podem sofrer cortes para ajustes de informação ou para indicar a passagem a outro assunto; *Falas/Declarações* – a transcrição na íntegra, sem cortes ou correções de qualquer natureza de todo conteúdo dito pela apresentadora durante a resenha; *Legendas* – transcrição exata de todo material escrito utilizado na resenha; *Cenário*: a descrição

⁹⁵ Critérios de escolha: Resenha audiovisual disponibilizada no site do *YouTube*; Resenha audiovisual sobre o livro e não sobre o filme de *A Revolução dos Bichos*; Maior número de visualizações ou acessos; Maior número de comentários à resenha.

pormenorizada do local/ambiente onde a resenha foi gravada; *Imagens e Sons* – descrição de todas as disposições visuais (fotos, cartazes, trechos de filmes) e das músicas e ruídos exibidos durante a resenha; *Plano* – os enquadramentos de imagem utilizados⁹⁶. No Apêndice II-C – Protocolo III – Planilha de Registro de Comentários, a transcrição dos dados seguiu as seguintes categorias de descrição: *Sequência* – a forma como os comentários estavam ordenados no fórum de comentários da resenha; *Nome* – uma identificação fictícia dos usuários para preservar suas identidades, com exceção para os comentários de Isabella Lubrano, descrito como Ler Antes de Morrer; *Comentários* – a descrição na íntegra, sem cortes ou correções de qualquer natureza de todo conteúdo escrito pelos usuários no fórum de comentários da resenha; *Publicação* – a data da postagem pelo usuário.

Sobre o conteúdo da resenha e dos comentários, o exame procurou observar a frequência do aparecimento de ideias, palavras e expressões que poderiam demonstrar, em alguma medida, certas disposições psicossociais e psicodinâmicas contrárias à emancipação, como o pensamento orientado em demasia por clichês, estereótipos e tabus. Na resenha, o exame incidiu sobre as sugestões de leitura e condução do tema por meio de chaves de interpretação (esquematismo da Indústria Cultural), com destaque para o “texto de leitura fácil” e o “socialista de rara lucidez”. Nos comentários, a análise procurou apreender em que medida os discursos dos usuários contribuem ou modificam as especulações envolvidas na formulação teórica dos esquemas de entendimento sugeridos na resenha, pela forma como os clichês são ampliados, por um lado, e pelos momentos de resistência, por outro.

Os méritos da resenha devem ser considerados antes de qualquer acareação. É notória a qualidade técnica e formal da resenha. Imagens e sons claros, a desenvoltura da apresentadora e a leveza da exposição tornaram o vídeo de aproximadamente 10 minutos muito agradável de ser assistido. Destaca-se a pesquisa para além do tema do livro de *A Revolução dos Bichos*, cujo interesse repousou em demonstrar certos aspectos da vida e da obra de George Orwell. A interessante seleção de fotografias e recortes de desenhos animados demonstra a perspicácia de uma apresentação que procurou mostrar o contexto das décadas de 1940 e 1950, período em que Orwell elaborou e publicou sua obra, seguido de sua morte prematura em 1950. A resenha tem um total de 9 minutos e 56 segundos de duração, dividida em 6 cenas e seus respectivos cortes. O título da

⁹⁶ Estas informações estão contidas no Apêndice I-A – Instruções para operacionalização da Planilha de Protocolo de Registro de Material Audiovisual do YouTube.

resenha foi alterado pela youtuber: em 2016 era “*A Revolução dos Bichos Critica o Socialismo (#14)*”; a partir de 2017 é “*A Revolução dos Bichos, de George Orwell (#14)*”. Um dos aspectos da relação entre forma e conteúdo na resenha audiovisual consiste na opção da youtuber pelo plano de enquadramento da imagem em Close-Up. No contexto da produção televisiva, o Close-Up “é essencial para criar o intimismo e levar o telespectador a ver claramente o que é relevante. O efeito dramático é dado tanto pelo que é visto quanto pelo que não o é” (STASHEFF; BRETZ; GARTLEY; GARTLEY, 1978, p. 26). A ênfase é da aparência de uma conversa “olho no olho”, íntima e personalizada, quase sob medida como na propaganda dos produtos da Indústria Cultural.

Isabella Lubrano situou o livro de Orwell, do ponto de vista histórico, no contexto de sua criação: o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria que, em certa medida, dividiu o mundo até meados da década de 1990 entre os simpáticos ao capitalismo bem como ao modelo de produção dos EUA, de um lado e, do outro, os socialistas e a experiência revolucionária da Rússia soviética. Ao som do *Hino da Internacional Comunista*, a jornalista e youtuber Isabella Lubrano inicia a exposição do contexto da obra:

Cena 2 – Isabella Lubrano (apresentadora): “...a crosta bruta que a soterra...”. *Esse é o Hino da Internacional Socialista. Pra nós que nascemos depois da queda do muro de Berlin, bom..., meu caso eu nasci exatamente no ano da queda do muro de Berlin, essa música pode não significar muita coisa, mas é porque nós não chegamos a ver o mundo quando ele era polarizado, ou seja, dividido em duas metades: a metade capitalista e a metade socialista. Acontece que essa foi a organização política internacional do planeta durante quase 50 anos e o livro de hoje, “A Revolução dos Bichos”, foi um dos seus símbolos mais importantes.*

As cenas da resenha⁹⁷ aludem a algumas passagens de *A Revolução dos Bichos* como também a aspectos da vida e posição política de Orwell. Na cena 1, a youtuber teceu comentários sobre a polêmica em torno da obra, que segundo ela, segue proibida em alguns países. Atribuiu certas “qualidades” ao livro: inteligente e “fácil de ler”. A cena 2 começou com um trecho cantado do *Hino da Internacional Comunista* (como citado acima). Na cena 3, Isabella apresentou uma síntese do conteúdo da história do livro e procurou dar ênfase ao tema da liberdade. Na cena 4 foi elaborado um paralelo entre *A Revolução dos Bichos* e a Revolução Russa de 1917, cujo desfecho foi o

⁹⁷ Que podem ser confirmadas pela consulta ao Apêndice II-B – Protocolo II – Planilha de Registro de Material Audiovisual.

desdobramento no stalinismo. A youtuber comentou acerca da aliança entre EUA, Inglaterra e URSS contra o nazismo – A Conferência de Teerã –, e ressaltou a política de silêncio por parte dos governos capitalistas acerca das atrocidades do stalinismo. Na cena 5, que é a maior do vídeo, foi articulada a crítica contundente e intransigente de Orwell ao totalitarismo stalinista e uma espécie de autodefesa de sua posição política: declarou-se socialista simpático à classe trabalhadora. Isabella comentou sobre as teses de Orwell a respeito da distorção do socialismo pela União Soviética e salientou o esforço do autor em defesa do socialismo democrático em contraposição ao estado totalitário da URSS sob o controle de Stalin. Foram destacadas também as fraudes e adulterações da obra de Orwell pelo governo dos EUA a favor da propaganda anticomunista durante a Guerra Fria, com a participação decisiva da CIA no financiamento e distribuição do material adulterado (desenhos animados) com o objetivo de transformar a obra de Orwell em um instrumento cultural absolutamente contrário a todas as formas de socialismo. Isabella argumentou sobre uma forma de socialismo democrático existente: a experiência de Allende no Chile. Comentou sobre a atitude de eliminação dos “vermelhos” pelo bloco capitalista como também as novas possibilidades de interpretação da obra de Orwell após a Guerra Fria. A youtuber inseriu na resenha um *merchandising* da obra, ao falar da edição brasileira de *A Revolução dos Bichos* publicada pela editora Companhia das Letras em 2015. No fim da cena 5, afirmou que Orwell foi um “intelectual de esquerda de rara lucidez” e que a “única mensagem” relevante de sua obra consistiu na seguinte frase: o verdadeiro inimigo não tem filiação política, mas é aquele que em nome de um bem maior restringe a liberdade – esta é uma referência à liberdade de pensamento defendida por Orwell em seus ensaios. A cena 6 demarca o fim da apresentação e o convite para que os usuários curtam o vídeo, se inscrevam no canal e acessem outras mídias de divulgação do trabalho, como o blog e o site do canal (legenda com o perfil de Isabella nas redes sociais do Instagram e do Facebook).

Mas, por se tratar de uma espécie de síntese, ao examinar “mais de perto” a resenha parece que determinados aspectos históricos e conceituais foram pouco discutidos, suprimidos ou ignorados. Com efeito, o aspecto mais problemático consistiu na opção pelo modo de condução da exposição, ou seja, as chaves de interpretação sugeridas no vídeo: no início, o “texto de leitura fácil” (logo, de *sentido único*) e, no final da resenha, a menção a Orwell como “socialista de rara lucidez” (o *outsider* – “o estranho”, “o outro”), o que fecha o núcleo onde se estrutura uma espécie de

esquematismo que tem por objetivo substituir (ou impedir) o pensamento rigoroso por clichês e frases feitas carregadas de estereótipos, tabus e falsas generalizações.

O “Texto de Leitura Fácil”

A força do pensamento de não nadar a favor da própria corrente é a de resistir contra o previamente pensado (ADORNO, 1995, p. 21)

Pensamento amadorístico (ADORNO, 1995; 2010a), alheio ao comportamento do pensamento concentrado e paciente que se entrega ao objeto, parece facilmente seduzido por determinadas palavras e expressões admitidas sem julgamento reflexivo. A crença incondicional no existente é o correlato da consciência de um sujeito submisso ao que é apresentado como dado e imediato. O chavão “fato” nutre o discurso midiático de uma “potência de verdade” capaz de produzir imaginações de existência com incontáveis “experiências”, bastando ao sujeito transitar de canal em canal na televisão ou de *site* em *site* na internet.

A Formação Cultural, momento em que Espírito (*Geist*) e Realidade (*Práxis*) se chocam (pois o que se passa no intelecto não tem imediato correlato no mundo das coisas), demonstra seu duplo movimento ao ser a fonte do desenvolvimento amplo das faculdades humanas ao passo que conforma o indivíduo ao culturalmente aceito. Dessa antítese, surge o momento de resistência que incita o pensamento à possibilidade de novas formas de futuro e de sociedade. A fissura do real, percebida pelo devir dialético do pensar concentrado, se posta negativamente diante da concepção de mundo propagado pelos detentores do poder político e econômico: o ideológico *sentido único* absolutiza a cultura como valor hierárquico rígido que aniquila a memória de seu vínculo imanente a determinadas condições históricas. Nessa medida, os indivíduos, planejadamente distraídos pela oferta dos produtos da Indústria Cultural, são submetidos a incessantes mecanismos de excitação (TÜRCKE, 2010), cuja promessa de satisfação e gozo nunca é realizada. Sua função engendra um convincente arremedo de autonomia que, pelo contrário, tende a convencer o sujeito a aceitar as coisas como são.

A expressão “texto de leitura fácil” por natureza tende à despotencialização de um tema, discussão ou conceito. O vazio de sentido correspondente é preenchido por fórmulas de condicionamento (esquemas) que procuram transformar a aparentemente ingênua palavra “fácil” em um imperativo “é”. A sutileza desse mecanismo não é percebida em um primeiro momento, pois essas expressões passam pelos olhos e

ouvidos da audiência (por ser um vídeo) tão rapidamente que o pensar atento não parece uma exigência, ou então, revela a ausência do pensamento. A expressão “pensa” pelo sujeito, conduz o modo como ele deverá “entender” um determinado conteúdo. Em outros termos, tais expressões taxativas compõem uma parcela do processo de usurpação do esquematismo kantiano operado pela Indústria Cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Na resenha, a youtuber Isabella iniciou sua apresentação com os seguintes termos:

Cena 1 – Isabella Lubrano (apresentadora): *Olha só! Até agora nenhum livro que eu falei que ia ler fez tanto barulho nas redes sociais, no Facebook, no Instagram, quanto o livro que eu vou falar hoje. E não é pra menos, olha... essa é uma obra extremamente inteligente, fácil de ler, muito polêmica e não faltam governos que ainda proibam a divulgação dessa obra nos seus países. Mas eu acho que eu já “tô” falando demais. Solta a vinheta aí pra gente começar de verdade.*

O termo “fácil de ler”, enquanto uma espécie de esquema de entendimento, parece funcionar como uma ordem: “leia assim”, pois “é assim” – o que remete ao procedimento de obliteração da consciência pela semiformação, ou seja, o pensamento absorvido pelo *sentido único*. No ensaio *A Filosofia e os Professores*, Adorno (2010a) desenvolveu uma importante argumentação a respeito do potencial de resistência do pensamento e a relação deste com a filosofia. O ensaio problematizou alguns aspectos do processo seletivo (prova geral de filosofia) para contratação de docentes em ciências nas escolas superiores do estado de Hessen, na Alemanha (1959-1969). Os exames de admissão mostraram o modo amadorístico como alguns candidatos lidavam com o conteúdo denso da filosofia. Durante o exame, Adorno (2010a, p. 58) procurou compreender a mentalidade dos candidatos ao defenderem uma distinção equivocada entre filósofos “fáceis” e “difíceis”. A consciência dos candidatos procurava encontrar caminhos já trilhados, consolidados, ou seja, o que já foi dito e estabelecido como “oficial”: sintomas de uma consciência reificada pela especialização. A concentração especializada em um autor ou sistema filosófico, formalmente adaptada aos rituais acadêmicos, desvia o conhecimento da transformação histórica do problema filosófico.

O profissional especialista é limitado, pois seu pensamento não desliza para transpor e renovar a coisa, o material, o tema. A crença servil nas palavras de prestígio reforça o jargão da autenticidade, como a afirmação de que a obra de Orwell é “inteligente” seguida da expressão “fácil de ler”, como citado na Cena 1 da resenha. A falta de reflexão sobre o objeto anda de mãos dadas com a falta de discernimento

intelectual da ciência. Em seu lugar, a frase ideológica. A ausência pura e simples de reflexão intelectual associada ao estereótipo da visão de mundo oficialista demonstrou o que Adorno (2010a, p. 62) denominou de conformação dotada de afinidades totalitárias. O nazismo ainda vive não pela crença em suas doutrinas, mas por determinadas conformações formais do pensamento:

Entre estas enumeram-se a disposição a se adaptar ao vigente, uma divisão com valorização distinta entre massa e lideranças, deficiência de relações diretas e espontâneas com pessoas, coisas e ideias, convencionalismo impositivo, crença a qualquer custo no existente. Conforme seu conteúdo, síndromes e estruturas de pensamento como essas são apolíticas. Este talvez seja o aspecto mais sério do que estou procurando transmitir (ADORNO, 2010a, p. 62-63)

O aspecto apolítico dessas conformações do pensamento rompe o nexo entre objeto e reflexão: a ausência da *Bildung* (Formação Cultural) é substituída por declamações ideológicas decoradas. A Formação Cultural, por sua vez, exige o esforço espontâneo, o interesse, a disposição aberta e a capacidade de se abrir a elementos do Espírito (*Geist*), apropriando-os de modo produtivo na consciência. No contexto da relação entre professores e alunos, não é ocupar-se dos elementos do espírito apenas para aprender. A Formação Cultural requer amor, e o problema repousa justamente no defeito da capacidade de amar. Sem isso, não é possível o estabelecimento do vínculo pedagógico entre professores e alunos, e o ensino se converte em semiformação. A consciência semiformada do professor dará prosseguimento dessa deficiência nos alunos, o que para Adorno (2010a), foi a situação corresponsável pela desgraça nazista. Nos comentários da resenha audiovisual de *A Revolução dos Bichos*, a hostilidade entre os usuários com posições políticas e ideológicas discordantes impediu o desenvolvimento do diálogo, somente possível quando existe o elo afetivo do respeito. Parece haver um recorrente descaso com a linguagem enquanto expressão rigorosa do objeto. Ler um texto ou assistir um vídeo sem negar o que foi previamente pensado é o contrário da disposição para a emancipação: quando o sujeito se liberta do imediatismo das relações, que não são naturais em si, mas sim resíduos de um desenvolvimento histórico superado.

A confirmação da aceitação do esquema “texto de leitura fácil” através dos comentários pode ser interpretada pelo modo como os usuários pensam sobre o que seria uma aplicação prática das teses do socialismo na organização social: o totalitarismo é o único resultado.

Comentário 8 – Fernando: *Esse livro é a tradução do comunismo. E ainda tem gente que defende essa teoria macabra.*

Comentário 9 – Felipe: *Um intelectual de esquerda que segue censurado na COREIA DO NORTE E EM CUBA. Moça, como interpretar isso?*

Comentário 10.22 – Vitor (Em resposta a 10.21): *exatamente isso que eu ia escrever. As pessoas se iludem com as lindas teorias do socialismo achando que é bom para sociedade. Mas socialismo é interferência do Estado na economia e isso pode parecer bom, mas só gera desemprego e pobreza a longo prazo.*

Comentário 10.25 – Leandro (Em resposta a 10.22): *Exatamente. É incrível como essas pessoas pedem mais Estado em tudo sendo que todos nós sabemos que grande parte dos políticos são corruptos. Ai depois que vem uma crise colocam a culpa na "elite" ou no Capitalismo. Só rindo mesmo...*

Comentário 21 – Raul: *Ele não viveu a tempo para saber que o Socialismo também é Utópico.*

Comentário 22 – Isaac: *Não existe democracia num sistema coletivista onde o governo toma conta. A idéia de uma sociedade ideal onde todos sem exceção agem harmonicamente em prol do coletivo sem uma força externa os controlando é uma utopia tão narcisista quanto o nazismo.*

Comentário 25 – Érica: *O socialismo, sob qualquer ótica, é uma farsa.*

Comentário 32 – Aurélio: *O stalinismo não existiu, isso é só uma desculpa para dizer que o que aconteceu na Rússia não foi comunismo, mas está claro que o que aconteceu foi o comunismo. :)*

Comentário 55 – Nilton: *Socialismo minha filha termina sempre em totalitarismo ! senão me aponte um regime que fez um socialismo sem restrição das liberdades, agora aonde vc vê a restrição de liberdade na América? oras !!! qtas tolices, esquerdista sempre nega a realidade dos fatos históricos e qdo um regime socialista dá errado eles e coro repetem como um mantra ' esse não é o socialismo verdadeiro!'*

Comentário 56.4 – Kenyo (Em resposta a 56.3): *"Defender a liberdade e ser de direita, isso é contraditório". WTTTTF???? CUBA, COREIA, VENEZUELA SÃO DE DIREITAS?*

Segundo Adorno (2010b):

Em lugar do *temps duré*, conexão de um viver em si relativamente unísono que desemboca no julgamento, coloca-se um “É assim” sem julgamento, algo parecido à fala dos viajantes que, do trem, dão nomes a todos os lugares pelos quais passam como um raio, a fábrica de rodas ou de cimento, o novo quartel; sempre prontos para dar respostas inconsequentes a qualquer pergunta (ADORNO, 2010b, p 33)

Assim, a sugestão de que *A Revolução dos Bichos* é um “texto de leitura fácil”, parece subjacente a ideia de um descompromisso com o tempo e a memória da obra: o contexto histórico de sua elaboração, a posição política do autor e todo o esforço governamental de países como os EUA e a Inglaterra em adulterar a obra e despotencializar seu sentido crítico, desviando a importância do tema à mera propaganda anticomunista.

O “Socialista de Rara Lucidez”

Comentário 177 – Heraldo: *"O socialismo é um sistema que, como se diz, só funciona no Céu, onde não precisam dele, e no Inferno, onde ele já existe." Ronald Reagan resumiu bem o que é o socialismo.*

Onde falta a reflexão do próprio objeto, onde falta o discernimento intelectual da ciência, instala-se em seu lugar a frase ideológica, nos termos do deslumbramento daquela infeliz tradição alemã segundo a qual os nobres idealistas vão para o céu e os materialistas ordinários vão para o inferno (ADORNO, 2010a, p. 62)

A concepção atual de polarização política, cujas bases ideológicas remontam, em alguma medida, o estereótipo da divisão do mundo entre “nós” e “eles”, “bons” e “maus” e “direita” e “esquerda”, parece menos tributária a uma convicção sólida em defesa do interesse privado que o sujeito admite para si e sua relação com *o outro* (ou com o estranho – *outsider*) do que com a acomodação ideológica que a sustenta: o maniqueísmo grosseiro que reduz complexos processos socioculturais à mera opção binária de ou “isso” ou “aquilo” – um cárcere à consciência. A crítica cultural acerca do abandono do pensamento demonstra a quimera em que se transformou a própria cultura. No ensaio *Crítica Cultural e Sociedade* Adorno (1994) apresentou o seguinte argumento:

Mas a função das próprias ideologias vai-se tornando evidentemente cada vez mais abstrata. Está justificada a suspeita dos antigos críticos culturais, segundo a qual num mundo em que a educação é um privilégio e o aprisionamento da consciência impede de qualquer modo o acesso das massas à autêntica vivência das formações espirituais, não mais importam tanto os conteúdos ideológicos específicos quanto o fato de que simplesmente haja algo preenchendo o vácuo da consciência expropriada e desviando a atenção do manifesto segredo. É presumivelmente bem menos importante para o contexto social dominante quais as doutrinações ideológicas específicas que um filme sugere a seus espectadores do que o fato de que estes, ao voltarem para casa, estão mais interessados nos nomes dos atores e nos casamentos e casos amorosos (ADORNO, 1994, p. 87)

A suspeita de Adorno (1994) pode ser verificada a partir do seguinte comentário de um usuário da resenha:

Comentário 219 – Orlando: *O final do livro não chega nem perto de ser triste, quando eu tava nas últimas páginas tava quase morrendo de rir com as referências aos soviets, acho que a intenção do Orwell ao usar animais como metáforas era justamente fazer uma crítica acessível, visto quem no livro 1984 ele fez uma crítica à regimes autoritários de modo bastante semelhante porém com uma abordagem muito mais seca.*

Pouco importa o tema manifesto na obra – o confronto entre a liberdade e a barbárie –, desde que os personagens sejam administrativamente identificados com as formas caricatas típicas dos clichês da indústria fílmica. Os mocinhos e os bandidos devem sempre estar bem definidos para não dar margem a interpretações amplas e confundir a audiência. Não parece que essa foi a intenção de Orwell ao escrever *A Revolução dos Bichos*. A parábola do stalinismo é a potência inicial de uma discussão muito mais ampla acerca do paradoxo entre liberdade e coesão social, visto que seus personagens são do tipo anti-heróis. Essa demanda em categorizar os personagens e desviar a atenção do tema parece própria a um pensamento semiformado impedido de transcender os esquemas de entendimento.

Nesse contexto, uma expressão não deve ser ignorada no interior do conteúdo da resenha: a referência à Orwell como um “intelectual de esquerda de rara lucidez”.

Cena 5.13 – Isabella Lubrano (apresentadora): *Mas a boa notícia é que hoje em dia, muitos anos depois do fim da Guerra Fria, novas leituras estão sendo feitas sobre as obras de George Orwell. Inclusive essa edição aqui da Companhia das Letras é ótima... tem um apêndice sensacional com várias informações extras, que ajudam a entender que George Orwell..., ele foi mais que um escritor talentoso..., ele foi um intelectual de esquerda de rara lucidez, capaz de perceber, no momento em que aconteciam, as distorções políticas do seu tempo e que os historiadores demorariam décadas pra enxergar.*

A ambiguidade ao relacionar em uma mesma sentença os termos “intelectual”, “de esquerda” e “rara lucidez”, parece remontar o antigo rancor do guerreiro pelo monge, que embora fosse um servo, a sua qualificação acadêmica garantia-lhe certa estabilidade em cargos governamentais ao passo que permanecia longe de guerras. Um conflito de amor e ódio, de respeito pela condição intelectual acompanhado do desprezo pela incapacidade de se defender em um combate físico (ADORNO, 2000). No contexto da resenha, o termo “rara lucidez” provoca o curto-circuito em relação à Orwell que se declarava socialista: um autêntico *outsider*. O “obstáculo epistemológico” (BACHELARD, 2016) consiste na admissão rígida e ideológica de que toda e qualquer crítica ao capitalismo somente pode ter origem nas articulações dos “malvados” socialistas e comunistas. Orwell foi um contundente crítico da desgraça humana desencadeada pela exploração do trabalho dos mais pobres. Suas críticas duras, porem coerentes, foram direcionadas ao que ele denominou de imperialismo econômico inglês capitalista (a colonização da Índia e de países africanos), como também a distorção das teses do socialismo pela URSS stalinista, cujo ápice da barbárie resultou nos expurgos

comunistas com execuções sumárias do próprio povo russo em defesa de uma suposta ortodoxia revolucionária.

Orwell foi perseguido como intelectual político, passou fome e somente no final da vida, com o sucesso de *A Revolução dos Bichos* e de *1984*, que pôde gozar de certo conforto, pouco aproveitado devido à tuberculose que o matou aos 47 anos. E ao contrário do monge, Orwell não se intimidou diante da iminência da guerra, pois é sabido que ele lutou contra os fascistas de Franco na Guerra Civil Espanhola. Sobre a perseguição aos intelectuais, Adorno (2010a) teceu algumas considerações no ensaio *A Filosofia e os Professores*:

Que o termo “intelectuais” tenha sido difamado a partir dos nazistas, parece-me um motivo a mais para assumi-lo positivamente: um primeiro passo da conscientização de si mesmo é não assumir a estupidez como integridade moral superior; não difamar o esclarecimento, mas resistir sempre em face da perseguição aos intelectuais, seja qual for a forma em que esta se disfarça. Mas se alguém é ou não é um intelectual, esta conclusão se manifesta sobretudo na relação com seu próprio trabalho e com o todo social de que esta relação forma uma parcela (ADORNO, 2010a, p. 54-55)

A confirmação da aceitação do esquema “socialista de rara lucidez” pôde ser atestada através dos seguintes comentários de usuários da resenha audiovisual:

Comentário 6 – Carla: *Escreveu um livro magnífico, acreditou ter escrito uma história para mostrar que o socialismo tinha sido distorcido, mas a verdade é que o livro dele só prova que o socialismo será sempre esse animalismo. Como vc mesma disse, ele foi um intelectual da esquerda de rara lucidez. Porque a maioria não é. O conceito de liberdade em minha opinião, não existe absolutamente em nenhum dos polos. Acreditar que os poderosos permitirão que o socialismo seja implantado como o paraíso na Terra chega a ser mais do que inocente. O socialismo não é, não foi e nunca será a solução para a humanidade. Não acredito que a democracia, liberdade e justiça estejam ligadas a um movimento político, mas sim a alguns ideais humanos, e conectar um ao outro é a pior besteira que a Educação tem feito nas escolas. A única decepção que tive nesse livro, foi ao ler exatamente sobre essa explicação acerca do autor. Sua sátira ou fábula, é muito bem escrita e direta... a verdade é que se pode ver praticamente qualquer líder político com características fortíssimas do Napoleão. E da maioria das pessoas do mundo nos outros animais. Principalmente aqueles que são tão rapidamente silenciados como Bola de neve. Porque é isso o que acontece. Não existe revolução.... existe transformação. E se não for assim, vai acabar dando mer** como já bem descrito. Dividir para conquistar. Uma verdade dita mil vezes vira verdade. Educadores doutrinadores.... isso resolve os problemas do mundo? Não. Ensinar a pensar com autonomia sim. Eu tenho o direito à liberdade de pensamento. Não quero doutrinação ideológica nas escolas. Não podem alienar ideais humanos ou humanitários somente a um movimento político, pertencem à humanidade e ponto.*

Comentário 239 – Murilo: *li o outro livro dele lutando na Espanha, em 1937 e realmente um intelectual de esquerda de rara lucidez, ele chega em barcelona dominada pelos socialistas e se alista e vai pra linha de frente*

lutar contra franco, o general rebelde, capitalista, fascista apoiado pela aristocracia e burguesia (o que ele achava) que se levanta contra a Espanha socialista, foi pra linha de frente lutar pela liberdade, mas aos poucos começa a perceber que quem apoiava Franco não era tão monstro assim e quem apoiava os socialismo não era tão santo assim, avia um motivo de um lado tão grande da população ficar do lado de Franco e vio que o partido comunista da espanha com apoio da URSS, estava destruindo os anarquistas e socialistas que não se curvassem em tudo a eles, bom livro merece um vídeo. e no fim da vida dele ele não nutre muito amores pelo socialismo mas está mas para um ecologista anti consumista de hoje.

Em outra perspectiva de análise, o esquema “socialista de rara lucidez” funcionou como uma espécie de *desabonador universal do diálogo* – uma forma de generalização que hipostasia fraudulentamente uma expressão ou palavra com o objetivo de paralisar a mediação crítica. No lugar dos conceitos é disponibilizado um conjunto de clichês prontos para sugerir os comportamentos socialmente aceitos (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Palavras como vilão, vigarista, esquisito, estrangeiro, perdedor, louco, histérica e etc., usualmente denotam o perfil de personagens bem definidos por “termos operacionais” na produção fílmica da Indústria Cultural. Tais palavras se sedimentam como tabus comportamentais e estereótipos que substituem o pensamento reflexivo sobre o uso desses mesmos termos e sua atribuição desmedida aos indivíduos. Uma etiqueta depreciativa, universal e irremovível. O “socialista de rara lucidez” parece ser dessa mesma natureza ideológica. Em contrapartida, o “não-ideológico é o pensamento que não se deixa reduzir a *operational terms*, procurando, contudo, puramente ajudar a conduzir a própria coisa àquela linguagem que, de outro modo, a linguagem dominante bloqueia” (ADORNO, 1994, p. 86).

Uma estratégia comum àqueles que desejam se furtar ao diálogo consiste na tentativa de desqualificação, *a priori*, das concepções ideológicas e políticas de um provável interlocutor. A divisão rígida sugerida no esquema de entendimento (ou clichê) “nós” e “eles” confirma a dimensão do pensamento fragmentário incapaz de transpor as barreiras do real convencionado. Não parece haver o interesse franco pela discussão das possibilidades de uma nova forma de existência, mas somente a imposição de certezas defendidas com a convicção de quem acredita incondicionalmente no existente, que segundo Adorno (2010a, p. 62-63), revela a afinidade com tendências totalitárias apolíticas. Os comentários abaixo atestam essa premissa:

Comentário 9.14 – Felipe (Em resposta a 9.13): *você é comunista, não é mesmo?*

Comentário 9.15 – Sandro (Em resposta a 9.14): *Não.*

Comentário 9.16 – Felipe (Em resposta a 9.15): *então tá. Vou acreditar. Comunismo e o "socialismo totalitário" são a mesma coisa?*

Comentário 9.17 – Sandro (Em resposta a 9.16): *Comunismo é em linhas gerais um regime onde não existe estado. Totalitarismo, no lado oposto do espectro, depende de um estado forte, grande e que é incorporado geralmente por uma pessoa ou partido político.*

Comentário 9.18 – Felipe (Em resposta a 9.17): *você é comunista. Diz que não é, mas defende a ideologia, dizendo que ela não é totalitária.*

Comentário 9.19 – Felipe (Em complemento a 9.18): *alguém QUE NÃO É COMUNISTA gostaria de debater seriamente esse assunto?*

Comentário 9.20 – Sandro (Em resposta a 9.19): *Você afastou todas as pessoas interessadas com a sua petulância. Se reconhecesse a sua própria ignorância, talvez fosse alguém razoável para discutir o tema. Infelizmente não o é. Ah, só um detalhe, você não sabe o que é comunismo, e muito menos tem capacidade de identificar alguém que defenda esta ideologia.*

Comentário 9.21 – Felipe (Em resposta a 9.20): *você é comunista mesmo, com esse papo diversionista, de quem quer enrolar.*

Comentário 9.22 – Felipe (Em resposta a 9.17): *"Comunismo é em linhas gerais um regime onde não existe estado. Totalitarismo, no lado oposto do espectro, depende de um estado forte, grande e que é incorporado geralmente por uma pessoa ou partido político." Quando alguém quer defender o comunismo, escreve isso. Assim, protege a ideologia dos "marxistas vulgares", tipo stálin, mao e outros camaradas malvados.*

Comentário 9.23 – Sandro (Em resposta a 9.22): *Ideologias em geral se referem a organizações sociais utópicas. O comunismo não é diferente. O fato de vc acreditar que o comunismo já foi implantado (Na Rússia de Stálin, por exemplo) já demonstra a sua falta de conhecimento. O comunismo, como Marx e outros propuseram, nunca foi implantado. E muito provavelmente nunca o será. O seu problema é enxergar o espectro ideológico como uma linha dividida apenas em preto e branco, sem as suas diversas tonalidades, sem nuances. Não, não existe apenas uma forma de socialismo. O mesmo é válido para o Capitalismo, que não pode ser analisado como se fosse o mesmo desde o momento em que surgiu até agora. Ou seja, a sua incapacidade de perceber que as questões sociais são complexas, te impede de discutir de forma razoável. É por isso que essa é a última vez que me dou o trabalho de vir responder.*

Os demais comentários do fórum da resenha audiovisual de *A Revolução dos Bichos*

Muitos comentários são tributários do discurso oficial a respeito da obra de Orwell: propaganda anticomunista em favor do capitalismo. Com efeito, a questão central, que é o modo como ocorre a expropriação da força de trabalho de muitos para a manutenção de privilégios de poucos, sequer é colocada em discussão. Os termos oscilam entre formas de defesa e recusa de um tipo vulgar de maniqueísmo entre “bem e mal” ao situar o capitalismo em enfrentamento ao comunismo, como se no primeiro reinasse absolutamente a liberdade, enquanto que no segundo, o indivíduo somente poderia vislumbrar uma existência aniquilada pelo coletivo.

É preciso lembrar, novamente, que Orwell se declarava socialista, porém isso não o impediu de denunciar, por meio de suas obras e ensaios políticos, os crimes hediondos que o stalinismo cometeu em nome do socialismo, que segundo ele, jamais poderia ser associado à experiência soviética. Com efeito, o declínio da aliança entre EUA, Inglaterra e URSS após a Segunda Guerra, permitiu o uso inadequado de *A Revolução dos Bichos* como uma espécie de propaganda contra toda e qualquer tese socialista ou comunista, indistintamente consideradas análogas pelos leitores que não acompanharam os desdobramentos históricos e/ou teóricos ou as próprias advertências de Orwell sobre interpretações equivocadas de sua obra. Mais de setenta anos após a primeira publicação, persiste a noção de que *A Revolução dos Bichos* é fundamentalmente uma obra contra todas as formas de socialismo, servindo inclusive de material cultural tanto em prol de discursos ditos “liberais”, quanto aos explicitamente reacionários oriundos de indivíduos saudosos do período da ditadura militar no Brasil iniciada na década de 1960. Ao que parece, os esquemas “texto de leitura fácil” e “socialista de rara lucidez” confirmam a sedimentação de uma espécie de tabu a qualquer tese que seja oriunda da argumentação sobre as contradições do capitalismo tardio (ADORNO, 1994), cuja base material alicerça os aspectos teóricos da *Intelligentsia* burguesa (HORKHEIMER, 1980).

Algumas informações adicionais auxiliaram o exame do material. Dos 409 comentários examinados, 227 são apenas de elogios divididos entre gentilezas gerais, elogios à youtuber Isabella Lubrano, elogios específicos à resenha e outros ao canal *Ler Antes de Morrer*, como se pode verificar na tabela abaixo e na consulta ao Apêndice II C – Protocolo III – Planilha de Registro de Comentários:

Quadro 1. Comentários com elogios.

Tipo de Comentário	Quantidade (em 409 comentários)	%
Elogio genérico (parabéns; excelente; etc.)	18	4,4
Elogio à Isabella Lubrano ⁹⁸	32	7,82
Elogio à resenha literária audiovisual	116	28,36
Elogio ao canal Ler Antes de Morrer	61	14,91
TOTAL	227	55,5

Fonte: dados da pesquisa.

⁹⁸ Desses elogios, alguns são referentes à aparência de Isabella Lubrano, acompanhados de grosserias travestidas de elogios: **Comentário 174** – Milton Filho: “Vc é tão linda e inteligente que até sua vesguice é charmosa ! Obrigado pela explanação do assunto ! Bjo sua linda”.

Seria possível inferir que estes elogios, em última instância, atestam a concordância dos usuários em relação ao conteúdo da resenha? Uma resposta segura a esta indagação demandaria uma pesquisa empírica por meio de entrevistas, na qual a opinião de cada usuário do canal pudesse ser interpretada. Dado o teor áspero de certos comentários, estes elogios parecem um sinal de aceitação. Dos 409 comentários, 182 se dedicaram a expor alguma ideia sobre o contexto da resenha. Infelizmente, muitos manifestaram apenas ódio e rancor ao pensamento divergente.

É preciso ressaltar que a resenha possui méritos que não foram ignorados ao longo dessa exposição, mas por se tratar de um conteúdo intelectual com certa pretensão educativa, a participação da youtuber Isabella Lubrano nos comentários deveria ser mais decisiva e incisiva sobre os excessos dos apetites dos usuários.

Os próximos comentários de usuários apresentados⁹⁹ serão divididos em cinco categorias: A resenha consumida como material didático ou vídeoaula; A polarização política entre direita e esquerda; Comentários deliberadamente equivocados sobre Orwell e o contexto de sua obra; Comentários que se esforçaram através da argumentação mesmo sob ataques grosseiros; Comentários que procuraram ampliar o debate: indícios de esclarecimento e resistência.

A resenha consumida como material didático ou vídeoaula

Este aspecto talvez seja o mais importante em termos de pesquisa da presente tese, uma vez que a resenha audiovisual parece ser consumida por muitos alunos que, na escola, tiveram contato com o livro de *A Revolução dos Bichos* e procuraram na internet recursos para “sintetizar” os elementos mais importantes¹⁰⁰. Uma resenha, como discutido anteriormente, sempre será um recorte arbitrário de determinada obra. Esta, por sua natureza, não pode ser substituída por uma breve apresentação a não ser para provocar a curiosidade do leitor.

Comentário 13 – Lino: *Uma aula de história! Cada dia mais apaixonado por esse canal! Parabéns!*

Comentário 14 – Ciro: *Ganhou um inscrito. Li e adorei o livro e logo vim para a internet procurar análises, pra minha grata surpresa, encontrei este*

⁹⁹ Os comentários foram transcritos na íntegra, sem correções de qualquer natureza.

¹⁰⁰ Na introdução desta tese foi apresentada a origem do interesse pelo estudo das resenhas literárias audiovisuais acerca do livro *A Revolução dos Bichos*: uma aula de sociologia que foi tumultuada por argumentações fundamentadas nos vídeos e comentários de usuários das resenhas audiovisuais disponíveis no *YouTube*.

vídeo.

Comentário 40 – Bianca: *Você não sabe como foi maravilhoso encontrar seu canal neste momento! rrsr! Acabei de ler o livro, e assim que terminei fiquei com a impressão "ué, George não é socialista?!". A história (do livro) pode ser interpretada de várias formas, e é muito fácil os leigos (como eu) acreditarem que Orwell quer nos mostrar como "os bandeiras vermelhas" são "maus". Agora, depois de assistir seu vídeo, é que consegui enxergar as críticas aos governos totalitários e descobrir que sim, George é socialista. Agora posso enfrentar minha difícil missão de tentar defender Napoleão em um júri simulado (mesmo eu querendo, com certeza, condena-lo) muito mais "esclarecida". Beijos, e parabéns pelo canal!!*

Comentário 45 – João Pedro: *Meu Deus que videos foi esse e como é que eu não conhecia essa menina? Amei a aula de historia, amei o livro, amei tudo!*

Comentário 87 – Cauê: *ainda bem que nesse canal tem todos os livros que eu vou precisar ler esse ano na aula haha.*

Comentário 113 – Lucimar: *Sensacional, amei sua resenha <3 Salvando meu trabalho de sociologia HAHA Inscrita.*

Comentário 116.2 – Evair (Em resposta a 116.1): *sem dúvida isa,minas é o berço de uma cultura riquíssima,até na poesia,com tomás antônio gonzaga,cláudio manoel da costa,carlos drummond de andrade,e outros escritores,como pedro nava ,não li todos,confesso rrsr.mas sim,gosto muito de minha terra e adoro a revolução dos bichos-simboliza o quão perigoso é quando o poder se concentra nas mãos de uma pessoa só,mesmo que a revolução tenha bons ideais.Aliás,aconteceu isso em quase todas as revoluções já feitas.Bem,como gosto e sou estudante de história,sempre comento isso rrsr Acho que o livro também pode servir não só pra URSS,mas para outros,como a Alemanha nazista ou a Itália fascista. Um beijo daqui de minas e obrigado pelo comentário vou continuar sempre que posso,acompanhar o canal.*

Comentário 135 – Lúcia: *Acabei de receber uma aula, extraordinaria de literatura estrangeira!!! Obrigada e Parabénsssssss!!!! Fico muito feliz quando vejo jovens, como você, fazendo a diferença!!!! Mais uma vez, parabénsssssssssss.....*

Comentário 137 – João Maurício: *Gostei mto, me ajudou bastante, minha professora de economia vai passar prova sobre isso, então li e busquei mais explicações sobre o livro e seu canal me ajudou! :-)*

Comentário 140 – Carlos Henrique: *Parabéns, jovem, e estarei recomendado seu canal para os meus alunos. Bjs*

Comentário 148 – Ivana: *Sua resenha me ajudou muito, estou estudando esse livro no Plano de Leitura da minha escola, e eu não estava conseguindo fazer a relação dele com a Revolução Russa. Obrigada pela ajuda :)*

Comentário 173 – Marco Antônio: *Muito bacana o teu trabalho. A edição ficou boa. Vou usar na sala de aula como exemplo de canal útil. Gostei principalmente da tua estratégia de financiamento, supercoerente. Ah, e o melhor de tudo: a Polonaise de fundo. Casou muito bem.*

Comentário 181 – Carla: *Amo seus vídeos, eles são aulas para os nossos olhos. parabéns!*

Comentário 230 – Amélia: *Amei sua resenha. Vou indicá-la aos meus alunos de história.*

Comentário 237 – Raquel: *Li esse livro na adolescência e, embora estivesse tendo algumas matérias de história relacionadas ao comunismo e socialismo, compreendi mais algumas coisas ao assistir a sua resenha. Muito boa! Parabéns!*

Comentário 246 – Manoela: *Já tinha lido esse livro duas vezes, e terei uma prova sobre ele. Assisti ao vídeo anotando o que você falava, consegui quatro páginas de anotações, e suas observações sobre o socialismo, o autor, e a proposta original da obra me ajudaram muito. Obrigada por mais esta resenha incrível, Isa!*

A procura pela resenha audiovisual como material didático ou videoaula parece atender a alunos e professores. Os comentários acima foram contundentes a esse respeito. Os usuários/alunos afirmaram: *“Uma aula de história!”*, *“Li e adorei o livro e logo vim para a internet procurar análises, pra minha grata surpresa, encontrei este vídeo”*, *“Agora, depois de assistir seu vídeo, é que consegui enxergar as críticas aos governos totalitários e descobrir que sim, George é socialista”*, *“Amei a aula de historia, amei o livro, amei tudo!”*, *“ainda bem que nesse canal tem todos os livros que eu vou precisar ler esse ano na aula haha”*, *“Salvando meu trabalho de sociologia”*, *“me ajudou bastante, minha professora de economia vai passar prova sobre isso”*; os usuários/professores disseram que pretendem recomendar o canal a seus alunos: *“estarei recomendado seu canal para os meus alunos”*, *“Vou usar na sala de aula como exemplo de canal útil”*, *“Amei sua resenha. Vou indicá-la aos meus alunos de história”*. E o canal deve ser mesmo recomendado, visto a qualidade do material intelectual disponível. No entanto, parece importante que os professores não abram mão da *mediação pedagógica* acerca dos conteúdos das resenhas, assim como não deve ser suprimida a necessidade da leitura dos livros e a busca por mais informações sobre seus contextos históricos e autores.

Os usuários que parecem consumir a resenha como material didático concordam com qual perspectiva acerca da obra e da vida de Orwell? Quais afinidades estão subjacentes quando é escrito por um usuário *“acabei de receber uma aula”* (comentário 135)? A mesma de um aluno para um professor que lhe inspira admiração ou respeito acadêmico? Quais as implicações, se é que existem efetivamente, que os esquemas *“texto de leitura fácil”* e *“socialista de rara lucidez”* desempenharam no processo formativo desses usuários? Os outros comentários, quando lidos, também teriam condições de influenciar as convicções ainda não consolidadas dos *“indecisos”*? Por essa razão, defende-se a ideia de que, no contexto da resenha, a responsabilidade pela *“mediação pedagógica”* entre a apropriação indevida e o conhecimento verificável seja daquela que a produziu: a youtuber Isabella Lubrano. É o indício de honestidade e compromisso intelectual com o objeto bem como com os usuários do canal. No entanto, a youtuber evitou os embates nos comentários e se limitou a agradecer e responder sem provocações.

Embora a divisão dos comentários em categorias tenha por objetivo situar certas questões, o exame sobre o uso da resenha audiovisual como material didático não pode ser dissociado dos demais aspectos observados no material empírico. A despeito dos

fragmentos a que foi submetido o objeto, somente pela relação mediada desses aspectos parece possível uma interpretação que respeite suas características imanentes.

A polarização política entre direita e esquerda

Como são muitos os comentários que permitem o exame na perspectiva da polarização política, foram selecionados aqueles que de modo manifesto demarcaram as posições ideológicas e políticas. Os destaques foram os comentários que deliberadamente defenderam como verdades as adulterações sobre a obra e a vida de Orwell, como também aqueles que, ao contrário, procuraram refletir e problematizar sobre as falsas apropriações. Não há nos comentários uma tentativa de conceituar o que se quer dizer com os termos “direita” e “esquerda”. Eles são simplesmente admitidos e usados para qualificar/desqualificar os comentários dos usuários entre si. De “direita”, parecem ser os capitalistas, liberais, monarquistas, saudosos da ditadura brasileira e admiradores dos EUA, Canadá, Inglaterra, Alemanha, França e países escandinavos; de “esquerda”, os socialistas, comunistas, marxistas e admiradores da URSS, China, Cuba, Coreia do Norte e Venezuela. Essas generalizações apressadas misturam no mesmo bojo os fundamentos teóricos das teses de Marx e o socialismo real da URSS, sendo este último considerado o efeito de uma suposta aplicação direta do primeiro.

No mesmo sentido, atribuiu-se vida “ao mercado”, como uma espécie de entidade autorreguladora absoluta e inquestionável aquém dos interesses particulares, mas piedosa com os que “trabalham duro”. Adam Smith e Alexis de Tocqueville sequer são lembrados para auxílio no embasamento de algumas afirmações em prol do liberalismo e do capitalismo. Há uma breve discussão nas respostas ao comentário 7 sobre as teorias do economista austríaco Ludwig Von Mises. A partir do comentário 10, os usuários abordam brevemente a influencia do economista britânico John Maynard Keynes na elaboração das medidas de intervenção do Estado na economia dos EUA: o *New Deal* (1933-37 – política de recuperação da economia norte-americana após a Grande Depressão ou Crise de 1929). Os comentários a seguir cristalizam o ambiente de confronto e intolerância com o pensamento divergente.

Comentário 1 – André: *O problema é que o Socialismo cria necessariamente coerção e autoritarismo Ideais Socialistas sempre vão contra liberdades individuais Dividir nunca vai ser a solução ,e sim multiplicar.*

Comentário 3 – Antônio: *"Quem nunca foi socialista na juventude ã tem*

coração e se continuar sendo depois disso é porque ñ tem cerebro." alguém falou isso e eu concordo.

Comentário 4 – Roberto: *Este livro eh muito legal e explica a porcaria ideológica da esquerda mundial. Sempre a mesma conversa do verdadeiro socialismo kkkk como sempre fracassam querem dizer que nunca foi bem empregado.*

Comentário 4.3 – Acácio (Em resposta a 4): *" Este livro eh muito legal e explica a porcaria ideológica da esquerda mundial" Tu não entende porra nenhuma, ou pior, ainda entende o oposto do que o autor quis dizer. O livro é uma clara crítica ao TOTALITARISMO e a falta de liberdade de expressão (Como aconteceu no Stalinismo e como aconteceu na NOSSA ditadura militar brasileira (de DIREITA). Se você já leu o livro então você é um analfabeto funcional. Me diz aí então o que representam os personagens "Sr. Jones", "Porco Major" e "Porco Bola-de-Neve"; e qual a conotação dada a eles pelo autor. Me diz tbm, pelo amor de deus o que vc entendeu da ÚLTIMA FRASE do livro: "As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco."*

Comentário 4.4 – Sérgio (Em resposta a 4): *Tem outra o George orwell era socialista.*

Comentário 4.5 – Roberto (Em resposta a 4.4): *socialismo é utopia só idiota acredita nesse tipo de coisa.*

Comentário 4.6 – Sérgio (Em resposta a 4): *entao vc acredita que George Orwell era idiota?*

Comentário 4.7 – Roberto (Em resposta a 4.6): *ele era inteligente, tanto que critica o socialismo no livro. Você fala que ele era socialista, mas ele é um socialista de uma utopia de igualdade algo impossível de se alcançar.*

Comentário 4.8 – Sérgio (Em resposta a 4.2): *vc disse "Todo socialista é retardado "*

Comentário 4.9 – Roberto (Em resposta a 4.8): *apelei na palavra. Ele é um cara inteligente, mas com uma mentalidade ´retardada´ ou inocente quanto uma sociedade politica que funcione. Utopia da pessoa acreditar no socialismo pleno em nações regidas com igualdade e blá blá blá. Quem vai ser pedreiro ou puxar enxada em uma sociedade onde todos somos iguais???*

Comentário 4.10 – Sérgio (Em resposta a 4.9): *e seria o capitalismo a mentalidade certa ?*

Comentário 4.11 – Roberto (Em resposta a 4.10): *só a competição faz o mundo desenvolver.*

Comentário 4.12 – Sérgio (Em resposta a 4.11): *faz o mundo desenvolver pra quem ? para uma minoria só para se ter noção,50% da população brasileira não tem saneamento básico.*

Comentário 4.13 – Roberto (Em resposta a 4.12): *Desde quando isso é culpa do capitalismo? A minha cidade tem quase 100% de saneamento básico é a segunda do país e o governo só tira dinheiro daqui pra colocar no norte de nordeste nesse caminho vão roubando até não sobrar nada. Se não tem saneamento básico, saúde, educação entre outras coisas é pq o governo rouba tudo com um discurso esquerdista de distribuição de renda, não tem nada de culpa do capitalismo.*

Comentário 4.14 – Sérgio (Em resposta a 4.13): *algo que se perpetua desde o começo do brasil como a desigualdade social com certeza é culpa do PT, afinal de contas o PT inventou a Corrupção.*

Comentário 4.15 – Roberto (Em resposta a 4.14): *não inventou, mas que roubam como se não houvesse amanhã isso é verdade. PT é um lixo se você gosta tem merda na cabeça.*

Comentário 4.17 – Lúcio (Em resposta a 4.3): *Socialismo e autoritarismo são palavras sinônimas ... Ou você já viu um regime socialista que não fosse autoritarista e tirano?? Se já viu, poderia dizer qual foi ?*

Comentário 4.18 – Cláudio (Em resposta a 4): *Impressionante como eles fazem a merda, saem todos sujos da cagada e aos GRITOS proclamam que o*

socialismo foi distorcido e lá vão recomeçar o ciclo de reconstrução até cagarem novamente. Aff.

Comentário 4.19 – Tiago (Em resposta a 4): *Bem coxinha você, direita extrema pelo o que vejo.*

Comentário 10.3 – Leila: (Em resposta a 10.2): *O Capital é algo que qualquer um adquire trabalhando, desde o industrial até o pipoqueiro.*

Comentário 11.3 – Osmir (Em resposta a 11.2): *E ser de esquerda é ser idiota ?*

Comentário 11.6 – Ângela (Em resposta a 11.3): *Sim é ser idiota.... Vou tentar te explicar, é muito comum pessoas de esquerdas um dia perceberem como eram idiotas por serem de esquerdas, o inverso não acontece, geralmente o esquerdismo vem por falta de informação, ou por doutrinação (Um exemplo a escola USP tende fazer vc ser um esquerdista imbecil) muitas pessoas de esquerda são de esquerda pela simples vontade de "fazer amizades". Ou seja, algumas pessoas vão terminar de esquerda pra sempre, outras vão se livrar por sorte. A pessoa de esquerda é idiota, mas ela não sabe que é, assim como um adolescente, não consegue entender que os pais delas não são chatos, mas são mais sabios que ela. Uma pessoa ja vivida e com certa intrução e conhecimento, com la seus 40 anos, se nunca foi de esquerda, ela jamais vai correr o risco de se esquerdar, pois ela não corre mais chance de ser uma idiota, pois não é influenciavel por amigos, professores, ou msm propaganda de midia. Bjos*

Comentário 248 – Leonel: *Critica o socialismo? Gostei kkkk*

O clima de hostilidade e sarcasmo que perpassa por muitos comentários não parece propício a debates afeitos ao diálogo. Socialistas, comunistas e esquerdistas são utopistas e idiotas. Liberais, capitalistas e direitistas são coxinhas e extremistas. O usuário que escreveu o comentário 4.3 realizou uma contestação que sequer foi debatida: “*O livro é uma clara crítica ao TOTALITARISMO e a falta de liberdade de expressão (Como aconteceu no Stalinismo e como aconteceu na NOSSA ditadura militar brasileira (de DIREITA)*”. Pelo contrário, a defesa das certezas prontas e os estereótipos de acomodação ao vigente sobrepujaram qualquer discussão. O comentário 10.3 atesta a afirmação anterior: “*O Capital é algo que qualquer um adquire trabalhando, desde o industrial até o pipoqueiro*”.

A tabela abaixo mostra o descaso com o critério mínimo de bom senso ao se publicar um texto em rede e a completa impossibilidade do estabelecimento do elo afetivo de respeito mútuo entre muitos usuários:

Quadro 2. Incidência de termos pejorativos, xingamentos, grosserias e estereótipos presentes nos comentários.

Palavras ou Termos	Quantidade (em 409 comentários)	%
Utopia/Utópico (socialismo/comunismo)	26	6,36
Idiota	20	4,89
Merda	5	1,22
Imbecis	4	0,98
Coxinha	3	0,73

Lixo	3	0,73
Porcaria	3	0,73
Retardado	3	0,73
Burro/Burriche	2	0,49
Cagada/Cagarem	2	0,49
Animal	1	0,24
Caralho	1	0,24
Comunistas filhinhos de papai	1	0,24
Esquerdopatas	1	0,24
Fantasia	1	0,24
Lambedor de botas do Che Guevara	1	0,24
Porra	1	0,24
PQP (Putaquepariu)	1	0,24
Socialistazinha de condomínio	1	0,24
Vesguice	1	0,24
TOTAL	81	19,80

Fonte: dados da pesquisa.

O termo utopia/utópico povoou a base sob a qual muitos usuários desqualificaram qualquer tese dita de esquerda. Mas, como o próprio conceito de esquerda e direita, não houve o esforço argumentativo para atualizar essa categoria. Sobre o conceito de utopia, na obra *História das Ideias Políticas* Châtelet, Duhamel e Pisier (2009) trataram de algumas considerações sobre a relação entre socialismo e utopia.

A condenação dos universos concentracionários é uma coisa; a condenação da utopia, outra. A pressa com a qual alguém se contenta com a última deve inspirar desconfiança, a partir do momento em que não se percebe seu verdadeiro alcance ideológico. Tanto à direita como à esquerda, e mesmo levada pelas melhores intenções, a condenação da utopia serve à glória do realismo político e, em última instância, da razão de Estado. Na raiz da posição utópica, há uma atitude de *revolta* diante do estado de coisas estabelecido (CHÂTELET; DUHAMEL; PISIER, 2009, p. 131)

Os “socialistas utópicos” (Fourier, Leroux, Cabet, Owen e Louis Blanc) foram contrapostos pelo socialismo científico marxista: segundo Marx e Engels, apenas o método do materialismo histórico dialético detinha as condições epistemológicas, teóricas e práticas para pretender ser científico. Nesse sentido, as demais “teorias socialistas” configuravam um socialismo *pré-marxista*, cuja “utopia” pode ser traduzida em ingenuidade, irrealismo, idealismo, moralismo, metafísica e até religião. Esses termos ostentam um caráter de descrédito visto a afeição ao método e verificação científicos tão caros aos pensadores do século XIX. No âmbito da resenha, pode-se dizer que alguns usuários perpetuam a alcunha de utopia ao sistema marxista sem

problematizar o método tampouco seus conceitos.

Alguns comentários parecem dedicados exclusivamente a grosserias:

Comentário 4.1 – Acácio (Em resposta a 4): *Burro pra caralho, parece que não assistiu o vídeo.*

Comentário 4.2 – Roberto (Em resposta a 4.1): *já li o livro não entro no mérito do vídeo. Todo socialista é retardado se você se enquadra parabéns pela escolha!*

Comentário 4.16 – Daniel (Em resposta a 4.14): *va lamber as botas de che guevera...*

Comentário 11.16 – Verônica (Em resposta a 11.15): *Esquerdismo é idiotice, sim.*

Comentário 239.3 – Celso (Em resposta a 239.2): *O único meio é extirpar o socialismo da face da terra, torná-lo algo contra a humanidade como fizeram com o nazismo. Só assim o mundo poderá ter mais estabilidade social.*

Comentário 248.1 – Cassiano (Em resposta a 248): *chora mais coxinha.*

Comentário 248.2 – Leonel (Em resposta a 248.1): *Não sou direita seu animal, eu sou libertário, ou seja, sou contra o governo e a favor da liberdade individual.*

Comentário 259.2 – Jair (Em resposta a 259): *O cara era ingênuo e não sabia o que está acontecendo hoje kkkkk, o movimento comunista não acabou, marx era um bosta já não dá pra considerar literatura mein kampf e o capital são iguais, sorry.*

O “estalar do chicote autoritário” (ADORNO, 2008a, p. 67) é defendido sem qualquer cerimônia. O comentário 239.3 revela o desejo sádico do extermínio do divergente, do diferente, em suma, do outro. Curiosamente o usuário pensa que o socialismo deve ser tratado como ideologia contrária à humanidade tal como o nazismo, porém, parece que não concebeu que a prática de extermínio (pois ele diz: “*O único meio é extirpar o socialismo da face da terra...*”), seja qual for a motivação (política, racial, econômica), é a manifestação acabada da barbárie, que retira seu sustento dos preconceitos delirantes, da repressão, do genocídio e da tortura (Adorno, 2000).

Comentários deliberadamente equivocados sobre Orwell e o contexto de sua obra

Fraude, má fé, desonestidade intelectual ou ingênua ignorância? Em uma época em que os livros não são mais queimados (no Brasil, por enquanto) e o conhecimento difundido na rede mundial de computadores está um “click” de distância, parece impensável que deliberadamente os indivíduos violem os critérios mínimos de coerência e rigor teórico ao debaterem temas literários de cunho político. O aspecto enganoso pelo qual alguns usuários procuram justificar suas posições parece similar ao narcisismo da personalidade autoritária anti-intelectualista, que faz de si mesmo um

agente autorregulador e medida de todas as coisas à revelia do que já foi produzido e reproduzido como Cultura. E o mais curioso é que esse sujeito acredita na própria enganação que faz de si e das coisas.

Comentário 5 – Rafael: *Quanta bobagem. Não há socialismo democrático. Pois para que haja socialismo, é necessário a supressão da liberdade individual, pois dela surgem as desigualdades. Salvador Allende, por exemplo, contava com milhares de "consultores" cubanos, antes de 73. Só não estabeleceu um regime como o de Cuba, pois não obteve o poder total que Castro conseguiu... Esse povo estuda muito livros de história brasileira escritos por petistas e não sabem nada de história do mundo...*

Comentário 5.1 – Carlos (Em resposta a 5): *Amigo, petista escrevendo livro de história...? Vai ler livros em outras línguas então, depois volta e apaga seu comentário.*

Comentário 56 – Gilmar: *George Orwell não era socialista! Era um anti-comunista ferrenho mesmo que convertido! Interpretação errada e vídeo irresponsável. Deveria de ser apagado! GEORGE ORWELL NÃO ERA ESQUERDISTA, CONVERTEU-SE A DIREITA DURANTE SUA JUVENTUDE!*

Comentário 166 – Rayane: *É uma crítica excelente, se não me engano "George" era um trotskista que morreu "social democrata" ...já sei kkk social democrata, não é lá grande coisa, um liberal é grande coisa... (os vermelhos ficam loucos kkk), mas ele escreveu a melhor crítica contra o comunismo . A revolução dos bichos deveria ser conteúdo de ensino fundamental, mas como aqui é "Brasilis" não costuma ser. "Cássia" "tamo" juntas.*

Comentário 239.4 – Jeremias (Em resposta a 239.3): *Na sua opinião qual a comparação do impeachment com o livro revolução dos bichos ?*

Comentário 239.5 – Celso (Em resposta a 239.4): *Simples... os porcos não qrem deixar o poder e estão vendo os outros animais se rebelando, já odiosos do q estão presenciando e se vendo como escravos do poder do Estado!*

Comentário 250 – Anselmo: *Comentário de Goldstein 1984 em outro vídeo sobre o livro: Algumas semelhanças com nossa triste realidade: 1. O PT, assim como os porcos, reescreve a história: as idéias que eram de Bola de Neve agora são todas de Napoleão (Lula). 2. Aos poucos, os mandamentos vão mudando, assim como nosso STF, nosso congresso e o aparelhamento do Estado. 3. Os porcos vão ficando cada vez mais ricos e "mais iguais" (Petrolão está aí) 4. Impera a política do MEDO. Está ruim? Vcs querem que Bola de Neve (FHC) volte?" Tudo era muio pior antigamente..." 5. Os animais são comprados com ração e 1 maça para cada (bolsa família). 6. A propaganda anti Bola de Neve e pró Napoleão é incrivelmente eficiente, todos acreditam: FHC quebrou o país 3x; Lula criou o Bolsa Família; Dilma controla a inflação e o país cresce; Dilma investiga. 7. Os opositores são todos massacrados: seja quem for são coxinhas, tucanos, elite golpista e querem a volta de Bola de Neve 8. Os porcos tornam-se a verdadeira elite! (Lula, Dirceu, Dilma, Genoíno)! Sem contar que se trocar as palavras "camaradas" por "companheiro" fica ainda mais semelhante. Enquanto isso os Sansões (trabalhadores classe média) continuaram trabalhando ai da mais para no final ter o mesmo fim!*

Divergir de posições ideológicas e políticas faz parte do jogo democrático e permite a possibilidade de pensar em consensos. Mas a desonestidade intelectual acompanhada da eliminação da memória implica em preocupantes sinais que indicam a presença de personalidades rígidas e regressivas entre os usuários. No comentário 5, o

usuário faz menção ao governo socialdemocrata de Salvador Allende (1970-1973) que contava com “consultores” cubanos, e que só não transformou o Chile em “Cuba” devido à pouca adesão do “povo” chileno. O que não foi dito é que Allende foi deposto por meio de um golpe de estado orquestrado pelo general das Forças Armadas Augusto Pinochet, que deflagrou uma das ditaduras de direita mais violentas das Américas. E o usuário continua em sua visão estereotipada e polarizada: “*Esse povo estuda muito livros de história brasileira escritos por petistas e não sabem nada de história do mundo...*”. Mas esse comentário, felizmente, não passou despercebido. No comentário 5.1, outro usuário retrucou: “*Amigo, petista escrevendo livro de história...? Vai ler livros em outras línguas então, depois volta e apaga seu comentário*”.

O comentário que apresentou o maior flagrante de adesão às adulterações sobre Orwell e sua obra foi o de número 56: “*George Orwell não era socialista! Era um anti-comunista ferrenho mesmo que convertido! Interpretação errada e vídeo irresponsável. Deveria de ser apagado! GEORGE ORWELL NÃO ERA ESQUERDISTA, CONVERTEU-SE A DIREITA DURANTE SUA JUVENTUDE!*”. Além da falta de cuidado com a escrita formal, o usuário ou desconhece completamente o contexto da vida de Orwell ou apenas usou de uma má fé desproporcional para provocar dissabores e reforçar a fraude intelectual.

Comentários que se esforçaram através da argumentação mesmo sob ataques grosseiros

Comentário 4.20 – Beatriz (Em resposta a 4): *Na verdade ao produzir esta obra, George Orwell não estaria criticando o socialismo em si e sim o seu maior mal que faz com que o socialismo seja distorcido e tenha fracassado, que seria dos bichos que fizeram a revolução, preferirem estar no lugar de seus dominantes ao invés de escolherem a igualdade de todos os seus semelhantes, isto faz com que o sistema não mude, pois o que estaria acontecendo seria apenas uma troca de lugar no poder. Como dito no vídeo, o livro possui várias formas de serem interpretadas, fazendo com que a oposição do socialismo usasse a própria obra, contra ela mesma, dando a entender que praticar o socialismo é algo falho e que irá fracassar. Ele apenas fracassa por estas distorções que ocorrem, por parte de um grupo corrompido pelo individualismo que fazem a revolução apenas para ter o conforto no poder e por parte da classe dominante, que vai fazer de tudo para impedir o socialismo, pois querem ter tudo para eles e acham aterrorizante ter de dar o direito de todos serem iguais.*

Comentário 4.21 – Cláudio (Em resposta a 4.20): *Que comentário fraco. O socialismo nunca dará certo pelas razões que você já mencionou: -- é contra o "individualismo", que é a base da "liberdade"; e -- impõe a "igualdade". A igualdade de classes não funcionou (nem funcionará) na Coreia do Norte ou Cuba, mesmo totalitárias como são, muito menos na democracia. Você é nova, ainda dá tempo de aprender que todos os tiranos da história se*

basearam neste seu argumento de que "falharam" na construção de um "mundo melhor" ou "não entenderam o socialismo", por isso deu errado. Entenda, garota: NÃO EXISTE ESSE MUNDO MELHOR OU IGUAL PARA TODOS! Fuja disso, SOCIALISTAZINHA DE CONDOMÍNIO!

Comentário 4.22 – Beatriz (Em resposta a 4.21): *Sim isto que você disse é verdade, o socialismo foi falho, nunca conseguimos aplicar sua verdadeira essência em nenhum lugar do mundo, por isso eu falo da ideia e não do homem, porque o ser humano é falho. Se nós olharmos em volta, também veremos que o nosso sistema de vida atual também é falho, estamos em um sistema onde o ter é mais importante do que o ser, onde o mercado e o consumismo com suas superproduções, vem destruindo os nossos solos, nossas saúdes, e tudo isso apenas pelo dinheiro e conforto de uma minoria que é sustentada por nós trabalhadores. Tudo o que quero é que deixemos de pensar como status social, ou que deixemos de rotular as pessoas, seja anarquistas, socialistas, direitistas, esquerdistas o que for, veremos que antes de sermos algum 'ista' nós somos Seres Humanos, vejamos, se somos da mesma espécie, porque ainda temos que viver em desigualdade mesmo depois de tantos anos e erros passados? Será que já não teríamos conhecimento e tecnologia suficiente para vivermos em igualdade?*

Ao usar a expressão “socialistazinha de condomínio”, o usuário do comentário 4.21 deixou clara sua crença em outro clichê amplamente difundido com o intuito de denegrir e desabonar quem argumenta com o objetivo de expor o modo como o socialismo (teórico) foi deturpado pelo regime stalinista. O socialista seria o jovem inconsequente que deseja um mundo onde todos são iguais e livres para fazerem ou não o que quiserem, inclusive, rejeitar o trabalho. Assim, um socialista somente pode sê-lo enquanto for sustentado por seu pai – o digno trabalhador capitalista que provê os meios para manter o jovem socialista “pensando” e “divagando” em como alcançar esse objetivo utópico, ou seja, irrealizável. Assim, o socialista é um completo inútil sonhador que deveria “arranjar um serviço”. O curioso é que o mesmo usuário não se incomoda em defender a ideia de que o mundo nunca será igual para todos, aceitando como se fossem naturais e não socialmente produzidas, as desigualdades sociais.

Comentários que procuraram ampliar o debate: indícios de esclarecimento e resistência

Alguns usuários pacientemente optaram pela fundamentação e pelo debate respaldado na argumentação e no respeito ao pensamento divergente. Em contraste com os demais comentários, estes são necessariamente longos, pois do contrário, não haveria a possibilidade de uma discussão razoável acerca das controvérsias envolvidas na vida e na obra de Orwell, como também dos aspectos geopolíticos e ideológicos de seu tempo.

Comentário 7 – Miguel: *Bom vídeo! Mas ainda falta uma leitura mais rigorosa sobre essa obra de Orwell! Não é possível entender a "Revolução dos Bichos", publicado em 1945, sem ler uma outra obra do George Orwell chamada "Homenagem a Catalunha" de 1938. Infelizmente essa obra tem poucas edições em português, e ela precisa ser recuperada para se entender melhor os posicionamentos políticos de Orwell!. George Orwell foi um socialista convicto e de matriz libertária! Foi membro do Partido Comunista Inglês por muito tempo, e só o deixou de ser após a sua luta na Guerra Civil Espanhola (1936). Ele, como militante socialista e internacionalista, não podia virar os olhos para a Ditadura Fascista que Franco empreendia na Espanha. Ele se alistou as brigadas internacionais, e militou nos frentes de Aragão pelo POUM (Partido Operário de Unificação Marxista), uma das principais organizações socialistas, que junto a CNT (Confederação Nacional do Trabalho), sindicato Anarco-Sindicalista, empreendiam a luta contra os fascistas de Franco e lutavam por uma Revolução Socialista na Espanha! Em seu livro "Homenagem a Catalunha", Orwell conta essa sua experiência! E é na Guerra Civil Espanhola, que Orwell rompe com o Partido Comunista, pois o mesmo trai a revolução e persegue os militantes do POUM e da CNT. Aconselho muito a leitura dessa obra, e se possível, aconselho a verem o filme "TERRA E LIBERDADE" de 2006, dirigido por Ken Louch e baseado nesta obra de Orwell! É UM FILME BELÍSSIMO! Com ctz a leitura dessa obra permite uma melhor compreensão da ideologia política de Orwell. A Revolução dos Bichos é uma crítica ao governo Stalinista e ao Partido Comunista, que com sua traição sufocou a revolução socialista na Espanha! Quando Orwell diz socialismo real, ele esta se referindo a Espanha, uma das principais revoluções socialistas libertárias da História! Onde não só a bandeira vermelha triunfava, mas a bandeira VERMELHA E NEGRA! E como muitos sabem, os anarquistas são historicamente perseguidos pelos marxistas-leninistas, e o PC não poderia permitir uma revolução anarquista que novamente, assim como a Ucrânia livre de Mahkno, colocasse em cheque as formas de gestão que a Revolução Russa havia adotado. De fato, a crítica de Orwell ao Stalinismo se deve a experiência dele como militante na Guerra Civil Espanhola, e sua convivência com os militantes, trabalhadores e camponeses livres da Espanha! Para aqueles que não conhecem a história da Revolução Espanhola, aconselho o documentário "VIVER A UTOPIA" (1997), que esta disponível no youtube com legendas em português. Espero ter contribuído com o debate, novamente fica o agradecimento por fazer um vídeo que não caiu no senso comum. Gosto muito do seu canal! Espero que aprecie as dicas! Saudações Libertárias! Viva o Socialismo! Viva o Anarquismo! George Orwell presente!*

Comentário 10 – Leila: *Socialismo = a ideia de que todos devem ser iguais financeiramente é exatamente o que você falou no fim - restringir a liberdade humana (de ser mais rica que os outros) em favor de um bem maior (igualdade financeira). Como você pode continuar falando que o socialismo não é anti-liberdade, Isa? Gostaria que me respondesse.*

Comentário 10.6 – Moisés (Em resposta a 10): *Não, socialismo é oportunidades iguais a todos, não é igualdade financeira. Quem busca a igualdade financeira é o comunismo, que faz parte de uma esquerda radical. Não confunda as coisas. Países nórdicos seguem muitas ideias socialistas, o problema é a falta de conhecimento e achar que toda ideia de esquerda vai chamar o comunismo. Fazer o que, se vivemos em um mundo que diz que a esquerda é toda comunista, mas ama uma direita que provocou a exploração de países e as guerras mundiais. Ficarei feliz quando a sociedade souber equilibrar as ideologias, coisa que tá difícil.*

Comentário 10.7 – Leila (Em resposta a 10.6): *Guerra Mundial foi provocada pela direita e ESQUERDA. O partido do Hitler era de esquerda, chamava-se, ora essa, Partido dos Trabalhadores. Socialismo NÃO é oportunidade igual, primeiro porque as palavras se contradizem: se v tem uma oportunidade será algo diferenciado do que outros tem, Aula de*

semântica básica . . Segundo porque ainda que os socialismo seja algo diverso do comunismo ele ainda é seu embrião, e o próprio Marx escreveu que é "o primeiro passo para o comunismo." Terceiro: os países nórdicos seguem a social democracia que é diferente do socialismo, Ela pode parecer no sentido do estado como planejamento central provendo "bem estar social", mas não tem a ver com o socialismo que é o Estado controlando os meios de produção. A sociedade não equilibra ideologias porque tanto a direita quanto a esquerda ainda creem em Estado. A liberdade verdadeira só vem com o liberalismo.

Comentário 10.8 – Moisés (Em resposta a 10.7): *A primeira Guerra Mundial foi gerada pela ideologia liberal da direita, o neocolonialismo que resultou na pobreza de continentes, tais como o europeu. Hitler nunca foi de esquerda, inicialmente ele entrou para um grupo socialista, mas isso foi para ganhar força e com isso implantar o nazismo, ele mesmo defendia a ideologia da direita, tanto que caçava qualquer comunista, pois como o comunismo é de esquerda, é uma ameaça ao nazismo. Socialismo não é necessariamente comunismo, vale destacar que o bem estar social, é um ideal de esquerda, e está no socialismo, fica evidente que países nórdicos se equilibram, usam de ambas ideologias. Em países mais ao sul da Europa todos falam que eles são "socialistas". estava conversando, um dia desses, com um amigo da França sobre isso, e ele fala que, de fato, os países ao norte não são focados apenas ideologias da direita, mas também da esquerda, são países que buscam um equilíbrio. Até os EUA buscou ideias esquerdistas depois da grande depressão, todo mundo conhece aqui o New Deal. E outra, em nenhum momento eu falei que os países nórdicos são socialistas, eu falei que os países seguem algumas ideias da ideologia.*

Comentário 12 – Ademir: *Acho que esse livro pode ser pensado também, sobre a natureza humana no geral, que reclama de seus líderes, mas quando tem uma oportunidade de mudar as coisas, faz igual ou pior. Podemos ver o próprio EUA, que criticavam o socialismo, mas destruíam outros países para se beneficiar de algum modo, como exploração do petróleo, venda de armamentos... pede que os países acabem com suas armas nucleares e nem toca no assunto das deles... Infelizmente, o ser humano no geral, é exatamente como Napoleão.*

Comentário 259 – Leonardo: 6:06 A 6:21: **RESUMO DO LIVRO:** *George Orwell queria provar para o mundo que a União Soviética tinha distorcido a idéia original do socialismo; socialismo pra ele é DEMOCRÁTICO, já o Stalinismo é o contrário; é totalitário.*

Ao comentário 7 pode-se dizer que foi uma das poucas contribuições que levaram em conta as inclinações políticas e ideológicas de Orwell a sério, assim como sua história de luta na Guerra Civil Espanhola, marco divisor de seu pensamento como escritor político. Embora em evidente oposição, os usuários dos comentários 10 e 10.6 mantiveram um nível argumentativo respeitoso em relação às suas diferenças ideológicas. Porém, vale lembrar que um fórum de discussões no *YouTube* não parece o melhor local para uma fundamentação rigorosa, visto que isso exigiria a elaboração de um texto razoavelmente longo.

O comentário 10.7 demanda certa atenção: *“Guerra Mundial foi provocada pela direita e ESQUERDA. O partido do Hitler era de esquerda, chamava-se, ora essa, Partido dos Trabalhadores...”*. Na contramão de uma vasta historiografia fundamentada

em documentos e exaustivos exames sobre as características objetivas do nazismo, a usuária afirmou convicta, sem apresentar suas fontes ou referências, que o nazismo orientou-se ideologicamente à esquerda política. O absurdo dessa afirmação encontra eco em diversos seguimentos sociais no Brasil, principalmente entre aqueles que se denominam conservadores de direita. A redução do problema efetivo – a barbárie e a aniquilação humana – à mera polarização “direita” e “esquerda” desvia a mediação conceitual e o resgate da memória histórica à superficialidade do discurso propagandístico do fato. Assim, os incautos afirmam plenos de certeza absoluta que o “Nacional-Socialismo” é de esquerda por levar em seu nome o “socialismo”. Em 1984, Orwell (2017c) deu o nome de Ministério da Verdade ao departamento de estado responsável em adulterar toda a história da humanidade em defesa do sistema totalitário vigente. A grande massa de pessoas conformadas não apresentava resistência à adulteração, mas pelo contrário, endossava o engodo pela autoridade sagrada depositada no narrador (O Grande Irmão) ao modo dos poetas-rapsodos da mitologia grega antiga.

Na longa citação a seguir é possível observar as raras participações em que Isabella Lubrano se manifestou acerca do que foi postado sobre Orwell e sua crítica à URSS.

Comentário 26 – Bernardo: *O livro não é uma crítica ao socialismo e sim uma crítica ao governo implantado na URSS pelo depóstico Stalin (Napoleão), que não podemos dizer que era o socialismo previsto por Lênin (Major), ele foi totalmente difundido e imposto com ideias de opressão e totalitarismo do Stalin. Ou seja o verdadeiro socialismo previsto de uma igualdade social, sem exploração e sem tirania seria possivelmente implantado pelo Trotsky (Bola de Neve), mas que não chegou a ser efetivado, por meio de fraudes e calúnias vindo de seu "adversário". Então para as pessoas que insistem em dizer que o socialismo não dá em nada e que é apenas uma forma de enganar o povo, vamos estudar mais sobre a Revolução Russa e as ideias reais do socialismo.*

Comentário 26.1 – Ler antes de morrer (Em resposta a 26): *Penso que justamente essa foi a mensagem que o Orwell quis passar.*

Comentário 33.1 – Ler antes de morrer (Em resposta ao comentário excluído de Leni): *Justamente! O Orwell criticava o totalitarismo do regime soviético. Como você disse, o resultado foi apenas a troca de donos do poder.*

Comentário 239.1 – Ler antes de morrer (Em resposta a 239): *Esse livro que você cita é "Homage to Catalonia" de 1938 ou "Lutando na Espanha" título no Brasil. Segundo o próprio Orwell, essa experiência de engajamento na Guerra Civil espanhola mudou por completo seu modo de pensar. Em 1947 esse fala a esse respeito no ensaio intitulado Por Que Escrevo: “A guerra espanhola e outros eventos entre 1936-37 fizeram a balança pender, e depois disso eu sabia onde estava. Cada linha de trabalho sério que redigi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, contra o totalitarismo e a favor do socialismo democrático, tal como o conheço”.*

Comentário 245 – Fernando: *Não só a obra do Orwell foi utilizada como "contra-propaganda", mas grande parte (não toda) a ficção científica norte-americana se transformou anti-URSS. Esse tema é bastante discutido nos*

primeiros volumes de Science Fiction Studies.

Comentário 245.1 – Ler antes de morrer (Em resposta a 245): *Infelizmente, como acontece com a música e principalmente com o o cinema, a literatura também foi um meio utilizado na política anti-URSS , Como disse Noam Chomski, essas artes são quase que perfeitas como instrumento de doutrinação ideológica das massas. É fácil socar goela abaixo do povo ideologia disfarçada de distração.*

O comentário 26 foi categórico: *“O livro não é uma crítica ao socialismo e sim uma crítica ao governo implantado na URSS pelo depóstico Stalin (Napoleão) [...] Então para as pessoas que insistem em dizer que o socialismo não da em nada e que é apenas uma forma de enganar o povo, vamos estudar mais sobre a Revolução Russa e as ideias reais do socialismo”*. E Isabella concorda com o usuário no comentário 26.1: *“Penso que justamente essa foi a mensagem que o Orwell quis passar”*. Ora, se esta é a posição da youtuber, então por que ela não confrontou os comentários que deliberadamente estavam equivocados?

O fórum de comentários poderia ser o ambiente para o aprofundamento de questões não abordadas ou tratadas superficialmente na resenha, como por exemplo, os desdobramentos da Conferência de Teerã que caracterizou a aliança entre URSS, EUA e Reino Unido contra a Alemanha nazista, o que ao menos poderia provocar dúvidas sobre a imediata concepção de que seja apenas o posicionamento ideológico (capitalista ou comunista; direita ou esquerda) o responsável pelo rompimento posterior dos EUA e Reino Unido em relação à URSS que culminou na Guerra Fria, ignorando dessa forma, os interesses econômicos e as articulações para a ampliação da influência e domínio (ainda que velado) dessas nações sobre os demais países.

A youtuber Isabella Lubrano evitou comentar os posicionamentos infundados, o que poderia ser uma abertura ao esclarecimento (em sentido amplo). O conjunto de tendências regressivas, violentas e autoritárias contidas nos comentários revelaram os ânimos da polarização política entre a “direita” e a “esquerda” no âmbito do confuso e superficial processo de acusação e absolvição dos agentes da denominada “crise política e moral” que inundaram os conteúdos dos programas da mídia brasileira entre os anos de 2014 e 2018.

Sob os efeitos da incapacidade de mediação conceitual decorrente do consumo dos produtos da Indústria Cultural e a consequente adulteração do aparelho sensório, da imaginação e do entendimento para formular esquemas, a compreensão dos amplos aspectos da denúncia de Orwell às formas de exploração humana é reduzida ao *slogan* de obra anticomunista e a clichês que determinam de antemão os comportamentos

socialmente aceitos, uma vez que, elaborados como chaves de interpretação do real (esquemas de entendimento), eles “pensam” pelo indivíduo subtraindo-lhe a necessidade de elaboração conceitual e crítica. Nessa perspectiva, a preocupação dirigida à resenha literária audiovisual do *YouTube* envolveu a apreensão sobre o seu respectivo uso pelos usuários como um tipo de material didático/pedagógico em acréscimo ou como única fonte às referências bibliográficas para fins acadêmicos.

Em última instância, o prejuízo formativo a que podem estar submetidos os usuários do canal parece refletido nas tendências bárbaras expressas no fórum de comentários, que longe de estabelecer um ambiente coletivo de troca de ideias somente possível pelo fortalecimento do elo afetivo indispensável para o diálogo franco, se converte em arena onde se manifestaram as personalidades rígidas e autoritárias. A deturpação de *A Revolução dos Bichos* demonstrou que a honestidade intelectual, assim como a lucidez de Orwell, é rara.

CONCLUSÃO

A iniciativa de criar um canal no *YouTube* com o objetivo de discutir obras literárias, mesmo que seja no formato sintético de uma resenha audiovisual, deve ser estimulada e ampliada. Adorno (2010a) havia argumentado nesse mesmo sentido ao se referir à produção de programas de televisão educativas, visto que, segundo ele, é preferível um esclarecimento parcial a nenhum. A problematização realizada procurou apenas discutir sobre os aspectos que de algum modo permitiram conceber a resenha como um produto intelectual semelhante aos produtos da Indústria Cultural. Mesmo estes possuem um momento de esclarecimento, ao revelarem as fissuras do processo de sua composição sociopolítica quando “vistas a contrapelo” (BENJAMIN, 2012, p.13). Em defesa dos méritos e da qualidade da resenha de Isabella Lubrano, pode-se afirmar que ela deveria continuar com seu trabalho. Mas certos usos de palavras e termos que carregam consigo o peso dos clichês, dos tabus e das chaves de interpretação que usurpam a capacidade do sujeito de pensar por si mesmo (esquematismo), demandam reflexão crítica.

A youtuber Isabella Lubrano, ao não problematizar os comentários equivocados e se furtar de dialogar acerca dos mal-entendidos conceituais sobre Orwell e sua posição política, parece perder a oportunidade de articular o esforço intelectual que divisa a Formação da Semiformação: a *mediação pedagógica*. O *equivoco* não consiste em apenas caracterizar uma determinada interpretação em termos de “certo” e “errado”, “direita” e “esquerda”, mas em desconsiderar o teor profundo da potência crítica de *A Revolução dos Bichos* para além da filiação partidária, como também, em imputar a Orwell concepções políticas e ideológicas que não foram por eles assumidas em vida, uma vez que o autor deixou claro em diversos ensaios e prefácios de obras literárias o que pretendia enquanto escritor de parábolas políticas.

Uma vez que a resenha parece ser consumida como material didático ou vídeo-aula, a youtuber poderia fazer de sua criação um agente de “informações de esclarecimento” (ADORNO, 2010a, p. 77). A ironia envolvida na expressão “professor youtuber” justifica-se ao colocar em jogo a tensão entre a figura do professor/intelectual que pelo exercício do ofício deveria zelar pelo esclarecimento, pelo diálogo e pela produção de conhecimento, e a figura da youtuber, que por definição, pode ter qualquer formação profissional ou nenhuma para abordar conteúdos intelectuais, visto que seus produtos são disponibilizados na Internet em domínio público sem qualquer arguição

por pares. A questão, no entanto, não consistiu em afirmar que somente professores ou “especialistas” em cultura são habilitados a tratar dos conteúdos intelectuais, mas sim em compreender que, enquanto “conteúdos intelectuais”, há um conjunto de exigências (teóricas, metodológicas, epistemológicas, históricas, sociais e práticas) que compõem o bojo do conhecimento advindo desses conteúdos. Na ausência ou na deturpação de seus elementos, a informação de esclarecimento se reifica e alimenta a semiformação. Dessa forma, a youtuber poderia ter “desmontado” (GIROUX, 1992, p. 90)¹⁰¹ o texto de Orwell – a versão corrente que é objeto de suspeita de fraude – e, mais decisivamente, “desmontado” os comentários que ampliaram o engodo sobre o autor e sua obra. Desmontar um texto envolve o exame das representações e dos interesses sociais em jogo.

Em um texto, os significados de representação não são meros veículos de ideias, ou seja, não há neutralidade. A contradição inerente aos significados, com efeito, envolve a tensão entre o que se “quer dizer” e o que se “quer silenciar” no texto. Ora, o que se espera daquele que percebe a presença de forças que buscam ocultar determinada informação sobre uma obra intelectual ou autor? Orwell e sua obra foram vítimas de adulterações póstumas. Nesse sentido, parece imperativo que o “educador radical” coloque em movimento as contradições e os interesses que fomentaram a fraude. A formação profissional acadêmica e a docência, por si mesmas, não são garantias de que os conteúdos intelectuais estarão a salvo de falsas interpretações. Por isso, a youtuber não tem que ser educadora de ofício para denunciar as apropriações culturais indevidas, mas parece necessário um comprometimento intelectual com o objeto a que se dedica.

Embora a youtuber não possa ser responsabilizada pelos usuários de seu canal – uma vez que a resenha literária audiovisual está disponível na Internet em domínio público – a revisão pormenorizada do conteúdo do tema da resenha antes da publicação e a condução dos debates no fórum de comentários dos usuários deveriam ser objetos de sua máxima atenção. As informações controversas (os clichês, estereótipos, tabus, as

¹⁰¹ Segundo Giroux (1992), “O discurso da análise textual não somente chama a atenção para as ideologias a partir das quais os textos são produzidos, mas também permite que os educadores se distanciem do texto a fim de desvelar os significados, as contradições e as diferenças inscritas na forma e no conteúdo das matérias da sala de aula. A importância política e pedagógica desta análise está no fato de que ela abre o texto para uma desmontagem, que o questiona como parte de um processo mais amplo de produção cultural. Além disso, ao fazer do texto um objeto de investigação intelectual, tal análise coloca o leitor não como um consumidor passivo, mas como um produtor ativo de significados. Em vista disso, o texto não é mais investido de uma essência de autoridade, esperando para ser traduzido ou descoberto. Ao contrário, sua essência não está mais provida de status sacerdotal, como uma sabedoria doada. Ao invés disso, o texto torna-se um conjunto de discursos, constituído por um jogo de significados contraditórios” (GIROUX, 1992, p. 90-91).

chaves de interpretação e o que se *fala* e o que se *silencia* deliberadamente) contidas tanto no conteúdo da resenha quanto nos comentários equivocados dos usuários e que não foram de algum modo confrontados pelo exame conceitual rigoroso, parecem manifestar a submissão ao esquematismo da Indústria Cultural.

Quando os clichês e as chaves de interpretação determinam a unidade da percepção e o modo de entendimento, eles “pensam” pelo indivíduo e obliteram as associações conceituais profundas responsáveis, em alguma medida, pela produção de conhecimento – a visão para além dos véus dos interesses particulares que ocultam as condições objetivas da organização social. A unidade do esquema “texto de leitura fácil” – o *sentido único* e a expressão “é assim”; juntamente com o “socialista de rara lucidez” – o *outsider* (“o estranho”, “o outro”), além de paralisarem qualquer discussão, desabonando o pensamento divergente, atuaram como camisas de força limitadoras da liberdade de argumentação, que segundo Kant (2009), consiste no impedimento em fazer uso público da razão em qualquer circunstância. “O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista exclama: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede!” (KANT, 2009, p. 65). Em acréscimo, a Indústria Cultural diz: não raciocine, mas consuma! Os youtubers dizem: não raciocinem, mas curtam o vídeo e se inscrevam no canal!

Ao não confrontar os comentários, a youtuber abdica do uso público da razão e a resenha de *A Revolução dos Bichos*, que poderia ser um promissor veículo de informações de esclarecimento (dado à quantidade de usuários inscritos no canal *Ler Antes de Morrer*), parece que se estabeleceu como mais um produto na gôndola do mercado da Indústria Cultural, seção de “produtos de conteúdos intelectuais em oferta!”. Isabella pareceu transitar intelectualmente entre as categorias que Giroux (1992) definiu como “intelectual adaptado” e “intelectual crítico”. As motivações dessa postura “neutra” da youtuber somente podem ser objeto de especulação, contudo, parece razoável supor que o temor pela perda de “curtidas” e de “inscritos/seguidores” seja menos pelo desejo de fama ou de consolidação como “influenciadora digital” do que pelo afastamento de alguns apoiadores financeiros do canal. Embates mais contundentes com os usuários poderiam influenciar no patrocínio realizado pelos “padrinhos” e “madrinhas” através do site *O Padrim*, citado anteriormente.

Assim, uma vez que um texto nunca é neutro, parece necessário o exame do modo como os materiais (conteúdos culturais e/ou intelectuais) se instalam no interior dos produtos disponibilizados na Internet, compondo sua base ideológica. No contexto

da resenha, o tratamento do material empírico permitiu observar quais aspectos de *A Revolução dos Bichos* foram privilegiados ou enfatizados e quais foram silenciados ou adulterados. O mesmo procedimento pôde ser aplicado no que diz respeito à vida e à posição política de Orwell. Esta investigação, na escola, procura compreender a dinâmica dos currículos formais e ocultos, cujos significados são “silenciosamente embutidos nos princípios estruturais dos significantes da sala de aula” (GIROUX, 1992, p. 92). Na resenha, quando a youtuber diz no início da apresentação que *A Revolução dos Bichos* é um texto “fácil de ler” e, no final da resenha, que Orwell era um “socialista de rara lucidez”, ao invés de ocorrer o desmonte crítico do texto, presume-se que há o início e o fechamento da unidade do esquema de entendimento escolhido pelo uso de tais clichês: primeiro, se o texto é *fácil*, o sentido tende a ser único, ou seja, não há terreno para diálogos – é anticomunista e “fim da história!”; segundo, Orwell é um *outsider* – declarava-se socialista, mas por ser “rara” a sua lucidez (como crítico do próprio socialismo) ele pôde ser “aceito” entre os “homens de bem” (liberais, capitalistas, conservadores e imperialistas), mas somente após a sua morte!

Dessa forma, para além da percepção dos conteúdos obliterados, silenciados e ocultos que compõem os materiais culturais, o exame incidiu sobre alguns aspectos psicodinâmicos dos agentes envolvidos, ou seja, como as formas culturais influenciaram as subjetividades e sedimentaram tabus e estereótipos através dos comentários. Na escola, o professor “tradicional” ou “hegemônico” se converte em um implementador do conhecimento. Na resenha literária audiovisual, a youtuber sugere timidamente e muitos usuários chancelam, por meios dos clichês e das chaves de entendimento, toda a “verdade” sobre o livro de Orwell – não permite outra interpretação que não seja a que admita que os capitalistas, liberais, conservadores, burgueses, imperialistas e direitistas são os “bons” e os socialistas, comunistas, anarquistas, trotskistas, petistas e esquerdistas são os “maus”.

Se a youtuber, assim como o professor tradicional, apenas traduzem verdades prontas, os usuários e os alunos tendem a apenas receber, de maneira heterônoma, o conhecimento. Nesse sentido, não parece haver a possibilidade do exercício teórico e prático envolvidos na construção mútua e ativa do saber entre professores e alunos, entre youtubers e usuários, se não ocorrer uma mudança radical em favor de uma postura crítica comprometida. A articulação do pensamento pelo diálogo dá lugar à adesão irrefletida a palavras de ordem. Não foi objeto do presente estudo analisar se a youtuber foi motivada por algum interesse pedagógico ao produzir sua resenha literária

audiovisual. Mas, por se tratar de um conteúdo intelectual de relevante expressão política que ainda sofre os efeitos da manipulação sistemática dos interesses ditos “liberais”, o cuidado teórico na construção de uma apresentação resumida, como a resenha, deveria ser minucioso e atento às falsas apropriações que certamente não se conciliam com o tema de *A Revolução dos Bichos*: a luta incondicional pela emancipação que vislumbra a consolidação de um mundo onde a organização social não separe liberdade de igualdade, ou tampouco, as anule em falsos antagonismos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. Televisão, consciência e indústria cultural. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971. p. 346-354.

ADORNO, Theodor W. A televisão e os padrões da cultura de massa. In: ROSENBERG, Bernard; WHITE, David Manning (org.). **Cultura de Massa: as artes populares nos Estados Unidos**. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 546-562.

ADORNO, Theodor W. Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 209-257. (Col. Os Pensadores).

ADORNO, Theodor W. **Sociologia**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

ADORNO, Theodor W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, Theodor W. Tabus a respeito do professor. In: PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ADORNO, Theodor W. **Epistemología y ciencias sociales**. Madrid: Frónesis Cátedra, 2001.

ADORNO, Theodor W. **As estrelas descem à Terra: a coluna de astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre superstição secundária**. São Paulo: Editora Unesp, 2008a.

ADORNO, Theodor W. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2008b.

ADORNO, Theodor W. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010a.

ADORNO, Theodor W. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio A.S.; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco (org.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010b. p. 7-40.

ADORNO, Theodor W. **Introducción a la dialéctica**. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2013. 384 p.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. 11ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. Obras Escolhidas II. 6ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BET, David Silva. **Televisão e formação na era digital: um exame crítico das pretensões formativas do programa Salto para o futuro**. Dissertação (Mestrado em Educação). São Carlos: UFSCar, 2015. 187 f. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2758>>. Acesso em 12/05/2018.
- BET, David Silva; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. A produção de televisão educativa digital: o Salto Para o Futuro à luz da Teoria Crítica. **Cadernos de Educação**, v. 1, ed. 56, p. 88-106, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/10789>>. Acesso em 12/05/2018.
- BONALUME NETO, Ricardo. **George Orwell: a busca da decência**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.
- CABOT, Mateu. La cultura, los medios de comunicación y la representación política de las massas. In: PUCCI, Bruno; COSTA, Belarmino Cesar G. da; DURÃO, Fabio A. (org). **Teoria crítica e crises: reflexões sobre cultura, estética e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. p. 21-30.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CHÂTELET, François; DUHAMEL, Olivier; PISIER, Evelyne. **História das Ideias Políticas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13ª ed. 1ª reimp. São Paulo: Ática, 2003. p. 34-37.
- COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 01-39. (Col. Os Pensadores).
- DESCARTES, René. Discurso do Método. In. DESCARTES, René. **Obra Escolhida**. 2 ed. São Paulo: Difel (Difusão Europeia do Livro), 1973. p. 39-103.
- DUARTE, Rodrigo. À procura de uma indução especulativa: filosofia e pesquisa empírica. **Psicologia & Sociedade**, v. 13, n. 2, p. 34-48, 2001.

DUARTE, Rodrigo. O esquematismo kantiano e a crítica à indústria cultural. **Studia Kantiana**, v. 1, n. 4, p. 85-105, 2003. Disponível em: <http://www.sociedadekant.org/studiakantiana/index.php/sk/article/view/36>. Acesso em 14/03/2017.

DUARTE, Rodrigo. Indústria cultural hoje. In: DURÃO, Fábio Akcelrud; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre Fernandez (org.). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 97-110.

DUARTE, Rodrigo. **Indústria Cultural: uma introdução**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

DURÃO, Fábio Akcelrud; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre Fernandez (org.). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

FREITAG, Bárbara. **A Teoria Crítica: ontem e hoje**. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. 184 p.

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências**. São Paulo: Ed. Unesp, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GIROUX, Henry. **Pedagogia radical: subsídios**. São Paulo: Cortez, 1983.

GIROUX, Henry. **Escola crítica e política cultural**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1992.

GOMES, Luiz Roberto. Teoria Crítica, Educação e Política. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio A.S.; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco (org.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. p. 197-215.

HITCHENS, Christopher. **A vitória de Orwell**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HORKHEIMER, Max. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 117-154. (Col. Os Pensadores).

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JAY, Martin. **A imaginação dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais/1923-1950**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”?(Aufklärung). In:

- KANT, Immanuel. **Textos Seletos**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 63-71.
- KEEN, Andrew. **O culto do amador**: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2009.
- KURZ, Robert. Parábolas do meio-irmão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Jun. 2003. Caderno “+mais!”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0106200311.htm>>. Acesso em 27/08/2018.
- KURZ, Robert. **O colapso da modernização**: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2014.
- MAIA, Ari Fernando; ZUIN, Antônio Álvaro Soares; LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco (org.). **Teoria Crítica da Cultura Digital**: aspectos educacionais e psicológicos. São Paulo: Nakin, 2015.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 16ª reimpressão. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 288p.
- MENAND, Louis. A invenção de George Orwell. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Jun. 2003. Caderno “+mais!”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0106200308.htm>>. Acesso: 13/12/2018.
- MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- NOBRE, Marcos (org.). **Curso livre de Teoria Crítica**. 3ª ed. 1ª reimp. Campinas: Papirus, 2013.
- NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. 1ª ed. 3ª reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- ORWELL, George. **Por que escrevo e outros ensaios**. Lisboa: Antígona, 2008.
- ORWELL, George. **Na pior em Paris e Londres**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**: um conto de fadas. 39ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ORWELL, George. **Como morrem os pobres e outros ensaios**. 6ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2017a.
- ORWELL, George. **O que é fascismo?** E outros ensaios. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017b.

ORWELL, George. **1984**. 36ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2017c.

PARENTE, André (org.). **Imagem-Máquina: a era das tecnologias do virtual**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

PSICOLOGIA & SOCIEDADE. São Paulo: ABRAPSO, v.13, n. 2, dez. 2001. 165 p.

PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio A.S.; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco (org.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

PUCCI, Bruno; COSTA, Belarmino Cesar G. da; DURÃO, Fabio A. (org.). **Teoria crítica e crises: reflexões sobre cultura, estética e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

PUCCI, Bruno; SILVA, Luzia Batista de Oliveira. Relação atual entre educação e teoria crítica da sociedade no Brasil. In: LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco; ZUIN, Antônio Álvaro Soares; GOMES, Luiz Roberto; GRUSCHKA, Andreas (org.). **Teoria Crítica: escritos sobre educação: contribuições do Brasil e Alemanha**. São Paulo: Nankin, 2015. p. 10-24.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **As revoluções russas e o socialismo soviético**. São Paulo: Editora UNESP, 2003. (Coleção Revoluções do século XX / direção de Emília Viotti da Costa).

ROSENBERG, Bernard; WHITE, David Manning (org.). **Cultura de Massa: as artes populares nos Estados Unidos**. São Paulo: Cultrix, 1973.

SCHAFF, Adam. **A Sociedade Informática: as consequências sociais da segunda revolução industrial**. 8ª reimpressão. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

STASHEFF, Edward; BRETZ, Rudy; GARTLEY, John; GARTLEY, Lynn. **O programa de televisão: sua direção e produção**. São Paulo: EPU – Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

TÜRCKE, Christoph. Vício e fundamentalismo. In: ZUIN, Antônio Álvaro Soares; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon N.; GOMES, Luiz Roberto (org.). **Teoria crítica e formação cultural: aspectos filosóficos e sociopolíticos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

ZETTL, Herbert. **Manual de produção de televisão**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Indústria cultural e educação: o novo canto da sereia**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon N.; GOMES, Luiz Roberto (org.). **Teoria crítica e formação cultural: aspectos filosóficos e sociopolíticos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

APÊNDICES

Apêndice I-A – Instruções para operacionalização da planilha de protocolo de registro de material audiovisual do YouTube¹⁰²

Instruções:

- A resenha literária audiovisual deverá ser descrita a partir das cenas e dos cortes.
- A transcrição dos áudios e legendas deverá ser na íntegra (sem recortes, omissões ou abreviações).
- A descrição das imagens deverá contemplar o máximo de informações.

CrITÉRIOS para descrição da resenha literária audiovisual:

- Cenas: indicadas em sequência crescente a partir do número “1”. Uma cena pode ser uma única tomada ou inúmeras. O que caracteriza uma cena é o corte (entre colchetes “[]” no campo das Falas/Declarações e numeradas a partir das cenas, por exemplo, “1.1”). Cada cena determina a passagem de um assunto, tema, ou contexto para algum outro.
- Falas/Declarações: É o conjunto da transcrição de todo o conteúdo auditivo da resenha. Por meio de colchetes “[]”, serão indicados, antes da transcrição, o modo como o áudio é apresentado (formatos), por exemplo: no estúdio, narração em *off*, entrevista, reportagem, depoimento, vinheta, etc.
- Legendas: É a cópia exata de todo conteúdo escrito apresentado durante a resenha.
- Cenário: É a descrição do local/ambiente de onde são transmitidas as imagens da resenha.
- Imagens/Sons: É o conjunto das descrições de todas as disposições visuais bem como das músicas e ruídos utilizados durante a exibição da resenha.
- Planos: É o modo como são “enquadradas”, gravadas e relacionadas as imagens/sons e as falas/declarações no conjunto da exibição da resenha. Em outros termos, é o “campo de visão” da câmera.

Protocolo I – Planilha de Interface de Canal do YouTube

URL YouTube:
Título:
Canal:
Data do último acesso:
Inscritos no canal:
Visualizações da resenha:
Publicado em:
Publicidade:
Descrição do conteúdo do vídeo:
Texto e apresentação:
Para mais dicas de literatura, acesse:
Dados YouTube: Categoria - Pessoas e blogs; Licença - Licença padrão do YouTube
Comentários:

¹⁰² Categorias adaptadas de Bet (2015), Bet e Zuin (2017), Maia (2002), Souza (2004), Zettl (2011) e Stasheff, Bretz, Gartley e Gartley (1978).

Protocolo II – Planilha de Registro de Material Audiovisual

Canal:		URL YOUTUBE:			
Publicação:		Apresentação:			
Título:		Total de cenas e duração:			
Cena	Falas/Declarações	Legenda	Cenário	Imagens/Sons	Plano

Protocolo III – Planilha de Registro de Comentários

Canal:		URL YOUTUBE:			
Publicação:		Último acesso e visualizações:			
Título:		Total de comentários:			
Sequência	Nome	Comentários			Publicação

Apêndice I-B – Planos, tomadas ou campos de visão (enquadramento de imagens)¹⁰³



Grande plano geral ou plano de localização (ELS)⁵



Plano geral (LS) ou plano aberto



Plano de busto



Plano americano



Plano médio (MS) ou plano de cintura



Close-up (CU)



Plano de dois (duas pessoas ou objetos no quadro)



Plano de três (três pessoas ou objetos no quadro)



Close-up extremo (ECU)



Plano sobre o ombro (O/S)



Plano cruzado (X/S)

Legendas Adaptadas

COMUNS		
PLANOS		
Planos	Legendas	Abreviaturas
Grande Plano Geral ou Plano de Localização	Grande Plano Geral	GPG
Plano Geral ou Plano Aberto	Plano Geral	PG
Plano Médio ou Plano de Cintura	Plano Médio	PM
Close-Up	Primeiro Plano ou Médio Close-Up	PP ou MC-up
Close-Up Extremo	Close-up	C.UP
PLANOS		
OUTROS		
Planos	Legendas	Abreviaturas
Plano de Busto	Plano Médio Fechado	PMF
Plano Americano	Plano Americano ou Plano Médio Geral	PA ou PMG
Plano de Dois (duas pessoas ou objetos no quadro)	Plano de Dois	PD
Plano de Três (três pessoas ou objetos no quadro)	Plano de Três	PT
Plano sobre o Ombro	Plano sobre o Ombro	PO
Plano Cruzado	Plano Cruzado	PC

¹⁰³ Fotos e categorias daptadas Zettl (2011) e Stasheff, Bretz, Gartley e Gartley (1978).

Apêndice II-A – Protocolo I – Planilha de Interface de Canal do YouTube

URL YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=kPYGyVz7FnA
Título: A REVOLUÇÃO DOS BICHOS, DE GEORGE ORWELL (#14)
Canal: “Ler antes de morrer” por Isabella Lubrano. Inscrição no YouTube em 04/05/2014. https://www.youtube.com/channel/UCTubbc8ei3JfOBbicSJYPfQ/featured
Data do último acesso: 18/04/2017
Inscritos no canal: 94.371
Visualizações da resenha: 65.110
Publicado em 13 de março de 2015
Publicidade: **Quer ajudar a financiar o canal? Compre "A Revolução dos Bichos" na livraria da sua preferência usando os links abaixo** - Amazon: http://amzn.to/1VwfbPj - Submarino: http://compre.vc/s/15aeabc0 - Livraria Cultura: http://compre.vc/s/3adfd7e9 - Saraiva: http://compre.vc/s/e6d55958 - Travessa: http://compre.vc/s/bf4dced2
Descrição do conteúdo do vídeo: Resenha de "A Revolução dos Bichos", clássico de George Orwell que satiriza a Rússia Soviética e faz uma das mais severas críticas aos governos totalitários de todos os tempos.
Texto e apresentação: Isabella Lubrano
Para mais dicas de literatura, acesse: Blog: http://www.lerantesdemorrer.com Instagram: http://instagram.com/lerantesdemorrer Facebook: https://www.facebook.com/pages/Ler-An...
Dados YouTube: Categoria - Pessoas e blogs; Licença - Licença padrão do YouTube
Comentários: 409

Apêndice II-B – Protocolo II – Planilha de Registro de Material Audiovisual

Canal: “Ler antes de morrer”		URL YOUTUBE: https://www.youtube.com/watch?v=kPYGyVz7FnA			
Publicação: 13/03/2015		Apresentação: Isabella Lubrano			
Título: A REVOLUÇÃO DOS BICHOS, DE GEORGE ORWELL (#14)		Total de cenas e duração: 06 cenas, 09 minutos e 56 segundos.			
Cena	Falas/Declarações	Legenda	Cenário	Imagens/Sons	Plano
1	<p>[Estúdio]</p> <p>Isabella Lubrano (apresentadora): <i>Olha só! Até agora nenhum livro que eu falei que ia ler fez tanto barulho nas redes sociais, no Facebook, no Instagram, quanto o livro que eu vou falar hoje. E não é pra menos, olha... essa é uma obra extremamente inteligente, fácil de ler, muito polêmica e não faltam governos que ainda proibam a divulgação dessa obra nos seus países. Mas eu acho que eu já “tô” falando demais. Solta a vinheta aí pra gente começar de verdade.</i></p> <p>[Vinheta]</p>	-	Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.	<p>Isabella fala diretamente para a câmera, alternando o olhar para o celular que está em sua mão direita.</p> <p>Isabella olha para o seu lado direito (à esquerda do vídeo) e pega um livro, mostrando o verso de sua capa para a câmera. Gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no enquadramento do vídeo.</p> <p>Com fundo musical.</p> <p>Arte gráfica do canal “Ler Antes de Morrer” – formação de estantes de livros (cor marrom) com o surgimento de livros de diversos tamanhos e cores (como uma espécie de desenho animado). Após essa montagem, outra arte gráfica com o “folhear” de páginas de um livro até apresentar a legenda do canal.</p>	PP PP -
2	[Videoclipe]	<p>Episódio de Hoje</p> <p>A Revolução dos Bichos</p> <p>(Posição em vídeo: centro)</p>	-	<p>Fundo musical: “Hino da Internacional Socialista”.</p> <p>Imagens: legendas brancas sobre fundo preto.</p>	-

	<p>[Estúdio]</p> <p>Isabella Lubrano (apresentadora): “...a crosta bruta que a soterra...”.</p> <p><i>Esse é o Hino da Internacional Socialista. Pra nós que nascemos depois da queda do muro de Berlin, bom..., meu caso eu nasci exatamente no ano da queda do muro de Berlin, essa música pode não significar muita coisa, mas é porque nós não chegamos a ver o mundo quando ele era polarizado, ou seja, dividido em duas metades: a metade capitalista e a metade socialista. Acontece que essa foi a organização política internacional do planeta durante quase 50 anos e o livro de hoje, “A Revolução dos Bichos”, foi um dos seus símbolos mais importantes.</i></p>	-	Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.	<p>Isabella acompanha a música cantando-a. Segura o celular com a mão direita próximo ao rosto (a música parece sair do celular, antes da edição). Enquanto fala, a música continua com o volume baixo.</p> <p>Isabella deixa o celular e fala diretamente para a câmera.</p> <p>Isabella olha à sua direita (esquerda do vídeo), para trás, e pega o livro “A Revolução dos Bichos” de George Orwell, mostrando-o para a câmera enquanto fala.</p> <p>Corte do “Hino da Internacional Socialista”.</p>	C.UP C.UP C.UP
3	[Videoclipe]	-	-	<p>Música clássica de efeito dramático.</p> <p>Imagens:</p> <p>1) fotos em preto e branco com efeito de abertura de enquadramento de imagem “menor para maior”: tanques de guerra, soldados e bandeira dos EUA em um mastro ao fundo;</p> <p>2) um panfleto político que retrata uma espécie de guerra civil nos EUA se o país se converter ao comunismo: homens com roupas militares brigam e, ao fundo, a bandeira dos EUA está em chamas que ocupam todo o panfleto. Acima do panfleto a inscrição: “IS</p>	Vários

	[Estúdio]			THIS TOMORROW”; no centro, as imagens da briga; abaixo, a inscrição: “AMERICA UNDER COMMUNISM!”.	
	Isabella Lubrano (apresentadora): <i>E ele foi traduzido pra quase todas as línguas e continua sendo lido mesmo hoje em dia, quando o mundo já está bem diferente. Isso porque “A Revolução dos Bichos”, além de qualquer mensagem política, conta uma grande história... uma história que fala sobre liberdade.</i>	-	Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.	Continua a música clássica de efeito dramático, com volume baixo, enquanto Isabella fala.	C.UP
3.1	[Corte]	-	-	[Corte] – Pequeno <i>flash</i> de luz na imagem que caracteriza a edição do vídeo.	-
	[Estúdio]			Continua a música clássica de efeito dramático, com volume baixo, enquanto Isabella fala.	
	Isabella Lubrano (apresentadora): <i>Mas vamos lá pra sinopse. “A Revolução dos Bichos” é uma fábula protagonizada por animais, no melhor estilo das fábulas infantis do tipo “A raposa e as uvas”, “A lebre da tartaruga”..., essas histórias que a gente conhece desde criança...</i>	-	Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.	Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.	C.UP
3.2	[Corte]	-	-	[Corte] – Pequeno <i>flash</i> de luz na imagem que caracteriza a edição do vídeo.	
	[Estúdio]			Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala.	
	Isabella Lubrano (apresentadora): <i>Mas essa fábula é bem diferente. Os protagonistas são animais de uma fazenda no interior da Inglaterra que um belo dia resolvem unir forças pra</i>	-	Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.	Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo	C.UP

3.3	<p><i>expulsar...</i></p> <p>[Corte – Narração em <i>off</i> – oculta]</p> <p>Isabella Lubrano: ... <i>o proprietário da fazenda. Eles estão cansados de serem explorados pelos seres humanos. Eles querem ser donos das suas próprias vidas.</i></p>	-	-	<p>de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmara.</p> <p>Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala.</p> <p>Enquanto Isabella narra, é apresentada a imagem de um trecho do desenho animado de “A Revolução dos Bichos”. Ocorre a abertura gradativa da imagem a partir do proprietário (homem com chicote na mão), para o interior do celeiro/estábulo (como se estivesse sendo filmado de cima). No interior do celeiro/estábulo, em semicírculo, cavalos, burros, bois, porcos e vacas, todos olhando para o proprietário com feição séria ou brava.</p>	Vários
3.4	<p>[Corte – Estúdio]</p> <p>Isabella Lubrano (apresentadora): <i>Então eles transformam a ‘Granja do Solar’, que era o antigo nome daquela fazenda, em a ‘Granja dos Bichos’, e criam uma sociedade...</i></p>	-	Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.	<p>Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmara, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmara.</p>	C.UP
3.5	<p>[Corte – Narração em <i>off</i> – oculta]</p> <p>Isabella Lubrano: ... <i>onde todos os animais são iguais, tem os mesmos direitos e deveres, podem preservar...</i></p>	-	-	<p>Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala.</p> <p>Enquanto Isabella narra, é apresentada a ilustração da bandeira do “Animalismo”, que é o símbolo da lei ou regra que os animais criaram para a sua nova sociedade.</p> <p>Imagem: é o busto de um porco branco com a boca</p>	C.UP

3.6	[Corte – Estúdio] Isabella Lubrano (apresentadora): <i>... a sua dignidade, ou seja, não vão virar refeição de ninguém e não precisam mais trabalhar pra nenhum ser humano...</i>	-	Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.	semiaberta sobre um fundo vermelho. Abaixo do queixo, a inscrição “ANIMALISM”. A bandeira possui três faixas, uma branca, uma vermelha e outra branca. O emblema (busto e inscrição) ocupa quase toda a faixa vermelha ao centro. Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala. Isabella fala diretamente para a câmera, sem o livro em mãos.	C.UP
3.7	[Corte] [Estúdio]	-	-	[Corte] – Pequeno <i>flash</i> de luz na imagem que caracteriza a edição do vídeo. Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala.	-
3.8	[Corte] [Estúdio]	-	Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.	Isabella fala diretamente para a câmera, sem o livro em mãos. [Corte] – Pequeno <i>flash</i> de luz na imagem que caracteriza a edição do vídeo. Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala.	C.UP
3.9	[Corte]	-	Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.	Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera. [Corte] – Edição do vídeo (sem <i>flash</i>).	C.UP

	[Estúdio]			<p>Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p>	C.UP
4	[Videoclipe]	<p>Cartaz soviético em homenagem ao 5º aniversário da Revolução Russa (1922)</p> <p>(Posição em vídeo: lado esquerdo, abaixo)</p>	-	<p>Música clássica de efeito dramático.</p> <p>Imagem: cartaz com um homem com camisa azul e feição séria olhando para frente. Na mão direita, segura uma pequena foice e um martelo cruzando seus cabos. Acima destes, uma estrela vermelha de cinco pontas. Ao fundo, um sol irradiando fachos de luz vermelha. Na mão esquerda, segurando o mastro de uma bandeira vermelha. Ao fundo, uma multidão com bandeiras vermelhas entre torres e construções. Existem inscrições em russo por todo o cartaz.</p>	Vários
	[Estúdio]			<p>Continua a música clássica de efeito dramático, com volume baixo, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p>	C.UP
4.1	[Corte]			[Corte] – Edição do vídeo (sem <i>flash</i>).	-

	<p>[Estúdio]</p> <p>Isabella Lubrano (apresentadora): ... e se você não conseguiu perceber nada de estranho, tudo bem, normal... mas saiba que os leitores de 1945, que é o ano em que esse livro foi oficialmente publicado, perceberam...</p>	-	Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.	<p>Continua a música clássica de efeito dramático, com volume baixo, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p>	C.UP
4.2	<p>[Corte – Narração em off – oculta]</p> <p>Isabella Lubrano: ... uma semelhança absurda entre essa fábula e a história da Revolução Russa, que tinha acontecido há alguns anos antes, em 1917...</p>	<p>“Lênin na fábrica Putilov em maio de 1917” Tela de Isaak Brodsky (1929)</p> <p>(Posição em vídeo: lado esquerdo, abaixo)</p>	-	<p>Continua a música clássica de efeito dramático, com volume baixo, enquanto Isabella fala.</p> <p>Enquanto Isabella narra, é apresentada a seguinte imagem: no centro, um pequeno palanque de madeira vermelha, a céu aberto, com Lênin discursando para uma multidão que o cerca por todos os lados no pátio de uma fábrica. Quatro homens estão nas escadas do palanque à direita. Ao fundo, à direita, os galpões de uma fábrica com postes de energia. Ao fundo, à esquerda, a continuação da fábrica ao longe.</p>	Vários
4.3	<p>[Corte – Estúdio]</p> <p>Isabella Lubrano (apresentadora): ... inclusive o personagem do porco Napoleão, que acaba virando o líder tirano da fazenda dos bichos, é descrito quase que igual ao líder da União Soviética naquela época, que era o Josef Stálin..., inclusive, com relação à crueldade que ele tinha com relação aos seus opositores.</p>	<p>Josef Stálin (1878-1953)</p> <p>(Posição em vídeo: esquerda-</p>	Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.	<p>Continua a música clássica de efeito dramático, com volume baixo, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p> <p>Imagem (à esquerda do</p>	C.UP

		centro, abaixo da pintura/foto)		vídeo): pintura/foto em preto e branco de Josef Stálin, com vestes militares, surge ao lado do rosto de Isabella.	
4.4	[Corte] [Estúdio] Isabella Lubrano (apresentadora): <i>E pode acreditar... nessa época, essa sátira contra a União Soviética..., porque o autor, George Orwell, nunca negou que fosse uma sátira contra a União Soviética..., foi muito, mais muito mal vista mesmo pelos países capitalistas como a Inglaterra e os Estados Unidos...</i>	-	-	[Corte] – Edição do vídeo (sem <i>flash</i>). É retirada a imagem de Stálin. Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala. Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.	- C.UP
4.5	[Corte] [Estúdio] Isabella Lubrano (apresentadora): <i>... isso porque naquela época estava acontecendo a Segunda Guerra Mundial...</i>	-	-	[Corte] – Pequeno <i>flash</i> de luz na imagem que caracteriza a edição do vídeo. Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala. Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.	- C.UP
4.6	[Corte – Narração em <i>off</i> – oculta] Isabella Lubrano: <i>... e a União Soviética era aliada dos Estados Unidos e da Inglaterra contra a Alemanha de Hitler e, por isso,</i>	Stálin, Roosevelt (EUA) e Churchill (UK) Conferência de	-	Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala. Enquanto Isabella narra, é apresentada uma foto em preto e branco de Stálin, Roosevelt e Churchill	PT

4.7	<p><i>nenhum governo...</i></p> <p>[Corte – Estúdio]</p> <p>Isabella Lubrano (apresentadora): ... <i>nenhum intelectual, nenhum jornal ousava fazer uma mínima crítica, não falava um 'ai' contra o Stálin, mesmo que ele estivesse fazendo as maiores atrocidades na Rússia e na Europa Oriental...</i></p>	<p>Teerã – 1943</p> <p>(Posição em vídeo: esquerda, abaixo)</p> <p>-</p>	<p>Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.</p>	<p>sentados lado a lado, respectivamente, da esquerda para a direita.</p> <p>Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p>	<p>C.UP</p>
4.8	<p>[Corte]</p> <p>[Estúdio]</p> <p>Isabella Lubrano (apresentadora): ... <i>e isso era uma coisa que deixava o autor desse livro, o inglês George Orwell... simplesmente... possesso!</i></p>	<p>-</p>	<p>-</p> <p>Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.</p>	<p>[Corte] – Edição do vídeo (sem <i>flash</i>).</p> <p>Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p>	<p>-</p> <p>C.UP</p>
4.9	<p>[Corte]</p>	<p>-</p>	<p>-</p>	<p>[Corte] – O vídeo fica com fundo preto, antes do videoclipe.</p>	<p>-</p>
5	<p>[Videoclipe]</p>	<p>-</p>	<p>-</p>	<p>Continua a música clássica, com volume moderado.</p> <p>Imagem: Foto em preto e branco de George Orwell olhando diretamente para a câmera com um sorriso discreto. À sua frente, um microfone com uma pequena placa da BBC. No bolso esquerdo de seu paletó, um lenço branco. A imagem ocupa quase todo o</p>	<p>PP</p>

	[Estúdio]			<p>enquadramento do vídeo, diminuindo gradativamente.</p> <p>Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p> <p>Imagem (à esquerda do vídeo): foto em preto e branco de George Orwell com um sorriso discreto. Olha diretamente para a câmera. Foto apresentada à esquerda do vídeo, ao lado do rosto de Isabella.</p>	C.UP
5.1	[Corte]	-	-	[Corte] – Pequeno <i>flash</i> de luz na imagem que caracteriza a edição do vídeo. É retirada a imagem de George Orwell.	-
	[Estúdio]			<p>Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p> <p>Isabella abre o livro e lê a informação sobre a idade de George Orwell no acaso de sua morte.</p>	C.UP
5.2	[Corte]	-	-	[Corte] – Edição do vídeo (sem <i>flash</i>).	-
	[Estúdio]				

Isabella Lubrano (apresentadora): *Mas agora a gente precisa entender melhor quem foi ele: George Orwell foi um jornalista inglês de talento literário muito grande, mas que também tinha um grande senso de justiça e um espírito aventureiro... digamos assim... Ele adorava entrar numa briga...*

George Orwell (1903-1950)
(Posição em vídeo: esquerda-centro, baixo)

Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.

[Corte]

[Estúdio]

Isabella Lubrano (apresentadora): *... e durante toda a sua breve vida... ele viveu só 47 anos... ele... se identificava com a classe trabalhadora e se definia como sendo socialista.*

-

Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.

[Corte]

[Estúdio]

-

-

[Corte] – Edição do vídeo (sem *flash*).

C.UP

C.UP

-

C.UP

-

	<p>Isabella Lubrano (apresentadora): <i>Mas ele tinha uma grande angústia, que era perceber que aos olhos do mundo... socialismo era o que estava sendo feito na União Soviética desde a Revolução Russa. E pra ele não podia haver nada mais oposto ao socialismo do que a União Soviética.</i></p>	-	Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.	<p>Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. O verso da capa do livro está voltado para a câmera.</p>	C.UP
5.3	<p>[Corte]</p> <p>[Estúdio]</p>	-	-	<p>[Corte] – Pequeno <i>flash</i> de luz na imagem que caracteriza a edição do vídeo.</p>	-
5.4	<p>Isabella Lubrano (apresentadora): <i>Então ele escreve “A Revolução dos Bichos”, que é um livro propositalmente curto e fácil de ser traduzido pra várias línguas..., porque ele queria provar para o mundo que a União Soviética tinha distorcido a ideia original do socialismo...</i></p> <p>[Corte]</p> <p>[Estúdio]</p>	-	Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.	<p>Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. O verso da capa do livro está voltado para a câmera.</p> <p>[Corte] – Edição do vídeo (sem <i>flash</i>).</p>	C.UP
5.5	<p>Isabella Lubrano (apresentadora): <i>... socialismo pra ele é democrático, já o stalinismo é o contrário... é totalitário.</i></p> <p>[Corte]</p> <p>[Estúdio]</p>	-	Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.	<p>Continua a música clássica, com volume baixo, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. O verso da capa do livro está voltado para a câmera.</p> <p>[Corte] – Pequeno <i>flash</i> de luz na imagem que caracteriza a edição do vídeo.</p>	C.UP

	<p>Isabella Lubrano (apresentadora): <i>Essa era a intenção dele ao escrever esse livro e sorte que ele não viveu muito tempo pra ver depois o que foi feito da obra dele. Ele morreu em 1950... mais ou menos nessa época os Estados Unidos mudaram completamente de posição com relação a esse livro aqui, e transformaram “A Revolução dos Bichos” num dos mais poderosos instrumentos de propaganda anticomunista da Guerra Fria.</i></p>	-	Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.	<p>Continua a música clássica, quase inaudível, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p>	C.UP
5.6	<p>[Corte]</p> <p>[Estúdio]</p> <p>Isabella Lubrano (apresentadora): <i>Até mesmo a CIA, que é a Agência de Inteligência Norte-Americana... ela acabou financiando a distribuição desse livro pro máximo de países possível pelo mundo e também mandou fazer uma adaptação em desenho animado pra poder ser visto também por crianças. Se você ‘tá’ curioso, o link do desenho de 1954 é esse aqui do lado. Assista, é muito interessante..., mas tenha em mente de que ele não é exatamente fiel... ele muda alguns aspectos da história pra deixar mais ‘redondinho’ com a propaganda norte-americana... não deixe de ler o livro!</i></p>	-	-	<p>[Corte] – Edição do vídeo (sem <i>flash</i>).</p> <p>Continua a música clássica, quase inaudível, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p> <p>Isabella aponta com a mão esquerda o local no vídeo, ao lado do seu rosto, onde aparecerá o link com a informação do desenho animado de “A Revolução dos Bichos”.</p> <p>Imagem do link (à esquerda do vídeo): quatro porcos lado a lado. Um deles, de pele de cor rosa-claro, com feição zangada. Os outros três, com pele de cor rosa, o observavam com atenção.</p> <p>Isabella aponta com o dedo para o livro e sorri.</p>	-
5.7	[Corte]	-	-	[Corte] – Pequeno <i>flash</i> de luz na imagem que	-

5.10	<p><i>colocar o socialismo em prática, como o que tentou fazer o presidente Salvador Allende no Chile. Se você quiser saber mais sobre isso, assista a resenha que eu fiz sobre o livro “A Casa dos Espíritos”.</i></p> <p>[Corte]</p> <p>[Estúdio]</p> <p>Isabella Lubrano (apresentadora): <i>Mas o fato é que nesse contexto de Guerra Fria, não existia uns ‘cinquenta tons de cinza’ com relação ao socialismo. Pro bloco capitalista, existia uma única cor: vermelho... e ela precisava ser eliminada.</i></p>	-	<p>variados.</p> <p>Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.</p>	<p>Isabella aponta com o dedo a posição no vídeo, ao lado do seu rosto, onde aparecerá o link com a resenha audiovisual: “A Casa dos Espíritos”.</p> <p>Imagem (à esquerda do vídeo): um link do canal “Ler Antes de Morrer” com Isabella sorrindo do lado direito da imagem do link. Do lado esquerdo, a inscrição “A Casa dos Espíritos”. Abaixo do rosto de Isabella, o logotipo do canal “Ler Antes de Morrer”. Ao fundo, seu estúdio: livros em estantes.</p> <p>[Corte] – Pequeno <i>flash</i> de luz na imagem que caracteriza a edição do vídeo.</p> <p>Continua a música clássica, com volume moderado, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera segurando apenas o livro “A Revolução dos Bichos”, agora, com a mão esquerda, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p> <p>Isabella gesticula fazendo aspas (“”) com os dedos, enquanto segura os livros, ao falar ‘cinquenta tons de cinza’.</p> <p>Imagem (que ocupa quase todo o enquadramento do vídeo): ao Isabella falar a palavra “vermelho”, surge uma bandeira vermelha cujo centro possui, entrecruzadas, uma foice e um martelo e, acima deste, uma estrela de cinco pontas. Ambos os</p>	<p>C.UP</p> <p>-</p> <p>C.UP</p> <p>C.UP</p>
------	---	---	---	---	--

5.11	<p>[Corte]</p> <p>[Estúdio]</p> <p>Isabella Lubrano (apresentadora): <i>Eu acho que a gente pode dizer que George Orwell foi um daqueles artistas que perdem o controle sobre a sua obra...</i></p>	-	-	<p>objetos são dourados. A imagem permanece por aproximadamente dois segundos, sendo retirada em seguida.</p> <p>[Corte] – Pequeno <i>flash</i> de luz na imagem que caracteriza a edição do vídeo.</p> <p>Continua a música clássica, com volume moderado, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro novamente com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p>	-
5.12	<p>[Corte]</p> <p>[Estúdio]</p> <p>Isabella Lubrano (apresentadora): <i>... ele tentou hastear uma bandeira..., mas o que flamejou, foi outra...</i></p>	-	-	<p>[Corte] – Edição do vídeo (sem <i>flash</i>).</p> <p>Continua a música clássica, com volume moderado, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p>	-
5.13	<p>[Corte]</p> <p>[Estúdio]</p> <p>Isabella Lubrano (apresentadora): <i>Mas a boa notícia é que hoje em dia, muitos anos depois do fim da Guerra Fria, novas leituras estão</i></p>	-	-	<p>[Corte] – Pequeno <i>flash</i> de luz na imagem que caracteriza a edição do vídeo.</p> <p>Continua a música clássica, com volume moderado, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao</p>	-

	<p><i>sendo feitas sobre as obras de George Orwell. Inclusive essa edição aqui da Companhia das Letras é ótima... tem um apêndice sensacional com várias informações extras, que ajudam a entender que George Orwell..., ele foi mais que um escritor talentoso..., ele foi um intelectual de esquerda de rara lucidez, capaz de perceber, no momento em que aconteciam, as distorções políticas do seu tempo e que os historiadores demorariam décadas pra enxergar.</i></p>			<p>falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p>	
5.14	<p>[Corte]</p> <p>[Estúdio]</p>	-	-	<p>[Corte] – Edição do vídeo (sem <i>flash</i>).</p> <p>Continua a música clássica, com volume mais alto do que anteriormente, enquanto Isabella fala.</p>	-
	<p>Isabella Lubrano (apresentadora): <i>E mesmo que a mensagem das obras dele seja continuamente reinterpretada, permanece pra aqueles que querem entender, uma única mensagem: a mensagem de que o verdadeiro inimigo não tem filiação política, porque o verdadeiro inimigo é aquele que quer restringir a liberdade humana em favor de um bem supostamente maior...</i></p>	-	<p>Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.</p>	<p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p>	C.UP
5.15	<p>[Corte]</p> <p>[Estúdio]</p>	-	-	<p>[Corte] – Pequeno <i>flash</i> de luz na imagem que caracteriza a edição do vídeo.</p> <p>Continua a música clássica, com volume mais alto do que anteriormente, enquanto Isabella fala.</p>	-
	<p>Isabella Lubrano (apresentadora): <i>... e nada é maior do que a liberdade...</i></p>	-	<p>Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.</p>	<p>Isabella fala diretamente para a câmera, segurando o livro com a mão direita, próximo a seu rosto. Ao falar, gesticula e, ora mostra, ora oculta o livro no campo de enquadramento do vídeo. A capa do livro está voltada para a câmera.</p>	C.UP

5.16	<p>[Corte]</p> <p>[Estúdio]</p> <p>Isabella Lubrano (apresentadora): ... e a liberdade, abre aspas, se é que ela significa alguma coisa, significa o direito de dizer às pessoas aquilo que elas não querem ouvir.</p>	<p>-</p> <p>“A liberdade, se é que que significa alguma coisa, significa o nosso direito de dizer às pessoas o que não querem ouvir” George Orwell</p> <p>(Posição em vídeo: esquerda, acima)</p>	<p>-</p> <p>Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.</p>	<p>[Corte] – Pequeno <i>flash</i> de luz na imagem que caracteriza a edição do vídeo.</p> <p>Continua a música clássica, com volume mais alto do que anteriormente, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera sem o livro em mãos.</p> <p>A legenda surge à esquerda do vídeo, ao lado do rosto de Isabella, enquanto ela recita a mesma. Ao terminar, sorri para a câmera.</p>	<p>-</p> <p>C.UP</p> <p>C.UP</p>
5.17	[Corte]	-	-	[Corte] – A imagem fica escura.	-
6	<p>[Estúdio]</p> <p>Isabela Lubrano (apresentadora): <i>E se você gostou desse vídeo, já sabe: curta, se inscreva no canal, acesse o blog... www.lerantesdemorrer.com ... e a gente se vê no próximo vídeo! Até lá!</i></p>	<p>Inscreeva-se!</p> <p>(Posição em vídeo: centro-direita, baixo)</p>	<p>Escritório/cômodo com estantes repletas de livros com temas e autores variados.</p>	<p>Continua a música clássica, com volume mais alto do que anteriormente, enquanto Isabella fala.</p> <p>Isabella fala diretamente para a câmera sem o livro em mãos.</p> <p>Imagens (à esquerda do vídeo): surgem links de outras resenhas audiovisuais feitas por Isabella e postadas no canal “Ler Antes de Morrer”: “Mar Morto”, de Jorge Amado e “A Mulher que Escreveu e Bíblia”.</p> <p>Abaixo do rosto de Isabella surge a legenda “inscreva-se!”. Ela termina o vídeo sorrindo para a câmera.</p>	<p>PP</p> <p>PP</p>
6.1	[Corte]	<p>www.lerantesdemorrer.com</p> <p>Isagram/Facebook: Ler Antes de Morrer</p> <p>(Posição em vídeo: centro)</p>	-	<p>[Corte] – Continua a música clássica, com volume mais alto do que anteriormente.</p> <p>A imagem do vídeo fica com o fundo preto e legendas brancas.</p>	-

Apêndice II-C – Protocolo III – Planilha de Registro de Comentários

Canal: “Ler antes de morrer”		URL YOUTUBE: https://www.youtube.com/watch?v=kPYGyVz7FnA	
Publicação: 13/03/2015		Último acesso e visualizações: 18/04/2017 - 65.110	
Título: A REVOLUÇÃO DOS BICHOS, DE GEORGE ORWELL (#14)		Total de comentários: 409 (incluindo respostas a comentários)	
Sequência	Nome	Comentários	Publicação
1	André	O problema é que o Socialismo cria necessariamente coerção e autoritarismo Ideais Socialistas sempre vão contra liberdades individuais Dividir nunca vai ser a solução ,e sim multiplicar	1 ano atrás.
1.1	Carlos	(Em resposta a 1) – Multiplicar desde que também se divida.	10 meses atrás.
1.2	Pedro	(Em resposta a 1.1) – E se eu multiplicar minha riqueza e me negar a dívida? Vai fazer oq Hitler?	8 meses atrás.
1.3	Jair	(Em resposta a 1.2) – ããã noçãozinha fraca de Hitler hein fera. Socialista Hitler jaz em paz	5 meses atrás.
2	Mirian	"Porque o verdadeiro inimigo é aquele que quer restringir a liberdade humana em favor de um bem supostamente maior", vide o coletivismo. Porém, o socialismo é exatamente isso. Tudo em favor do bem-maior. O indivíduo perde aquilo que o define, ou seja, suas escolhas, características e personalidade para fazer parte de um todo, perdendo assim sua identidade. Se você defende a liberdade de cada indivíduo (porque a menor minoria que existe é 1 indivíduo), você defende o Liberalismo.	1 ano atrás (editado).
3	Antônio	"Quem nunca foi socialista na juventude ñ tem coração e se continuar sendo depois disso é porque ñ tem cérebro." alguém falou isso e eu concordo.	1 ano atrás.
3.1	César	(Em resposta a 3) – cérebro? mano...	10 meses atrás.
3.2	Milton	(Em resposta a 3.1) – ninguém tem cérebro	10 meses atrás.
3.3	Luiz	(Em resposta a 3) – Frase incrivelmente interessante. Antes, era ferrenho defensor desse... ..lixo ideológico, hoje, como podem perceber sou expressamente contrário.	10 meses atrás.
3.4	Caio	(Em resposta a 3) – Essa frase é de autor desconhecido mesmo... mas é totalmente verdadeira!	10 meses atrás.
3.5	Jorge	(Em resposta a 3) – Então acho que nunca tive coração...	10 meses atrás.
3.6	Jorge	(Em resposta a 3) – Pelo menos sempre tive cérebro	10 meses atrás.
3.7	Ana	(Em resposta a 3) – Cérebro*	1 semana atrás.
4	Roberto	Este livro eh muito legal e explica a porcaria ideológica da esquerda mundial. Sempre a mesma conversa do verdadeiro socialismo kkkk como sempre fracassam querem dizer que nunca foi bem empregado.	2 anos atrás (editado).
4.1	Acácio	(Em resposta a 4) – Burro pra caralho, parece que não assistiu o vídeo	1 ano atrás.
4.2	Roberto	(Em resposta a 4.1) – já li o livro não entro no mérito do vídeo. Todo socialista é retardado se você se enquadra parabéns pela escolha!	1 ano atrás.
4.3	Acácio	(Em resposta a 4) – " Este livro eh muito legal e explica a porcaria ideológica da esquerda mundial" Tu não entende porra nenhuma, ou pior, ainda entende o oposto do que o autor quis dizer. O livro é uma clara crítica ao TOTALITARISMO e a falta de liberdade de expressão (Como aconteceu no Stalinismo e como aconteceu na NOSSA ditadura militar brasileira (de DIREITA). Se você já leu o livro então você é um analfabeto funcional. Me diz aí então o que representam os personagens "Sr. Jones", "Porco Major" e "Porco Bola-de-Neve"; e qual a conotação dada a eles pelo autor. Me diz tbm, pelo amor de deus o que vc entendeu da ÚLTIMA FRASE do livro: "As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco."	1 ano atrás.
4.4	Sérgio	(Em resposta a 4) – Tem outra o George orwell era socialista	1 ano atrás.

4.5	Roberto	(Em resposta a 4.4) – socialismo é utopia só idiota acredita nesse tipo de coisa.	1 ano atrás.
4.6	Sérgio	(Em resposta a 4) – entao vc acredita que George Orwell era idiota?	1 ano atrás.
4.7	Roberto	(Em resposta a 4.6) – ele era inteligente, tanto que critica o socialismo no livro. Você fala que ele era socialista, mas ele é um socialista de uma utopia de igualdade algo impossível de se alcançar.	1 ano atrás.
4.8	Sérgio	(Em resposta a 4.2) – vc disse "Todo socialista é retardado "	1 ano atrás.
4.9	Roberto	(Em resposta a 4.8) – apelei na palavra. Ele é um cara inteligente, mas com uma mentalidade "retardada" ou inocente quanto uma sociedade politica que funcione. Utopia da pessoa acreditar no socialismo pleno em nações regidas com igualdade e blá blá blá. Quem vai ser pedreiro ou puxar enxada em uma sociedade onde todos somos iguais???	1 ano atrás.
4.10	Sérgio	(Em resposta a 4.9) – e seria o capitalismo a mentalidade certa ?	1 ano atrás.
4.11	Roberto	(Em resposta a 4.10) – só a competição faz o mundo desenvolver.	1 ano atrás.
4.12	Sérgio	(Em resposta a 4.11) – faz o mundo desenvolver pra quem ? para uma minoria só para se ter noção,50% da população brasileira não tem saneamento básico	1 ano atrás.
4.13	Roberto	(Em resposta a 4.12) – Desde quando isso é culpa do capitalismo? A minha cidade tem quase 100% de saneamento básico é a segunda do país e o governo só tira dinheiro daqui pra colocar no norte de nordeste nesse caminho vão roubando até não sobrar nada. Se não tem saneamento básico, saúde, educação entre outras coisas é pq o governo rouba tudo com um discurso esquerdista de distribuição de renda, não tem nada de culpa do capitalismo.	1 ano atrás.
4.14	Sérgio	(Em resposta a 4.13) – algo que se perpetua desde o começo do brasil como a desigualdade social com certeza é culpa do PT, afinal de contas o PT inventou a Corrupção	1 ano atrás.
4.15	Roberto	(Em resposta a 4.14) - não inventou, mas que roubam como se não houvesse amanha isso é verdade. PT é um lixo se você gosta tem merda na cabeça.	1 ano atrás.
4.16	Daniel	(Em resposta a 4.14) – va lambar as botas de che guevera...	1 ano atrás.
4.17	Lúcio	(Em resposta a 4.3) – Socialismo e autoritarismo são palavras sinônimas ... Ou você já viu um regime socialista que não fosse autoritarista e tirano?? Se já viu, poderia dizer qual foi ?	1 ano atrás.
4.18	Cláudio	(Em resposta a 4) - Impressionante como eles fazem a merda, saem todos sujos da cagada e aos GRITOS proclamam que o socialismo foi distorcido e lá vão recomçar o ciclo de reconstrução até cagarem novamente. Aff	1 ano atrás.
4.19	Tiago	(Em resposta a 4) – Bem coxinha você, direita extrema pelo o que vejo.	1 ano atrás.
4.20	Beatriz	(Em resposta a 4) – Na verdade ao produzir esta obra, George Orwell não estaria criticando o socialismo em si e sim o seu maior mal que faz com que o socialismo seja distorcido e tenha fracassado, que seria dos bichos que fizeram a revolução, preferirem estar no lugar de seus dominantes ao invés de escolherem a igualdade de todos os seus semelhantes, isto faz com que o sistema não mude, pois o que estaria acontecendo seria apenas uma troca de lugar no poder. Como dito no vídeo, o livro possui várias formas de serem interpretadas, fazendo com que a oposição do socialismo usasse a própria obra, contra ela mesma, dando a entender que praticar o socialismo é algo falho e que irá fracassar. Ele apenas fracassa por estas distorções que ocorrem, por parte de um grupo corrompido pelo individualismo que fazem a revolução apenas para ter o conforto no poder e por parte da classe dominante, que vai fazer de tudo para impedir o socialismo, pois querem ter tudo para eles e acham aterrorizante ter de dar o direito de todos serem iguais.	1 ano atrás.
4.21	Cláudio	(Em resposta a 4.20) – Que comentário fraco. O socialismo nunca dará certo pelas razões que você já mencionou: -- é contra o "individualismo", que é a base da "liberdade"; e -- impõe a "igualdade". A igualdade de classes não funcionou (nem funcionará) na Coreia do Norte ou Cuba, mesmo totalitárias como são, muito menos na democracia. Você é nova, ainda dá tempo de aprender que todos os tiranos da história se basearam neste seu argumento de que "falharam" na construção de um "mundo melhor" ou "não entenderam o socialismo", por isso deu errado. Entenda, garota: NÃO EXISTE ESSE MUNDO MELHOR OU IGUAL PARA TODOS! Fuja disso, SOCIALISTAZINHA DE CONDOMÍNIO!	1 ano atrás.
4.22	Beatriz	(Em resposta a 4.21) - Sim isto que você disse é verdade, o socialismo foi falho, nunca conseguimos aplicar sua verdadeira essência em nenhum lugar do mundo, por isso eu falo da ideia e não do homem,	1 ano atrás.

		porque o ser humano é falho. Se nós olharmos em volta, também veremos que o nosso sistema de vida atual também é falho, estamos em um sistema onde o ter é mais importante do que o ser, onde o mercado e o consumismo com suas superproduções, vem destruindo os nossos solos, nossas saúdes, e tudo isso apenas pelo dinheiro e conforto de uma minoria que é sustentada por nós trabalhadores. Tudo o que quero é que deixemos de pensar como status social, ou que deixemos de rotular as pessoas, seja anarquistas, socialistas, direitistas, esquerdistas o que for, veremos que antes de sermos algum "ista" nós somos Seres Humanos, vejamos, se somos da mesma espécie, porque ainda temos que viver em desigualdade mesmo depois de tantos anos e erros passados? Será que já não teríamos conhecimento e tecnologia suficiente para vivermos em igualdade?	
4.23	Paulo	(Em resposta a 4.2) – como você pode ler o livro, dizer que é bom e ao mesmo tempo dizer que todo socialista é retardado. Você está se contradizendo rapaz, ou gosta da ideologia de um socialista ou à dispensa!	1 mês atrás.
4.24	Bruno	(Em resposta a 4) – acho que vc leu errado. leia de novo kkk obs: orwell era de esquerda	1 mês atrás.
5	Rafael	Quanta bobagem. Não há socialismo democrático. Pois para que haja socialismo, é necessário a supressão da liberdade individual, pois dela surgem as desigualdades. Salvador Allende, por exemplo, contava com milhares de "consultores" cubanos, antes de 73. Só não estabeleceu um regime como o de Cuba, pois não obteve o poder total que Castro conseguiu... Esse povo estuda muito livros de história brasileira escritos por petistas e não sabem nada de história do mundo...	1 ano atrás.
5.1	Carlos	(Em resposta a 5) – Amigo, petista escrevendo livro de história...? Vai ler livros em outras línguas então, depois volta e apaga seu comentário.	10 meses atrás.
5.2	Helton	(Em resposta a 5.1) – A falta de informação é incrível	1 semana atrás.
6	Carla	Escreveu um livro magnífico, acreditou ter escrito uma história para mostrar que o socialismo tinha sido distorcido, mas a verdade é que o livro dele só prova que o socialismo será sempre esse animalismo. Como vc mesma disse, ele foi um intelectual da esquerda de rara lucidez. Porque a maioria não é. O conceito de liberdade em minha opinião, não existe absolutamente em nenhum dos polos. Acreditar que os poderosos permitirão que o socialismo seja implantado como o paraíso na Terra chega a ser mais do que inocente. O socialismo não é, não foi e nunca será a solução para a humanidade. Não acredito que a democracia, liberdade e justiça estejam ligadas a um movimento político, mas sim a alguns ideais humanos, e conectar um ao outro é a pior besteira que a Educação tem feito nas escolas. A única decepção que tive nesse livro, foi ao ler exatamente sobre essa explicação acerca do autor. Sua sátira ou fábula, é muito bem escrita e direta... a verdade é que se pode ver praticamente qualquer líder político com características fortíssimas do Napoleão. E da maioria das pessoas do mundo nos outros animais. Principalmente aqueles que são tão rapidamente silenciados como Bola de neve. Porque é isso o que acontece. Não existe revolução.... existe transformação. E se não for assim, vai acabar dando mer** como já bem descrito. Dividir para conquistar. Uma verdade dita mil vezes vira verdade. Educadores doutrinadores.... isso resolve os problemas do mundo? Não. Ensinar a pensar com autonomia sim. Eu tenho o direito à liberdade de pensamento. Não quero doutrinação ideológica nas escolas. Não podem alienar ideais humanos ou humanitários somente a um movimento político, pertencem à humanidade e ponto.	1 ano atrás.
6.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 6) – Grande desabafo o seu. E bem coerente sua maneira de pensar. Obrigada pro dividir aqui no canal. Beijo!!	1 ano atrás.
6.2	Maria	(Em resposta a 6) – Excelente comentário, parabéns.	1 ano atrás.
6.3	Carla	(Em resposta a um comentário excluído de Luana) – Também penso como você. É uma ilusão sem tamanho achar que viver como as pessoas que vivem em regimes socialista é ser livre, que é mais vantajoso do que trocar trabalho por salário. Essas definições políticas são um tanto complicadas, mas sempre pensei ser Centro-direita porque acredito que o "Estado" deve intervir minimamente para garantir que direitos e deveres sejam cumpridos, que haja um plano nacional para o desenvolvimento do país como um todo, garantir o básico para todos e etc. Enfim, eu acredito que devamos buscar o progresso como um todo e a liberdade para todos, mesmo que não consigamos atingir 100% da meta tão rápido, é muito mais vantajoso do que permitir centralizarem o pseudo poder do povo na mãos de poucos durante uma revolução. As histórias de muitos países que fizeram isso estão aí pra mostrar que não deu certo. Uma coisa eu tenho certeza: Nós não podemos aceitar ser vítima do Estado tal como somos atualmente, reféns da corrupção e da impunidade de quem deveria estar servindo o país. Aliado a esse problema temos outro: Não temos oposição, a oposição política num país é fundamental, mesmo que não concordemos com ela. No Brasil, só há uma falsa oposição, mas qualquer verdadeiro opositor é ferozmente combatido pela mídia por ser considerado "conservador" demais. Aí é fácil explicar porque temos uma corja de bandidos que maquinam juntos contra o povo em todos os níveis políticos do país. Se ainda não conhece, sugiro que você conheça um pouco sobre as ideias de Weber e Durkheim que tem	1 ano atrás.

		me ajudado a sintetizar as ideias sobre nossa vida em sociedade. Os professores em sua maioria só falam de Karl Marx, mas esses dois filósofos em minha opinião são muito mais coerentes com material mais aprofundado.	
6.4	Luana	(Em resposta a 6.3) – ire procurar sim, claro! se voce tiver alguns títulos que possam me ajudar a clarificar mais ainda minhas idéias e ideais, gostaria muito que me passasse. e creio que somente uma conscientização nacional sobre o nosso passado, o presente e verdadeiro conhecimento da historia de outros países, saberemos inclusive como nos posicionarmos e lutar de forma coerente. obrigada!	1 ano atrás.
6.5	Ângelo	(Em resposta a 6) – Sempre pensei que depois tanto tempo, depois de tantas vezes nao é possível que o socialismo tenha sido tanto distorcido. Depois de tanto refletir cheguei ao pensamento e que inclusive pensam o mesmo ate vc pareceu entender, que o socialismo é uma fantasia que ignora o lado ruim do homem e deixa tantas brechas para o totalitarismo. Algo que talvez so fassa sentido no papel, ou talvez nem ai. Depois de tanto tempo devemos pensar se o socialismo como é realmente daria certo em nosso mundo, em nossa sociedade. Bem, eu acho que nao.	1 ano atrás.
6.6	Carla	(Em resposta ao comentário excluído de Débora) – leia o que eu disse no primeiro comentário "O conceito de liberdade em minha opinião, não existe absolutamente em nenhum dos polos." "Não acredito que a democracia, liberdade e justiça estejam ligadas a um movimento político, mas sim a alguns ideais humanos, e conectar um ao outro é a pior besteira que a Educação tem feito nas escolas" Aliás, se vc ler todos os meus comentários.... verá que sou totalmente contra qualquer tipo de totalitarismo. Não falei do outro polo aqui, porque o livro trata do socialismo. Não sou totalitarista e em nenhum momento dei a entender isso.	1 ano atrás.
6.7	Ângelo	(Em resposta ao comentário excluído de Débora) – Capitalismo não é totalitarismo.	1 ano atrás.
7	Miguel	Bom vídeo! Mas ainda falta uma leitura mais rigorosa sobre essa obra de Orwell! Não é possível entender a "Revolução dos Bichos", publicado em 1945, sem ler uma outra obra do George Orwell chamada "Homenagem a Catalunha" de 1938. Infelizmente essa obra tem poucas edições em português, e ela precisa ser recuperada para se entender melhor os posicionamentos políticos de Orwell!. George Orwell foi um socialista convicto e de matriz libertária! Foi membro do Partido Comunista Inglês por muito tempo, e só o deixou de ser após a sua luta na Guerra Civil Espanhola (1936). Ele, como militante socialista e internacionalista, não podia virar os olhos para a Ditadura Fascista que Franco empreendia na Espanha. Ele se alistou as brigadas internacionais, e militou nos frentes de Aragão pelo POUM (Partido Operário de Unificação Marxista), uma das principais organizações socialistas, que junto a CNT (Confederação Nacional do Trabalho), sindicato Anarco-Sindicalista, empreendiam a luta contra os fascistas de Franco e lutavam por uma Revolução Socialista na Espanha! Em seu livro "Homenagem a Catalunha", Orwell conta essa sua experiência! E é na Guerra Civil Espanhola, que Orwell rompe com o Partido Comunista, pois o mesmo trai a revolução e persegue os militantes do POUM e da CNT. Aconselho muito a leitura dessa obra, e se possível, aconselho a verem o filme "TERRA E LIBERDADE" de 2006, dirigido por Ken Louch e baseado nesta obra de Orwell! É UM FILME BELÍSSIMO! Com ctz a leitura dessa obra permite uma melhor compreensão da ideologia política de Orwell. A Revolução dos Bichos é uma crítica ao governo Stalinista e ao Partido Comunista, que com sua traição sufucou a revolução socialista na Espanha! Quando Orwell diz socialismo real, ele esta se referindo a Espanha, uma das principais revoluções socialistas libertárias da História! Onde não só a bandeira vermelha triunfava, mas a bandeira VERMELHA E NEGRA! E como muitos sabem, os anarquistas são historicamente perseguidos pelos marxistas-leninistas, e o PC não poderia permitir uma revolução anarquista que novamente, assim como a Ucrânia livre de Mahkno, colocasse em cheque as formas de gestão que a Revolução Russa havia adotado. De fato, a crítica de Orwell ao Stalinismo se deve a experiência dele como militante na Guerra Civil Espanhola, e sua convivência com os militantes, trabalhadores e camponeses livres da Espanha! Para aqueles que não conhecem a história da Revolução Espanhola, aconselho o documentário "VIVER A UTOPIA" (1997), que esta disponível no youtube com legendas em português. Espero ter contribuído com o debate, novamente fica o agradecimento por fazer um vídeo que não caiu no senso comum. Gosto muito do seu canal! Espero que aprecie as dicas! Saudações Libertárias! Viva o Socialismo! Viva o Anarquismo! George Orwell presente!	1 ano atrás.
7.1	Carol	(Em resposta a 7) – Muito agradecida pelas indicações citadas!	1 ano atrás.
7.2	Joel	(Em resposta a 7) – Me explica uma coisa, como viva o socialismo e viva o anarquismo? Socialismo estado máximo, anarquismo estado nenhum, como consegue exaltar os dois?	1 ano atrás.
7.3	Elias	(Em resposta a 7) – Só uma correção, o filme "Terra e Liberdade" é de 1995 e é Loach.	1 ano atrás.
7.4	Elias	(Em resposta a 7.2) – Bom, é isso que dá se informar de mais só pela Internet.... O socialismo e o anarquismo surgem basicamente juntos no século XIX contestando a ideologia dominante capitalista, além de comporem a Primeira Internacional juntos. A diferença essencial é que o socialismo acredita que se deve tomar o Estado para o proletariado poder autogestionar-se, mas depois ele tem que ser superado.	1 ano atrás.

		Os anarquistas são mais diretos, vamos dizer assim, já que veem a necessidade da abolição imediata do Estado. Proudhon, o primeiro proclamado anarquista, é considerado um dos principais teóricos do socialismo libertário. Bakunin é considerado o pai do anarquismo socialista. Proudhon e Marx eram amigos até que velho barbudo escreveu "A Miséria da Filosofia". Enfim, Bakunin discordou de Marx na Internacional basicamente no ponto que expus no outro parágrafo. Enfim, dificilmente você vai um anarquista que não concorde com um socialista nesse ponto: o capitalismo precisa ser superado. Kropotkin, anarcocomunista, inclusive tem um ensaio sobre "A anarquia na evolução socialista". Recomendo. (Página 79: https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2014/03/o-princcc3adpio-anarquista-e-outros-ensaios-de-piotr-kropotkin-livro.pdf) Atualmente a Internet e principalmente o Mises.org conseguiram criar essa falsa dicotomia entre anarquismo e socialismo, mas no fim ambos são opostos ao capitalismo, embora tenha divergências entre si com o desenvolvimento teórico deles. Hoje em dia, há até correntes doidas como anarco-capitalismo, mas isso não faz nenhum sentido. Nem mesmo os anarquistas individualistas (em contraponto aos anarquistas coletivistas já citados), como Stiner ou Thoureau, advogam por coisa parecida... É difícil levar o Rothbard a sério... Ah, fazer uma crítica ao stanilismo, uma deformação não-dialética do marxismo-lenismo, como fazem Emma Goldman, Chomsky ou o próprio Orwell nada tem a ver com desacreditar do socialismo, mas sim em uma reflexão necessária e uma auto-crítica importante pelas quais temos que passar a todos momentos. Como diria Bakunin, "Liberdade sem socialismo é privilégio e injustiça; socialismo sem liberdade é escravidão e brutalidade."	
8	Fernando	Esse livro é a tradução do comunismo. E ainda tem gente que defende essa teoria macabra.	9 meses atrás.
8.1	Otávio	(Em resposta a 8) – Esse livro foi escrito por um comunista Libertário. ^^	8 meses atrás.
8.2	Fernando	(Em resposta a 8.1) – Pois é, o comunismo é tão ruim, que até quando um deles escreve algo, expressa a maldade desse movimento político.	8 meses atrás.
8.3	Laerte	(Em resposta a 8.2) – Você chegou a ler o livro? O que se passa é, havia um bom comunismo, após um tirano tomou o poder e houve o mal comunismo. Defende-se o bom.	8 meses atrás.
8.4	Cauã	(Em resposta a 8.3) – vc tem toda a razão! Mas esse cara n teve prestando atenção no vídeo nem do livro, caso tenha lido	8 meses atrás.
8.5	Denis	(Em resposta a 8.3) – Eu li o livro, e o que eu vi foi que o "bom" comunismo não passava de um sonho, vindo de um porco sonhador. Uma utopia.	6 meses atrás.
8.6	Tarso	(Em resposta a 8) – Na verdade não é Comunismo e sim Socialismo... E uma crítica a União Soviética.	5 meses atrás.
8.7	Nelson	(Em resposta a 8.5) – O "bom comunismo" é maravilhoso. Pena que ele não existe.	2 meses atrás.
9	Felipe	Um intelectual de esquerda que segue censurado na COREIA DO NORTE E EM CUBA. Moça, como interpretar isso?	1 ano atrás.
9.1	Felipe	(Em resposta ao comentário excluído de Milton) – ah, cara, não venha com esse papo furado de socialista pra cima de mim. Essa porcaria na qual você acredita não funciona em qualquer lugar do planeta. Você diz que não é socialista mas está defendendo. Faz muito sentido isso.	1 ano atrás.
9.2	Felipe	(Em resposta ao comentário excluído de Milton) – você começou o seu argumento apelando para o "não sou socialista, mas ...". Diga o que quiser, não será desse jeito que será levado à sério. Se você não acreditasse no socialismo, nem se daria ao trabalho em argumentar contra. Melhor sorte da próxima vez. Claro, você pode estar falando do COMUNISMO, que jamais surgiu em qualquer nação, mas aí já é outra questão, bem compreendida por alguém que já tenha estudado um pouquinho, não é mesmo?	1 ano atrás.
9.3	Felipe	(Em resposta ao comentário excluído de Milton) – é sua bandeira sim, caso contrário não a defenderia. Se não simpatizasse com essa ideologia, não se daria a esse trabalho. Antes de tudo, pare de ser contraditório.	1 ano atrás.
9.4	Sandro	(Em resposta a 9.2) – O comentário do rapaz foi excluído, mas tenho que dizer que o seu não faz sentido nenhum. Assim como não preciso ser gay pra defender a causa dos homossexuais, não preciso ser socialista pra defender os aspectos positivos do regime. Isso se chama lucidez.	1 ano atrás (editado).
9.5	Sandro	(Em resposta a 9.2) – Bom, como foi dito no vídeo existem vários tipos de socialismo, e para Orwell, o socialismo totalitário era condenável. Ou seja faz todo sentido ele ser censurado em regimes ditatoriais SIM. Se quer discutir de forma séria política e ideologias políticas, você tem que entender que tudo é bastante complexo. Falsas dicotomias e pensamento reducionista, definitivamente não contribuem para um bom debate.	1 ano atrás.

9.6	Felipe	(Em resposta a 9.5) – ah, cara, sem essa de "falsas dicotomias". A crítica ao comunismo é latente no texto. Está claro na obra um ceticismo em relação a SOCIEDADE SEM CLASSES. A burguesia desaparece e é substituída por uma NOVA CLASSE, que é a NOMEMKLATURA, formada pelos porcos, tal como aconteceu na URSS. Aspectos positivos do regime? Ah, tá	1 ano atrás.
9.7	Sandro	(Em resposta a 9.6) – O que você esquece é que Orwell também critica os capitalistas logo no início! Afinal é justamente a exploração que os animais sofrem por parte dos humanos que gera a revolução. E a conclusão não é que os porcos eram piores e sim que eles eram exatamente iguais aos humanos (capitalistas)!!	1 ano atrás.
9.8	Felipe	(Em resposta a 9.7) – e daí que critica os capitalistas no início? Você SABE O QUE É NOMEMKLATURA? Sabe o que era a elite estatal da URSS?	1 ano atrás.
9.9	Sandro	(Em resposta a 9.8) – Você está fugindo do tema que você mesmo propôs...	1 ano atrás.
9.10	Felipe	(Em resposta a 9.9) – não, ESTOU RESPONDENDO A QUESTÃO. Para debater esse assunto "tão complexo", você tem que saber o óbvio: em nações socialistas, as elites tradicionais foram substituídas por ELITES ESTATAIS. Quer fingir que os porcos da fazenda são capitalistas? São tão capitalistas quanto os governantes da Coreia do Norte.	1 ano atrás.
9.11	Sandro	(Em resposta a 9.10) – Eu nunca disse que os porcos são capitalistas! Aí fica difícil discutir. Você está refutando um argumento que eu não usei. Pensei que soubesse interpretar um texto simples, desculpe, me enganei. Quando digo que são iguais estou me referindo a forma autoritária com que ambos, humanos (capitalistas) e porcos (socialistas aos moldes de Stalin), tomam as decisões do estado e como os outros animais (proletariado) são oprimidos em ambos os casos. Fui mais didático agora?	1 ano atrás.
9.12	Felipe	(Em resposta a 9.11) – "a conclusão não é que os porcos eram piores e sim que eles eram exatamente iguais aos humanos (capitalistas)!!" Sinto muito, mas fica difícil não entender de outra forma. Cara, vai continuar a fingir que a NOMEMKLATURA não o foi criticada no livro? E que, independente do socialismo ser ESTALINISTA, CASTRISTA, MAOISTA, JUCHEISTA,, e por aí vai, as elites estatais vivem MUITO MELHOR do que o proletariado? Assim é fácil proteger o comunismo: se não funcionou, foi por culpa de camaradas como o Stalin.	1 ano atrás (editado).
9.13	Sandro	(Em resposta a 9.12) – Eu não disse que a crítica não existe. Aliás esse é um apontamento que faço sempre quando eu mesmo critico o socialismo. Mas deve-se pontuar que o autor não generalizou, a crítica dele foi ao socialismo totalitário. Dizer que isso vai acontecer em todas as formas do socialismo é uma leitura SUA, mas a discussão é sobre oq Orwell propõe. A questão inicial que você colocou era se Orwell era de esquerda. E sim, ele o era, mas isso não significa apoiar o socialismo em todas as suas formas. Esse é o ponto que venho defendendo. Ps: Como você leu o livro, achei que quando disse que eles eram iguais, estava em que sentido disse isso. Me enganei.	1 ano atrás.
9.14	Felipe	(Em resposta a 9.13) – você é comunista, não é mesmo?	1 ano atrás.
9.15	Sandro	(Em resposta a 9.14) – Não.	1 ano atrás.
9.16	Felipe	(Em resposta a 9.15) – então tá. Vou acreditar. Comunismo e o "socialismo totalitário" são a mesma coisa?	1 ano atrás.
9.17	Sandro	(Em resposta a 9.16) – Comunismo é em linhas gerais um regime onde não existe estado. Totalitarismo, no lado oposto do espectro, depende de um estado forte, grande e que é incorporado geralmente por uma pessoa ou partido político.	1 ano atrás.
9.18	Felipe	(Em resposta a 9.17) – você é comunista. Diz que não é, mas defende a ideologia, dizendo que ela não é totalitária.	1 ano atrás.
9.19	Felipe	(Em complemento a 9.18) – alguém QUE NÃO É COMUNISTA gostaria de debater seriamente esse assunto?	1 ano atrás.
9.20	Sandro	(Em resposta a 9.19) – Você afastou todas as pessoas interessadas com a sua petulância. Se reconhecesse a sua própria ignorância, talvez fosse alguém razoável para discutir o tema. Infelizmente não o é. Ah, só um detalhe, você não sabe o que é comunismo, e muito menos tem capacidade de identificar alguém que defenda esta ideologia.	1 ano atrás.
9.21	Felipe	(Em resposta a 9.20) – você é comunista mesmo, com esse papo diversionista, de quem quer enrolar.	1 ano atrás.

9.22	Felipe	(Em resposta a 9.17) – "Comunismo é em linhas gerais um regime onde não existe estado. Totalitarismo, no lado oposto do espectro, depende de um estado forte, grande e que é incorporado geralmente por uma pessoa ou partido político." Quando alguém quer defender o comunismo, escreve isso. Assim, protege a ideologia dos "marxistas vulgares", tipo stálin, mao e outros camaradas malvados.	1 ano atrás.
9.23	Sandro	(Em resposta a 9.22) – Ideologias em geral se referem a organizações sociais utópicas. O comunismo não é diferente. O fato de vc acreditar que o comunismo já foi implantado (Na Rússia de Stálin, por exemplo) já demonstra a sua falta de conhecimento. O comunismo, como Marx e outros propuseram, nunca foi implantado. E muito provavelmente nunca o será. O seu problema é enxergar o espectro ideológico como uma linha dividida apenas em preto e branco, sem as suas diversas tonalidades, sem nuances. Não, não existe apenas uma forma de socialismo. O mesmo é válido para o Capitalismo, que não pode ser analisado como se fosse o mesmo desde o momento em que surgiu até agora. Ou seja, a sua incapacidade de perceber que as questões sociais são complexas, te impede de discutir de forma razoável. É por isso que essa é a última vez que me dou o trabalho de vir responder.	1 ano atrás.
9.24	Felipe	(Em resposta a 9.23) – seu tonto, EU SEI QUE O SOCIALISMO MARXISTA ERA A "ETAPA" PARA A IMPLANTAÇÃO DO COMUNISMO, não aja como se eu desconhecesse isso. A questão aqui é outra, é a sua embromação. Ficou MAIS DO QUE EVIDENTE seu esforço para o que a ideologia comunista ficasse fora de críticas. Fez um baita esforço para poupá-la. Eu falando da nomenclatura, e vc agindo como se não soubesse do que eu dizia, falando do totalitarismo e as "nuances" nuances? Ah, tá. Se você não é comunista mesmo (vou considerar essa possibilidade), é daquele que acredita que o comunismo não passa de uma utopia (considerando o que disse). Mas o comunismo NÃO É UTOPIA. Chamar comunistas de "utópicos" (ficou claro que acredita nisso, caso não seja comunista) é na prática dizer que eles são idealistas, no sentido de que, apesar de insistirem em uma "utopia", são apenas camaradas bem intencionados que só querem o bem da humanidade. Mas onde estão os comunistas que, em sã consciência, tratam do mesmo jeito a turma que defende o liberalismo, por exemplo? Algum comunista considera o liberalismo uma utopia, ou algo A SER DESTRUÍDO? E sendo qualquer utopia uma impossibilidade lógica, definir comunismo como utópico é ajudar o discurso dos comunistas. Sendo uma mera utopia, que razão alguém terá para criticar o "socialismo real", a etapa para "utopicamente" se chegar ao comunismo? Aliás, era o que desde o início, eu estava fazendo aqui mas você - QUE NÃO É COMUNISTA - se incomodou. Das duas uma: OU VOCÊ É COMUNISTA, OU UM BAITA DE UM INGÊNUO, QUE DEVEIA IR ESTUDAR MARXISMO CULTURAL, PARA DEIXAR DE SER ENGANADO.	1 ano atrás.
10	Leila	Socialismo = a ideia de que todos devem ser iguais financeiramente é exatamente o que você falou no fim - restringir a liberdade humana (de ser mais rica que os outros) em favor de um bem maior (igualdade financeira). Como você pode continuar falando que o socialismo não é anti-liberdade, Isa? Gostaria que me respondesse.	9 meses atrás.
10.1	Dário	(Em resposta a 10) – Se eu ganhar mais dinheiro q os outros? vou ser obrigado pelo governo a dividir o q ganhei? É ISSO HITLER?	8 meses atrás.
10.2	Roger	(Em resposta a 10.1) – no socialismo Não existe o capital. isso ja basta.	7 meses atrás.
10.3	Leila	(Em resposta a 10.2) – O Capital é algo que qualquer um adquire trabalhando, desde o industrial até o pipoqueiro.	6 meses atrás.
10.4	Celso	(Em resposta a 10.3) – então, trabalhando, mas se todos ganham o mesmo alguns iam ficar sem trabalhar, não acha?	6 meses atrás.
10.5	Leila	(Em resposta a 10.4) – Como assim?	6 meses atrás.
10.6	Moisés	(Em resposta a 10) – Não, socialismo é oportunidades iguais a todos, não é igualdade financeira. Quem busca a igualdade financeira é o comunismo, que faz parte de uma esquerda radical. Não confunda as coisas. Países nórdicos seguem muitas ideias socialistas, o problema é a falta de conhecimento e achar que toda ideia de esquerda vai chamar o comunismo. Fazer o que, se vivemos em um mundo que diz que a esquerda é toda comunista, mas ama uma direita que provocou a exploração de países e as guerras mundiais. Ficarei feliz quando a sociedade souber equilibrar as ideologias, coisa que tá difícil.	5 meses atrás.
10.7	Leila	(Em resposta a 10.6) – Guerra Mundial foi provocada pela direita e ESQUERDA. O partido do Hitler era de esquerda, chamava-se, ora essa, Partido dos Trabalhadores. Socialismo NÃO é oportunidade igual, primeiro porque as palavras se contradizem: se v tem uma oportunidade será algo diferenciado do que outros tem, Aula de semântica básica . . Segundo porque ainda que os socialismo seja algo diverso do comunismo ele ainda é seu embrião, e o próprio Marx escreveu que é "o primeiro passo para o comunismo." Terceiro: os países nórdicos seguem a social democracia que é diferente do socialismo, Ela pode parecer no sentido do estado como planejamento central provendo "bem estar social", mas não tem a ver com o socialismo que é o Estado controlando os meios de produção. A sociedade não equilibra	5 meses atrás.

		ideologias porque tanto a direita quanto a esquerda ainda creem em Estado. A liberdade verdadeira só vem com o liberalismo.	
10.8	Moisés	(Em resposta a 10.7) – A primeira Guerra Mundial foi gerada pela ideologia liberal da direita, o neocolonialismo que resultou na pobreza de continentes, tais como o europeu. Hitler nunca foi de esquerda, inicialmente ele entrou para um grupo socialista, mas isso foi para ganhar força e com isso implantar o nazismo, ele mesmo defendia a ideologia da direita, tanto que caçava qualquer comunista, pois como o comunismo é de esquerda, é uma ameaça ao nazismo. Socialismo não é necessariamente comunismo, vale destacar que o bem estar social, é um ideal de esquerda, e está no socialismo, fica evidente que países nórdicos se equilibram, usam de ambas ideologias. Em países mais ao sul da Europa todos falam que eles são "socialistas". estava conversando, um dia desses, com um amigo da França sobre isso, e ele fala que, de fato, os países ao norte não são focados apenas ideologias da direita, mas também da esquerda, são países que buscam um equilíbrio. Até os EUA buscou ideias esquerdistas depois da grande depressão, todo mundo conhece aqui o New Deal. E outra, em nenhum momento eu falei que os países nórdicos são socialistas, eu falei que os países seguem algumas ideias da ideologia.	5 meses atrás.
10.9	Leila	(Em resposta a 10.8) – Eu não disse que você disse que países nórdicos são socialistas. Eu apenas disse que ainda que oriunda, a social democracia seguida por esses países NÃO é socialismo. O socialismo (e nem a extrema direita) NÃO contribuíram nada para o mundo, o que contribuiu foi o COMÉRCIO, o livre comércio entre as pessoas é o que aumentou a produção e a qualidade de vida do povo. O capitalismo tem milhares de defeitos, mas hoje uma pessoa pobre vive com mais conforto que um aristocrata da época do descobrimento GRAÇAS ao livre comércio. O que empobrece as pessoas são os governos que roubam milhões em impostos tanto dos ricos, mas principalmente da classe média e dos pobres. O socialismo e a social democracia estão mais próximos de planejamento central que é o similar ao nacionalismo de Hitler. Ele tinha conchavo com os comunistas, mas depois os traiu por isso os comunistas junto com os capitalistas o derrotaram. Mas dizer que ele era de direita porque perseguia comunistas é a maior ignorância que existe. É o mesmo que dizer que os direitistas que derrotaram Hitler não eram direitistas porque "Hitler era de direita". Tanto alas da direita quanto alas da esquerda têm divergências, mas o que as alas de esquerda, extrema esquerda e extrema direita têm em comum é o ultra-nacionalismo que é uma praga para a humanidade. Agora vamos fazer um teste com você: você prefere escolher o que vai comprar com concorrência de empresas que vão baratear seu produto ou a velha estupidez da esquerda que alegava que a Petrobrás é NOSSA. Tão nossa que você paga entre 3,30 e 3,80 o litro da gasolina. Não preferiria que houvesse empresas privadas competindo para haver postos vendendo gasolina desde 3,50 a 1,50 reais o litro? Não entendo como alguém pode defender ideias socialistas = Estado forte, indivíduo fraco. Você gosta de sustentar políticos?	5 meses atrás.
10.10	Moisés	(Em resposta a 10.9) – "Não entendo como alguém pode defender ideias socialistas" Direitos Trabalhistas surgiram com ideias socialistas, ué. Na Inglaterra Industrial, onde o trabalhador trabalhava sem condições, sem folgas etc. Por isso eu sempre defendo um equilíbrio ideológico, uso do radicalismo sempre deu merda, a história tá aí pra provar. Quero viver em um mundo no qual possa comprar recursos (celulares, roupas...) com meu salário, mas também quero desfrutar dos meus direitos como trabalhador. É até hipocrisia falar que ideias de esquerda não servem pra nada, e ficar feliz por uma folga que se aproxima.	5 meses atrás (editado).
10.11	Vitor	(Em resposta a 10.10) – Onde foi que o sistema socialista deu certo? o socialismo é o fim da propriedade privada dos meios de produção, o fim da propriedade privada e o controle estatal parcial ou total na vida das pessoas. estude o que acontece hoje na Venezuela. é um exemplo atual de como o socialismo pode destruir um país.	5 meses atrás.
10.12	Moisés	(Em resposta a 10.11) – Ideias socialistas, tais como direitos trabalhistas. Eu não quero implantar um sistema socialista, mas penso em um equilíbrio. Tenha uma interpretação básica no texto. Obrigado!	5 meses atrás.
10.13	Vitor	(Em resposta a 10.12) – engraçado que as pessoas saem de países com mais leis trabalhistas como que "protegem" o trabalhador mas que na verdade geram é desemprego como Brasil México e Venezuela, e vão para países como EUA, Canadá, Austrália.. onde se tem menos leis trabalhistas e burocracia.	5 meses atrás.
10.14	Moisés	(Em resposta a 10.13) – O engraçado é você aproveitar o fim de semana invés de pedir para trabalhar feito um escravo ao sistema, né?	5 meses atrás.
10.15	Moisés	(Em resposta a 10.13) – Mais ou menos leis trabalhistas, são leis influenciadas pela esquerda. Aceite você ou não. Como as leis trabalhistas geram desemprego? Quero uma explicação para tal "fato". O que eu sei que, a maioria do desemprego hoje no país é por conta da desigualdade social, que acaba excluído o marginalizado. Países desenvolvidos usam políticas que favorece uma maior igualdade no âmbito social, coisa que é de esquerda. Educação básica de qualidade, por exemplo. Dessa forma, incluindo pessoas ao mercado de trabalho capitalista. Países desenvolvidos usam muito do equilíbrio entre ideias.	5 meses atrás.
10.16	Leandro	(Em resposta a 10.15) – Não cara, é o contrário. O desemprego não é em função da desigualdade social,	5 meses

		a desigualdade que é em função do desemprego.	atrás.
10.17	Moisés	(Em resposta a 10.16) – Não olhe por esse lado carinha. Porque um pessoa empregada hoje e ganhando um salário mínimo ainda será excluído da sociedade, seus filhos ainda estarão sujeitos ao ensino público, diferente do particular (desigualdade social). O problema no Brasil é a má distribuição de renda e a concentração na mão dd poucos. Coisas que não acontece em países de primeiro mundo. Por isso eu falo que acredito em um equilíbrio. Já pensou escolas públicas com qualidade? Coisa que parece ser utopia aqui no Brasil.	5 meses atrás.
10.18	Leandro	(Em resposta a 10.17) – A desigualdade que sofre um empregado é muito menor em comparação a um desempregado. E só para constar, não tem como existir um equilíbrio, sempre haverá desigualdade. O número de pessoas que irá ganhar muito sempre será pequeno, pois nem todo mundo tem a capacidade de ter uma ideia genial, ou se destacar em determinada área. Ao meu ver, deve-se ter foco na melhoria de vida de todos, inclusive dos mais pobres.	5 meses atrás.
10.19	Moisés	(Em resposta a 10.18) – Um equilíbrio não precisa ser 100%, mas buscar ele pode ajudar muito ao país, o Canadá usa do equilíbrio ideológico e hoje é exemplo na qualidade de vida. Mas como melhora a vida dos pobres, se nossa política é corrupta e quem é elite nunca quer mudança? Fica tenso. Eu realmente espero que um dia essas melhorias possam acontecer no país.	5 meses atrás.
10.20	Vitor	(Em resposta a 10.19) – Leia Ludwig Von Mises, um economista da escola austriaca, e todas as suas opiniões sobre socialismo vão mudar.	5 meses atrás.
10.21	Leandro	(Em resposta a 10.15) – E respondendo sua pergunta para o [Vitor], as leis trabalhistas atrapalham e muito o mercado. Devido a essas leis os empregados ganham menos do que deveriam. Exemplo disso é o 13 salário, que é um salário feito com a diminuição do ganho dos outros meses. Outro exemplo disso é o salário mínimo, que se o indivíduo não conseguir produzir esse valor predeterminado, ele não conseguirá ser contratado NUNCA (países que não têm salário mínimo pré-definido tem uma taxa de desemprego abaixo de 1%). É meio difícil sintetizar tudo em um comentário, principalmente porque não pode colocar links, então sugiro que você dê uma pesquisada, principalmente em sites libertários. Tem um excelente canal aqui no you tube chamado ideias radicais, é só pesquisar no canal dele sobre salário mínimo e a CLT.	5 meses atrás.
10.22	Vitor	(Em resposta a 10.21) – exatamente isso que eu ia escrever. As pessoas se iludem com as lindas teorias do socialismo achando que é bom para sociedade. Mas socialismo é interferência do Estado na economia e isso pode parecer bom, mas só gera desemprego e pobreza a longo prazo.	5 meses atrás.
10.23	Leandro	(Em resposta a 10.19) – A elite não quer mudança? amigo, o Brasil vem perdendo investimentos dia após dia devido a essas políticas populistas e intervencionismo. Os mais ricos não confiam no nosso país para ganhar dinheiro. Em outras palavras, os políticos estão impedindo a chegada de pessoas que iriam trazer mais empregos e mais competitividade no mercado, que iria acarretar na queda dos preços das mercadorias.	5 meses atrás.
10.24	Leandro	(Em resposta a 10.8) – E respondendo seu comentário mais acima, a direita liberal não foi responsável pela 1 Guerra Mundial nem pelo neocolonialismo. Esses conflitos internacionais, assim como todos, foram criados pelo Estado. O Liberalismo luta pela presença do Estado APENAS na saúde, educação e segurança (algumas correntes, como o libertarianismo, buscam a extinção completa do Estado).	5 meses atrás.
10.25	Leandro	(Em resposta a 10.22) – Exatamente. É incrível como essas pessoas pedem mais Estado em tudo sendo que todos nós sabemos que grande parte dos políticos são corruptos. Aí depois que vem uma crise colocam a culpa na "elite" ou no Capitalismo. Só rindo mesmo...	5 meses atrás.
10.26	Moisés	(Em resposta a 10.24) – A direita liberal retirou o estado do caminho e possibilitou o neocolonialismo e o resto foi consequência. E a guerra na Europa foi causada exatamente pelo ideal de expandir os territórios com intenções econômicas. Só depois de um tempo que o estado ganhou espaço. Ahh, nos EUA foi o liberalismo que possibilitou a queda da bolsa e como consequência a grande depressão. Agora adivinha a medida do governo para melhorar a situação, o new deal.	5 meses atrás.
10.27	Leandro	(Em resposta a 10.26) – Ah foi? o exército que mandaram para a África era patrocinado pela Coca Cola? ou a Apple? Meu Deus cara, os Estados Europeus participaram ativamente no controle dos territórios africanos, isso não tem nada haver com empresas. Basta ver na história a Conferência de Berlim, que foi um tratado dos GOVERNOS europeus para partilhar a África entre os países-membros. E a queda da bolsa foi também outro exemplo de intervencionismo, assim como a prolongação da crise de 29 foi devido ao New Deal. É dito nos livros do MEC que houve uma superprodução. Me diga que tipo de empresário sabe que só vende uma quantidade "x" e produz "2x"? E não foi só um empresário, foi o PAÍS INTEIRO. E o grande sucesso do New Deal? foi abaixar a taxa de desemprego para 17%, índice que o Brasil está hoje. Uau, que solução hein. Planejamento de economia pelo Estado NUNCA irá	5 meses atrás.

		funcionar.	
10.28	Moisés	(Em resposta a 10.27) – E não é simplesmente deixar o sistema mandar. Estamos vivendo em um mundo do consumo, as pessoas estão consumido mais do que o necessário, mas como fica as questões do meio ambiente? É preocupante, tanto que já teve diversos acordos internacionais sobre isso, o último agora foi a COP21, onde diversas nações discutiram sobre novos acordos, e, claro, que isso interferem na economia. Não é simplesmente: "o Estado deve fazer só o básico", há muita coisa em que o Estado deve intervir, a atualidade mostra bem isso.	5 meses atrás.
10.29	Moisés	(Em resposta a 10.27) – Que intervencionismo permitiu a queda da bolsa de NY? Ué, a política não era liberalista? Fizeram o quê?	5 meses atrás.
10.30	Vitor	(Em resposta a 10.28) – entenda uma coisa de uma vez... O estado não dá nada de GRAÇA a ninguém. Tudo que ele te "oferece" ele te cobra em dobro. Então para com essas idéias de estado salvador que isso é furada. Olha o que ta acontecendo na Venezuela agora, porque as pessoas acreditaram num estado que ia tirar os pobres da miséria, um estado que ia tirar dos ricos e da pros pobres e olha o que aconteceu, todo mundo ta na miséria, o estado destruiu a economia! O que melhora a vida das pessoas é o MERCADO e NÃO o estado.	5 meses atrás (editado).
10.31	Moisés	(Em resposta a 10.30) – Eu não quero que o Estado tenha o total controle, não quero um socialismo. Mas acredito sim que o Estado deve tomar muitas ações além das básicas, o que já está acontecendo no mundo. Entenda uma coisa, eu afirmo o equilíbrio ideológico como uma forma de garantir uma boa sustentabilidade para uma nação, só isso. :)	5 meses atrás.
10.32	Leandro	(Em resposta a 10.31) – Cara, sustentabilidade é um assunto difícil de se debater, inclusive pelos estudiosos, que não conseguem entrar em consenso. Você sabia que a Terra produz cerca de 200 bilhões de toneladas de CO2 e que o ser humano é responsável apenas por 5% disso? A maioria vem dos mares e das plantas. Você sabia que até hoje, nenhuma vez a temperatura média global passou da máxima já registrada em 1998 (0.75)? Pra falar a verdade eu nem tenho uma opinião formada sobre isso. Se nem os estudiosos PhD não conseguem concordar, imagina eu rs	5 meses atrás (editado).
10.33	Vitor	(Em resposta a 10.31) – eu pensava igual a você até pouco tempo atrás. Mudei de opinião quando comecei a estudar mais a fundo a escola austriaca, principalmente Ludwig von Mises. Tem vários canais no YouTube sobre o assunto. Além do site do instituto Mises	5 meses atrás.
10.34	Moisés	(Em resposta a 10.32) – "Você sabia que a Terra produz cerca de 200 bilhões de toneladas de CO2 e que o ser humano é responsável apenas por 5% disso? A maioria vem dos mares e das plantas." ?????????? Mares e plantas são os maiores produtores de O2 através da fotossíntese cara. Principalmente as algas do mar. E não é apenas o CO2, há outros poluentes como o metano que é gerado pelo acúmulo de lixo.	5 meses atrás.
10.35	Leandro	(Em resposta a 10.29) – Ué, se o Estado era liberal, por que criar o New Deal, que vai contra tudo o que o liberalismo prega? "Que intervencionismo permitiu a queda da bolsa de NY?" Injeção de dinheiro na economia. Isso é medida keynesiana, não liberal. Como eu disse, não dá para explicar tudo por comentários no youtube. Como disse o amigo acima, vai no Instituto Mises que lá tem muito bem explicado sobre como aconteceu.	5 meses atrás.
10.36	Leandro	(Em resposta a 10.34) – Sim, fotossíntese durante o dia. A noite, quando não tem luz, não tem como fazer fotossíntese, então a planta faz o processo de respiração (absorve O2 e libera CO2). Eu usei o exemplo do CO2 pois é dito que ele é o principal fator do aquecimento global.	5 meses atrás.
10.37	Moisés	(Em resposta a 10.35) – Mas o keynesianismo só surgiu depois da grande depressão, um dos influenciadores foi o John Maynard Keynes (tá aí o nome keynesianismo), que escreveu seu livro "A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda" em 1936, quando os EUA já estava passando por uma crise. Quando ocorreu a queda (1929), ninguém ainda sonhava com o Keynes.	5 meses atrás (editado).
10.38	Leandro	(Em resposta a 10.37) – Sim, mas esse tipo de medida faz parte do Keynesianismo, não do Liberalismo.	5 meses atrás.
10.39	Moisés	(Em resposta a 10.36) – Ahh! Sim elas respiram, mas essa quantidade é insignificante, creio que os seus dados estão errados, procure fontes melhores, a planta libera muito mais O2 do que CO2, tanto que é esse CO2 que permite, não só o dela como de todos os seres vivos capazes de liberar, o efeito estufa, que é bom para manter a temperatura, mas uma alto efeito estufa não é bom. O equilíbrio ecológico permite a manutenção do planeta, ou seja, plantas/mar não são responsáveis pelos problemas ambientais. Extração de recursos, poluentes como enxofre, metano, mono/dióxido de carbono, entre outros que estão causando o desequilíbrio, esses sim estão sendo responsáveis. E essa lógica de consumo desnecessário não está contribuindo.	5 meses atrás.

10.40	Moisés	(Em resposta a 10.38) – Mas porque um Estado que entrou em uma baita crise buscaria aplicar novamente ideias que levaram a crise? Não consigo achar uma forma concreta pra isso.	5 meses atrás.
10.41	Leandro	(Em resposta a 10.40) – Como eu disse acima, injeção de dinheiro na economia não é medida liberal. Traz benefício a curto prazo (abaixa os juros, se não me engano) mas a longo prazo inicia-se uma crise. Foi assim em 1929. Foi assim em 2008. Foi assim nessa crise atual do Brasil. Uma explicação rápida sobre a relação juros e crise: quando o juros abaixa, o mercado entende que as pessoas ficaram mais ricas, então produzem mais. Como os juros abaixaram artificialmente e as pessoas não enriqueceram, os produtos ficam estocados e as empresas correm risco de quebrar (e quebraram). O resto você já sabe.	5 meses atrás.
10.42	Leandro	(Em resposta a 10.40) – Você pode me perguntar: "ué, mas então por que até os dias de hoje se faz isso?" Esse tipo de medida dá uma falsa sensação de progresso, e as consequências só começam a aparecer 3-4 anos depois. Ou seja, uma arma política excelente para desqualificar partidos adversários e qualificar os aliados.	5 meses atrás.
11	Alex	É bom ler Orwell como crítico da URSS, mas ele era bem idiota por ser de esquerda.	1 ano atrás.
11.1	Osmir	(Em resposta a 11) – É brincadeira né ? chamar o Orwell de idiota ?	10 meses atrás.
11.2	Alex	(Em resposta a 11.1) – Ele era socialista.	10 meses atrás.
11.3	Osmir	(Em resposta a 11.2) – E ser de esquerda é ser idiota ?	10 meses atrás.
11.4	Alex	(Em resposta a 11.3) – Sim.	10 meses atrás.
11.5	Osmir	(Em resposta a 11.4) – Já percebi quem é o idiota aqui :)	10 meses atrás.
11.6	Ângela	(Em resposta a 11.3) – Sim é ser idiota.... Vou tentar te explicar, é muito comum pessoas de esquerdas um dia perceberem como eram idiotas por serem de esquerdas, o inverso não acontece, geralmente o esquerdismo vem por falta de informação, ou por doutrinação (Um exemplo a escola USP tende fazer vc ser um esquerdista imbecil) muitas pessoas de esquerda são de esquerda pela simples vontade de "fazer amizades" . Ou seja, algumas pessoas vão terminar de esquerda pra sempre, outras vão se livrar por sorte. A pessoa de esquerda é idiota, mas ela não sabe que é, assim como um adolescente, não consegue entender que os pais delas não são chatos, mas são mais sábios que ela. Uma pessoa ja vivida e com certa intrução e conhecimento, com la seus 40 anos, se nunca foi de esquerda, ela jamais vai correr o risco de se esquerdar, pois ela não corre mais chance de ser uma idiota, pois não é influenciavel por amigos, professores, ou msm propaganda de midia. Bjos	9 meses atrás.
11.7	Osmir	(Em resposta a 11.6) – A USP não faz as pessoas se tornarem de esquerda, muito menos imbecis. Esta "escola" está entre as 100 melhores universidades do mundo. Você chama com tanta convicção os esquerdistas de idiotas, mas tenho certeza que nunca leu o Manifesto Comunista do Marx e do Engels, ou seja, não conhece nada do que tanto critica. Idiotas, para mim, são pessoas alienadas como você, não importando se são de direita ou de esquerda.	9 meses atrás.
11.8	Ângela	(Em resposta a 11.7) – Faz sim, conheço vários, varios mesmo alunos de lá, cedo ou tarde, formam, arrumam trabalho, começam realmente ver a vida com ela é e largam de ser imbecis esquerdopatas. Unesp a msm coisa. Mas por alguns anos se comportam como comunistas filhinhos de papai imbecis, a maioria não sabe o que é trabalhar das 7 da manha as 7 da noite, acham que são revolucionarios, mas não sao, sao apenas imbecis. Bjos	9 meses atrás.
11.9	Osmir	(Em resposta a 11.8) – Vejo que você não estudou na USP na UNICAMP e nem na UNESP, bom nessas faculdades você faz uma coisa que te falta bastante... pensar. Ao menos você sabe o que é Comunismo? bom aí vai uma definição bem básica " comunismo é uma doutrina social, segundo a qual se pode e deve "restabelecer" o que se chama "estado natural", em que todos teriam o mesmo direito a tudo, mediante a abolição da propriedade privada". Pesquise um pouco sobre isso ok ?	9 meses atrás.
11.10	Ângela	(Em resposta a 11.9) – Na vdd, me formei na Unicamp :) Não preciso pesquisar sobre nada, sei muito bem do que digo. Bjos	9 meses atrás.
11.11	Osmir	(Em resposta a 11.10) – Unicesu...	9 meses atrás.
11.12	Leonel	(Em resposta a 11.3) – Esses comunistas.. ㄟ	9 meses atrás.
11.13	Moisés	(Em resposta a 11.8) – “Ângela”, então largue os seus direitos como uma trabalhadora, peça pra trabalhar 12 horas por dia e sem folgas (incluindo férias). Já que quem lutou pelos direitos trabalhistas eram de esquerda. Idiota é aquele que não gosta de ver os lados positivos de ambas ideologias e ser	5 meses atrás.

		extremistas por uma. Guerras mundiais, neocolonialismo, comunismo, nazismo etc., todos criados por falta de equilíbrio ideológico.	
11.14	Tarso	(Em resposta a 11) – Ser de esquerda é ser idiota? Ter opiniões assim, é ser idiota! Tantos avanços políticos, religiosos e ideológicos, chamar grandes homens de idiota por serem de esquerda... É o cumulo.	5 meses atrás.
11.15	Breno	(Em resposta a 11.13) – Muito bem!!! E antes de mais nada, de onde surgiu a definição de ser esquerdista com ser necessariamente socialista e comunista? Não vale o exemplo da URSS e demais regimes, afinal quem era trabalhador no fim do século 19 começo dos 20 nem se dava ao luxo de explicar - pois não tinha isso - e quem vivia sobre regime monárquico nem conseguiria passar do parágrafo para tentar começar a pensar em explicar (isso se estivesse vivo)!	5 meses atrás (editado).
11.16	Verônica	(Em resposta a 11.15) – Esquerdismo é idiotice, sim.	1 mês atrás.
11.17	Helton	(Em resposta a 11.15) – Há muito idiota por aí é pessoal, este é só imaturo.	1 semana atrás.
12	Ademir	Acho que esse livro pode ser pensado também, sobre a natureza humana no geral, que reclama de seus líderes, mas quando tem uma oportunidade de mudar as coisas, faz igual ou pior. Podemos ver o próprio EUA, que criticavam o socialismo, mas destruíam outros países para se beneficiar de algum modo, como exploração do petróleo, venda de armamentos... pede que os países acabem com suas armas nucleares e nem toca no assunto das deles... Infelizmente, o ser humano no geral, é exatamente como Napoleão.	1 ano atrás.
12.1	Francis	(Em resposta a 12) – melhor comentário do vídeo! Aliás, exatamente por causa da natureza humana qualquer possibilidade de implementar o socialismo/comunismo é inviável, pois apesar da ideia original ser ótima, o ser humano é incapaz de deixar de tirar proveito dos outros.	1 ano atrás (editado).
12.2	Dante	(Em resposta a 12) – Caras como George Orwell e Alan Moore são exemplo de escritores que estavam a frente do seu tempo. Eles criticaram tanto o governo quanto a sociedade em geral.	1 ano atrás.
13	Lino	Uma aula de história! Cada dia mais apaixonado por esse canal! Parabéns!	1 ano atrás.
13.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 13) – Obrigada, “Lino”!!	1 ano atrás.
14	Ciro	Ganhou um inscrito. Li e adorei o livro e logo vim para a internet procurar análises, pra minha grata surpresa, encontrei este vídeo.	6 meses atrás (editado).
14.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 14) – Obrigada, “Ciro”. Espero que você goste tbm de outras resenhas do canal. Não deixe de comentar, fique a vontade por aqui, Beijo!!	6 meses atrás.
15	Nilson	que guria linda 😊	1 ano atrás.
16	Rogério	Você é talentosa e linda, com todo respeito!!!! Li vários livros por sua causa. bjs	1 ano atrás.
16.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 16) – Obrigada! <3	1 ano atrás.
17	Antenor	o poder corrompe os homens!	5 meses atrás.
18	Lorena	Eu amei esse livro, simplesmente amei. Confesso que a princípio eu entendi como um livro "anti-comunista", mas depois percebi que é muito mais! É um livro contra a ignorância, contra qualquer ditadura, mesmo (ou principalmente) uma ditadura para derrubar outra ditadura. Adorei o vídeo também, muito esclarecedor e diz exatamente o que é o livro, sem spoilers. Parabéns!	1 ano atrás.
19	Edmundo	socialismo, capitalismo e todos esses "ISMOS e ISMOS" não passa de animalismo.	1 ano atrás (editado).
19.1	Sabrina	(Em resposta ao comentário excluído de Mariana) – o livro inaugura esse conceito.	1 ano atrás.
19.2	Milton	(Em resposta a 19) – CALA BOCA, BURO!	11 meses atrás.
20	Fagner	Fantástico! A sua retrospectiva histórica foi sublime! E já li e recomendo... Um romance que nos dá um nó na garganta (principalmente no final d'A Revolução dos Bichos) assim como o 1984! Foi muito bom você mencionar que existem diferenças entre o socialismo defendido por Orwell e Marx do socialismo na prática. As pessoas (inclusive eu) elas rejeitam uma ideia mesmo antes de conhecê-la. Odeiam	2 anos atrás (editado).

		socialismo mas nunca leram O Manifesto Comunista ou O Capital. Odeiam o fascismo e o nazismo mas só sabem de um lado da moeda, e quando se tenta abordar o que de bom Hitler trouxe para Alemanha e para o mundo, elas fecham os ouvidos e começam a grunhir. As vezes são movidas por um ódio tão irracional (como nos 2 minutos de ódio em 1984) que se for perguntado qual o motivo por trás disso elas nem saberão responder. É importante lembrar que assim como é o Homem, o que ele faz não é bom ou ruim, é uma mistura das coisas. Duvide! Racionalize! Nós precisamos de mais pensadores livres no mundo para liquidar esse misticismo maniqueísta e assim construir uma cultura mais consciente. O importante é saber quais são os horrores que uma política pode nos mostrar, para conseguir argumentar o porque é nocivo, e além disso, é saber separar os males dos pontos positivos. Para que não tenhamos mais um sociedade contaminada pelo pensamento-crime.	
21	Raul	Ele não viveu a tempo para saber que o Socialismo também é Utópico.	14 meses atrás.
22	Isaac	Não existe democracia num sistema coletivista onde o governo toma conta. A idéia de uma sociedade ideal onde todos sem exceção agem harmonicamente em prol do coletivo sem uma força externa os controlando é uma utopia tão narcisista quanto o nazismo.	5 meses atrás.
23	Wander	"Ain!!! Existem diversas formas de socialismo." Sim, todas vão dar em genocídio e miséria. Mas sempre vai ter o Idiota Útil dizendo que deturparam Marx. Socialismo é uma Seita, tem todas as técnicas usadas por seitas. Prometem o paraíso, mas esse paraíso nunca chegará, ficará sempre pior. Quando vocês vão entender isso?	1 ano atrás.
24	Omar	Só vim avisar que comunismo é uma merda, flw.	2 anos atrás.
24.1	Jordano	(Em resposta a 24) – Só vim concordar com vc, vlw flw.	1 ano atrás.
25	Érica	O socialismo, sob qualquer ótica, é uma farsa.	4 meses atrás.
26	Bernardo	O livro não é uma crítica ao socialismo e sim uma crítica ao governo implantado na URSS pelo depóstico Stalin (Napoleão), que não podemos dizer que era o socialismo previsto por Lênin (Major), ele foi totalmente difundido e imposto com ideias de opressão e totalitarismo do Stalin. Ou seja o verdadeiro socialismo previsto de uma igualdade social, sem exploração e sem tirania seria possivelmente implantado pelo Trotsky (Bola de Neve), mas que não chegou a ser efetivado, por meio de fraudes e calúnias vindo de seu "adversário". Então para as pessoas que insistem em dizer que o socialismo não dá em nada e que é apenas uma forma de enganar o povo, vamos estudar mais sobre a Revolução Russa e as ideias reais do socialismo.	1 ano atrás.
26.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 26) – Penso que justamente essa foi a mensagem que o Orwell quis passar.	1 ano atrás
26.2	Salomão	(Em resposta a 26.1) – Lutou na guerra Civil Espanhola...e não era a favor do Franco!Um grande abraço!	1 ano atrás.
27	Cássio	A melhor resenha, deste livro, que eu já vi até agora, super contextualizada e organizada. O livro é muito bom, eu, quando fui ler sabia que falava sobre o "Socialismo", mas não sabia que era tão profundo e objetivo, logo após a expulsão do dono da fazenda, percebi logo a relação com a revolução russa, amo esse autor e sua posição em relação ao Capitalismo e o Socialismo. Parabéns pelo canal!	1 ano atrás.
28	Boris	Este livro inspirou a banda Britânica Pink Floyd a criar o album Animals, que antecedeu The Wall que é meio uma continuação. Considero uma obra mais de Roger Waters do que propriamente da banda.	1 ano atrás.
29	Jeisa	George Orwell não era indiano?	1 ano atrás.
29.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 29) – Sim, ele nasceu na Índia em 1903, mas mesmo assim era considerado cidadão britânico porque naquela época a Índia não era um país independente - fazia parte do império britânico.	1 ano atrás.
30	Jeniffer	Esse livro é SENSACIONAL! Amei demais. A propósito, adorei seu canal. Beijo.	1 ano atrás.
31	Ana Luiza	Suas resenhas são incríveis! Adoro todo esse embasamento histórico que você faz por trás das histórias, parece que deixa a pessoa ainda mais atraída pela história, deixa tudo mais interessante. :)	2 anos atrás.
31.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 31) – Obrigada, “Ana Luiza”! Realmente fica muito mais gostoso ler um livro quando a gente entende o contexto em que ele foi escrito. Espero que eu tenha conseguido inspirar mais gente a ler! Beijós	2 anos atrás.
32	Aurélio	O stalinismo não existiu, isso é só uma desculpa para dizer que o que aconteceu na Rússia não foi comunismo, mas está claro que o que aconteceu foi o comunismo. :)	6 meses atrás.

32.1	Cristoffer	(Em resposta a 32) – Não, não foi.	4 meses atrás.
32.2	Aurélio	(Em resposta a 32.1) – Foi sim, o comunismo é uma utopia, quem tem poder é quem está no comando. :)	4 meses atrás.
32.3	Cristoffer	(Em resposta a 32.2) – Primeiro, o que você tentou descrever acima, é Socialismo, não comunismo Segundo, o comunismo nunca foi implantado em nenhum lugar desse mundo.	4 meses atrás.
33	Noel	Olá Ótimo vídeo! Na minha opinião esta obra Não estaria criticando o socialismo em si, e sim dos maiores problemas de uma revolução socialista que seria o de se apegarem ao poder. Ou seja basta pensar nas classes como A sendo alta, B média e C baixa, a classe B briga para conseguir o lugar da A e esta usa a C para continuarem no topo e já a C permanece neutra, quando a B consegue a revolução, estaria na verdade apenas trocando de lugar com a A, sem que haja de fato uma reolução destas três camadas sociais, estariam apenas trocando de lugar, ou seja, neste livro, os que queriam a revolução usam as ideologias de um mundo livre e igual atraindo outros para lutar por isto(classe C), mas na verdade o que queriam mesmo(Classe B) era estar no lugar de seus dominantes(classe A) e não de uma revolução completa. Após conseguirem o poder o B passa a ser A, a A passa a ser a B e a C tem a idéia de ter participado de uma revolução, quando na verdade o fim virou o início e o início virou o fim.	1 ano atrás.
33.1	Ler antes de morrer	(Em resposta ao comentário excluído de Leni) – Justamente! O Orwell criticava o totalitarismo do regime soviético. Como você disse, o resultado foi apenas a troca de donos do poder.	1 ano atrás.
34	Harry	>>>" Todos iguais... todos iguais, uns mais iguais que os outros" EngHawNasVeias	4 meses atrás.
35	Franco	O comentário mais Lúcido aqui é da Dona do canal Ler antes de Morrer. A interpretação dela está correta, pois George Orwell era de esquerda realmente e queria denunciar o regime da União soviética , que não aplicava de fato o socialismo.Eu acho até legal na teoria o modelo que o Marx falava, o problema que é uma UTOPIA do ser humano, ou quase UTOPIA , pois é muito difícil criar uma IGUALDADE de fato quando o ser humano é mau por natureza de acordo com Thomas Hobbes.É da natureza do homem ser avarento o que podemos fazer e minimizar isso ao máximo. O tanto de governo de esquerda que entrou , principalmente na América Latina, mas nunca houve uma redução extraordinária da pobreza e desigualdade no mundo...Difícilmente viveremos uma anarquia ou socialismo, pois sempre vai ter um " camarada " p/ estragar tudo e ficar com o poder em mãos...	4 meses atrás (editado).
36	Milena	Comprei meu livro hoje no sebo :)	5 meses atrás.
37	Edvaldo	bom vídeo	1 ano atrás.
38	Jean	ESTE LIVRO É UMA DISTOPIA DA ILUSÃO UTÓPICA DO COMUNISMO SOCIALISTA E SUAS DISTORÇÕES DA REALIDADE QUE FAZEM O CONTRÁRIO DAQUILO QUE PROMETEM.A REVOLUÇÃO DOS BICHOS MOSTRA COMO SERES HUMANOS NA ÂNSIA PELO PODER PASSAM POR CIMA DE TODOS ,TUDO PELO PODER ,PARA O PODER E SOMENTE O PODER COMO VEMOS HOJE ATUALMENTE ACONTECER NAO SÓ NO BRASIL MAS,EM TODO LUGAR ONDE ESTA ORGANIZAÇÃO DITA TENTA FINCAR RAÍZES...É UMA SEVERA CRÍTICA PORTANTO A SÍNDROME DOS SALVADORES DA PÁTRIA	1 ano atrás.
39	Matias	O socialismo, na sua versão mais clássica, foi o da CCCP. Não adianta negar isto pois, os grandes teóricos do comunismo, viveram nesta época, na Rússia e, junto a Stalin e Lenin, por assim dizer, nunca negaram o fato de que estavam no caminho certo. Negar que o socialismo nunca existiu é negar Marx, Lenin, Gramsci, Lucacks, Althusser e outros. Então, o tal escritor, George Orwell, na minha opinião, era somente um iludido com socialismo. Seu livro, marxismo cultural puro.	1 ano atrás (editado).
40	Bianca	Você não sabe como foi maravilhoso encontrar seu canal neste momento! rrsr! Acabei de ler o livro, e assim que terminei fiquei com a impressão "ué, George não é socialista?!". A história (do livro) pode ser interpretada de várias formas, e é muito fácil os leigos (como eu) acreditarem que Orwell quer nos mostrar como "os bandeiras vermelhas" são "maus". Agora, depois de assistir seu vídeo, é que consegui enxergar as críticas aos governos totalitários e descobrir que sim, George é socialista. Agora posso enfrentar minha difícil missão de tentar defender Napoleão em um júri simulado (mesmo eu querendo, com certeza, condena-lo) muito mais "esclarecida". Beijos, e parabéns pelo canal!!	1 ano atrás.
41	Saulo	Parece que eu estou assistindo Tv a Cabo! hahah Muito bom! Já estou inscrito!!	1 ano atrás.
42	Pablo	Resenha perfeita, muito completa. Parabéns!	1 ano atrás.
43	Tomás	Eu nem sabia. Acabei de falar com o meu sobrinho: ele me emprestara.!! rrrs..	1 ano atrás.

43.1	Tomás	(Em resposta ao comentário excluído de Ler antes de morrer) – Li esta semana. Livro inteligente, humor sarcástico. Ainda se encaixa perfeitamente no contexto atual, principalmente em nosso país. Eu pessoalmente não tive raiva de Napoleão não; o que mais me irritou foram as ovelhas e garganta. Infelizmente existem muitos por ai.rsss.. Agora quanto ao final, serve-nos de lição a nunca sermos tão ingenuos, pelo menos isso é que eu tirei de lição, referente ao "camarada" Sansão.	1 ano atrás.
43.2	Ler antes de morrer	(Em resposta a 43.1) – A trajetória do Sansão é mesmo muito, muito triste. E revoltante!	1 ano atrás.
44	Tomás	É outro que esta em milha lista.. Falando nisso: já fizeste a resenha de Cem anos de Solidão.?	1 ano atrás.
44.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 44) – Ainda não fiz, mas devo fazer muito em breve! Os leitores me pedem muito por aqui...	1 ano atrás.
45	João Pedro	Meu Deus que videos foi esse e como é que eu não conhecia essa menina? Amei a aula de historia, amei o livro, amei tudo!	1 ano atrás.
45.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 45) – Que bom que você curtiu!!	1 ano atrás.
46	Ludmila	Gostei bastante da sua resenha e de todos os pontos observados. Parabéns. Amo George Orwell ;-)	1 ano atrás.
46.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 46) – Orwell é mesmo o máximo. Que visão!	1 ano atrás.
47	Jerry	Gostei muito, foi bem esclarecedor sua resenha. Realmente você conseguiu compartilhar a ideia por trás da história do livro. Parabéns! Ganhou mais um escrito =)	1 ano atrás.
48	Junior	Esse livro é fantástico. Marquei essa frase quando li. Os textos complementares são ótimos e ampliam o raio de compreensão e reflexão do leitor. George Orwell tinha uma visão muito bem demarcada do cenário político e social. Li, além de "A revolução dos bichos", "1984". Esse último me deixou sem fôlego. E já comprei dele "Literatura e política" e "Como morrem os pobres e outros ensaios".	1 ano atrás.
48.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 48) – Do Orwell, só conheço estes dois clássicos. Mas também me viraram do avesso. Hipnotizantes, corajosos! Ainda preciso resenhar "1984"...	1 ano atrás.
49	Irene	Eu descobri o canal a poucos dias, e só quero dizer que em termos de qualidade e principalmente de conteúdo é provavelmente o melhor que acompanho. Este foi de longe o melhor vídeo sobre este livro que assisti. Parabéns.	1 ano atrás.
49.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 49) – Obrigada! Fico muito feliz de você ter gostado tanto assim. Este é um livro muito importante, e falar sobre ele é uma tremenda responsabilidade. Beijão!	1 ano atrás.
50	Américo	Nossa, que perfeito o seu canal... Fico muito feliz em ter encontrado seu canal e agradecido pelo seu trabalho... perfeito...	1 ano atrás.
51	Juan	Vou ler esse livro graças a sua resenha. Obrigado!	2 anos atrás.
51.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 51) – Tomara que você goste!	2 anos atrás.
52	Dantas	Socialismo é a pior coisa que pode existir, suprimir o individuo é totalmente contra a liberdade.	1 ano atrás.
53	Maicon	Olha, ultimamente anda difícil ler/assistir algo que uma mulher fale na internet que não seja vitimismo. Graças a Deus existe pontos fora da curva como você, que não tenta se sobressair na base da força, ofensa e histeria ,e sim com cultura e conhecimento.	1 ano atrás (editado).
54	Almir	Livro impecável mas como todo bom socialista Orwell tem a velha máxima de " Socialismo deturpado "	1 ano atrás.
55	Nilton	Socialismo minha filha termina sempre em totalitarismo ! senão me aponte um regime que fez um socialismo sem restrição das liberdades, agora aonde vc vê a restrição de liberdade na América? oras !!! qtas tolices, esquerdista sempre nega a realidade dos fatos históricos e qdo um regime socialista dá errado eles e coro repetem como um mantra ' esse não é o socialismo verdadeiro!'. Socialismo é a pior coisa que pode existir, suprimir o individuo é totalmente contra a liberdade.	1 ano atrás.
56	Gilmar	George Orwell não era socialista! Era um anti-comunista ferrenho mesmo que convertido! Interpretação errada e vídeo irresponsável. Deveria de ser apagado! GEORGE ORWELL NÃO ERA ESQUERDISTA,	11 meses atrás

		CONVERTEU-SE A DIREITA DURANTE SUA JUVENTUDE!	(editado).
56.1	Leomar	(Em resposta a 56) – nossa q idiota o q tu disse ele era um ferrenho defensor do socialismo democratico,e o video da isa n eh irresponsavel e a interpretacao dela n foi errada.e qm deveria apagar alguma coisa eh vc,pq tu ta passando vergonha cm o teu comentario.corre q da tempo☺	10 meses atrás.
56.2	Osmir	(Em resposta a 56) – Nenhum dos dois. Orwell era um social-democrata. Pesquisa mais antes de escrever sobre algo que você não conhece.	9 meses atrás.
56.3	Andrey	(Em resposta a 56) – Defender a liberdade e ser de direita ? Isso sim é contraditório e irresponsável.	9 meses atrás.
56.4	Kenyo	(Em resposta a 56.3) – "Defender a liberdade e ser de direita, isso é contraditório". WTTTTF???? CUBA, COREIA, VENEZUELA SÃO DE DIREITAS?	8 meses atrás.
56.5	Andrey	(Em resposta a 56.4) – Humn... A direita pode ser tão totalitária quanta a esquerda, basta conhecer um pouco de história pra verificar isso, afinal muitos países tanto europeus, quanto outros asiáticos eram impérios visivelmente de direita e, não se pode negar isso - mesmo que a figura do ditador esteja restrita enforma de pensamento político - E não só isso, como a direita (conservadora) também é contra: Casamento igualitário de pessoas do mesmo sexo, liberação de alguns psicotrópicos (Maconha), Aborto legalizo e etc. Não entenda mal meu comentário, que, inclusive, foi mal construído, não sou de esquerda, comentei isso porque tanto a esquerda quanto a direita tem valores restritivos, o que de fato é inegável, não existe, dentre estes espectros políticos (esquerda e direita), um que seja perfeito, apesar de que eu tenha uma afeição maior pelo centro, centro-esquerdo.	8 meses atrás.
57	Oswaldo	não, vocês socialistas brasileiros é que criaram o mito de que A Revolução dos Bichos é uma obra pró-socialista.. vocês com suas mentiras transformaram uma obra completamente anti-socialista em uma obra pró-socialista.. incrível.. mas basta ler o livro..	1 ano atrás.
58	George	Excelente obra! Instigante e atual.	1 mês atrás.
59	Max	No livro eu não lembro, mas no filme o personagem do Bola de Neve ao menos dava educação e comida para os animais que ele, como mais liderava.	1 mês atrás.
60	Rebeca	Seu canal é ótimo! Ganhou uma inscrita! Parabéns por tudo, seus vídeos são incríveis!	2 meses atrás.
61	Eduardo	" A liberdade, se é que significa alguma coisa , significa o nosso direito de dizer às pessoas o que não querem ouvir" George Orwell . Uma sociedade escrava do dinheiro , hipnotizada e manipulada pelo consumismo e o tempo todo influenciada pela mídia . Certamente, uma sociedade fadada ao fracasso : sem fraternidade , egoísta , destruidora e predadora dos recursos naturais/ambientais do planeta . O resultado será uma grande crise social planetária e o caos da civilização contemporânea. Gostei demais do vídeo, parabéns!!!! Ficou excelente e esclarecedor !!!	2 meses atrás (editado).
62	Alice	Isa, você é demais!!! Realmente, este livro acirrou os ânimos de alguns. Isso porque, cada pessoa tem um ponto de vista. Eu ameeeeei e concordo com você!!!! E defendo o direito dos outros de não concordar!!!! Um grande abraço from Amazonas!	2 meses atrás.
63	Elton	Dos 6 ou 7 canais sobre livros que eu conheço, o seu é, de longe, muito longe, o melhor...ganhou o que os outros não ganharam: um inscrito. Parabéns! P.S. Sugestão pra vc Ler Antes de Morrer: "Homem Invisível" do maior escritor negro norte-americano, Ralph Ellison	2 meses atrás (editado).
64	Elis	Brasil total PT BOLA DE NEVE ,PSDB E PMDB NAPOLEÃO E OUTROS PORCOS,MOVIMENTOS DE RUAS OS CACHORROS ,Povo os outros bichos da fazenda.	2 meses atrás.
65	Santiago	Suas resenhas são de uma qualidade impossível de descrever ... Você é muito talentosa , continue esse projeto fantástico. Muito sucesso para o canal .	2 meses atrás.
66	Berenice	Eu tenho o filme já assisti mas ainda não li o livro agr com sua resenha quero muito ler ... É ilustrado ?	3 meses atrás.
66.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 66) – Essa edição que li não é ilustrada mas sei que existem edições desse livro que são.	3 meses atrás.
67	Venâncio	Adorei o canal. O descobri hoje, 25 de dezembro, de 2016. E por mera coincidência, tenho um blog cuja seção é chamada “Para ler antes de morrer”. (http://amoscanomeupao.blogspot.com.br/). Nela, compartilho um resumo, mais acessível, das resenhas, que escrevo, de obras clássicas da literatura brasileira e internacional . Sou um apaixonado por literatura. Parabéns.	3 meses atrás.

68	Daniela	Acabei de ler e fiquei muito surpresa, não imaginei que seria tão bom. E com uma resenha tão completa quanto a sua, me sinto ainda mais satisfeita por ter conhecido essa obra. Parabéns pelo conteúdo de muita qualidade!	4 meses atrás.
69	Alfredo	Dois livros que vc poderia recomendar (pelo menos eu recomendaria pra alguém) além desse é O Processo e Metamorfose, do Kafka. Os que estou lendo agora é Arte da Guerra e to querendo ler O Castelo (esqueci o nome do autor) e Sociedade sem Escolas do Ivan Illich.	5 meses atrás (editado).
69.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 69) – Já resenhei "A Metamorfose" aqui no canal. https://www.youtube.com/watch?v=ddOFIKIN9nA Assista e me diga o que achou. Beijo!!	5 meses atrás.
70	Alcides	Ótimo canal. Tratei logo de me inscrever. É formidável ver uma pessoa com bom gosto literário falar de livros com tanto entusiasmo. "A revolução dos bichos" é um dos livros que mais tive prazer em ler - e apreensão também. É bem possível que você já tenha lido "Admirável mundo novo" de Aldous Huxley, e me atrevo a pensar que se leu deve ter gostado.	5 meses atrás.
70.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 70) – Seja bem vindo ao canal, “Alcides”. Li e adorei "Admirável Mundo Novo". E tem resenha dele aqui no canal. Assista e me diga o que achou: https://www.youtube.com/watch?v=CG7f0Q0UHug Beijo!!	5 meses atrás.
71	Romeu	Ganhou um inscrito!	6 meses atrás.
71.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 71) – Seja bem vindo ao canal, “Romeu”. Sinta-se a vontade por aqui. Beijo!!	6 meses atrás.
71.2	Romeu	(Em resposta a 71.1) – Obrigado ;)	6 meses atrás.
72	José Luiz	Menina, show de bola... Correndo ler o livro	11 meses atrás.
73	Gerson	Pelo que você comentou sobre o governo estadunidense distribuir essa obra para fomentar um sentimento anti-URSS, visualizei a tacada de mestre dos caras: queimar o filme da URSS e neutralizar o próprio Orwell enquanto possível perigo para o "sistema" utilizando sua própria obra. Foda.	11 meses atrás.
74	Samuel	Isa, faz a resenha do "Toda Luz que não Podemos Ver" do Antonie Doerr. Obrigado, amo seu canal!	11 meses atrás.
74.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 74) – O livro que ganhou o Pulitzer de 2015, né? Já recomendaram aqui no canal, mas ainda não tive oportunidade de comprar. Anotado na minha lista. Beijo!!	11 meses atrás.
75	Aron	Estou apaixonado♥️☐♥️☐	11 meses atrás.
76	Aron	Você é linda😊😊	11 meses atrás.
77	José Gabriel	adorei seu canal, vc tb é muito linda.	11 meses atrás.
78	Everton	Linda , adoro quem l~e livros como eu , sabe q eu ja ganhei uma mina pela minha curiosidade ,	1 ano atrás.
78.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 78) – Espero que tenha sido um mina que tb goste de ler... hahahahaha	1 ano atrás.
79	Isa	Amei sua resenha. Interativo e instrutivo. Meus parabéns.	1 ano atrás.
80	Isidoro	Bela análise Isabella. Pouquíssimas pessoas conseguem esse nível de compreensão. Parabéns. Para mim o livro não critica apenas o "Socialismo de Stalin" mas é em si uma crítica mais abrangente - numa visão macro - ao Estado e seus governos, seja ele socialista ou não. O Estado é inimigo da liberdade. Você já ouviu um álbum do Pink Floyd chamado Animals? Se não, eu recomendo. É uma obra baseada nesse livro mas tentando retratar e contextualizar as condições sócio-políticas da Inglaterra nos anos 70. Para mim uma adaptação genial para a musica, que só pôde ser permitida pelo fato do livro permitir tal interpretação. Um Abraço	1 ano atrás.
81	Juscelino	Qual o nome da música que toca em 1:40 ?	1 ano atrás.
81.1	Marlene	(Em resposta a 81) – Oi “Juscelino” é Hungarian Rhapsody No 2 de Liszt, aliás toda a música de fundo que ela usou é a essa!	9 meses atrás.
81.2	Juscelino	(Em resposta a 81.1) – Obrigado!!	9 meses atrás.

82	Janaína	Excelente !	1 ano atrás.
83	Isadora	Ótima resenha. Explica não apenas o livro, mas também o seu contexto socio-político.	1 ano atrás.
84	Atila	Toda forma de pensamento - até o dialético - se origina de uma dessas formas (de outra dialética): Tragédia - O homem vê o mundo como ele é e parte da realidade concebida para formar o pensamento; Utopia - o ideal (já consagrado irrealizável, pois contraria o Devir). O Marxismo é utópico. Mais nada a declarar... ponto.	1 ano atrás.
85	Cilso	Eu lembro da época da guerra fria, torcia para a União Soviética nas olimpíadas.	1 ano atrás.
86	Mirela	adorei, não gosto muito de ler mas sempre que visito seu canal me dá vontade de ler, e esse livro me interessou bastante, ótimos comentários, simplesmente adorei	1 ano atrás.
86.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 86) – É um livro curtinho. Tente ler. Quem sabe você descobre uma nova paixão... Beijo!!	1 ano atrás.
87	Cauê	ainda bem que nesse canal tem todos os livros que eu vou precisar ler esse ano na aula haha	1 ano atrás.
87.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 87) – Sério que tem todos? Onde vc estuda?	1 ano atrás.
88	Josias	tem a animação de 1954 e um filme de 1999 aqui no youtube, quem quiser assistir vlw !!!	1 ano atrás.
89	Suzana	Amo o seu canal! Parabéns!!!	1 ano atrás.
90	Marta	Isa, acabei de comprar este livro e estou muito ansiosa para ler! Amo clássicos! Principalmente da literatura inglesa (<3) e francesa.	1 ano atrás.
90.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 90) – Embora Orwell fosse inglês, a história desse livro se passa numa fazenda num lugar indefinido (pode ser qualquer país, mais especialmente a antiga URSS pouco após a revolução comunista). Portanto, o livro foge da literatura clássica inglesa. É um clássico por si mesmo.	1 ano atrás.
91	Joaquim	Acabei de ler Revolução dos Bichos e 1984, decidi procurar vídeos sobre no YouTube e achei seu canal sensacional! Inscrito o/	1 ano atrás.
91.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 91) – Que bom que você curtiu. Seja bem vindo! ;-D	1 ano atrás.
91.2	Peterson	(Em resposta a 91.1) – estamos aguardando também o vídeo sobre 1984 hein! =)	1 ano atrás.
92	Cassiano	Caramba, como é que eu não sabia da existência desse canal? Que vídeo incrível, bem feito e de material bem estudado! Me inscrevi já e vou aqui ver todos os outros vídeos. Parabéns pelo trabalho sensacional!	1 ano atrás.
92.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 92) – Obrigada, “Cassiano”! Seja bem vindo e sinta-se a vontade pra palpar a vontade. Beijo!!	1 ano atrás.
93	Elsa	AMEI este livro! Ótima resenha!	1 ano atrás.
94	Samira	amei! Informações super valiosas. obrigada!	1 ano atrás.
95	Patrick	Uma de minhas melhores leituras. Parabéns pelo canal e pela trilha sonora do vídeo. 🐾	1 ano atrás.
96	Charles	Queria te agradecer imensamente por essa resenha. Foi de muita ajuda. Ganhou um seguidor fiel ao seu canal. Obrigado e continue com esse belo trabalho.	1 ano atrás.
97	Otaviano	Muito bom seu canal, ganhou mais um inscrito.	1 ano atrás.
98	Maíra	Uma das melhores resenhas que vi sobre a Revolução dos Bichos, senão a melhor! Primeiro vídeo que vi do seu canal, e sua forma eloquente e bem discorrida sobre o assunto só me faz querer ver mais e mais vídeos e com certeza ler mais. Acabei de encontra-lo em uma promoção e já o adquiri!	1 ano atrás.
99	Joice	"A Revolução dos Bichos" é um dos meus livros favoritos, não só pela sátira ao período stalinista, mas por mostrar de forma simples a facilidade de se corromper uma ideia e de torná-la semelhante e aliada àquela que se demonstrava contra. Sempre digo que o último parágrafo dessa obra é, na minha opinião, o melhor de todos, pois resume os resultados de conflitos de interesses qual seja o contexto. Adorei	1 ano atrás.

		encontrar esse canal <3	
99.1	Joice	(Em resposta ao comentário excluído de Dalva) – Talvez eu tenha me expressado mal ao generalizar, mas muitas das vezes que presencio discussões as pessoas acabam tendo as mesmas atitudes e passa a ser difícil reconhecer a essência da luta, entende? Levei o último parágrafo para um lado metafórico.	1 ano atrás.
100	Fabiano	Ótimo vídeo! Parabéns!	1 ano atrás.
101	Erick	Ótima explicação...e você é linda, rs	1 ano atrás.
102	Damião	muito bom	1 ano atrás.
103	Francisco	é tao legal assistir um vídeo assim hahahahaha	1 ano atrás.
104	Pierre	Canal ótimo, ótimo vídeo... Continue assim, me inscrevendo em 3, 2, 1... <3	1 ano atrás.
105	Marcos José	Faz o vídeo do livro 1984	1 ano atrás.
106	Marcos José	Palmas você é dez. Essa trilha sonora deixa o vídeo mais empolgante.	1 ano atrás.
107	Suelen	olá estou no seu canal há pouco tempo mais Adoreeei!! comecei a ler a pouco tempo e ganhei meu primeiro livro foi o morro dos ventos uivantes e eu amei esse livro e com o seu vídeo me ajudou bastante a saber mais sobre a obra queria dicas de livros bons pra iniciantes ☺	1 ano atrás.
107.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 107) – Obrigada por prestigiar o canal, “Suelen”. Há um tempo fiz um vídeo chamado "5 Livros para Aprender a Gostar de Ler. Embora você já goste de ler, nele indico alguns livros para iniciantes. Assista se puder. https://www.youtube.com/watch?v=6GLWY_d26N4 beijo!!	1 ano atrás.
107.2	Suelen	(Em resposta a 107.1) – obrigado pela dica ☺	1 ano atrás.
108	Catarina	vc é maravilhosa, acabei de comprar o livro pela saraiva. Já Li o 1984 e é maravilhoso. Seu posicionamento é idêntico ao meu. Quando chegar o meu, vou ler e fazer uma resenha tb e te marcar. +uma inscrita Obrigada!	1 ano atrás.
108.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 108) – Legal, “Catarina”! seja bem vinda! Gostei da ideia do seu canal. Adoro o Centro. Durante minha época de San Fran conheci muitos cantinhos inigualáveis desde a Consolação até a Liberdade, Bela Vista, Santa Cecília... Beijão!!	1 ano atrás.
109	Ariele	Como eu consigo o toquinho da primeira música ? a que você frisou as primeiras imagens. Se puder responder agradeço. Obrigada !!!	1 ano atrás.
109.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 109) – Ai “Ariele”, peguei na internet, mas não me lembro do site. Desculpe-me... :(1 ano atrás.
110	João Carlos	Parabéns, resenha clara e bastante explicativa sobretudo quantos aos "bastidores", sem dúvida a melhor que já vi com respeito a esta obra-prima!	1 ano atrás.
111	Hannes	Adorei o que voce disse	1 ano atrás.
112	Filipe	Excelente!!Excelente!!Alguma possibilidade,mesmo q pequena,da resenha do "Veias Abertas da América latina"(Galeano)??	1 ano atrás.
112.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 112) – Possibilidade pequena sempre tem... hahahaha. Brincadeirainha. Só não sei se tenho capacidade para resenhar Eduardo Galeano. Vamos ver... Bjo!!	1 ano atrás.
113	Lucimar	Sensacional,amei sua resenha <3 Salvando meu trabalho de sociologia HAHA Inscrita.	1 ano atrás.
114	Cláudia	Você fala com uma doçura! Ótimo video super informativo!	1 ano atrás.
115	Vitor Hugo	Isabella, teus vídeos são excelentes, mas acho que poderiam ficar ainda melhores se você pusesse na descrição o nome das músicas utilizadas.	1 ano atrás.
116	Evair	excelente crítica e comentário histórico e literário!adorei o canal .e você com todo o respeito,é linda ,inteligente e talentosa. continue assim isa,que você vai longe sou de minas gerais e gosto bastante de literatura	1 ano atrás.

116.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 116) – Obrigada, “Evair”! E como você é mineiro pode ter o orgulho de contar com conterrâneos como Guimarães Rosa, Fernando Sabino, Drummond, Zuenir Ventura, Fernando Morais. etc etc. etc...	1 ano atrás.
116.2	Evair	(Em resposta a 116.1) – sem dúvida isa,minas é o berço de uma cultura riquíssima,até na poesia,com tomás antônio gonzaga,cláudio manoel da costa,carlos drummond de andrade,e outros escritores,como pedro nava ,não li todos,confesso rsrs.mas sim,gosto muito de minha terra e adoro a revolução dos bichos-simboliza o quão perigoso é quando o poder se concentra nas mãos de uma pessoa só,mesmo que a revolução tenha bons ideais.Aliás,aconteceu isso em quase todas as revoluções já feitas.Bem,como gosto e sou estudante de história,sempre comento isso rsrs Acho que o livro também pode servir não só pra URSS,mas para outros,como a Alemanha nazista ou a Itália fascista. Um beijo daqui de minas e obrigado pelo comentário vou continuar sempre que posso,acompanhar o canal	1 ano atrás (editado).
117	Alexandre	Fantástica!	1 ano atrás.
118	Claudinei	muito bom moça ! adorei seu trabalho , parabéns !!!! :-)	1 ano atrás.
119	Enzo	Parabéns pelo comentário. conheço o livro, é um dos meus favoritos. E só por isso já me escrevi no seu canal. Há! não posso deixar de dizer que você é linda	1 ano atrás.
119.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 119) – Obrigada e seja bem-vindo!	1 ano atrás.
120	Valdemar	Adoro esse livro. O li quando jovem e estou terminando de lê-lo novamente. Sua crítica foi muito boa e precisa. Parabéns!	1 ano atrás.
121	Raphaela	Muito bom, amei o livro, adorei sua crítica, seu modo de colocação!!! Parabéns	1 ano atrás.
122	Gustavo	Nossa, muito legal. Como disse o “João” aí em baixo você é linda e muito talentosa. PARABÉNS!	1 ano atrás.
123	Ana Lúcia	Quanto tempo eu passei sem saber da existência do seu canal? Chocada! Me obrigo a fazer uma maratona pelos próximos dias...	1 ano atrás.
123.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 123) – hahahahah Eu torço pra que você consiga! ;-)	1 ano atrás.
124	Lourenço	Tem um filme, mas não vi ainda... Acho que o filme é mais fiel ao livro, mas não tenho como confirmar	1 ano atrás.
124.1	Jussara	(Em resposta a 124) – Não é tão fiel não, o final é totalmente diferente do final do livro... O filme foi uma representação muito curta e rápida(no meu ponto de vista) mas eu achei bom, apenas bom.	1 ano atrás.
125	Kleber	sempre vi o sarney como uma especie de stalin brasileiro	1 ano atrás.
126	Frederico	A Revolução dos Bichos é incrível. Difícil não traçar paralelos entre falas do livro e algumas declarações de governos, antigos ou atuais.	1 ano atrás.
127	Eusébio	Este livro foi um dos que mudaram minha vida, assim como 1984 de George Orwell. Adorei a resenha moça, ganhou mais um inscrito.	1 ano atrás.
127.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 127) – Obrigada, “Eusébio”! seja bem-vindo!	1 ano atrás.
128	Marcos Daniel	Sensacional! Parabéns pelo excelente trabalho. Assinei.	1 ano atrás.
129	Luiz Carlos	Eu gostei de vc do livro do canal gostei de tudo ganhou mais um inscrito fora que você é Linda !! Bjs	1 ano atrás.
129.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 129) – Obrigada! Seja super bem vindo ;-)	1 ano atrás.
129.2	Luiz Carlos	(Em resposta a 129.1) – você é show princesa, só um pedido não fique muito tempo sem postar senão vou ficar com saudades hehe	1 ano atrás.
130	Vicente	Esse livro é muito marcante na minha história como leitor. Eu li essa mesma edição, inclusive. Gosto muito do seu canal. E, dentre todas suas resenhas, essa foi a que eu mais gostei. Parabéns!	1 ano atrás.
131	Mirella	esse livro é a continuação de "1984"?	1 ano atrás.

131.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 131) – Não, os dois livros não fazem parte de uma série... E na verdade, "A Revolução dos Bichos" foi publicado bem antes de "1984". Mas eu recomendo ler os dois! São clássicos!	1 ano atrás.
131.2	Mirella	(Em resposta a 131.1) – Obrigado!	1 ano atrás.
132	Geraldo	Adorei essa resenha, ficou bem clara.. Eu comecei a ter o hábito de ler livros a pouco tempo, adoro ficção, romance e literatura brasileira... Gostei de ter conhecido o canal "Ler antes de morrer ", porque tem muitos assuntos q me incentivam a ler outros livros. Obd.. !	1 ano atrás.
132.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 132) – Seja bem vindo! ;-)	1 ano atrás.
132.2	Geraldo	(Em resposta a 132.1) – Obrigado... ! ;-)	1 ano atrás.
133	Mário	Parabéns pelo canal. Você tem um jeito bem persuasivo. Haha. Assistindo o vídeo desse livro tive vontade de ler. E li. Continue assim. Continuarei acompanhando.	1 ano atrás.
133.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 133) – Que legal! Este livro é muito necessário. Todos deveriam ler uma vez na vida.... Bjss	1 ano atrás.
134	Laércio	Estou com o livro em mãos pra ler, junto com o 1984 e o Laranja Mecânica. Gosto de ouvir opiniões sempre antes de ler. Mas, por Deus, que talento pra falar sobre um livro! Like, subscribe e tudo mais. Muitíssimo parabéns!	1 ano atrás.
134.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 134) – Obrigada!!! Espero que você aproveite estas leituras. Tenho certeza que vão mudar sua forma de ver a nossa realidade. Beijos!	1 ano atrás.
135	Lúcia	Acabei de receber uma aula, extraordinária de literatura estrangeira!!! Obrigada e Parabénsssssss!!!! Fico muito feliz quando vejo jovens, como você, fazendo a diferença!!!! Mais uma vez, parabénsssssssss.....	1 ano atrás.
136	Josiane	Oi...Este livro pode ser lido para crianças de 8 anos?...estou perguntando porque não li ainda...adorei o vídeo.	1 ano atrás.
136.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 136) – Acho que é ainda um pouco cedo... não é uma fábula como ela provavelmente está acostumada. Mas a linguagem é simples, então acho que você pode tentar. Mas, com certeza, ela vai aproveitar melhor daqui a alguns anos!	1 ano atrás.
137	João Maurício	Gostei mto, me ajudou bastante, minha professora de economia vai passar prova sobre isso, então li e busquei mais explicações sobre o livro e seu canal me ajudou! :-)	1 ano atrás.
137.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 137) – Que bom que te ajudou! Boa sorte na prova =D	1 ano atrás.
138	Edneia	adorei o canal u pedi o livro ontem, e agora que vi seu vídeo fiquei com mais vontade de ler <3	1 ano atrás.
139	Nara	Olá! Adorei o vídeo, li o livro e assisti o filme de 1999. Muito bom mesmo! Queria te indicar um livro, na verdade trilogia, que tem essa mesma temática, eu diria até que mais detalhada sobre a Rússia de Stalin. Criança 44 de Tom Rob Smith baseado em um serial killer que aterrorizou a Rússia nesse período, conta de como era a vida, tanto dos soldados soviéticos quanto a dos cidadãos comuns que viviam a repressão de Stalin. Aqui na internet não encontrei muitas resenhas sobre essa trilogia, adoraria assistir sua análise xD Só ressaltando que dia 24/05/15 foi lançado o filme do primeiro livro dessa trilogia! Muito interessante ver! Bjus.	1 ano atrás.
139.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 139) – Boa sugestão, “Nara”! Vou colocar na minha lista de desejos... Beijão!	1 ano atrás.
140	Carlos Henrique	Parabéns, jovem, e estarei recomendado seu canal para os meus alunos. Bjs	1 ano atrás.
140.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 140) – Obrigada, tomara que ajude seus alunos!	1 ano atrás.
141	Letícia	Vi sua resenha na semana passada e li o livro. Muito obrigada pela indicação e adorei o livro.. Simplesmente inteligente e talvez incompreendido. Mais valeu cada página. Agora vou começar "1984"! Adoro seu canal, suas resenhas são maravilhosas e muito informativas!! Bjs..	1 ano atrás.
141.1	Ler	(Em resposta a 141) – Tenho certeza que você também vai ficar impressionada com 1984. Um livro	1 ano atrás.

	antes de morrer	inacreditável! Bjss	
141.2	Letícia	(Em resposta a 141.1) – Espero que sim!	1 ano atrás.
142	Marcos Roberto	fala muito bem, excelente resenha além de ser muito bonita com todo respeito claro	1 ano atrás.
142.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 142) – Obrigada =D	1 ano atrás.
143	Adelina	Conheci seu canal por indicação da Mel e já assisti quase todos os seus vídeos. Não costumo comentar, mas não posso deixar de dizer que suas resenhas são incríveis. Adorei mesmo o seu trabalho. Espero que seu canal cresça cada vez mais, pois você merece! Bjss.	1 ano atrás.
143.1	Ler antes de morrer	Obrigada! Me sinto muito honrada quando vejo os seguidores da Mell por aqui. Gosto muito dela! Beijão, obrigada por prestigiar o canal! =)	1 ano atrás.
144	Anselmo	Resenha extraordinária, quero muito ler esse livros....	1 ano atrás.
144.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 144) – Obrigada! Fique à vontade sempre que quiser fazer sugestões de leitura! bjs	1 ano atrás.
145	Joana	Menina q canal é esse? Vim por indicação da Mel, tu arrasa. Sucesso!	1 ano atrás.
145.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 145) – Obrigada! Seja bem vinda, se você é fã da Mel então deve amar livros... Acho que vai gostar daqui também! Beijão!	1 ano atrás.
145.2	Joana	(Em resposta a 145.1) – Beijão tbm <3	1 ano atrás.
146	Élson	Me interessei por esse livro após assistir o filme (https://www.youtube.com/watch?v=2ygQBkmMfqY) e pela sua resenha. Parabéns. Com certeza tentarei ler antes de morrer :)	1 ano atrás.
147	Josué	Menina... legal seu canal! ótima ideia. desejo sucesso.	1 ano atrás.
147.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 147) – Muito obrigada! Espero que vc continue curtindo sempre. Bjs!	1 ano atrás.
148	Ivana	Sua resenha me ajudou muito, estou estudando esse livro no Plano de Leitura da minha escola, e eu não estava conseguindo fazer a relação dele com a Revolução Russa. Obrigada pela ajuda :)	1 ano atrás.
148.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 148) – Que bom que o vídeo te ajudou! Fico contente!	1 ano atrás.
149	Antonela	Vi todos os seus videos, todos cativantes e viciantes nos deixa realmente com vontade de ler todas as suas indicaçõesdos q vc resenhou ,todos entraram na minha lista.	2 anos atrás.
149.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 149) – Obrigada! "A Revolução dos Bichos", em especial, é uma das obras mais geniais que eu li até agora. Não conheço ninguém que tenha lido esse livro e ficado indiferente a ele!	2 anos atrás.
150	Lauan	FANTÁSTICO :)	2 anos atrás.
151	Casemiro	Você é tão linda que eu me perdi nas informações, mas repetindo o vídeo pude acompanhar kkk, ótima resenha + 1 inscrito	2 anos atrás.
151.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 151) – hahahaha obrigada! ^.^	2 anos atrás.
152	Gessy	Li a revolução dos bichos em 2013 quando estava na Espanha, ele foi comigo na mala. Na época da queda do muro de Berlim eu tinha 11 anos e acompanhei de olhos arregalados todo rebuliço sobre esse assunto e isso me fascina até hoje. Achei a leitura excelente, bem fluida e muito bem inscrita, adorei sua resenha. bjs.	2 anos atrás.
152.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 152) – Obrigada! Infelizmente, eu não tenho lembrança da queda do Muro de Berlim, eu era muito pequena. Eu acho isso ruim, porque percebo que outras pessoas da minha idade, e as mais novas que eu também, não têm a mínima noção do quanto este evento foi importante na história mundial. São livros como este que ajudam a gente a compreender. Beijos!	2 anos atrás.

153	Luara	Fiquei com uma imensa vontade de ler. 😊😊	2 anos atrás.
153.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 153) – Leia sim, assim que tiver oportunidade! Beijos!	2 anos atrás.
154	Adônis	Ótimo, Isabella! Sempre arrasando nas suas resenhas!	2 anos atrás.
154.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 154) – Obrigada!!	2 anos atrás.
155	Raissa	preciso muito ler esse livro .	2 anos atrás.
155.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 155) – Você vai adorar, tenho certeza.	2 anos atrás.
156	Ednan	Que vídeo incrível..! Suas resenhas sempre englobando a parte histórica por trás da obra e isso agrega tanto e é tao agradável assisti-la! Parabéns! Beijos	2 anos atrás.
156.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 156) – Obrigada! Espero que tenha despertado em vc o desejo de ler (ou reler) a Revolução dos Bichos! ;-) Beijos!	2 anos atrás.
157	Selma	Os literatos sempre à frente e, os historiadores um passo atrás. (brincadeirinha!!!) Excelente análise!!!!	2 anos atrás.
157.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 157) – hahaha, eu concordo com você, e ainda diria mais - "artistas" na frente, historiadores atrás. Afinal, não é por acaso que são artistas! Bjs	2 anos atrás.
158	Nayara	ai esse livro ♥ quando vi a resenha já curti antes até de ver o vídeo td! e suas resenhas ♥	2 anos atrás.
158.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 158) – Obrigada, “Nayara”! <3	2 anos atrás.
159	Victor Hugo	Socialismo democrático? Impossível! Ao propor a igualdade entre as pessoas, você tira o direito de escolha das pessoas. Nem todos querem ser iguais ;)	7 meses atrás.
160	Léia	Discurso inteligente mas voce errou em algo, o amor é maior que a liberdade	1 ano atrás.
161	José Augusto	Por favor, qual o nome da música erudita que começa em 1:41 ?	1 ano atrás.
162	Caio Junior	Meu, esse video ta SENSACIONAL. Mesmo. Já tive essa discussão mil vezes com um monte de gente, tanto com relação a Revolução dos Bichos como 1984, argumentando que era muito mais uma "critica interna" (já que o próprio autor era de esquerda) do que uma ode ao capitalismo. Começar cantando a internacional também foi demais. Muito bom.	1 ano atrás.
163	Antônio Carlos	Não fala mal do socialismo, fala mal do comunismo por ser um governo totalitário.	1 ano atrás.
163.1	Antônio Carlos	(Em resposta a 163) – Sem dúvida o socialismo é o caminho para governos totalitários, e Hj em dia o único socialismo que deu certo foi o de pequenas aldeias.	1 ano atrás.
163.2	Antônio Carlos	(Em resposta a 163.1) – Mas há a possibilidade de existir socialismo sem comunismo	1 ano atrás.
164	Luiz Roberto	O socialismo deve ser tratado como uma forma de melhorar a vida das pessoas, pode ser confundida com o estado de bem estar social, claro realizada por pessoas e partidos que aceitem as verdadeiras liberdades e não pode, no entanto, partir para o extremismo que é a ideia de qualquer um que defenda a profundidade nas ideias loucas de revolução e ditadura do proletariado.	1 ano atrás.
165	Helder	Por que não ler antes de morrer o grandioso "Manifesto do partido comunista"?	1 ano atrás.
166	Rayane	É uma critica excelente, se não me engano "George" era um trotskista que morreu "social democrata" ..já sei kkk social democrata, não é lá grande coisa, um liberal é grande coisa... (os vermelhos ficam loucos kkk) , mas ele escreveu a melhor critica contra o comunismo . A revolução dos bichos deveria ser conteúdo de ensino fundamental, mas como aqui é "Brasilis" não costuma ser. “Cássia” "tamo" juntas.	1 ano atrás (editado).
166.1	Josimar	(Em resposta a 166) – Meus filhos tiveram este livro como leitura no ensino médio, portanto algumas escolas no Brasil oferecem esta opção de leitura.	1 ano atrás.
167	José	Gostei muito do vídeo parabéns, ganhou mais um inscrito, acompanha-la-ei.	1 ano atrás.

	Carlos		
168	Ana Carla	Adorei tua apresentação e análises do livro!!!!	1 ano atrás (editado).
169	Otávio Augusto	Definição show de bola!	1 ano atrás.
170	Amim	Livro maravilhoso demais!	1 ano atrás.
171	Tito	Democracia é a tirania da maioria .-.	1 ano atrás.
172	Canal Continua	Uau que canal show, parabéns mesmo, dá uma passadinha em nosso canal, nós temos uns vídeos sobre jogos de tabuleiro e recentemente ganhamos um jogo que é o War Zoo, jogo inspirado no livro A Revolução dos Bichos, até no manual fala que quem deve iniciar é a pessoa que leu por último o livro. Parabéns pelo canal mesmo. Nosso instagram e twitter @canalcontinua	6 horas atrás.
173	Marco Antônio	Muito bacana o teu trabalho. A edição ficou boa. Vou usar na sala de aula como exemplo de canal útil. Gostei principalmente da tua estratégia de financiamento, supercoerente. Ah, e o melhor de tudo: a Polonaise de fundo. Casou muito bem.	9 horas atrás.
174	Milton Filho	Vc é tão linda e inteligente que até sua vesguice é charmosa ! Obrigado pela explanação do assunto ! Bjo sua linda	2 dias atrás.
175	Andreas	Perfeito sua resenha! eu comprei e amei li em dois dias só pra degustar melhor a história	6 dias atrás.
176	Murilo	Eu vi esse filme e me traumatizou!Morro de medo desse filme!	Uma semana atrás.
177	Heraldo	"O socialismo é um sistema que, como se diz, só funciona no Céu, onde não precisam dele, e no Inferno, onde ele já existe." Ronald Reagan resumiu bem o que é o socialismo.	Uma semana atrás.
178	Natanael	Viva o CAPITALISMO!	Duas semanas atrás.
179	Lourdes	Esse livro é fantástico! Sua resenha ficou maravilhosa! E, sobre o apontamento ao final, ainda bem que atualmente se te feito reinterpretações mais genuínas das obras de Orwell. Acompanharei o canal. Abçs. 	Duas semanas atrás.
180	Everton	Meu celular tá socialista hoje, não tá funcionando :p	Duas semanas atrás.
181	Carla	Amo seus vídeos, eles são aulas para os nossos olhos. parabéns! 😊	Duas semanas atrás.
182	Jean	estou lendo 1984 do George também	3 semanas atrás.
183	Sálvio	Mais o socialismo sempre é ruim uai, não tem essa de tipos de socialismo nenhum deles funciona.	4 semanas atrás.
184	Dário	Poxa, não sabia que a Panicat Carol Dias era tão cult assim! Belíssima apresentadora, e brinks aparte muito bom o canal.	1 mês atrás.
185	Leandro	Nesse canal me apaixonei pela literatura	1 mês atrás.
186	Adriana	Q resenha perfeita 🙌🙌 falou mto sobre o livro sem dar spoilers.	1 mês atrás.
187	Alexandre	que lábios lindos	1 mês atrás.
188	Cláudio	acabei de ler e assisti a sua resenha adorei, sempre fico triste por n ter ngm prs conversar sobre livros	2 meses atrás.
188.1	Cláudio	(Em resposta a 188) – O que eu interpretei do livro, ainda mais na parte final, é que ambas correntes socialista ou capitalista são de certa forma exploradora	2 meses atrás.
189	Marcelo	Não existe essa gradação q vc falou, eh uma cor soh mesmo, e se tentar refutar o paredon lhe será apresentado! Mas o autor tem sim seu valor e refletir o mundo, mesmo q utopicamente, eh bom.	2 meses atrás.
190	Aline	Eu tenho esse livro é muito bom.♥♥♥♥	3 meses atrás.
191	Judite	São jovens como você que fazem a vida ser mais agradável! Obrigada	3 meses

			atrás.
192	Gabriela	Adorei o video e acho que o objetivo do autor nao era de invalidar o modelo e sim mostrar que existem pessoas que usam os ideais coletivos para juntar forças para conseguir objetivos individuais. Fiz um post la no blog sobre o livro! Dá uma olhadinha! http://www.gabimesquita.com/variedades/revolucao-dos-bichos-george-orwell/	3 meses atrás.
193	João	...eu só assisti ao filme.	3 meses atrás.
194	Sérgio	costumavam ser? kkkkkkkkkk	4 meses atrás.
195	Vicente	Não li, já tinha ouvido falar e já estava curioso, fiquei mais ainda, preciso ler, antes de morrer.	4 meses atrás.
196	Bruna	Oi Isabella! vc já fez a resenha do livro "1984"? Já assisti o filme, e ouço falar muito bem do livro. Está na minha lista de leituras. Grande abraço! Adoro seu canal, q é inspirador! Parabéns!	4 meses atrás.
197	Alberto	Maravilhoso! Lerei o livro! Claro, apesar de não pode dialogar sobre o que foi o Stalinismo ainda porque apenas sei o que a mídia ocidental burguesa propagandeou, mesmo assim divergências quanto ao Stálin! Porém, o sonho comunista continua vivo aqui na America latina principalmente em Cuba! Parabéns pelo o excelente trabalho! Já vi diversos videos seus, e resolvi comentar neste pois tinha que agradecer pela lucidez! Num mundo onde os trabalhadores lutam contra os trabalhadores, uma luz trazida deste livro pode melhorar as coisas.	5 meses atrás.
198	Hélio	Esse foi o primeiro livro q li esse ano quando finalmente comecei a ler com mais frequencia. Fiquei apaixonado por esse livro , a história e pelo autor. Se pudesse releria esse livro varias vezes...	5 meses atrás.
199	Mateus	Sensacional! Li duas vezes o livro, em inglês e em português, e achei a resenha perfeita!	5 meses atrás.
200	Ciro	Gostei! Agora vou ler nessa nova versao da Companhia das Letras! Obrigado	5 meses atrás.
201	Breno	ótima apresentação. parabéens pela qualidade de seu trabalho	5 meses atrás.
202	Denis	Virei seu fã! Inscrito!!!	5 meses atrás.
203	Raul	Vc encontra grátis "1984" em PDF..... https://clubedolivrodesatolep.wordpress.com/2012/08/24/1984-livro-em-pdf/ Adoro suas resenhas!! english language... https://archive.org/details/NINETEENEIGHTY-FOUR1984ByGeorgeOrwellPDFAudioBook	5 meses atrás (editado).
204	Camila	amei!!	5 meses atrás.
205	Gerson	Gostei da explicação!!!! Flamejar foi intencional? Se foi, boa sacada, se não foi caiu como luva com o contexto!	5 meses atrás.
206	Jéssica	Incrível! Sou fã!	5 meses atrás.
207	Mirela	Você é sensacional, amei a resenha e me inscrevi no canal. <3	5 meses atrás.
208	Laura	Alguém saber se tem resenha do 1984??	5 meses atrás.
208.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 208) – Não resenhei ainda. Mas certamente vai aparecer no canal. Beijo!!	5 meses atrás.
208.2	Laura	(Em resposta a 208.1) – Valeu pela atenção <3	5 meses atrás.
209	Cauan	you are linda	6 meses atrás.
210	Marcos	Quem quer viver de UTOPIA? "O socialismo só funciona em dois lugares: no céu, onde não precisam dele, e no inferno onde é a regra dos que sofrem"	6 meses atrás (editado).
211	Luma	a musica atrapalha	6 meses atrás.
212	Marcos	não existe meio de transformar coisas diferentes em iguais senão por meio da força. Por isso que o socialismo decamba para o totalitarismo, pois o que é diferemte vai reclamar e, para manter a situação, só por meio da força. O resultado são as tiranias, ditaduras e as mortes.	6 meses atrás.
213	Marcos	Que viagem! Socialismo e liberdade são coisas ANTAGÔNICAS! Não dá para se ter um e o outro. É um ou o outro. As pessoas são difeentes e ponto final. Forçá-las a serem iguais, inclusive no aspecto	6 meses atrás.

		financeiro, é TIRANIA! PQP!	
214	Pedro	To aqui por causa desses olhos castanho. Ah e também por causa do livro rs	6 meses atrás.
215	Julia	Obrigada me ajudou muuuuito	7 meses atrás.
216	Enzo	Le o livro A Guerra não declarada na visão de um favelado"Eduardo"	7 meses atrás.
217	Mirian	Simplesmente um dos melhores canais do YouTube.	7 meses atrás.
218	Daniel	Muito linda essa menina e ainda por cima inteligente...	8 meses atrás.
219	Orlando	O final do livro não chega nem perto de ser triste, quando eu tava nas últimas páginas tava quase morrendo de rir com as referências aos soviets, acho que a intenção do Orwell ao usar animais como metáforas era justamente fazer uma crítica acessível, visto quem no livro 1984 ele fez uma crítica à regimes autoritários de modo bastante semelhante porém com uma abordagem muito mais seca.	8 meses atrás.
220	Renan	Essa história de deturparam a esquerda... Desculpa pronta dos ESQUERDISTAS...	8 meses atrás.
221	Renan	E todos que tentam o socialismo acabam no stalinismo, chavismo, madurismo, crastrismos, kin jong unismo, ou seja, qualquer socialismo é ruim!	8 meses atrás.
222	Wanderley	Análise mto bem feita! já curti	8 meses atrás.
223	Cesar	Todos os socialistas dizem a mesma coisa, sempre. As idéias foram distorcidas. O deprimente é que tem muito idiota que acredita nisto.Os porcos sempre quererão retirar sua liberdade.	8 meses atrás.
224	Tadeu	Que canal sensacional!! Você é incrível e me sinto hipnotizado enquanto vejo o vídeo! Já te disseram o quão perfeita você é?	9 meses atrás.
225	Ana Carla	Vocês acham que liberdade tem que ter limites?	9 meses atrás.
225.1	Priscila	(Em resposta a 225) – Há uma diferença berrante entre LIBERDADE e LIBERTINAGEM	7 meses atrás.
225.2	Mário	(Em resposta a 225.1) – Exatamente	6 meses atrás.
226	Guilherme	Isa, você tem um olhar romântico demais ao socialismo. O socialismo não pode ser democrático pois impondo uma "igualdade" de todos destrói aqueles que querem trabalhar mais para ter mais. Poder fazer isso é liberdade. Ser proibido é contra a liberdade. Além disso, para que a igualdade seja alcançada em qualquer país socialista é necessário um líder e cúmplices para manter esta ordem, e esses estarão acima como Napoleão e os outros porcos. Os proletários (outros animais) trabalham para esses líderes socialistas em condições piores do que supostamente trabalhavam para os capitalistas- a exemplo que aconteceu com o cavalo.	9 meses atrás.
227	Silvia	Amei	10 meses atrás.
228	João Pedro	Um dos melhores livros que já li. Ao lado de 1984, claro.	10 meses atrás.
229	Celso	QQ semelhança com o q está acontecendo hj no Brasil, Europa e até nos EUA, não é mera coincidência! Não sejamos inocentes! NÃO EXISTE bom socialismo! Todo socialismo tende a cair no próprio totalitarismo do livro 1984! A Europa já está caindo para isso! O Canadá e a Suécia já estão mais perto disso do se q imagina! O Marxismo Cultural não se contenta com pouco. Ele qr o poder sobre tudo e sobre todos e isso vc pode ler nas obras de Antônio Gramsci! NÃO SEJAMOS INOCENTES!!!	10 meses atrás (editado).
229.1	Cleusa	(Em resposta a 229) – Plenamente de acordo. 🙌👍👍	9 meses atrás.
230	Amélia	Amei sua resenha. Vou indicá-la aos meus alunos de história.	10 meses atrás.
231	Lucas	Eu não costumo dizer isso para qualquer garota, mas tenho que te dizer... SUA ESTANTE É LINDA! Adorei suas resenhas. Demonstra conhecer as obras, não é superficial, contextualiza e ainda vc tem carisma. Sucesso!	10 meses atrás.
232	Karina	faz "Cem Anos De Solidao" POR FAVOR !	10 meses atrás.
233	Iago	Hoje eu compartilho da ideia de q a liberdade é a concordância com a opressão vigente. Com essa liberdade vem a felicidade, fruto da aceitação.	10 meses atrás.

233.1	Jeferson	(Em resposta a 233) – kkkkkkkkk...boa	9 meses atrás.
234	Daiane	Oi Isa. Faz resenha do 1984, por favor.. bjs	10 meses atrás (editado).
235	Noel	eu já assisti o filme	10 meses atrás.
236	Edmundo	Orwell era genial. Socialismo sempre acabará em fome, miséria, terror e totalitarismo. Entendam: os políticos e grandes intelectuais de esquerda NÃO estão nem um pouco preocupados em construir uma sociedade unida e próspera, o único objetivo deles é o poder total. George Orwell retratou isso muito bem em Animal Farm, onde passou de forma espetacular e mensagem de que sempre existirão aqueles que são "mais iguais" do que os outros. A própria Novilíngua de 84 é uma ótima ferramenta para entender os ideais comunistas: sempre que um esquerdista falar "mais amor", na verdade o que ele quer dizer é "mais ódio"; sempre que um esquerdista disser algo sobre "democrático", na verdade ele está dizendo "mais poder ao Estado" e por aí vai...	11 meses atrás.
237	Raquel	Li esse livro na adolescência e, embora estivesse tendo algumas matérias de história relacionadas ao comunismo e socialismo, compreendi mais algumas coisas ao assistir a sua resenha. Muito boa! Parabéns!	11 meses atrás.
238	Osmar	Canal maravilhoso, parabéns! Inscrito.	11 meses atrás.
239	Murilo	li o outro livro dele lutando na Espanha, em 1937 e realmente um intelectual de esquerda de rara lucidez, ele chega em barcelona dominada pelos socialistas e se alista e vai pra linha de frente lutar contra franco, o general rebelde, capitalista, fascista apoiado pela aristocracia e burguesia (o que ele achava) que se levanta contra a Espanha socialista, foi pra linha de frente lutar pela liberdade, mas aos poucos começa a perceber que quem apoiava Franco não era tão monstro assim e quem apoiava os socialismo não era tão santo assim, avia um motivo de um lado tão grande da população ficar do lado de Franco e vio que o partido comunista da espanha com apoio da URSS, estava destruindo os anarquistas e socialistas que não se curvassem em tudo a eles, bom livro merece um vídeo. e no fim da vida dele ele não nutre muito amores pelo socialismo mas está mas para um ecologista anti consumista de hoje.	11 meses atrás.
239.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 239) – Esse livro que você cita é "Homage to Catalonia" de 1938 ou "Lutando na Espanha" título no Brasil. Segundo o próprio Orwell, essa experiência de engajamento na Guerra Civil espanhola mudou por completo seu modo de pensar. Em 1947 esse fala a esse respeito no ensaio intitulado Por Que Escrevo: "A guerra espanhola e outros eventos entre 1936-37 fizeram a balança pender, e depois disso eu sabia onde estava. Cada linha de trabalho sério que redigi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, contra o totalitarismo e a favor do socialismo democrático, tal como o conheço".	11 meses atrás.
239.2	Murilo	(Em resposta a 239.1) – certo, mas durante a história não vimos nenhum país socialista DEMOCRÁTICO, todos vieram pelo golpe, melhor se aproveitaram da crise do país e aplicaram um golpe, como a Rússia com a economia devastada e em crive pela 1 guerra mundial os comunistas tomam o poder e o leste europeu que com o recuo nazista os soviéticos vão substituindo tirania por tirania, o caso chileno os socialistas chegam ao poder com 36%, e vencem pela rivalidade dos dois partidos de direita, e na pratica se aplica um socialismo aos poucos, como na Venezuela que destrói a economia privada, ou seja socialismo democrático não funciona pois se a oposição vencer as eleições terá que desmanchar o estado socialista todo, e se eles voltar a ganhar terá que montá-lo de novo e só nesses vai e vem o presidente tem que usar todo o tempo do mandato para montar o socialismo ou desmontá-lo, por isso não funcionaria.	11 meses atrás.
239.3	Celso	(Em resposta a 239.2) – O único meio é extirpar o socialismo da face da terra, torná-lo algo contra a humanidade como fizeram com o nazismo. Só assim o mundo poderá ter mais estabilidade social.	10 meses atrás.
239.4	Jeremias	(Em resposta a 239.3) – Na sua opinião qual a comparação do impeachment com o livro revolução dos bichos ?	10 meses atrás.
239.5	Celso	(Em resposta a 239.4) – Simples... os porcos não qrem deixar o poder e estão vendo os outros animais se rebelando, já odiosos do q estão presenciando e se vendo como escravos do poder do Estado!	10 meses atrás.
240	Gabriel	A resenha foi ótima, explicou muito bem. E é uma canal com um assunto muito importante que é a leitura. Já ganhou um inscrito e continue fazendo esse ótimo trabalho!	11 meses atrás.
240.1	Ler antes de	(Em resposta a 240) – Seja bem vindo ao canal, "Gabriel". Fique a vontade por aqui, Beijo!!	11 meses atrás.

	morrer		
241	Ricardo	Usando o livro 1984 do George Orwell entenda a estratégia esquerdista por trás de todo lixo cultural que estamos submetidos: https://www.youtube.com/watch?v=NFRw4Xbi-bY&nohtml5=False	1 ano atrás.
242	André	Muito bom !	1 ano atrás.
243	Felipe	Alende destruiu o chile e Pinochet fez dele um país de primeiro mundo. Nenhum socialismo deu certo, e nunca dará.	1 ano atrás.
244	Leila	Que vídeo show! Amei seu jeito de explicar, acabei de ler o livro e tinha notado essas semelhanças curiosas. Parabéns pelo canal (já virei fã ahaha)	1 ano atrás.
245	Fernando	Não só a obra do Orwell foi utilizada como "contra-propaganda", mas grande parte (não toda) a ficção científica norte-americana se transformou anti-URSS. Esse tema é bastante discutido nos primeiros volumes de Science Fiction Studies.	1 ano atrás.
245.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 245) – Infelizmente, como acontece com a música e principalmente com o cinema, a literatura também foi um meio utilizado na política anti-URSS, Como disse Noam Chomski, essas artes são quase que perfeitas como instrumento de doutrinação ideológica das massas. É fácil socar goela abaixo do povo ideologia disfarçada de distração.	1 ano atrás.
246	Manoela	Já tinha lido esse livro duas vezes, e terei uma prova sobre ele. Assisti ao vídeo anotando o que você falava, consegui quatro páginas de anotações, e suas observações sobre o socialismo, o autor, e a proposta original da obra me ajudaram muito. Obrigada por mais esta resenha incrível, Isa!	1 ano atrás.
246.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 246) – Boa prova pra você, “Manoela”. Com as leituras e o vídeo ninguém pode dizer que vc não se preparou. Se posso dar um conselho, assista alguns outros vídeos sobre ele. Tem vários aqui no YouTube. Aí, realmente, você terá várias opiniões. Beijo!!	1 ano atrás.
247	Juliana	Essa é A OBRA! Reveladora!	1 ano atrás.
248	Leonel	Critica o socialismo? Gostei kkkk	1 ano atrás.
248.1	Cassiano	(Em resposta a 248) – chora mais coxinha	1 ano atrás.
248.2	Leonel	(Em resposta a 248.1) – Não sou direita seu animal, eu sou libertário, ou seja, sou contra o governo e a favor da liberdade individual.	1 ano atrás.
249	Cássio	Ola Isabella. Já ouviu o álbum "Animais" do Pink Floyd? É totalmente baseado neste livro de George Orwell.	1 ano atrás.
250	Anselmo	Comentário de Goldstein 1984 em outro vídeo sobre o livro: Algumas semelhanças com nossa triste realidade: 1. O PT, assim como os porcos, reescreve a história: as idéias que eram de Bola de Neve agora são todas de Napoleão (Lula). 2. Aos poucos, os mandamentos vão mudando, assim como nosso STF, nosso congresso e o aparelhamento do Estado. 3. Os porcos vão ficando cada vez mais ricos e "mais iguais" (Petrolão está aí) 4. Impera a política do MEDO. Está ruim? Vcs querem que Bola de Neve (FHC) volte?" Tudo era muito pior antigamente..." 5. Os animais são comprados com ração e 1 maçã para cada (bolsa família). 6. A propaganda anti Bola de Neve e pró Napoleão é incrivelmente eficiente, todos acreditam: FHC quebrou o país 3x; Lula criou o Bolsa Família; Dilma controla a inflação e o país cresce; Dilma investiga. 7. Os opositores são todos massacrados: seja quem for são coxinhas, tucanos, elite golpista e querem a volta de Bola de Neve 8. Os porcos tornam-se a verdadeira elite! (Lula, Dirceu, Dilma, Genóio)! Sem contar que se trocar as palavras "camaradas" por "companheiro" fica ainda mais semelhante. Enquanto isso os Sansões (trabalhadores classe média) continuaram trabalhando ai da mais para no final ter o mesmo fim!	1 ano atrás.
250.1	Victor	(Em resposta a 250) – Ótima analogia amigo. Chegar até ser engraçado a tamanha semelhança da obra com a atual situação política do país.	1 ano atrás.
251	Anselmo	Como não fazer muitos, mas muitos pararelos com a política do Brasil nos últimos 20 anos? Está tudo no livro, escrito há mais de 7 décadas e se encaixa perfeitamente entre o final do Governo FHC e o Triplex do Lula.	1 ano atrás.
251.1	Anselmo	(Em resposta a 251) – Marx deveria postar uma foto com a placa: "Não mereço ser deturpado", pois nunca vi um governo Socialista implantar Marx da maneira correta, mas sempre vi governos Socialistas quebrarem países com a sua ideologia e terem seus porcos "Napoleão" no poder.	1 ano atrás.

252	Fabio	Adorei a resenha! Parabéns. Acabei de ler este livro e em meio às discussões sobre a visão do autor, resolvi procurar outras opiniões. Claro, vou me inscrever no canal.	1 ano atrás.
253	Maria Vitória	Comecei a ler o livro por causa desse vídeo. Muito bom, mais uma inscrita!	1 ano atrás.
254	Sebastião	Oi Isabella, como sempre, seus vídeos são de alto nível, gostei da forma elegante como vc abordou um tema tão polêmico sem entrar no mérito da questão de dizer o que é melhor ou pior (forma de governo). Por que ao contrário de ficar discutindo socialismo ou capitalismo, comunismo ou democracia...eu prefiro ler um bom livro. Quanto ao livro, eu amo esse livro, George Orwell foi um mestre, parabéns pelo vídeo.	1 ano atrás.
255	Everaldo	Parabéns Moça. Ótimo vídeo, Ótimas dicas.	1 ano atrás.
256	Joaquim	Ele era indiano	1 ano atrás.
256.1	Joaquim	(Em resposta a 256) – mas acho que está mais para indiano	1 ano atrás.
256.2	Joaquim	(Em resposta a 256.1) – mas acho que está mais para indiano ,mas já q a sua família é toda inglesa ai tanto faz	1 ano atrás.
257	Lício	BUSCANDO VÍDEOS SOBRE "REVOLUÇÃO DOS BICHOS " CONHECI VOCÊPARABÉNS ...VOU ASSISTIR OUTROS VÍDEOS SEUS.....QUE TAL VOCÊ PESQUISAR E DESCOBRIR ALGUM LIVRO MUITO POUCO CONHECIDO MAS GENIAL E LIBERTADOR ?	1 ano atrás.
258	Nivaldo	Excelente! Obrigado!	1 ano atrás.
259	Leonardo	<u>6:06 A 6:21</u> : RESUMO DO LIVRO: George Orwell queria provar para o mundo que a União Soviética tinha distorcido a idéia original do socialismo; socialismo pra ele é DEMOCRÁTICO, já o Stalinismo é o contrário; é totalitário.	1 ano atrás.
259.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 259) – Isso mesmo, “Leonardo”. Eu poderia ter feito a resenha só com esses quinze segundos. Mas aí, a resenha ficaria muito curta, né.	1 ano atrás.
259.2	Jair	(Em resposta a 259) – O cara era ingênuo e não sabia o que está acontecendo hoje kkkkk, o movimento comunista não acabou, marx era um bosta já não dá pra considerar literatura mein kampf e o capital são iguais, sorry.	1 ano atrás.
259.3	Leonardo	(Em resposta a 259.1) – Você tem total razão Isabella Lubrano. Fico feliz por responder sabiamente meu comentário. :D	1 ano atrás.
259.4	Leonardo	(Em resposta a 259.2) – Concordo totalmente contigo! Grato por responder inteligentemente o meu comentário.	1 ano atrás.
259.5	Denílson	(Em resposta a 259.4) – Bom, me parece que sua resposta foi irônica ao “Jair”, porque bosta é o comentário dele. Putz, cara quanto burrice expressa num só comentário nem deve ter lido O Capital...	1 ano atrás.
259.6	Jair	(Em resposta a 259.5) – "deturparam a imagem de marx", ler o capital é só afirmar a bosta que ele escreveu, tem gente como vc que acredita nisso até hoje, as 100 milhões de pessoas não vão ter as suas vidas de volta apenas dizendo que alguém interpretou errado ou se corrompeu. Marx acabou com a família dele e ainda é lembrado como intelectual/Deus.	1 ano atrás.
259.7	Leonardo	(Em resposta a 259.5) – Mais devemos respeitar de forma educada a opinião dos outros.	1 ano atrás.
259.8	Leonardo	(Em resposta a 259.6) – Mais uma vez volta a repetir.... Concordo totalmente contigo! Grato por responder inteligentemente o meu comentário.	1 ano atrás.
259.9	Anselmo	(Em resposta a 259) – Como não fazer muitos, mas muitos paralelos com a política do Brasil nos últimos 20 anos? Está tudo no livro, escrito há mais de 7 décadas e se encaixa perfeitamente entre o final do Governo FHC e o Triplex do Lula.	1 ano atrás.
259.10	Leonardo	(Em resposta a 259.9) – Realmente há muito paralelos com a política do Brasil dos últimos 20 anos. Mais diria mesmo com os últimos 12 anos do Triplex do Lula.	1 ano atrás (editado).
259.11	Ícaro	(Em resposta a 259.10) – Perfeita observação. Partilho da mesma.	1 ano atrás.

259.12	Leonardo	(Em resposta a 259.11) – Grato mesmo por partilhar da mesma opinião.	1 ano atrás.
260	Canal da Dani Rubim	adoro este livro.. li no ensino medio e fiquei encantada. parabens pelo canal vamei as resenhas ps - sou a dani rubim do canal geek tutoriais, te conheci la no youtube space no workshop de marcas	1 ano atrás.
260.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 260) – Dani Rubim Que legal ver você por aqui! Aproveitei pra me inscrever no seu canal também. Vou indicar pros meus amigos geeks! Beijáooo	1 ano atrás.
260.2	Canal da Dani Rubim	(Em resposta a 260.1) – ja estou inscrita flor, obrigada indica :D	1 ano atrás.
261	Luiz	Gosto muito dessa edição de "Revolução dos bichos", porque o Christopher Hitchens escreveu o posfácio, o cara que mais manha de George Orwell.	1 ano atrás.
261.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 261) – Também gostei demais dessa edição! Muitas informações adicionais, todas super úteis.	1 ano atrás.
262	Juliano	Eu sempre quis ler este livro, embora eu achasse que fosse sobre algo totalmente diferente, mas gostei ainda de saber que era sobre esse assunto. E agora também fiquei com uma vontade enorme de ler o livro 1984	1 ano atrás.
262.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 262) – Você vai gostar dos dois, são livros fenomenais!	1 ano atrás.
263	Amanda	Como eu só te descobri agora?! =O Vendo todos os vídeos. Projeto maravilhoso!	1 ano atrás.
263.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 263) – Obrigada! Seja super bem-vinda =D	1 ano atrás.
264	Jussara	Eu adoro esses dois livros.	1 ano atrás.
265	Lilian	Melhor sátira da literatura mundial! Olá!!! Estava procurando o filme Vidas Secas e por acaso encontrei seu canal, me apaixonei! Nossa meus livros favoritos estão aqui....	1 ano atrás.
266	Miguel	Ótimo vídeo! A Revolução dos Bichos e 1984 são alguns dos meus livros preferidos, gosto também de literatura científica não-ficção, como Discurso do Método... Estou lendo no momento Neuromancer (William Gibson) e se eu gostar eu terminarei a trilogia, senão, irei para Admirável Mundo Novo, que já está na prateleira me esperando.	1 ano atrás.
266.1	Miguel	(Em resposta a um comentário excluído de “Ler antes de morrer”) – é este livro mesmo, li apenas 64 páginas mas parece que o desenrolar da história será muito bom. Sou amante de ficção científica e quem sabe um dia eu publique algumas ideias também. Até mais.	1 ano atrás.
266.2	Ler antes de morrer	(Em resposta a 266) – Uau, acho o gênero simplesmente incrível. Ainda vou querer ler estes clássicos de ficção científica, são muito importantes para a formação de qualquer leitor. Bjs!	1 ano atrás.
267	Mariana	Como sempre um vídeo espetacular! Um livro incrível e vc conseguiu expor isso super bem, parabéns! Aaah, e essa introdução belíssima aí? A internacional :3	2 anos atrás.
267.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 267) – Obrigada! Nem todos conhecem este hino, mas ele é realmente histórico. Achei que valia a pena colocar no vídeo. Beijos!	2 anos atrás.
268	Túlio	Eu estava esperando a semana inteira por esse vídeo. Adoro Revolução dos Bichos! Obra perfeita do George Orwell. Adorei a resenha. bjs!	2 anos atrás.
268.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 268) – Que bom que gostou! Bjs!	2 anos atrás.
269	Canal Lendo o Dia	Adoro os teus vídeos! Você realmente traz informações interessantes nas suas resenhas. E o melhor: de foma leve e criativa! Parabéns!! Bjooss!!	2 anos atrás.
269.1	Ler antes de morrer	(Em resposta a 269) – Obrigada! Também vou dar um pulo no seu canal, pra conhecer seus vídeos. Beijo grande!!	2 anos atrás.
270	Bernardo	Bella faz um vídeo mostrando como os livros da sua estante são organizada, se é por tamanha, gênero, autor..etc... Adoro seus videos.. :3	2 anos atrás.